

Rhonda Forrest



A
CABANA
À
BEIRA-MAR





Rhonda Forrest

1ª Edição


leabhar
2020
Ribeirão Preto/SP

Título Original: The Shack by The Bay

Copyright©2016 por Rhonda Forrest writing how Lea Davey

Copyright da tradução©2020 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: R.M.Vieira

Revisão: Ricardo Marques

Diagramação: Jaime Silveira

Capa: Luis Cavichiolo

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

F729lbe

Forrest, Rhonda

Título: A Cabana à Beira Mar (recurso eletrônico)

Tradução de: The Shack By The Bay

Formato: ePub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-991106-0-3

1. Romance Australiano. 2. Contemporâneo. I. Vieira, R.M

II. Título

CDD 82-32

80754

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com

www.leabharbooks.com

PARA TERRY

*Eu anseio por exuberantes piquetes verdes,
o fluxo do rio*

A vida no campo turva tão lenta

Então me leve embora, durante a noite

A lua tão cheia, para meu amor, minha luz

Para o cheiro doce de eucaliptos de Queensland

Os jacarandás em flor

A acácia - é tão brilhante.



LUKE TENTOU LEMBRAR exatamente quantos anos tinha, talvez dezessete, quase dezoito, quando Sylvia o afastou de uma das muitas reuniões sociais que eram comuns no pequeno povoado de Quindry. O guiou pela escuridão ao longo do caminho de terra no matagal seco, até a cabana; um prédio de estanho isolado, alugado por ela a baixo custo, escondido no matagal de eucalipto, no fundo de um quarteirão de propriedade de um pescador de arrasto que raramente estava em casa.

Embora Sylvia fosse uma mulher dez anos mais velha, ela decidiu que ele era viril, jovem, fácil e inocente demais para deixar passar. A festa local em que eles estavam se deteriorou rapidamente, com os efeitos tóxicos nos habitantes da vizinhança, à medida que a noite de embriaguez se prolongava. Alguns convidados tinham desmaiado nas suas cadeiras, as latas de cerveja descansando sobre os seus estômagos em forma de balão, o resultado óbvio de um estilo de vida de má alimentação e copiosas quantidades de álcool.

Muitas das mulheres já tinham partido, cambaleando juntas de braço dado, deixando apenas um punhado de pescadores muito bêbados que ainda estavam reunidos, compartilhando as besteiras de sempre em torno do fogo que ardia em um tambor.

O grupo da escola com quem Luke tinha ido ou estava desmaiado nos colchões dentro do barracão próximo, ou dormiam nos carros estacionados debaixo das árvores. Como sempre, Luke andava livremente, sem nenhum adulto para se preocupar com o seu paradeiro. Sylvia tinha-o mantido ocupado, entretido durante cerca de uma hora, conversando e rindo com ele, garantindo que a seu copo estivesse sempre cheio. Ele não havia notado que os outros caras estavam se afastando, seja para tentar a sorte com a garota escolhida que tinham alinhado para a noite, ou simplesmente para cair onde estavam sentados, ou parados, e dormir à noite toda.

Lá estava ele sozinho com uma mulher mais velha que ria com sua fala confusa, ajudando quando ele tropeçava e o fazendo rir com os contos

vindos da sua infância em uma severa família italiana.

Ele não tinha coragem e nem estava sóbrio o bastante para recusar algo, e somente a seguia onde ela o levava. Pensamentos confusos inundavam sua mente e abriam seus olhos, cientes de que a mulher que estava dando tanta atenção a ele era linda, de seios voluptuosos que apareciam em sua blusa justa e que apontavam diretamente para ele, enquanto ele tentava, continuamente e sem sucesso, desviar o olhar.

Debruçando-se sobre ele, ela ria, suas mãos macias e maliciosas enquanto tocava as costas do rapaz. As pernas alongadas eram impecáveis, cobertas por uma pequena saia vermelha, justa e brilhante, bronzeadas e esculpidas com perfeição. As panturrilhas levemente delineadas levavam até os tornozelos tão sensuais, unidos aos pés bronzeados e de unhas pintadas em um tom vermelho forte.

Tonto e cambaleando, ele seguiu os passos dela, e seus olhos viajavam das pernas ao busto, dos tornozelos à cintura marcada. Os olhos de Sylvia, escuros como os dele, eram circundados por longos cílios negros que pareciam tomar cada parte do corpo do rapaz. O estômago de Luke continuava a rodar e dava pequenas e estranhas voltas, uma sensação de agitação e calor que passava pelo seu corpo.

Sem saber o que mais fazer, ele seguia as instruções daquela mulher que deixava claro que o estava levando para passar a noite com ela.



LUKE BALANÇOU A cabeça, maravilhado por lembrar-se de tantos detalhes da noite que tinha acontecido há tanto tempo: memórias que haviam sido deixadas de lado, nas quais ele não pensava há anos. Um dia de pescaria esvaziaria sua mente e por sorte o faria parar de remoer aqueles acontecimentos do passado, memórias que preferiria apagar.

Concentrando-se na tarefa que tinha em mãos, ele segurou firme a corda que ligava o pequeno barco de pescaria à areia da margem, puxando a linha retorcida com suas mãos morenas pelo sol e guiando o barco de pesca em direção ao mar. A boia de amarração de plástico, puxada para baixo com o peso de um bloco de concreto, subia e descia com as ondas, amarrada a um

carvalho alto na costa arenosa. Um sistema simples e confiável, que permitia que o barco fosse preso com segurança, puxado e solto para cima e para baixo quando fosse necessário.

A corda parou de deslizar em suas mãos e se firmou, a estabilidade e o tamborilar do motor do pequeno barco funcionando uniformemente, começou a vibrar, até pulsar, expulsando a fumaça inicial para além da proa.

Contando os anos que passaram, Luke decidiu que deveria ter sido pelo menos dez desde que conheceu Sylvia; o interlúdio subsequente continuou por um ano. Se tivesse ficado em casa ontem à noite, em vez de ceder à tentação de algumas bebidas e de socializar no pub local, não teria se encontrado com ela novamente e definitivamente não estaria pensando nela agora.

Irritado com os pensamentos persistentes, atirou a corda para fora e o barco de pesca prateado percorreu a baía. Balançando o timão, deu vida ao motor, a proa subindo como se estivesse sentindo a aventura pela frente, empurrando para frente, se elevando e depois mergulhando suavemente, fluindo sobre as águas ininterruptas. O nariz do barco apontava diretamente para as montanhas escuras que se erguiam através da costa distante a oeste.

Recostando-se, o jovem se acalmou, com a brisa fresca espairecendo seus pensamentos enquanto o barco se equilibrava, a fumaça ainda saindo do motor recém acionado e uma persistente trilha deixada pelo seu trajeto.

Pequenos peixes-isca assustados saltaram freneticamente pela água cerosa, formando um caminho de prata cumprimentando o pescador ao amanhecer. O nevoeiro úmido ainda se agarrava pesadamente ao topo da cordilheira a oeste, e as nuvens cobriam as pontas da ilha de Gloucester, ao norte. Pairando sobre a nuvem de neblina, a escuridão vívida do céu azul do alvorecer cumprimentava e olhava para baixo, ainda carregando a estrela cintilante de Vênus e a crista da lua branqueada. Azul cercado azul, com montanhas de safira escuras circundando, observando protetoramente sobre o azul do mar vítreo, acompanhado apenas pela vivacidade do céu agora iluminando. Ben Lomond Mountain se elevava vigilante sobre toda a baía, pairando majestosamente, guardião do oceano e observador cuidadoso, protetor de tudo o que estava à frente.

O hábito permitiu que ele soubesse que havia viajado a oeste o

suficiente. Agora se sentou e esperou que a neblina levantasse um pouco, permitindo-lhe encontrar seu rumo. Casualmente colocando o motor em neutro, ficou imóvel, esperando pacientemente e assistindo; o nevoeiro o encarava desafiadoramente, imóvel, olhando-o teimosamente, sem vontade de permitir que os segredos e marcas que envolvia fossem vistos com facilidade.

O barco circulou algumas vezes, o motor afundando e atirando cal na sua esteira. Hora de fumar e de um pouco de paciência até que as marcas-guia fiquem visíveis, ele pensou, ao puxar a alavanca do afogador, fazendo com que o motor parasse e ficasse instantaneamente em silêncio.

O ar estava cheio de vazio: silêncio infinito, quebrado apenas por um pequeno ruído do lamber das ondulações na lata, enquanto o pequeno barco balançava livremente.

Luke se inclinou para a frente e pegou seus papéis de seda e o tabaco na bolsa caseira de juta que estava pendurada no interior do barco. Sentando-se, relaxou, suas pernas musculosas esticadas à frente, pés descalços bronzeados empurrando os baldes e molinetes para o lado enquanto ele encontrava uma posição confortável.

— Aqui vamos nós — ele disse em voz alta para o vácuo do silêncio. — Vamos ver que tipo de bagunça eu faço.

Alisando o papel vegetal na palma da mão, ele derramou o tabaco de folhas solta ao longo do papel, estreitando-o e livrando o cilindro daqueles caules que simplesmente não deviam fazer parte da linha principal. Lambendo a borda do papel, ele o enrolou entre os dedos, modelando, moldando o objeto cilíndrico, segurando-o para sua própria avaliação ou, como sempre, balançando a cabeça, um sinal de desaprovação por suas habilidades inadequadas em enrolar um cigarro.

Não parecia importar quantas vezes ele repetia esse procedimento, nunca melhorava. Consequentemente, o resultado final era um cigarro solto e trêmulo que queimava rapidamente, permitindo apenas alguns tragos muito apreciados. Por que ele não poderia enrolar como Pa? Tantas vezes ele tinha observado o seu avô enrolar as tiras de fumo e papel apertadas habilmente entre o seu dedo indicador e o polegar. Pelo amor de Deus, Pa conseguia enrolar um cigarro perfeito.

O velho agachava-se enquanto conversava, pés endurecidos da terra,

firmemente apoiados no chão, muitas vezes usando apenas uma mão para enrolar e depois acender. Pa dirigindo o carro, enrolando com a mão direita enquanto dirigia com a esquerda, inclinando-se para frente sobre o volante para lambe e umedecer a borda do papel, virando-o para trás em direção aos seus lábios. Ele avaliava o cigarro recém-enrolado antes de recostar-se, o cotovelo na borda da janela do carro enquanto dava uma tragada profunda, apreciando o cigarro até que se tornasse em um pequeno pedaço. Pa, então, sacudia a bituca pela janela do carro, apenas para que o toco quente e reluzente voasse de volta e aterrissasse no colo de Luke no banco de trás da tranquila família Holden.

De volta à casa, as bitucas encontravam um fim mais natural: geralmente eram jogadas pelo quintal, fundindo-se com a sujeira como ímãs, esperando a primeira criança descalça e desavisada ficar parada sobre as pontas ainda queimando. Muitas vezes, adicionando às marcas de queimadura de bitucas anteriores nas solas dos pés, por sorte, endurecidos.

A única resposta ao grito de queixa da criança descontente seria um grito de Pa: — Ora, crianças, da próxima vez vejam por onde andam.

As memórias da infância rodavam entre os tentáculos de fumaça, bloqueando o presente como a névoa na montanha. Luke tragou lenta e profundamente, saboreando a fumaça tradicional da pesca, colhendo os pedaços indesejado de tabaco solto. Dando algumas tragadas apressadas, ele terminou o cigarro, que havia queimado muito rapidamente devido à sua falta de conhecimento em enrolar.

As lembranças colidiram novamente enquanto o cheiro do tabaco trazia rápidos pensamentos sobre Pa. Foi sempre aqui na água, cercado pela quietude, tranquilidade e familiaridade da baía, que as lembranças preenchiam sua cabeça. Ele baixou a guarda e permitiu que a presença espiritual do velho atravessasse a sua mente, visões e palavras ecoando, voltando para ele como um filme antigo sendo exibido em sua mente.

Foi Pa quem juntou os cacos, trazendo Luke para morar com ele e Nan em sua fazenda escondida nas traseiras do distrito de Burdekin. Os irmãos de Luke, muito mais velhos, já tinham saído de casa há muito tempo e agora estavam enfiados na vida universitária ou no trabalho, longe da crescente negligência que havia se tornado comum na vida de Luke.

Seu pai, Eddie, faleceu quando Luke tinha apenas quatro anos. As únicas

lembranças restantes, colhidas em algumas fotos antigas: Eddie segurando a mão de Luke na sua; e Luke sentado nos ombros de seu pai, ambos sorrindo alegremente, abraçados firmemente um ao outro. As fotos foram tiradas nos canaviais atrás de Proserpine, onde Eddie havia sido empregado como trabalhador rural.

A mãe de Luke, Marlene, havia lhe dito que Eddie, quando jovem, com seus cabelos escuros, sua experiência e boa aparência, havia chegado à região de Proserpine perseguindo as oportunidades nos canaviais e o dinheiro que sabia vir, com muito trabalho, para aqueles que estavam interessados. O destino enviou Eddie para os braços e a vida de Marlene, quando eles se conheceram em uma dança no antigo salão de Proserpine.

Pa dissera a Luke que, quando Marlene, a única filha deles, trouxe Eddie para casa para conhecê-los, eles ficaram preocupados.

— Podíamos ver que ele tinha sangue asiático, porque ele tinha a pele mais escura — disse o Pa. — Mas ele não se destacava muito, porque muitos dos cortadores de cana aqui em cima eram muito parecidos, provavelmente por causa das horas que passavam ao sol. Mas Eddie, sabe, havia algo nos olhos dele e naqueles cabelos pretos, muito parecidos com os seus, Luke. Primeiro, quando a sua mãe o trouxe de volta para se encontrar conosco, pensamos, raios, isto não vai funcionar. Mas quer saber, bem, não demorou muito. Ele conquistou o coração da sua avó de imediato. Costumava cortar a lenha toda e fazer todos os pequenos trabalhos à volta do lugar. Ele e eu, bem, ficávamos horas conversando sobre a cana, a tonelagem, o preço que queríamos. Ele conhecia o negócio da cana por dentro e por fora.

Pa havia parado de falar e enrolado outro cigarro, recomeçando uma vez que o cigarro bem feito estava em sua boca e aceso. Segundo Pa, Eddie estava sempre ajudando os outros e tinha o que Pa e Nan chamavam de um coração enorme.

— Ele tinha um coração tão grande quanto Phar Lap, sim, Eddie tinha — Pa lembrou, pensando nos dias mais felizes da família. — Se houvesse alguém com problemas, seria Eddie quem os ajudaria. Se algo precisasse de conserto, ele estava lá sem que pedissem, e se você estivesse com seus problemas e precisasse de alguém para ouvir, era Eddie quem dava seu tempo para ouvir, nunca julgando ou repreendendo. Ele só estava lá.

Pa olhou tristemente para a distância. — Você veio por último, Luke. O mais novo, o brilho dos olhos dele. Vou te dizer, ele era o pai mais orgulhoso que eu já vi. Maldição amou todos vocês, suas crianças, como nada mais na Terra. Seu pai passou cada segundo livre; quando não estava trabalhando, estava brincando com seus filhos, assistindo a todos os jogos de futebol ou netball que os três mais velhos jogavam. Caramba, ele lia para você todas as noites, mesmo quando chegava atrasado e imundo de cana.

— Quando ele chegava em casa do trabalho todo sujo e cansado, você corria até ele com suas pernas gordinhas, seus bracinhos esticados para que ele o pegasse. Ele jogava você no ar, aqueles grandes braços fortes dele estendendo a mão para pegá-lo. Ainda me lembro da sua voz animada, “*mais alto, mais alto*”. Sempre carregando você para todos os lugares, e onde quer que ele fosse, você também ia. Andando ao lado dele, segurando suas grandes mãos. À noite ele o deixava dormir no colo dele, abraçando-o bem perto, sempre observando. Ele não tirava os olhos de você.

— Marlene explodia. “*Você vai estragar o último,*” ela falava. Eddie ria e dizia a ela que nenhuma criança se estragava com tanto amor. Seu pai, ele aconchegava você mais perto até que ela finalmente fazia com que ele te colocasse em sua própria cama. Ele dizia a todos vocês: “*a escola é o que conta, acerte a leitura e a matemática*”.

Pa enxugou uma lágrima. — Por que você acha que é tão inteligente? Ha! Como acha que todos os seus irmãos e irmãs acabaram tão inteligentes? — Pa murmurou, sabendo que não era o resultado de sua própria filha. — Se tivesse sido deixado para ela, Marlene, todos vocês usariam camisas tingidas, miçangas em volta do pescoço e viveriam na maldita Nimbin. Não, foi tudo o que Eddie fez, por isso vocês são todos inteligentes. Maldita Marlene, às vezes me pergunto como ela é minha filha, não tem um cérebro em sua cabeça. Ela está mais preocupada com outras pessoas que ela nem conhece, colocando-as antes de sua própria família.

Abaixando a voz e com os ombros caídos, Pa continuou com seu discurso retórico. — Agora Eddie, ele era um dos melhores caras que você poderia conhecer. O mundo não é justo às vezes. — O velho terminou com essa constatação: admiração e forte respeito por Eddie, amor, mas desapontamento e desilusão, com sua própria filha Marlene.

Recordando a longa conversa com Pa, Luke lembrou-se de ter

perguntado onde Eddie morara antes de Proserpine.

O velho pensou bastante e contou a Luke o que sabia sobre o passado de Eddie. — A mãe de Eddie, bem, o nome dela era Kathleen. Ela não era da área de Proserpine e ninguém tinha certeza de onde ela era. O pai de Eddie, que seria seu avô, bem, ele era um malaio. Não me lembro do nome dele, mas lembro-me de Eddie me dizendo que esse pai havia sido morto no início da guerra, em algum lugar do Pacífico.

Havia incerteza sobre onde a avó australiana de Luke, Kathleen e o avô da Malásia haviam se conhecido, mas a história que foi contada era que, depois que o pai de Eddie morreu na guerra, um cortador de cana chamado Sid Tamble, assumiu a viúva Kathleen e criou Eddie como se ele fosse seu. A família trabalhava nas fazendas a oeste de Mackay, e foi aí que Eddie passou a infância, eventualmente como tantos outros garotos de sua idade, saindo da escola cedo para começar sua própria carreira de corte de cana.

Infelizmente, Eddie não tinha estado lá para ver o seu mais novo começar a sua escolaridade. Na sexta-feira antes de Luke começar a pré-escola na escola estadual local, Eddie, o mais amável e gentil dos homens, foi atropelado por um motorista bêbado que ainda estava no ar desde a noite anterior. Eddie andava no início da manhã, pronto e ansioso para começar o dia, contente com o mundo e livre de problemas. Ele foi morto instantaneamente, sem dúvida ainda assobiando uma melodia, como sempre fazia no caminho para o trabalho.

A vida mudou para sempre. Luke, com apenas quatro anos na época, nunca conheceu o pai que o amava tanto. A personalidade de Eddie, no entanto, era de Luke, a gentileza e a bondade passadas, os traços de um pai que era muito necessário e perdido por todos que o conheciam. Quando os irmãos mais velhos de Luke se formaram e saíram às pressas da pequena cidade para universidades e cidades mais ao sul, Luke ficou sozinho com sua mãe, Marlene.

Marlene nunca se recuperou após a perda do Eddie. Ela percebeu que tinha dado a maior parte da sua vida para educar quatro crianças e gerir uma casa, e agora que já tinha ultrapassado o trabalho árduo de criação de crianças, queria fazer coisas mais excitantes, como ajudar em orfanatos no estrangeiro, fazer retiros de yoga na Índia, e algum trabalho leve de apanhar azeitonas ao longo da costa italiana. O dinheiro do seguro que tinha vindo

depois do acidente financeira os seus sonhos e, como ela disse aos seus pais, Luke estava atrapalhando a vida de solteira que começava a desfrutar.

Foi Pa que interveio e ofereceu uma tábua de salvação a Luke, com seis anos de idade, e sua mãe que buscava liberdade. — Venha morar conosco, garoto — ele dissera a Luke. — Você pode andar até a escola local e ajudar sua avó e eu ao redor da fazenda. Adoraríamos ter você. Sua mãe quer ir embora e salvar o mundo, vivê-lo — ele disse desdenhosamente. — Nós queremos você. Há muito espaço.

Não havia objeções da mãe de Luke, Marlene, agora pronta para ver o mundo. O excesso de móveis foi vendido rapidamente para a loja de segunda mão local, várias viagens foram feitas para o depósito de lixo local, e um carregamento de caixas embaladas e extras foi recolhido para ser armazenado em uma sala de armazenamento da grande casa de madeira que Luke agora chamaria de lar.

— Ele trará todos os seus livros, e essa estante também, Marlene. Nem pense em vendê-los — Pa disse firmemente. — Há muito espaço para eles no quarto dele. Você sabe como ele os ama.

— Caramba, Pop, ele os trata como ouro, mas acho que ganharia alguns dólares por cada um deles — disse Marlene — ignorando o olhar desdenhoso e cortante de seu pai enquanto ela carregava outra caixa grande. — Luke pode ter todas estas outras merdas que eram do Eddie. Dói muito passar por elas. Simplesmente dê a ele o lote.

Marlene estava pronta para ir. Talvez fosse uma crise de meia-idade ou o choque de ser mãe solteira, mas ela estava cansada da cozinha e da limpeza, e da criação dos filhos. Ninguém nunca saberia realmente como funcionava a mente dela. O resultado final era que ela queria sair, queria experimentar a vida além de Proserpine e divertir-se um pouco, chutar seus calcanhares.

— Existem tantas pessoas carentes por aí para ajudar — ela explicou para Luke — e lugares para ver. Quero descobrir a vida e encontrar o meu verdadeiro eu.

Ela permaneceu firme, uma figura solitária resoluta em jeans rasgados e desbotados e uma blusa floral folgada, seus longos cabelos loiros presos com um lenço colorido e joias de prata no braço. Balançando os braços para o alto, ela se despediu animadamente do garoto quieto e sério de seis anos que nunca disse uma palavra em resposta.

Não havia lágrimas quando abraçou Luke, enquanto Pa e Nan observavam do alto da varanda. Jogando sua mala de viagem nova no banco do passageiro de seu Torana laranja, Marlene suspirou, fechou os olhos por um segundo e fez um pedido para sua nova vida. Uma corrente de poeira rodopiante seguiu o ponto laranja enquanto ela dirigia com firmeza, sem hesitação, pela entrada de terra, apenas momentaneamente diminuindo a velocidade antes de virar à direita e sair em alta velocidade pela estrada principal.



NAN E PA ESTAVAM como estátuas na ampla varanda. Nem disseram uma palavra enquanto seguiam o carro até onde os seus velhos olhos permitiam.

Nan se moveu primeiro, resmungando sobre Marlene e prioridades. — Que tipo de mãe abandona o próprio filho? — Ela enxugou os olhos com o canto de seu avental azul e desapareceu para dentro.

Os ombros de Pa estavam muito sobrecarregados, o rosto entristecido. Quem poderia imaginar ou prever o que os seus próprios filhos iriam fazer? Que tipo de mãe era ela, para deixar um menino de seis anos que há pouco tempo perdeu seu pai? O que acontecia com o resto da família, eles não se importavam? Ele já tinha ultrapassado as discussões, os argumentos patéticos que Marlene havia usado. Egoísmo, egoísmo puro e cruel.

Pa desceu lentamente as escadas que dividiam a varanda da frente em duas, com as tábuas rachadas e gastas rangendo, e caminhou firmemente na direção de Luke, que não tinha se movido da sua posição na entrada poeirenta, ainda olhando para onde o carro laranja tinha ido mas que não era mais visível.

O coração do velho martelou e um nó subiu-lhe na garganta ao colocar o braço à volta dos ombros caídos do Luke.

— Vai ficar tudo bem, Lukey. — Sua voz tremeu quando ele lutou com o amor e a proteção que sentia por seu neto de cabelos escuros. — Nan e eu te amamos, e esta é a sua casa agora. Aqui conosco.

Os olhos cheios de lágrimas de Luke voltaram-se para o velho e ele tentou sorrir. Seu lábio inferior tremeu e ele o mordeu para parar de chorar.

— Vamos ver o que Nan está cozinhando — Pa disse enquanto apertava gentilmente o braço de Luke — e depois vamos dar uma volta no trator. Acho que pode haver um novo bezerro marrom perto do rio para que possamos verificar.

Luke lembrou-se de como Pa tinha mantido seu grande braço forte em torno de seus ombros muito depois que eles foram até Nan. Alguns dias, ele

tinha certeza que ainda podia sentir aquele braço à sua volta, rodeando os seus ombros, dando-lhe força.



A ANTIGA CASA Queenslander, com suas amplas varandas e vista para os floridos canaviais, tornou-se o lar e a segurança de Luke, e o casal de velhos, seus pais. Ambos o amavam e cuidavam, constantemente dizendo que estavam lá por ele e que ele era a pessoa mais importante em suas vidas. Nos fins de semana e à tarde, costumava ficar ao lado de Pa, segurando, prontamente, as ferramentas para ele consertar uma cerca ou ajudando-o a mover as vacas de um pasto para outro.

Em outros momentos, estava com Nan, que adorava cozinhar e se deleitava em vê-lo comer as deliciosas refeições e pudins doces que ela passava horas preparando na cozinha. Conversas intermináveis aconteciam em torno da velha mesa e, enquanto ajudava Nan à tarde, eles conversavam sobre o que estava acontecendo na escola, com quem estava saindo e que livro estava lendo. A velhinha ouvia com interesse o que Luke falava, instruindo-o enquanto ele girava o cabo do velho moedor de metal, empurrando pedaços de carne crua pelas lâminas rotativas para o jantar daquela noite.

— Você conta uma grande história, jovem — ela dizia, rindo, às vezes tanto que precisava enxugar as lágrimas dos olhos com o avental xadrez.

Nan o interrogava sobre a lição de casa, analisando o que havia aprendido enquanto ajudava a descascar as cenouras e as batatas. Se estivesse com sorte e fosse dia de assar bolos e biscoitos, haveria colheres para lambar e grandes tigelas para limpar, gananciosamente, com a colher de madeira bem usada.

Os dias da semana eram despreocupados, vagando para a escola com as outras crianças da área, perseguindo cobras dentro de latas, brincando com os novos cachorros de seu amigo, indo bem na escola e completando as tarefas do quintal nas tranquilas tardes de verão.

Para seu deleite, os fins de semana eram gastos principalmente, na cabana de pesca isolada de Pa, em Sinclair Bay. Pa era um pescador dedicado que conhecia as águas da baía, como ele mesmo dizia, como a

palma da mão. Juntos, eles passavam dias idílicos em um minúsculo barco, geralmente subindo o rio sinuoso ou os riachos enlameados, cambaleando com enormes peixes se contorcendo, ou puxando potes transbordando e sacudindo com grandes caranguejos cobertos de lama marrom.

Pa sempre conversava com ele, apontando com os velhos dedos tortos, os buracos ocultos no rio onde os peixes maiores se alimentavam, as águas rasas para a pesca de iscas e os pontos turvos onde o peixe premiado pairava.

Eles sentavam juntos por horas no barco, suas linhas desaparecendo nas profundezas misteriosas e escuras, sob as raízes balançantes dos imponentes manguezais. Pa o instruiu sobre como segurar sua vara de pesca, quando enrolar e com que rapidez ou lentidão para trazer os enganosos Jacks do mangue que ambos adoravam pegar. Luke aprendeu rapidamente como montar sua vara e como amarrar os nós para que se mantivessem firmes quando os peixes maiores se prendessem. O velho pacientemente ensinou-lhe que rastreamentos usar, que anzol e isca colocar para os diferentes tipos de peixes, e os melhores pontos para lançar os velhos potes de caranguejo.

Depois de um dia na água, o balde ficava cheio com uma variedade de Sargo, Jack e Grunter, muitas vezes complementado com o esquivo e procurado Barra ou Salmão. Pa ensinou-lhe tudo o que havia para saber sobre a pesca dentro e ao redor dos riachos e rios da região. Quando o tempo estava calmo e a água plana, eles se aventuravam ainda mais na baía, explorando juntos os pântanos e as áreas rochosas onde os maiores peixes de recife adoravam se reunir.

As noites eram passadas sentadas ao redor do fogo bruxuleante, banquetecendo-se com as ostras monstruosas que eram facilmente retiradas das rochas ao redor do ponto norte na maré baixa. Às vezes Nan também vinha no fim de semana, e com ela vinham os bolos caseiros e biscoitos Anzac, assim como seu delicioso molho de tomate que podia ser espalhado espesso em um sanduíche de carne. Os três conversavam por horas, Luke ouvindo as histórias dos tempos passados, desejando ter vivido naquela época, quando a vida era simples e as famílias pareciam ficar juntas, irmãos e irmãs, tias e tios.

Pa era interessado e gostava de falar sobre a maioria dos assuntos. Ele era ávido pelo críquete, desdenhoso da política, irritado com os políticos, e

apaixonado por cuidar do meio ambiente.

— O homem deve pisar levemente. O que as pessoas precisam com todas as coisas que têm hoje em dia? Tudo que você precisa é amor e um bom bolo de frutas — Pa dizia, terminando com uma piscadela atrevida dirigida a Nan.

Os olhos do velho se iluminavam quando ele falava sobre a baía intocada e o fato de que ela permanecia praticamente inalterada, mesmo nesta era moderna. — Muitos mosquitos aqui, graças a Deus — ele elogiou. — Mantém todos aqueles malditos turistas indo para Whitsundays e Airlie Beach. Diga a eles que é terrível por aqui. Temos sanguessugas, crocodilos, mosquitos e nenhum peixe.

As histórias continuavam, e Luke sentava-se diante do calor e do brilho do fogo e absorvia tudo, sentindo-se contente, seguro e amado. Ele queria que a vida fosse sempre assim, ele, Nan e Pa, juntos, na cabana à beira da baía remota.

Tarde da noite, o velho pedia a Luke que compartilhasse o livro que estava lendo no momento. Pa sentava-se com os olhos fechados, mãos grossas retorcidas na barriga, saboreando as palavras enquanto elas fluíam expressiva e livremente dos lábios de Luke.

— Nunca pare de ler, Luke. As palavras dessas páginas me fazem sentir como se estivesse ali, como se eu pudesse cheirar o mar e ouvir o vento. Meu único arrependimento é que não li muito ao longo dos anos. Como você pode aprender sobre tudo o que está acontecendo no mundo, se não lê?

— Não é tarde demais, Pa, posso pegar um livro para você ler.

— Claro, garoto. Meus olhos não são mais o que costumavam ser. E por que eu gostaria de ler quando tenho quem lê para mim?

Luke costumava ler muito para Pa e O velho e o mar de Hemingway era o favorito deles. O velho ouvia atentamente, muitas vezes com os olhos fechados enquanto afundava mais na cadeira, imaginando os personagens em pensamento; o amor pelo mar salgado, um velho pescador como ele. Seu rosto se movia, fazendo caretas, sorrindo enquanto seguia os movimentos da história de Hemingway e a batalha na história que se desenrolava.

O casal de idosos era alegre e sempre fora saudável. Luke nunca os

considerou realmente velhos, mas aos dezesseis anos Nan e Pa já tinham mais de oitenta anos. Pa foi fumante a maior parte de sua vida e sua saúde declinou rapidamente por volta da época do aniversário de Luke. Depois de um período de cinco semanas no Hospital Proserpine, com suas frias paredes brancas, soros e remédios, Pa pediu a Nan e Luke para tirá-lo do *maldito hospital estéril* e levá-lo para casa.

— Eu não quero morrer aqui — ele disse. — Quero poder ver minhas vacas e a fazenda, não enfermeiras e médicos mandões que falam comigo como se eu não estivesse lúcido. Como se fosse uma criança e não conseguisse entender o que eles estão dizendo um para o outro.

Luke segurou Pa, acariciando as mãos calejadas e marrons que pareciam deslocadas nos lençóis brancos. Aquelas mãos, ele pensou, deveriam estar acariciando a testa de um bezerro novo ou segurando uma vara de pescar, não ficando flácidas e inativas no linho branco frio.

Nan buscou o velho Holden para levar Pa do hospital para casa, e juntos eles subiram aos degraus da frente, bem devagar, mas conseguiram chegar lá.

— Obrigado, vocês dois — Pa disse — Eu sabia que podíamos fazer isso. — Ele mal conseguia respirar e seu rosto cinza traía a dor que estava contorcendo através de seu corpo. — Só queria estar em casa — ele sussurrou.

Eles o colocaram na sedosa cama de carvalho que levaram para a sala da frente. De onde estava, ele podia olhar através das portas francesas abertas que davam para a varanda e do outro lado dos piquetes, para as imponentes cadeias de montanhas além.



CERTA MANHÃ, NAN encontrou Luke e disse, calma e lentamente. — Luke, Pa não está bem. Eu acho que sei que ele não vai durar muito. Fique em casa depois da escola esta semana. Sei que é importante o último ano para você, mas todos nós precisamos passar cada segundo precioso juntos.

— Mas talvez ele melhore agora que está em casa, Nan — Luke disse. — A Pat da escola, falou que o pai dela durou dois anos depois que os médicos disseram que ele iria morrer, e outra garota estava me dizendo que sua avó ainda está viva e que ela deveria ter morrido há seis meses. Os comprimidos provavelmente vão fazer Pa se recuperar.

— Isso é diferente, Luke — Nan disse gentilmente. — Seu corpo está se desligando lentamente. Ele não pode comer ou beber, e as drogas estão apenas aliviando a dor. Seu Pa está com muita dor. Ele me disse que sabe que o fim está próximo. Ele pode sentir isso em seu corpo. Ele não quer mais dor. Ele sabe que não pode melhorar.

Nan acariciou o braço de Luke. — Nós somos velhos, Luke. Quando se envelhece, você fica preparado para isso. Não podemos viver para sempre. Ele teve uma vida maravilhosa, e sua única preocupação é você e eu. Vá e sente-se com ele. Nós temos que garantir a ele que ficaremos bem. — Ela o abraçou com força. — Vá e faça-o rir. Conte a ele algumas de suas histórias engraçadas. Apenas fale com ele. E Luke, sorria para ele quando falar. Deixe as memórias dele serem do seu lindo sorriso.

Os olhos do velho estavam fechados. Luke sentou-se em silêncio, observando o peito de Pa se mover lentamente para cima e para baixo a cada respiração. Às vezes, havia uma enorme e agonizante pausa entre essas respirações, e Luke contava os segundos. A certa altura, ele estava prestes a sacudir Pa e dizer-lhe para não esquecer de respirar, mas depois Pa respirava fundo e seu peito começava a se mover novamente.

— Eu sei que você está aí, Luke — Pa disse, a respiração sacudindo seu peito com o esforço. — Só estou com um pouco de dificuldade para abrir

meus olhos dessa vez.

Luke segurou a mão de Pa, os dedos entrelaçados. A mão de um menino, mantida entre a pele áspera e envelhecida que era tão familiar.

Pa falou com ele lentamente; olhos apenas parcialmente abertos. — Eu estou partindo, Luke. Este maldito câncer, eu posso senti-lo em todas as partes do meu corpo, ele me pegou bem e verdadeiramente. — Ele fechou os olhos novamente, respirando fundo e devagar. — Mas, digo uma coisa, foi uma boa vida. Espero, filho, que você fique tão velho um dia. — Sua voz era rouca e ele fechou os olhos, um gemido baixo escapando de seus lábios, antes de falar novamente. — Eu preciso que cuide de Nan quando eu me for. Você será o homem da casa. Eu sei que posso contar com você para cuidar dela.

Abrindo os olhos, ele fixou-os firmemente nos de Luke, a voz amável agora firme. — A cabana é sua. Eu tenho isso escrito. Nan sabe onde estão os papéis. Todo o equipamento de pesca, o barquinho, quero que você os tenha. Não é para nenhum dos outros, você me ouve; é só seu. Não deixe que eles tentem tirar de você.

Luke olhou Pa nos olhos. — Você sabe que eu posso cuidar de Nan e deste lugar. Eu te amo Pa. Você é pai e avô para mim. Eu te amo muito. — Luke estava chorando agora, lágrimas escorrendo pelo rosto e fazendo pequenas marcas molhadas no piso de madeira empoeirado da ampla varanda.

— Vai ficar tudo bem, Luke. — O velho estava tendo problemas para falar, as lágrimas também escorriam pelo rosto enrugado. Ele segurou firme, agarrando a mão do neto. — Cuide da cabana, nunca se afaste dela. Faz parte de nós dois, e temos muitas boas lembranças lá, você e eu. Fui abençoado por ter você comigo. Você será capaz de continuar; não se deixe ser atropelado. Há um monte de coisas velhas na parte de trás do galpão que pertenciam ao seu pai, não sei o que está lá, mas também é tudo seu.

Pa estava lutando com a respiração novamente, o esforço de falar usando toda a sua energia, e as lágrimas escorriam por suas bochechas enrugadas. A cabeça dele caiu sobre os travesseiros e Luke levou um copo aos seus lábios, apenas pequenos goles de água passando por eles.

— Eu acho que preciso descansar, filho — Pa disse. — E nada mais de lágrimas agora, de qualquer um de nós. Chega disso para todos nós, é por

isso que você precisa aproveitar ao máximo todos os dias.

— Vou lembrar de tudo que você me ensinou, Pa.

— Luke, filho, você poderia pegar *O Velho e o Mar* e ler para mim? Quero ouvir tudo de novo, do começo ao fim.

Pa morreu dois dias depois, apoiado em almofadas acolchoadas na cadeira do velho posseiro, onde Luke e Nan o haviam colocado, olhando para os canaviais, suas amadas vacas mastigando e ruminando no cercado da casa, logo abaixo. O velho rádio transistorizado com Richie Benaud comentando o primeiro teste no Gabba estava tocando em segundo plano enquanto ele respirava fundo. Ele adorava o críquete e pediu a Nan e Luke que o deixassem por um tempo para que ele pudesse ouvir o jogo em solidão.

— Ele sabia — Nan disse estoicamente. — Ele não iria enquanto estivéssemos com ele. Ele sempre disse que era a única jornada que se devia fazer sozinho.

O comentário no rádio continuou suavemente ao fundo, enquanto os dois estavam sentados, segurando suas mãos. O livro de Hemingway estava ao lado dele; Luke tinha terminado na noite anterior.

— Ele parece tão pacífico — Nan sussurrou. — Não há mais dor. Era a hora dele.

Luke não conseguia falar. Lágrimas escorriam por seu rosto e seu peito ardia, doendo, sentindo como se tivesse se quebrado em um milhão de pedaços.

Um grande bando de Kookaburras começou a chamar perto do rio, seus cacarejos estridentes ecoando pelo vale como se anunciassem ao mundo que Pa não estava mais nesta Terra. O som dos pássaros se estendia pelos campos de cana, saltando sobre os piquetes, ecoando nas colinas, continuando por muito tempo, até o fim da tarde.



NAN DUROU APENAS cinco semanas e três dias após a morte de Pa, muitos dizendo que ela morreu de coração partido, incapaz de suportar viver sem a sua alma gêmea o resto da vida. Luke a encontrou caída no

jardim onde ela andava plantando os tomateiros de Pa, e sem dúvida seus últimos pensamentos foram sobre o homem com quem se casou quando ela tinha apenas dezesseis anos.

Mais uma vez o mundo de Luke virou de cabeça para baixo. Um vazio oco encheu a boca do estômago, uma dor constante, um peso de pavor no peito. Era como se alguém tivesse arracado partes de dentro dele, apenas se abaixando e arrebatando seu coração e alma, removendo-os de seu corpo. Ele olhou no espelho, o reflexo de seus olhos mostrando a tristeza, o nada, a insensibilidade entorpecida de sua mente, conflitando e lutando com a raiva e a tristeza, agitando-se constantemente.



EU TENHO QUE continuar indo para a escola, Luke se repreendeu, enquanto arrastava seu corpo dolorido da cama e se vestia mecanicamente. Pa gostaria que eu terminasse meu último ano, para fazer o melhor que puder

Luke sempre amou a escola e alcançou notas altas em suas disciplinas, mas agora ele estava realmente lutando. Ele tentava manter a cabeça firme enquanto dizia a si mesmo para se concentrar e acompanhar o seu trabalho escolar, todas as tarefas e exames.

Ele se olhava no espelho, sem se importar, mal se reconhecendo com as bochechas apertadas e as olheiras sob os olhos. Pensamentos confusos. Ele apenas desejava que tudo fosse embora. *Quero me sentir feliz*, ele pensou. Eu quero sorrir de novo. Mas seus pés se arrastavam e podia se sentir deslizando na escuridão, onde ele realmente não se importava com nada.



O CAPELÃO DA escola, Mick, conversou com Luke algumas semanas após o funeral de Nan. — Venha conversar — ele disse. — Eu tenho leite com chocolate grátis.

— Estou bem. Eu posso cuidar de mim. — Luke respondeu, não querendo falar com ninguém.

— Com certeza você está. Eu só quero conversar.

Alguns dias depois, alguns de seus companheiros o reuniram e o arrastaram para o escritório de Mick. Ele ficou encostado na porta enquanto o capelão terminava de conversar com uma garota que soluçava. Ela saiu com um punhado de lenços de papel, lançando um olhar feio a Luke, irritada por ter tido seu tempo com um ouvinte simpático, interrompido.

— Obrigado Senhor — Mick disse — alguma companhia masculina sensata. Entre, Luke. Sente-se. Você não acreditaria em quantas garotas veem me ver sobre romances rompidos. O que eu sou, uma querida Dorothy? Honestamente, elas acham que têm problemas porque o

namorado passa o tempo todo com os companheiros ou não diz que as ama o suficiente.

Luke, sem sorrir, ainda estava encostado na porta aberta.

— Agora, garoto, o que está acontecendo? — Mick disse enquanto entregava a Luke chocolate gelado de sua geladeira bem abastecida. — Venha e sente-se — o capelão disse, persuadindo-o a entrar na sala. — Eu só queria verificar como você está passando e ver o que está acontecendo com você em casa.

Luke caiu em um velho sofá de couro. Ele gostava de Mick; ele sempre esteve lá na escola ou no pátio, um cara normal que não pregava, que estava lá apenas para conversar.

Pegando a caixa de papelão com leite, Luke bebeu lentamente, olhando para os pés por um longo tempo antes de finalmente falar. — Marlene voltou de Nova Gales do Sul. Ela voltou para ficar na casa comigo.

— Marlene é sua mãe, certo?

Luke assentiu.

— Bem, isso é uma coisa boa. Você está se dando bem com ela? — O tom de Mick era positivo, otimista.

— Ela acha que pode continuar de onde parou com o relacionamento mãe-filho, cuidando e alimentando com besteiras. — Ele bebeu da caixa de leite e olhou Mick diretamente nos olhos. — Eu não quero nenhuma parte dela. Pa e Nan eram minha verdadeira família, não ela. Ela me deixou e fico feliz que tenha feito; eu não a aguento de nenhuma maneira.

— Acho que sua mãe está apenas tentando fazer o melhor para você. Talvez ela tenha alguns arrependimentos e esteja tentando compensar isso.

— Bem, é tarde demais para ela preencher as lacunas. Na semana passada, ela começou a mudar alguns dos móveis, e ontem eu briguei com ela porque começou a separar as roupas de Pa e Nan e disse que iria doá-las para Vinnies. Ela não tem esse direito.

Mick ouviu, deixando Luke falar, sua dor óbvia enquanto ele descarregava, preenchendo o capelão com as intrusões que ele sentia da mãe. — Onde você está dormindo, amigo? Sua mãe acha que você sai, e ela não sabe para onde vai.

— Então ela falou com você? — Luke disse.

Mick estava sempre relaxado e às vezes falava demais, deixando escapar informações que não deveria ter contado. — Encontrei-a nas lojas locais — ele disse — e perguntei como você estava indo.

— Então ela não estava tão preocupada comigo a ponto de vir aqui e falar com você? Ela realmente não se importa comigo. — Luke falou com raiva; suas mãos estavam tremendo.

— Ela se importa com você, companheiro, ela está preocupada em saber para onde você vai.

Luke olhou para o chão, sua voz calma. — Eu fico em casa às vezes, ou outras vezes fico na casa dos meus amigos, em Quindry. Nós podemos sair para pescar lá. Não é tão longe de onde eu costumava ir com o Pa.

— Você não acha que deveria deixar sua mãe saber quando você vai assim? Você sabe, por alguns dias?

— Não, eu não acho que ela se preocupe. De qualquer forma, gosto mais de ficar na casa dos meus amigos. Isso me mantém ocupado e não preciso pensar tanto.

Seus amigos tinham mães, pais e famílias que viviam, riam, discutiam e amavam juntos. Eles faziam refeições juntos, davam conselhos e disciplina quando necessário, zombavam um do outro, brincavam com as crianças mais novas, brigavam por quem ia lavar a louça e sentavam-se juntos em volta de velhas mesas na cozinha à noite. Ansiava pela segurança e pelo sentimento de pertencimento, por isso passou de família em família, um convidado bem-vindo em muitas casas de adolescentes em Quindry.

A fazenda entre os canaviais o confundia. Era como se Pa e Nan ainda estivessem lá, conversando com ele, dizendo-lhe para fazer sua lição de casa, ouvindo suas histórias, pedindo-lhe para ajudar. Ele imaginava que Pa estivesse no meio dos piquetes, arrancando as ervas daninhas, e Nan estivesse sentada tricotando na cadeira de balanço debaixo da varanda. Outras vezes, ele achava que podia ouvir Pa chamando suas vacas. “*Vamos, vamos lá, venha, seguindo em frente, vamos, vamos.*”

Por uma fração de segundo, Pa e Nan estariam lá, e então o momento desapareceriam e aquele sentimento vazio retornaria. Eles se foram. Como Pa dissera, assim era a vida. Ele havia banido de sua mente a cabana de pesca, as lembranças eram dolorosas para um adolescente que sentia como se tivesse perdido tudo em sua vida.

Lágrimas brotaram em seus olhos. — Acho que estou um pouco chateado, Mick. Obrigado pelo leite, mas estou bem. Eu não estou fazendo nada estúpido. Pa e Nan foram bons comigo e eu sei como cuidar de mim. Eu vou terminar o ano e depois vou pensar no que fazer. Obrigado pela conversa. — Ele se colocou de pé, ereto.

Mick foi até ele. — Não se preocupe, cara, venha e converse a qualquer momento, e pense em talvez deixar sua mãe saber quando você está longe. — Ele colocou o braço em volta dos ombros de Luke e apertou-o. — Vai ficar mais fácil, Luke, eu prometo.

— Eu realmente sinto falta deles. — Luke disse, seu lábio inferior tremendo.

Mick observou o garoto, que era mais como um jovem agora, sair da sala com o peso do mundo em seus ombros jovens.



LUKE ARRASTOU SEUS pensamentos de volta ao presente, balançando a cabeça como se quisesse limpar teias de aranha de sua mente. Ele se lembrava claramente daquele dia conversando com Mick; parecia como se fosse ontem. Se controle, ele disse a si mesmo. Controle-se. A dor nunca passaria? Claro, diminuiu, ficou um pouco mais fácil, mas a solidão e o vazio emocional ainda o machucavam às vezes. Não parecia mais uma faca em seu coração, mas ainda era uma pinça, segurando com força, torcendo e girando em determinados momentos.

A água brilhava ao seu redor, quieta e silenciosa, com exceção de um pequeno lampejo de som enquanto as ondas batiam na lateral da lata. Ninguém mais, até onde o olho pudesse ver, só ele e o mar, cercado por montanhas cobertas por uma névoa adormecida que começava a acordar de sua gelada e precoce manhã. O cigarro queimou e ele o jogou no ar, justificando a transferência da bituca para o oceano como matéria orgânica, retornando ao mar e à terra.

Um barulho alto ao lado do barco quebrou o silêncio e uma grande tartaruga verde colocou sua cabeça quadrada e salpicada acima da superfície da água. Respirando fundo, ela virou um olho em direção ao barco, vendo Luke com desinteresse enquanto se movia lentamente ao redor

da embarcação e depois afundava para fora da vista. Luke ficou sentado por um momento extra, permitindo que a quietude e o isolamento o abraçassem, lembrando-o de sua sorte por estar tão familiarizado e em harmonia com essa área ainda intocada.

Um som de turbilhão atrás dele sinalizou o retorno da tartaruga em círculo, que o olhou fixamente com ousadia. Mais uma batida indiferente antes de mergulhar novamente, agitando Luke com o movimento e interrompendo o transe sonhador no qual a quietude do oceano permitiu que afundasse. Às vezes, quando estava aqui no oceano sozinho, quase sentia como se o velho estivesse com ele, aconselhando, conversando e rindo das travessuras que aconteciam com frequência.

A montanha que ficava ao norte acenava para o pescador solitário, seus picos gêmeos projetando-se além do nevoeiro da manhã. Sulcos e ravinas flanqueavam seu lado; conduziam para as paredes de água que jorravam por suas encostas na estação chuvosa. Luke sentou-se direito e se esticou, espreitando através do oceano que estava mudando de cor com a descida dos primeiros raios do sol.

— Certo — ele disse em voz alta — que a diversão comece.

O motor bem gasto respingou à vida quando puxou para dar partida, colocando-o na posição correta e necessária. Apontando para o norte, em direção às palmeiras gêmeas que balançavam, solitárias agora, livres da neblina, Luke as alinhou com o centro da colina em forma de bota que ficava entre os dois picos da Ilha Garney. Conforme o barco mudava de direção, as duas pequenas colinas do continente para o leste se moviam lentamente para a posição. O barco fez uma volta e encontrou um caminho diferente.

Sim, é isso, pensou ele, quando o barco estabeleceu seu próprio ritmo em uma superfície repetitiva do oceano. Assim como Pa o havia ensinado, Luke alinhava as duas colinas com a montanha em forma de bota, agora posicionada diretamente atrás dele, verificando se ela se alinhava exatamente com as palmeiras ao leste. Ele se levantou rapidamente, adorando o fato de manter esse método, independentemente das críticas que sempre recebeu sobre a falta de amor à tecnologia e à facilidade que poderia lhe traria um GPS e sonda de profundidade. Ele olhou novamente para a marcação tradicional, garantindo o local.

Luke havia chegado ao que era conhecido localmente como *The Rock*, um conjunto de conglomerados de corais e rochas que se encontram não muito abaixo da superfície na maré baixa, invisíveis e geralmente desconhecidos para aqueles que não são da região. A marca foi fixada e a corrente da âncora se chocou contra a lata quando foi arrancada do local de descanso. Ele voou pelo mar, espirrando na superfície antes de encontrar sua marca e conexão designadas no leito de coral bem abaixo. A corda foi amarrada com firmeza, o pequeno barco firme em meio ao movimento lento das pequenas ondas, fixando-se em seu lugar.

Não havia ninguém até onde os olhos pudessem ver, e uma esmagadora sensação de tranquilidade e a pureza da natureza crua tomou conta de Luke enquanto ele olhava através do oceano calmo e vítreo. Tudo parecia azul: o céu, as montanhas e o oceano; uma área tão intocada que ele sabia que tinha a sorte por tê-los como quintal.

O objetivo da viagem foi acionado quando um peixe pulou, espirrando perto da proa do barco. Vá em frente, ele pensou, enquanto a maré está no seu melhor. Levantando a tampa do balde pequeno, Luke escolheu o yabbie com maior agitação, que havia sido bombeado e arrancado do lodaçal na maré baixa da tarde anterior. Enfiando cuidadosa e habilmente o lagostim no gancho, ele garantiu que estivesse seguro, pronto para o primeiro lançamento.

Talvez eu devesse ter colocado um rastro mais pesado e um gancho maior, ele pensou. Sempre as mesmas dúvidas, as mesmas perguntas. O que ia estar lá embaixo hoje? Seria a truta de coral menor e mais saborosa, ou ele estava na fila para um *trevally gigante*, ou o aclamado *cavala espanhola* que muitas vezes poderia ser apanhado aqui, um dos seus pontos favoritos.

A vara e o velho carretel estavam prontos, seus companheiros, seus cúmplices. Equipamento preparado, a engrenagem certa, a chumbada escolhida, comprimento do lançamento estabelecido, tamanho do gancho e isca cuidadosamente selecionados para alcançar a captura do dia. O nevoeiro havia desaparecido completamente e ele checkou seu rumo, montanhas, picos e palmeiras, mais uma vez antes de lançar.

O local perfeito pode estar a alguns metros à frente, ou talvez atrás, de onde ele estava sentado. Vamos ver o que conseguimos, ele pensou. Ponderou, como sempre, a curiosidade, o suspense de encontrar a posição

perfeita.

No fundo do barco, brilhou uma raia de prata. Imaginou a engrenagem que estava pendurada nas pedras abaixo, armadilhas, anzóis, linha, naufrágios e provavelmente uma vara ocasional, presa à rocha onde os peixes adoravam se reunir, encontrando presas menores, à medida que outros os perseguiram para saciar seus próprios gostos. Às vezes, ele podia sentar-se por uma eternidade antes da primeira mordida esperada. Outros dias eram dourados; a isca fiscada imediatamente ao atingir a área alvo.

Os peixes foram diretamente para ele nesta manhã e apenas alguns minutos se passaram antes que Luke sentisse a vara dobrar-se para o mar, de maneira brusca e limpa, sinalizando a primeira mordida. Aliviou a vara devagar, sentindo que o peixe estava firme antes de afrouxá-la; manteve a vara erguida, sua atenção se concentrou na linha que mordida o oceano.

O peixe que havia sido atraído e agora físgado pelo sedutor yabbie mergulhou, lutando contra a linha que o puxava em direção à superfície e à luz do sol. Luke verificou se a rede e a gaiola estavam por perto no barco, mas a linha não parecia tão pesada. Um belo *cavala*, ele pensou, ou talvez um *trevally*.

Dê linha e segure, levante a vara, dê linha e segure. Como ele adorava a sensação de fisgar, a excitação de enrolar a linha, mantê-la firme e alta. O peixe no anzol mergulhou novamente, recusando-se a desistir facilmente e juntar-se ao fluxo da linha, o arrasto assobiando e liberando a linha, permitindo que o peixe nadasse para baixo pela última vez. Enrolando com firmeza, Luke observou o peixe que vinha em direção ao barco, a vara dobrada em um arco. Um salpico de prata quebrou a superfície, o peixe se contorcia e salpicava, espumando a água, antes adormecida e calma, enquanto dava tudo em sua batalha pela liberdade.

Um encantador *trevally dourado*. Ele guiou o peixe pela beira do barco, pousando-o diretamente.

O peixe se debateu e virou no fundo do barco, anzol e linha ainda firmemente presos. Luke habilmente desalojou o gancho, estendendo-o para ver a primeira captura do dia. Beleza, bom começo. Ele segurou-o firmemente, cortando a garganta e permitindo que sangrasse no balde, garantindo que a carne estivesse limpa e branca para comer.

Vai ser um bom dia, pensou ele, quando se endireitou, esticou as costas e

olhou para a montanha agora limpa.



OS MARCADORES ALINHADOS lindamente; os picos da montanha combinavam perfeitamente com a pequena ilha que ficava aos seus pés, com palmeiras curvadas como se olhassem para a montanha atrás.

Luke refez sua linha, desta vez escolhendo um arenque vivo que tinha sido pescado na rede no dia anterior. Enfiou o gancho vermelho, recém comprado, pelo seu corpo, prendendo-o firmemente de forma que parecesse estar de acordo com o gancho. Vara puxada para trás, ele virou a linha para o leste, indo com o puxão da maré. Esticando a linha com força, ele recostou-se novamente, permanecendo firme e pacientemente enquanto o oceano ao seu redor brilhava e se movia rapidamente contra o sol nascente.

Ninguém. Nada. Apenas o pequeno barco com ele, balançando na superfície do oceano. Ele se sentia como a única alma do planeta.

Uma cadeia de montanhas abraçava a costa oeste, azul escuro ainda, apagada pelos raios do sol que ainda não haviam atingido suas fronteiras delineadas. Ele seguiu os contornos distintos com os olhos, observando as nuvens enquanto relaxava mais profundamente na tranquilidade da manhã. Sua reverência foi interrompida pela curva descendente da ponta da vara. Lá vamos nós outra vez!

Desta vez, a linha mergulhou mais fundo no oceano, a ponta da vara dobrando na água, forçando contra suas mãos. Luke ficou firme, forte, com os pés abertos, elevando a ponta da vara. Puxando e enrolando, a vara erguida, enrolando calmamente.

Este aqui quer correr. Vai lá, faça uma corrida. Ele repassou as táticas em sua mente. Ele podia sentir que havia enganchado algo muito maior que a última captura. A linha se desenrolou quando o peixe nadou fortemente para longe do barco, dando tudo de si, talvez sabendo que precisava de distância entre ele e o trecho ameaçador e escuro do barco balançando acima.

Uma disputa entre pescador e peixe começou, com Luke cambaleando, fechando a brecha, apenas para que o peixe decolasse mais uma vez perto da sombra do barco.

A linha é forte, ele pensou, mas este parece grande. Pensando bem, estimando e analisando o equipamento de pesca que segurava e prendia o peixe à sua pessoa, ele calculou quanto poderia segurá-lo, ou se deveria deixá-lo arrastar a linha para longe, permitindo que o peixe tivesse uma corrida.

Ele jogava com a vara, deixando o peixe brincar, escolhendo o jogo em vez da incerteza de uma linha quebrada se a enrolasse muito rápido. Enrolando lentamente, ele manteve a vara erguida, parando constantemente para dar tempo para o peixe se mover lentamente. O peixe, no entanto, parecia não cansar, mas fazia sim uma corrida ousada, para ser resgatado pela persistência de Luke em garantir sua captura.

A linha assobiava enquanto o peixe corria novamente, mergulhando profundamente como se tentasse agitar ou afogar um macaco nas costas. Poderia ser esse o meu momento de *O velho e o mar*, ele pensou. Nenhum outro barco à vista, apenas o sol como testemunha, lançando raios dourados nas costas das pernas, impregnando a camisa de pesca e aquecendo o corpo jovem. Ele observou a linha acabar novamente, pensando em como teria sido ótimo ter alguém no barco, um estranho para compartilhar o momento e, o mais importante, usar a gaiola se o peixe fosse tão grande quanto ele pensava que era.

Uma *cobia*, um *tubarão* ou um *GT* enorme? Sua mente vagou, imaginando Sylvia, que naquele momento provavelmente ainda estava esquentando sua cama. Ela não ajudaria. Ele não conseguia imaginá-la debruçada sobre o barco e mergulhando um gancho na barriga macia de um enorme peixe se debatendo. Muito provavelmente ela ainda estava esparramada, de ressaca e desinibida, seu corpo nu arremessado na largura da cama dele, exatamente onde ele a havia deixado.

Reuniu seus pensamentos, voltando ao momento, concentrando-se agora na linha que desaparecia no azul do oceano abaixo. O peixe aprisionado estava começando a enfraquecer e as fugas do barco ficaram mais curtas. Enrolando lentamente, Luke tocou o peixe, cambaleando, segurando a vara firmemente enquanto guiava o peixe em direção ao barco. Dê linha e segure, levante a vara, dê linha e segure.

Um flash de prata à tona talvez a cinco metros do barco.

— Puta merda — ele disse em voz alta.

Era uma *cobia* de bom tamanho, com pelo menos um metro e meio de comprimento. Luke concentrou-se, enrolando, mantendo a linha firme e a haste alta. O clarão prateado estava agora claramente visível enquanto se lançava abaixo da superfície, o enorme peixe nadando diretamente para o barco antes de se virar para a proa e, mais importante e talvez desastrosamente, para a linha de ancoragem. Ele segurou com firmeza, guiando o peixe em pânico de volta por baixo da corda, sabendo muito bem que se a corda da linha enganchasse com a da âncora, poderia muito bem ser o fim da jogo.

A cauda da cobia espirrou violentamente no topo da água quando ela emergiu, antes de mais uma vez mergulhar, mergulhar, usando a segurança do barco como escudo. Luke agarrou o punho com a mão esquerda, pronto para o maldito mergulho, seu braço e mão direitos doendo sob o peso e a pressão que ele mantinha na haste. A vara cavou profundamente nos músculos do estômago enquanto ele se equilibrava e segurava, focado e concentrando em colocar o peixe enorme perto o suficiente para segurar. Se ele pudesse chegar perto de onde estava.

Mas o peixe enorme não estava cedendo com facilidade e logo partiu novamente, lutando loucamente e obstinadamente por sua liberdade enquanto a linha girava, permitindo que ele se afastasse do barco. Era cansativo; cada vez que o trazia para perto, podia sentir a diferença em sua luta. Este ia ser o golpe final; ele podia senti-lo, já adivinhando o seu peso, onde ele ia calibrá-lo, medir sua extensão.

— Vamos lá, querido, com calma — sua voz persuadindo quando ele o trouxe ao lado do barco.

Puxando pesadamente, ele segurou a vara no alto, sentindo o peso, o encontro do peixe com seu casco. Enrolando, puxando, olhando para baixo para obter a melhor visão de sua captura quando ele a trouxe para a superfície, o gancho pronto, mantido sobre a água, pronto para atacar. A adrenalina estava bombeando e pura alegria subia por seu corpo.

Manobrando a manopla, ele segurou a vara firmemente para o toque final, o peso do enorme peixe pairando no ar, arrastando-o pesadamente sobre a vara, a manopla pronta para mergulhar... e então o momento se quebrou.

O peso que estava dobrando a haste para baixo desapareceu e a vara

girou para cima, mostrando sua retidão, sem vida, seu uso terminado. Agora não havia nada além de uma linha de pesca balançando livremente na brisa, sem peso.

Luke ficou paralisado por um segundo, o momento bloqueando a realidade e a finalidade. Olhou através da água e um flash de prata chamou sua atenção, não muito longe da superfície ondulada e para a esquerda, enquanto o peixe, agora sem carga, salpicava e pulava como um último esforço antes de mergulhar profundamente e correr em direção às montanhas distantes; liberdade para a *cobia*.

Merda! Merda! Merda!

E então silêncio; nada além do bater das pequenas ondas contra o barco e o bater do coração no peito. Ele caiu para trás, derrotado. Estava tão perto. O que deu errado? Sua mente disparou.

A maldita linha arrebentou. Ele deveria ter enrolado mais rápido quando apareceu pela primeira vez. Havia muita pressão e altura insuficiente para a haste. Ele deveria colocar um trace mais pesado. Ele deveria ter tentado se inclinar mais e puxar mais cedo.

Deveria, deveria ter, deveria ter.

Uma gaivota voou e olhou para um Luke desanimado, ainda de pé olhando para o mar, a linha solta e vacilante balançando ao vento na ponta de uma vara reta e sem vida.

Ele sentou-se, sem vacilar, a empolgação antecipada ainda presa em sua mão apertada, enquanto aquela sensação de que algo se foi e de uma batalha perdida se alastrava por seu corpo, deixando-o com uma sensação de nada, vazio e derrota. Se ele pudesse soluçar, chorar, bater os pés, fazer birra, como uma criança, faria. Ele balançou a cabeça, visualizando o peixe nadando para a liberdade.

O silêncio foi quebrado pelo barulho de uma enorme tartaruga verde, empurrando a superfície do oceano, piscando o olho enorme para Luke quando se aproximava do barco, olhando para ele antes de mergulhar profundamente. Ele estava sozinho. Não havia ninguém com quem se preocupar, ninguém com quem compartilhar seus palavrões e aborrecimentos; seu raciocínio sobre o porquê de ter perdido um peixe tão grande.

Olhando para o outro lado do oceano novamente, ele estava cheio de frustração, aborrecimento e a sensação desagradável que, ele sabia por experiência própria, não desapareceria rapidamente. Aquele sentimento daquele que escapou, aquele que ninguém realmente queria ouvir, porque ele não o tinha, ele não o aterrou no barco; um peixe que ele lembraria por anos porque o havia superado, vencido. Provavelmente a coisa maldita já estava a meio caminho de Bowen, ainda com a cauda alta, rindo e se divertindo em seu triunfo sobre o pescador e o jogo da manhã que ele havia vencido.



A CABANA DE pesca estava escondida, camuflada atrás de um banco de árvores nativas e arbustos baixos, erguida sob altas palmeiras finas que ameaçavam derrubar as multidões de cocos que pendiam precariamente de suas coroas dobradas.

O edifício rústico, agora com a tinta verde descascando, já fora um galpão de barcos, posicionado perto da água, mas no alto de uma pequena colina para escapar das ondas prejudiciais que vinham com a chegada dos ciclones a cada verão. Era básico, mas confortável, ainda com o piso de linóleo e os móveis originais que não eram substituídos desde os anos 40. Os postes na pequena varanda que corria ao longo da frente da cabana, eram troncos robustos cortados de mudas, serrados e pintados décadas atrás, e agora a sustentavam.

Uma pesada porta de celeiro levava para dentro da área principal, um salão aberto com uma cozinha em uma extremidade e uma pequena sala de estar na outra. Prateleiras abertas e uma pia enferrujada na cozinha eram complementadas por uma churrasqueira de pedra, posicionada do lado de fora para que o cozimento pudesse ser feito enquanto se olhava o oceano. Dois pequenos quartos compunham o restante da cabana, as camas cobertas com as colchas de chenille que lhes haviam sido designadas na década de 50. Cadeiras da mesma época estavam dispostas em torno de uma velha mesa de cozinha de pinheiro, e Luke ainda podia ler as palavras que ele e Pa haviam entalhado no tampo há tantos anos.

Um recinto de paredes de estanho ondulado comportava um chuveiro externo básico, a parte superior aberta ao céu, um piso de concreto direcionando a saída do fluxo de água através de um dreno tipo uma calha de concreto, proporcionando umidade ao jardim arborizado que crescia paralelamente.

Era como voltar no tempo e, além do conforto da eletricidade, basicamente inalterada desde sua instalação sessenta anos antes. Na década de 40, um fazendeiro que possuía uma fazenda de gado nos arredores devia dinheiro ao Pa. Ao invés de se separar do dinheiro, o homem passou

alegremente, com escritura, um acre de terra, incluindo a cabana e o barracão de barco, em troca de sua dívida. Hoje continuava igual ao que era quando Pa tomou posse: uma cabana isolada em um acre de terra, cercada por uma propriedade de gado em expansão, basicamente invisível e inacessível tanto para os habitantes locais quanto para os turistas.

Os irmãos e irmãs de Luke sempre a ignoraram; eles estavam totalmente desinteressados e escolheram viver suas vidas o mais longe possível do que consideravam ser um moroso estilo de vida campestre. Nunca haviam desenvolvido amor pela cabana e pelos arredores, visitando apenas uma ou duas vezes para serem atormentados e incomodados pelos mosquitos e moscas que eram comuns na região. Ficaram felizes por ter sido deixada para Luke, o irmãozinho, a alternativa tranquila. A propriedade nunca iria valer nenhum dinheiro, estando localizada a poucos metros da água, e muito distante dos ricos recantos de recreio da região de Whitsunday.

Seus irmãos estavam dispersos. Dois deles, um em Sydney e outro em Melbourne, ambos com famílias e vidas profissionais que proporcionavam pouco interesse ou oportunidades de visitas. Sua irmã residia em Nova York, vivendo uma vida de corretora da bolsa de valores, rica e motivada, que raramente voltava à Austrália, geralmente apenas para um funeral ou casamento.

Ele se lembrou do desinteresse dos três quando foram informados que ele era o único beneficiário da cabana de pesca isolada. Pa tinha se assegurado de que a documentação necessária estivesse em ordem e que Luke fosse agora o proprietário. A única preocupação da família era que seu irmãozinho a usasse como desculpa para se tornar ainda mais recluso e alternativo, não lhes dando a chance de atraí-lo para uma das cidades, onde acreditavam que ele teria uma vida mais excitante.

Todos haviam tentado ao longo dos anos manter contato com ele. E-mails, telefonemas, mensagens. Luke, entretanto, mantinha uma distância educada, os anos de diferença entre eles, impediam que nesta fase de sua vida, ele sentisse uma conexão real com qualquer um deles.

Um ano depois que ele terminou a escola, sua mãe conseguiu encurralá-lo. — É difícil te pegar em casa, Luke — sua mãe disse, encostada na porta de madeira.

Ele olhou por cima do café da manhã e continuou comendo.

Ela sorriu para ele. — Tem planos para o resto do ano, você sabe, trabalhar, viajar ou estudar, talvez?

— Apenas o habitual — ele respondeu com uma voz monótona.

— Vamos, Luke, me dê algo. Estou tentando falar com você, ajudá-lo a descobrir o que quer fazer. Você se saiu tão bem na escola, não acha que deveria fazer algo?

— Eu estou. Eu tenho um emprego.

— Então vai ficar em Proserpine e trabalhar no jornal local. Não quer viajar, ver um pouco do mundo? — Ela balançou os braços no ar, pulseiras tilintando juntas.

— Por que, de repente, está interessada no que eu quero?

— Você tem tantas possibilidades, opções. Atualmente, os jovens viajam por todo o mundo. Eu conheci tantos, Luke, livres, sem responsabilidades, vendo o mundo, conhecendo outros jovens e indo aonde o vento sopra.

— Isso é ótimo, Marlene. — Ele nunca a chamou de mãe. — Deve ter passado momentos maravilhosos todos esses anos, apenas vagando pelo planeta. Fazendo o que queria. Sem responsabilidades. Quão livre e aventureiro isso deve ter sido para você.

Ela se endireitou defensivamente. — Você não tem ideia do quão difícil foi para mim desistir de toda a minha vida por todos vocês, filhos, e depois perder o seu pai assim. Fiz tudo por vocês, lavei, cozinhei, limpei e dirigi por todos os lados como se eu fosse um táxi. Dediquei toda a minha maldita vida a muitos de vocês e nunca fiz nada por mim. Eu apenas cuidava de todo mundo e o tempo todo eu estava presa na mesma cidade em que estive a vida toda. Você não acha que eu tinha sonhos, que merecia uma pausa?

— Bem, claro, sim, todos nós merecemos uma pausa. Houve apenas uma pequena complicação, no entanto. Você nunca me considerou. Que bom que fez o que queria, mas esqueceu que ainda tinha mais um filho pequeno para criar. Não se preocupe, Marlene, funcionou bem para mim. Nan e Pa foram pais melhores do que você jamais poderia ter sido. Fico feliz agora que tenha ido embora, abandonado seu filho mais novo, provavelmente foi a melhor coisa para mim.

Suas mãos tremiam de raiva quando ele voltou para o café da manhã, esperando pôr um fim à conversa. Ele nunca a perdoaria; nunca esqueceria

aquele sentimento no dia em que ela fugiu. Ele odiava quando ela tentava fingir que se importava.

Marlene ficou quieta, obviamente considerando sua próxima linha de ataque. — Não adianta tentar falar com você quando continua assim. Quando for mais velho e tiver seus próprios filhos, talvez você entenda.

Luke deu uma risadinha e balançou a cabeça. Ele queria que a conversa terminasse porque ele podia sentir as palavras crescendo em sua mente. Se ela não calasse a boca, ele explodiria, liberaria para ela todo o ódio e os sentimentos ruins, desconfiança e mágoa que se acumularam ao longo dos anos.

— Você não respondeu minha pergunta — ela disse. — Quais são seus planos para o ano?

O centavo caiu e Luke olhou para ela enquanto falava. — O que você quer? O que está planejando para que mostre esse interesse na minha vida? Cuspa, Marlene. O que é isso agora?

— Bem, se vai ser tão desagradável com tudo, não vou discutir isso com você. Eu vou te contar. Vou vender a fazenda e morar em Nimbin. Eu comprei uma casa pra mim lá embaixo.

Não houve reação de Luke, apenas um silêncio pedregoso.

— Por razões de investimento, também comprei uma casinha de madeira em Proserpine, na qual você pode morar — Marlene disse. — Pode se mudar quando quiser, Luke, é um ótimo lugarzinho. Você tem seu emprego no jornal da cidade. Arranje alguém para dividir o aluguel com você, se quiser, ou não, tecnicamente é meu, mas você pode morar lá. Eu só vou cobrar um aluguel baixo e só precisará mantê-la, provavelmente cortar a grama de vez em quando. Da maneira que as minas estão crescendo por este lado, um dia vai valer algum dinheiro. O que você acha?

— Por que perguntar o que eu acho quando a decisão já foi tomada? Não acreditava que venderia o lugar onde cresceu. Mas, obviamente, você não tem apego à família.

— Estou lhe fazendo um favor, você não vê isso? Montando um lugar para você morar.

Luke riu sarcasticamente. — Eu acho que é conhecido como culpa. Eu vou ficar bem, de qualquer forma, sempre estive. Faça o que você quiser,

começarei a me mudar amanhã.

Quanto mais rápido conseguisse fugir dela, melhor, ele pensou. Ele sabia que seria triste deixar o que havia sido sua casa nos últimos catorze anos, mas a propriedade estava começando a ficar muito degradada. Era uma fazenda agrícola e uma das melhores da região. Grandes áreas haviam sido arrendadas, então ainda havia cana crescendo na maior parte; no entanto, a antiga casa precisava desesperadamente de tinta, e os galpões e piquetes da casa precisavam de reparos. Luke não tinha interesse no lado agrícola da propriedade e teve que admitir que ficaria feliz em vê-la voltar à sua condição anterior de fazenda.

Marlene tentou novamente fazê-lo falar com ela. — Você ainda tem a cabana, Luke, talvez possa vendê-la, usar o dinheiro para viajar. Nunca se sabe, você pode obter um bom preço por isso, provavelmente o suficiente para ir para o exterior, comprar um carro melhor ou o que quiser.

Ele enviou uma oração silenciosa até Pa. *Você sabia o que estava fazendo quando me deixou a cabana. Graças a Deus você deixou o resto deles fora disso.*

— Quando posso me mudar para esta outra casa e quanto quer de aluguel? — Luke levantou-se, sinalizando o fim da conversa.

— Está pronta para entrar agora. Basta calcular o aluguel a partir do dia em que você se mudar. — Então ela acrescentou corajosamente — Gostaria que eu vendesse a cabana para você? Consigo que Tom, do setor imobiliário, dê uma olhada nela.

Luke prendeu a respiração e contou até dez antes de responder, usando a voz mais firme e profunda que ele conseguiu reunir. — Nunca mais me pergunte sobre a cabana, porque não tem nada a ver com você. — Ele a olhou nos olhos. — Eu preciso ir. Eu estou atrasado para o trabalho. Basta escrever o endereço para mim e deixá-lo em um pedaço de papel, além de quanto quer de aluguel e o número da conta em que posso depositá-lo. Vou me mudar assim que puder. Além disso, levarei daqui alguns dos móveis antigos.

Ela se afastou para deixá-lo passar, sem palavras pela primeira vez.

Graças a Deus, ele pensou, ela finalmente calou a boca. Ele podia sentir-se tremendo, mas havia também um novo sentimento, como se estivesse no controle pela primeira vez. Ficou satisfeito consigo mesmo por ter contado

a Marlene o que estaria fazendo, o que estaria levando e para que se afastasse da cabana.



LUKE SE MUDOU o mais rápido que possível, arrumando o quarto onde havia dormido por quase toda a sua vida. Ele pegou os cartazes de seus jogadores de futebol favoritos e dos filmes, que ele havia pedido na locadora.

Tentando não ficar debruçado sobre as fotos de Nan e ele abraçados na cadeira de balanço debaixo da varanda, ele colocou as molduras em uma velha mala de couro maltratada que tinha sido de Nan. Ficou paralisado por um longo tempo antes de guardar também a foto de Pa segurando a enorme cavala espanhola, e um moleque atrevido de sete anos e cabelos escuros, espreitando, sorrindo, por entre as velhas pernas do Pa.

Havia uma foto desbotada de seu pai, Eddie, sorrindo diretamente para a câmera enquanto Luke empoleirava-se em seus ombros largos, com um sorriso enorme. Outra foto mostrava Luke quando criança, segurando um peixe premiado com a cabana ao fundo.

Seus preciosos livros enchiam as caixas e ele lia cada título cuidadosamente, às vezes folheando as primeiras páginas antes de guardá-los. A velha mesa e cadeira de madeira em que passara tantas tardes, o lavatório com tampo de mármore, a cadeira de balanço debaixo da sacada, bem como a velha caixa de madeira cheia de ferramentas do Pa estavam todas empilhadas na parte de trás do seu quarto, junto com a cadeira precária do proprietário rural que observara os canaviais nos últimos cinquenta anos.

Marlene havia trazido alguns utensílios da cozinha para ele: panelas incompatíveis, batedores e raspadores de madeira, talheres de marfim, latas amassadas de açúcar, chá e especiarias. Uma lata de pão de metal amassado, a picadora de mão, engradados antigos, uma tela de cozinha com pintura descascada azul e uma variedade de qualquer outra coisa que ela não pudesse se importar em vender estava tudo pronto para a mudança.

— Vamos manter contato, Luke. — Ela entregou a ele um pedaço de papel com seu novo endereço e contato de e-mail escrito nele. — O número

da conta bancária para os pagamentos de aluguel também está escrito aí. — Ela tocou o braço dele.

Seus olhos observaram este pequeno gesto de cuidado. Ficou grato por ela não ter tentado abraçá-lo ou beijá-lo. — Sim, tudo de bom — ele disse friamente. Tenha uma ótima vida, mais uma vez, ele pensou consigo mesmo. — Vou pagar o aluguel imediatamente. A gente se vê. — Ele praticamente pulou escada abaixo.

Leveza, felicidade, liberdade encheram o interior empoeirado do carro enquanto ele se afastava da fazenda. Havia uma pequena dor de nostalgia, e ele se perguntou por que não se sentia mais triste. Então percebeu que estava pegando suas coisas favoritas da casa; os itens ainda estariam com ele, junto com as memórias que ninguém poderia tirar. Seu amor por Nan e Pa, ninguém poderia lhe tirar também. Era dele.

Sua mente se voltou para a cabana, e ele sorriu ao perceber que também era dele, dele e de mais ninguém. — Eu vou para lá — ele disse em voz alta, sua mente correndo. — É hora de voltar.

Uma vez que ele tivesse tudo resolvido na cidade, ele iria pescar, arrumar a cabana e talvez começar a passar os fins de semana lá novamente. Estava animado agora. Isso era algo que propositalmente não se permitiu pensar nos anos anteriores: a pesca, a praia, o barquinho, o pôr do sol. Percebeu que não se sentia assim há muito tempo. Era como se dirigir por aquele portão, controlando o que faria, tivesse impulsionado sua mente para a ação.

A grande voz de Freddie Mercury tocou no rádio do carro, ‘*I want to break free*’, Luke riu alto antes de cantar com a voz estridente no topo.

A trilha empoeirada se espalhava atrás de seu antigo *Holden ute*, canaviais cintilantes se dispersando antes de dar lugar a exuberantes cercados verdes. Vacas gordas pastando ergueram a cabeça para olhá-lo, pela música barulhenta que emanava de seu ute. A vida parecia certa. Tudo o que ele precisava estava embalado na parte de trás de seu ute, Marlene estava fora disso e, o melhor de tudo, ele estava voltando para a cabana.



APÓS DOIS ANOS de negligência e desuso, a cabana e a baía ofereciam a desejada tranquilidade e isolamento que Lucas ansiava. Memórias que antes tinham sido tão dolorosas, que não conseguia acessá-las, agora se tornaram as teias de sobrevivência que uniram sua vida e a tornaram completa. Ele aproveitou os dois anos seguintes para visitar a cabana o máximo que pôde, reparando qualquer coisa que precisasse ser feita enquanto desfrutava mais uma vez da pesca e da extração de caranguejos na região.

Os cursos da universidade em que ele havia se matriculado eram internacionais, então seu estudo vinha com ele nos fins de semana para a cabana na baía. Ele se perguntava o que Nan e Pa teriam pensado sobre ele poder se sentar nas cadeiras de vime com vista para o oceano enquanto conversava com alguém em uma universidade distante, no exterior. As formas de comunicação haviam mudado significativamente ao longo dos anos, e, embora ele tentasse não deixar a tecnologia mudá-lo demais, a utilizava para estudar. No resto do tempo, aproveitara a chance de viver mais uma vez de forma simples, como quando era criança. Usando o básico que a terra e o oceano tinham a oferecer.

Ele sempre se perguntava por que tinha essa mentalidade antiquada; às vezes parecia muito com a de um eremita ou nômade que só queria escapar, fugir da corrida de ratos, smartphones, tráfego e, francamente, outras pessoas, incluindo aqueles de sua própria família que queriam mudá-lo, fazê-lo pensar como eles, entrar no século XXI e, pelo amor de Deus, obter alguma direção em sua vida.

Eles queriam saber para onde o estudo o levaria. Que possibilidades de emprego isso traria para ele? Por que ele não tinha uma namorada estável e quando ele iria se estabelecer? Por que desapareceu e vive como um eremita? Ele tinha depressão, era tão antissocial? Ele tinha problemas de saúde mental, talvez? Ele era gay?

As perguntas eram infinitas. Então, de maneira simples, era mais fácil evitar alguém que persistisse tentando desvendar seus motivos, e

supostamente aconselhá-lo e orientá-lo em seu curso de vida.

Luke ignorou e bloqueou qualquer um que quisesse fazê-lo ter obrigações e responsabilidades para se encaixar mais dentro do modo de vida deles. Sua família tinha boas intenções, eles mandavam e-mails e às vezes telefonavam, mas ele sabia que era diferente do resto deles. Não perseguia as grandes fortunas, a casa enorme e a coleção de arte, ou a vida acelerada em alguma capital barulhenta e lotada no exterior.

Definitivamente a ovelha negra, evitou as raras ocasiões em família, saboreando estar sozinho, concentrando-se nos estudos e vivendo naquilo que às vezes sentia ser uma bolha, desconectada da maior parte da palhaçada que acontecia no mundo exterior. Ele adorava isso; a forma como usava a tecnologia com moderação, a dificuldade que os outros tinham em contactá-lo, o isolamento e a solidão que vinha com a posse de seu pequeno pedaço de paraíso.

Como ele raramente trazia mais alguém para a cabana, ela permanecia escondida do resto do mundo, empoleirada na beira da baía. Uma vez, ele havia trazido um companheiro da uni porque achava que seu amigo gostaria da experiência da pesca. Luke ficou irritado com a incapacidade de seu amigo de ficar sem televisão e Internet, e com seu desejo de levar seu jet-ski e buggy na próxima vez em que fosse convidado. — Desculpe amigo — ele explicou a ele — Eu só uso a internet para estudar.

A lembrança ficou com ele, irritantemente, enquanto voltava à costa, deixando o barco deslizar nas ondas e subir facilmente na praia arenosa, parando calmamente enquanto seu nariz era empurrado para a areia.

O motor se aquietou e o único som era o de pequenas ondas criadas pelo barco enquanto deslizavam na areia. Luke pulou de lado, seus pés encontraram facilmente o fundo arenoso. As ondas eram sedosas e quentes em suas pernas, e ele ficou de pé desfrutando da tranquilidade e do isolamento absoluto enquanto seu corpo abraçava o calor do sol e a água cristalina que cobria suas pernas.

O *trevally dourado* estava apertado no balde e ele olhou para ele com desdém ao sair do barco. Era um pequeno consolo para o enorme cobia que ele havia perdido. Ele ainda podia sentir o peso dele na linha, a excitação, a antecipação emocionante da pescaria e depois apenas uma sensação de vazio. *Não mencionarei isso para ninguém*, pensou ele. *Não preciso falar*

sobre isso. Apenas esquecer!

Sua mente saiu do modo pesca e voltou à realidade cotidiana. Perdeu uma *cobia*, agora tinha que lidar com Sylvia de volta a cabana. Ele jogou a âncora na areia, protegendo o barco, lembrando a si mesmo que ele não teve escolha na noite passada. Ela se apresentou no pub e se colocou em uma posição em que ele sentiu que não tinha outra alternativa a não ser ajudá-la.

Luke raramente visitava o pub local, preferindo um vinho ou cerveja sozinho, geralmente sentado na frente do barracão enquanto observava o pôr-do-sol sobre as montanhas do oeste. Tinha sido, no entanto, o terceiro jogo do *State of Origin*, um daqueles jogos decisivos onde New South Wales e Queensland eram um só, com aquele jogo decidindo o vencedor da tão aclamada série.

Ele tinha se locomovido lentamente até a baía do leste, aproveitando a névoa do sol poente atrás da distante cordilheira. O pub local de um andar, cercado por areia, bancos velhos e bancadas de madeira, acenava a cerca de uns cinquenta metros de onde ele havia atracado o barco e ancorado sobre a areia batida. Pegou um hambúrguer e algumas cervejas, e se instalou perto da tela grande, pronto para o jogo.

Muitos dos moradores locais também haviam aparecido. Uma turma heterogênea, muitos como ele, vivendo nesta região por causa da solidão e isolamento; outros buscando um estilo de vida relaxado e desinibido; e alguns que usaram o anonimato do lugar para escapar e se esconder da lei ou da reputação de estilos de vida anteriores.

Este pequeno município, Quindry, ao qual pertencia o pub, era escondido, acessível por uma estrada de terra batida acidentada que se alagava com uma chuva; mesmo o mais resistente dos veículos de quatro rodas, muitas vezes, ficava atolado, a menos que o motorista tivesse um pouco de conhecimento e *know-how* local e pudesse contornar os perigosos buracos e valas que se escondiam do visitante desavisado.

A maioria dos clientes do pub conhecia Luke; ele era, afinal de contas, um rapaz local. Tinham acenado enquanto passavam por ele, um casal parando para uma conversa amigável, questionando suas conquistas na pesca. A conversa local era a mistura usual do tempo, marés e que peixes estavam por perto. Acenou educadamente, curtindo a conversa lenta que o recebia, aproveitando que, na cidade pequena, ao estilo do norte de

Queensland, ninguém investigava muito a fundo. Sem perguntas complicadas. Luke sentou-se junto com a multidão que se reunia, mas à parte, curtindo o burburinho e a emoção do jogo, contente com sua própria companhia, uma cerveja gelada e o saboroso hambúrguer Quindry, pelo qual o pub era conhecido.

A roliça Lindy, que trabalhava atrás do bar, foi até ele, interrompendo sua solidão, empilhando copos de cerveja manchados de espuma e limpando mesas de madeira.

— Como está indo, Lindy? — Luke perguntou, observando-a se endireitar, empurrando os cabelos para trás e ajustando a blusa enquanto se aproximava dele.

— Você está lindo como sempre, querido, — Lindy disse enquanto lhe dava um beijo de boas-vindas na bochecha. — Se eu fosse vinte anos mais jovem, querido, eu daria uma fugidinha com você em troca de seu dinheiro. — O seu sotaque de North Queensland enfatizava o “*lindo*” enquanto ela agitava os cílios, com os olhos azuis encarando Luke por entre as bochechas e sobranceiras enrugadas e manchadas de sol.

— Prazer em vê-la, Lindy. — Ele deu uma piscada, rindo enquanto se lembrava de quantos *amores, queridos e carinhos* ela gostava de acrescentar à sua conversa. — Você nunca parece mais velha. Aposto que ainda tem muitos caras correndo atrás de você. Eu posso ver Max ali ainda te olhando.

Os dois olharam para Max, que estava inclinado, quase caindo de seu poleiro no velho banquinho de lata. Max franziu o rosto de pescador, enrugado pelo sol, para enviar uma piscadela supostamente sexy para Lindy.

— Maldito Max — Lindy disse. — Ele não conseguiria organizar uma briga num pub, jovem, imagine convidar uma mulher para sair. O que ele pensa, querido? Que basta uma piscada e eu vou correr e me atirar nele? E então para onde ele me levaria por aqui, amor? Provavelmente se mudaria daquele banco em que ele está para o outro mais próximo e pensaria que teria feito bem em tentar algo novo e aventureiro. Não, jovem Luke, desisti dos homens, querido, eles são todos uns idiotas sem esperança por aqui. Apenas interessados na maldita pesca e na bebida, querido. Metade deles nem se lembraria de como colocar uma perna sobre uma bela mulher como

eu, não importando se tivesse realmente uma conversa inteligente.

Ela passou os olhos por cima do físico musculoso de Luke. — Não, querido, vou deixar isso para vocês, lindos jovens. Vou ficar com meus cavalos e com as corridas, querido. Pelo menos eu tenho alguma satisfação e prazer, e não tenho que responder a mais ninguém.

Ele ouviu educadamente, balançando a cabeça, enquanto ela continuava contando tudo sobre seus ganhos e perdas. Meio ouvindo, ele murmurou com aprovação enquanto ela falava, seus olhos focados no começo do tão esperado jogo de futebol.

Lindy se debruçou mais perto de Luke, recolhendo suas garrafas de cerveja Corona vazias e as fatias de limão enterradas até o fundo. — Olha só, amor, essa está pronta para problemas hoje à noite. — Ela acenou para a mulher que estava olhando provocativamente para eles. — Parece que ela está estudando como enrolar as pernas em torno de alguém antes que o apito marque o fim do jogo. Basta olhar em volta, com o que você tem que competir, querido?

Um calafrio percorreu seu corpo e ele experimentou uma mistura de sentimentos quando se virou para ver a mulher sobre a qual Lindy estava fofocando.

Lindy continuou a recitar. — Faça a sua escolha, deixe-me ver — ela disse, levantando as mãos, dando a impressão de pesar algo na balança. — Tem Bob ali, sim, sem os malditos sapatos, pernas feridas de mordida e com sarna, já curvadas de cinquenta e cinco cervejas esta tarde, e, sim, você adivinhou, com o dedo no nariz no momento, cavando algo que o está incomodando.

— Ou talvez Kevin do céu, barba suja manchada de nicotina pendurada no peito e dedos amarelos correndo continuamente através de seus longos e imundos cabelos sujos de Jesus. Pés rachados, cabelos sujos, cigarros sujos, arrotos malditos e peidos, resumem todo o maldito lote deles. Muzza e Tezza segurando o balcão, já mijados como lêndeadas, querido. A última coisa que lhes vem à cabeça são as mulheres. Peixe, futebol, cerveja, caranguejo na lama, rum e mais maldita cerveja, e honestamente, querido, o que mais os homens por aqui pensam ou precisam?

— Olha, meu amor, para o bando de jovens mineiros ali. Olhe as tatuagens, os músculos; você pode ver a agressão fervilhando. Ouça-os

gabando-se de quantas cervejas e runs eles podem beber em um dia. Maldito lote mau, todo esse lote; eu gostaria que eles voassem para as minas e ficassem lá.

Obviamente desencantada com a seleção de machos de Quindry, Lindy continuou com sua tirada. O batimento cardíaco de Luke havia voltado ao normal quando ela terminou seu serviço. Ele desejava ter podido contar quantos *doces, amores e malditos* houve naquele curto monólogo.

— Há ali outra turba de malditos jovens, querido. Eles parecem ter acabado de sair do jardim de infância; no entanto, parecem estar usando esteróides, mais tatuagens, mais músculos e mais agressividade. Mas presta atenção na linguagem deles, amigo, que está cheia dela. Tem muito dinheiro, esses malditos. ganhando toda massa nas minas e depois mijando contra uma parede. Têm os carros velozes e os malditos barcos grandes, mas não sabem como guardar para o amanhã. Bebidas, drogas, lutas e mulheres baratas, isso é o que importa a todos, querido.

Lindy atirou o cabelo para trás e se inclinou para o Luke. Mas ela — levantou as sobrancelhas — vai querer mais do que isso vendo que está de volta à cidade. Já passou por esses caminhos antes, sim. Não funcionou para ela, mas demorou muito tempo para resolver o problema. Escolha você, meu amor. Para quem você acha que ela está se dirigindo? Cuidado, amor, ela pode parecer boa, mas cara, ela tem que ter quase quarenta anos e eu posso garantir que ela é uma merda de problemas. Eu acho que ela está atrás de algo hoje à noite, querido

— Obrigado por isso, Lindy — Luke murmurou, esperando que um cliente a chamasse para uma bebida. — Sou capaz de cuidar de mim, mas obrigado pelo aviso.

Os lábios com muito batom se curvaram e Lindy sorriu para ele. — Não diga que eu não te avisei, querido — foi sua última palavra.

Diabos, pensou Luke, eu só queria assistir ao jogo e tomar uma boa cerveja tranquilo. Ele tentou reprimir o crescente nervosismo em seu corpo; foco no jogo de futebol, ele disse a si mesmo.



UM ANO APÓS Um ano após Luke ter conhecido Sylvia, ela desapareceu, abandonando Luke e a cidade de Quindry onde ela havia crescido, para trabalhar e um homem em Proserpine. Após dez anos fora, ela havia retornado recentemente, com o coração partido, sem dinheiro, deixando uma série de relações voláteis e sem amor atrás de si. Embora mais velha, ela ainda era uma beleza de cabelos escuros e de boa aparência, cuja pele de azeitona e olhos brilhantes não deixavam dúvidas quanto à sua herança italiana. Ela falava com suas mãos, apaixonada e selvagem.

Não demorou muito para encontrar Luke sentado quieto, bebendo sua cerveja e esperando o apito inicial.

Sentindo os olhos de Sylvia sobre ele, Luke girou ainda mais no seu banco, voltado para longe dela. "*Concentre-se diretamente na tela*", ele continuou dizendo a si mesmo, enquanto a multidão de Lang Park cantava alto, fora do tempo, como de costume, ao fundo com a música daempre, com a música de fundo da '*Advance Australia Fair*'. A multidão no pub também estava de pé. Alguns cambaleavam e balançavam com a música, já sem pernas, mas a maioria cantava com raiva, adicionando paixão ao jogo mais cobiçado do ano.

Luke sentiu um formigamento no pescoço enquanto Sylvia respirava levemente atrás dele, fazendo com que ele se virasse, com o rosto a apenas centímetros do dela.

— Opa — ele disse, perdido por palavras.

— Como você está indo? *Bonjourno*, meu adorável bebê Luke, faz muito tempo desde que nos cruzamos — ela disse com uma voz rouca.

— Sim, bom te ver. — Sua resposta foi curta e hostil, e ele cerrou os dentes quando Sylvia puxou um banquinho ao lado dele. Sua resposta automática era dizer a ela para desaparecer, mas ele era um cara legal demais e simplesmente não tinha isso dentro dele.

— Estou realmente querendo assistir à partida — ele disse abruptamente.

Outros ao seu redor não tiravam os olhos da tela; apenas Lindy estava

assistindo os movimentos de Sylvia. A italiana de cabelos escuros se inclinou para mais perto, seu peito semi-exposto empurrando convenientemente as costas dele.

— Não se preocupe — ela cantou ao tocar seu braço bronzeado. — Vou sentar em silêncio e podemos conversar nos intervalos, lembrar os bons tempos. — Ela suspirou. — É tão bom te ver. Você está maravilhoso.

— Obrigado, Sylvia, já faz muitos anos, mas você está encantadora como sempre. Eu acho que você pode encontrar uma companhia melhor do que eu aqui hoje à noite, porque não estou com vontade de falar. Nada pessoal, apenas gostando de estar aqui sozinho.

— Aah, meu bebê Luke, você cresceu muito. Quantos anos você tem? Deve ter vinte e oito, talvez vinte e nove. Faz muito tempo desde a última vez que nos encontramos. Depois de todos esses anos, certamente você quer conversar.

— Certo, Sylvia, foi há muito tempo e vou ser franco em dizer que não estou interessado na sua companhia esta noite.

— Bem, vou deixá-lo sozinho por um tempo e mais tarde vamos ver como você está indo. — Ela se levantou complacentemente, beijando seu rosto de forma sedutora, antes de se atirar à multidão de homens mais jovens, agora imersos em uma grande quantidade de jarras de cerveja, alguns deles comparando as tatuagens Southern Cross que enfeitavam suas costas e pernas.

Uma gama de emoções irritou Luke, rodopiando em sua cabeça, uma sensação de torção, agitando enquanto ele tentava se concentrar no jogo. A cerveja, que agora fluía muito rapidamente da garrafa para sua garganta, tentava pegar seus pensamentos e sentimentos e empurrá-los para o lado. Lidarei com isso depois, ele ofereceu sua própria mente.

Depois de um tempo, ele olhou para Sylvia sentada no colo de um dos rapazes corpulentos do grupo, com as mãos segurando-a pela cintura enquanto ela escolhia, com sede, uma das muitas jarras oferecidas. Seu vestido floral de cores vivas parecia deslocado entre os montes de roupas azuis, as camisas de trabalho estilo fluoro e os velhos e sujos shorts stubbies dos homens locais que se reuniram para passar a noite. Apenas algumas outras mulheres estavam no pub, quase tão bêbadas quanto seus parceiros, a conversa e os palavrões das mulheres e dos homens claramente audíveis

acima do comentário entusiasmado da partida de futebol.

Os frequentadores de sempre, pensou Luke. Ele se permitiu um rápido olhar, lembrando-se da força das pernas bronzeadas e bem torneadas de Sylvia, agora expostas e ganhando admiração dos jovens com quem se divertia e ria. Voltou para o jogo na TV. Graças a Deus, pensou ele, este lote vai mantê-la ocupada e dar-lhe muita atenção pela noite, longe da tentação e de mim.

Concentrando-se no jogo ele tentou em vão bloquear as memórias, os pensamentos que batiam dentro de sua cabeça. Vê-la depois de todo esse tempo foi confuso, e quando ele pensou na primeira noite que passou com ela, pareceu como se fosse ontem. Ele se lembrou da festa, dos locais, do fogo e do álcool que ele havia consumido, da maneira como ela havia olhado para ele e o levado para longe da multidão que havia se dispersado em sua maioria. Fechando os olhos, as memórias o inundaram.

Naquela primeira noite em que ele a encontrou, estava bêbado, e Sylvia, para se divertir, o puxou pelo braço, rindo e falando, em certo momento pulando em suas costas, obrigando-o a carregá-la através das pedras rochosas que compunham o caminho que levava à pequena cabana de estanho que ela chamava de lar. Luke estava tonto; a quantidade copiosa de uma mistura de bebidas alcoólicas fazia com que ele formigasse dos dedos dos pés à cabeça, distorcendo um pouco seu discurso enquanto tentava soar maduro e viril em suas respostas.

Uma vez dentro da cabana não tinha havido muita conversa. Sylvia o havia guiado até uma cama de casal, fechada com uma rede mosquiteiro colorida presa em um gancho no teto. Um pequeno candeeiro de cabeceira emitia uma luz suave e ela lhe disse para relaxar e tirar os sapatos.

— Eu só vou me refrescar, querido — ela gritou enquanto desaparecia até um quarto nos fundos da cabana.

Nervoso mas curioso, Luke espreitou pelo quarto pouco iluminado. Sylvia tinha feito um ambiente caseiro, considerando a aspereza do que realmente era, e estava obviamente em seu quarto, o móvel cheio de bijuterias e maquiagem, escolhas deixadas sem uso esta noite, espalhadas por seu tampo de madeira. Os móveis brutos tinham sido arrumados usando almofadas e colchas coloridas, proporcionando uma decoração vibrante ao que normalmente teria sido um quarto básico para um pescador em repouso

entre os turnos.

Ele se lembrou do nervosismo que havia experimentado enquanto se sentava na beira da cama dela, desatando seus sapatos e se perguntando o que deveria fazer a seguir. Sentado rigidamente, incapaz de se mover, ele ouvia os sons vindos do banheiro próximo, olhando fascinado quando Sylvia reapareceu, banhada e refrescada, vestida apenas com um minúsculo penhoar preto que mal cobria a parte superior de suas longas pernas.

Olhar para ela de pé, seduzindo-o com sua postura, no vão da porta, havia feito com que ele se sentisse ainda mais nervoso. Sensações de ansiedade e ardor fluíam por todo o seu corpo e ele sabia que não havia como fugir. Mas será que ele realmente queria?

Houve alguns encontros com mulheres durante seus anos de escola, nada muito emocionante, apenas os episódios ocasionais de beijos e carícias que geralmente aconteciam nos cantos escuros das festas ou nos bancos de trás dos carros. Normalmente as garotas tinham a mesma idade que ele, atrapalhadas, pedindo desculpas muito parecidas com ele, apenas tentando ter uma sensação do que não tinham sentido antes, trabalhando em como entrar e sair das roupas que cada um usava. Zíperes, botões e aqueles malditos pequenos cliques que mantinham um sutiã preso. Aprendendo como beijar corretamente, decidindo o que era bom, e empurrando os limites para ver até onde um ou outro iria, o que nunca tinha ido até o fim.

Isto era diferente. Agora a maldita lâmpada ainda estava acesa, e ele tinha a sensação de que não haveria roupas sob o penhoar preto de Sylvia, e ele, ela, tudo seria visível sob o brilho amarelo da lâmpada de cabeceira.

— Eu quero me deitar com você, Luke — ela sussurrou com voz rouca quando abriu a rede de mosquitos e entrou, chamando-o a seguir. Sylvia deu um tapinha na cama ao lado dela, sinalizando onde ela queria que ele estivesse. — Venha aqui, amor, vou te mostrar como amar e ser amado.

Ela ficou animada quando ele hesitou e riu com confiança, puxando-o com firmeza na cama. Luke estava com os olhos arregalados, todos os músculos do corpo apertados, tensos e excitados, o álcool não parecendo mais afetar seus pensamentos ou movimentos.

Ele olhou fixamente enquanto o penhoar de Sylvia se abria, revelando um corpo suave e voluptuoso coberto apenas por uma calcinha minúscula. Sob o brilho suave da lâmpada ela se virou para ele, maravilhando-se com a

firmeza e juventude de seu corpo, acariciando suas costas e ombros, colocando suas mãos dentro de sua camiseta dos Rolling Stones com a colorida boca de Mick Jagger. Rindo alto da maneira como seu corpo reagiu, depois tranquilizando, sussurrando em seu ouvido, aliviando seu constrangimento enquanto ela desabotoava seu jeans, suas mãos experientes encontravam seu próprio caminho enquanto ele tentava respirar uniformemente e não permitir os barulhos que queriam escapar seus lábios para se tornarem audíveis.

Aquela noite ainda estava vividamente clara em sua memória, mesmo mais de dez anos depois. A maneira como ela lhe mostrou como dar prazer a ela primeiro, permitindo que ele descobrisse e sentisse todas as partes de seu corpo. Ele se lembrou de como a respiração parecia difícil e do momento em que seu corpo doía, pelo que ele não tinha certeza.

— Divirta-se, baby — ela sussurrou, seus lábios beijando suavemente ao longo do pescoço dele, passando as mãos pelos cabelos dele.

— Não tenho certeza do que você quer — Luke gaguejou, sua voz trêmula de adolescente o traindo.

— Luke, baby, você já fez amor antes? — Sylvia perguntou.

Ele balançou a cabeça, incapaz de formar as palavras. Ele estava com dificuldade para respirar, não se importando em responder perguntas.

Os olhos dela arregalaram quando percebeu a extensão do dilema dele, uma risada suave escapando de seus lábios grossos e sensuais. — Bem, essa pode ser uma noite inesquecível para nós dois. — Ela se inclinou para a frente agora, de joelhos, o penhoar preto completamente aberto, expondo tudo o que havia por baixo.

A experiência de Sylvia fez um rápido trabalho de cintos e zíperes, e antes que ele se desse conta ela tinha sedutoramente retirado seus jeans, deixando-o nu e exposto, de costas para cima da cama dela. O que se seguiu foi o que Sylvia gostava de chamar de sua “*primeira lição sobre fazer amor*”. Embora ela passasse o que parecia ser um tempo sem fim acariciando e tocando cada parte do corpo dele, ela também o ensinou a agradá-la.

A maior parte da lição foi perdida para Luke, que se viu envolvido pela névoa do álcool, bem como pela explosão hormonal de um garoto de dezessete anos que, de repente, havia perdido sua virgindade com uma

mulher mais velha, muito experiente e voluptuosa. Não que ele tivesse se importado na época; seu corpo era incrível, sua aparência transformou sua cabeça e seu modo de fazer amor ... sim, ela merecia o título de "*professora do amor*", que ela gostava de usar.

Luke tinha ficado toda a noite e, com o sol nascente da manhã, tinha experimentado os lábios e a boca de Sylvia sobre ele de maneiras que ele só tinha imaginado. Ele foi apanhado, fispado na linha e afundado.

Aquela noite foi a primeira de muitas. Ele retornou repetidas vezes à cabana rústica, situada distante, na mata de Quindry. A pequena lâmpada era deixada acesa para avisá-lo que podia entrar, e ninguém na sua casa ou na de seus companheiros, reparava em suas ausências noturnas, imaginando que ele estivesse hospedado em um dos outros lugares aonde costumava ir. Ele era a última das preocupações de qualquer outra pessoa, exceto a de Sylvia.

Na época não havia questionado o que ele acreditava serem encontros eróticos e românticos. Afinal, ele tinha apenas 17 anos, totalmente apaixonado e desfrutando o segredo de sua vida amorosa desenfreada com Sylvia. Ele a amava, era simples e claro, e ela obviamente o amava. Por que mais ela pressionaria seu corpo contra ele, permitiria que ele a tocasse por toda parte e lhe ensinaria como ele poderia sempre mantê-la feliz? Ela compartilhou com ele pensamentos e sonhos, guiando, tocando as partes mais íntimas e privadas que existiam em seus corpos.

Fazia refeições italianas para tentá-lo: ravióli à bolonhesa e pizza; Sylvia começava seduzindo-o com um tiramisu feito especialmente para ele; e terminava com longos e apaixonados beijos cheios de desejo de fazer amor que era sempre o resultado final de suas visitas. Ela preenchia o vazio como mãe, amante e amiga.

Olhando para trás, ele pôde ver o que haviam sido os pensamentos simplistas, românticos e idiotas de um adolescente. Ele pensou que isso nunca iria acabar. Eles se casariam e teriam filhos. Havia fotos deles de mãos dadas, rindo, se beijando carinhosamente, cercados por crianças agarradas; um bambino fofo sentado nos ombros. Tudo estava traçado em sua mente. A vida ia ser boa.

E então, depois de um ano, ela se foi; o romance, os sonhos e as lições de amor sumiram com sua saída. O único vestígio do caso foi uma nota

deixada sob o bule de esmalte azul em sua cômoda de carvalho silvestre. Ele o havia rasgado em mil pedaços e jogado longe no oceano, vendo seus sonhos e seu amor serem engolidos pelas ondas que batiam na praia de Quindry.

Normalmente tentava não pensar nesta etapa de sua vida, preferindo guardá-la com as outras dores e mágoas do passado, empurrando-a para baixo. À medida que ganhava maturidade e a perda da adolescência se desenrolava, ele às vezes olhava para trás, lembrando como tinha sido destruído na época, mas agora, como adulto, esse final inevitável era tão fácil de prever.

Percebendo a loucura de tudo isso, com o passar dos anos, por vezes ainda se ressentia, chegando mesmo a sentir raiva de como tudo isso havia acontecido. Ela sabia o que estava fazendo, que acabaria se afastando e que tudo o que procurava era o sexo, a excitação, o sentimento de um rapazinho que ainda não era homem.

Ela o havia esmurrado por um longo tempo, e naquele mesmo ano ele procurou solidão e reencontrou, redescobriu o isolamento e a segurança doméstica da cabana de pesca. Seus livros preciosos mais algumas novas leituras, o tempo de ir pescar e a solidão que lhe permitia desfrutar de seus próprios pensamentos fizeram-no perceber que tinha feito parte do seu jogo, que a culpa não tinha sido dele e que precisava superar isso e seguir em frente com sua vida. Era hora de deixar isso para trás, consertar o coração e não pensar nela ou naquelas muitas noites; bem, só às vezes.

E era exatamente isso que ele tinha feito. Seguindo em frente, ele se fez superá-la; havia amadurecido e expulsado aquele sentimento de amor perdido. Mas esta noite, depois de dez anos, isso voltou para assombrá-lo, e ele estava de novo cara a cara com a respiração suave dela em seu pescoço e a pele sedosa em seu braço.



LUKE PRENDEU A corda do barco à polia. Puxando suavemente, observou como o pequeno estanho deslizava, amarrado, em direção à boia pesada. Ficou de pé e olhou adiante, sobre a baía cintilante. A água cristalina com os pequenos peixes entrando e saindo, estava diretamente na sua frente. Além disso, a água se aprofundava na escuridão azul que continuava até onde o olho podia ver. As gaivotas se lançavam e gritavam, mergulhando, brigando, juntando os minúsculos pedaços de isca que ele havia descartado de volta à costa.

O oceano se movia lentamente, a superfície plana, brunindo calmamente. Sem uma alma à vista, azul sobre azul, brilhos de diamante decorando a superfície, cintilando iridescente à luz do sol brilhante.

O calor do dia encharcado em sua pele, o sol agora quente permeando suas roupas de pesca, aquecendo seu corpo. Ele se despiu, caminhando para as águas profundas, mergulhando, aproveitando o luxo e a segurança de nadar nos meses mais frios do inverno, quando as águas-vivas letais estavam de férias em águas mais quentes, mais ao norte. Boiando de costas, ele fechou os olhos, deixando o calor do sol inundá-lo, a água salgada fresca em seu corpo. Afastando o inevitável, ele nadou lentamente, deleitando-se com o prazer de se exercitar nu no oceano, sua forma física era evidente ao nadar alguns comprimentos paralelos à linha da costa.

Finalmente ele se virou para a praia, os fortes movimentos de seus braços destacando os músculos de seu corpo jovem em forma, enquanto deslizava através da água vítrea, passando pelas águas rasas até a praia arenosa.

A sensação salgada que a água do mar deixava em seu corpo era revigorante, embora sentisse uma pontada de irritação ao envolver uma velha toalha na cintura, lembrando que hoje, pela primeira vez, ele não era a única pessoa na cabana.

Um estreito caminho de areia, emparedado desigualmente com concreto quebrado, ia em direção à cabana de pesca escondida e ele caminhava devagar, desiludido pelo grande peixe que perdera e apreensivo com a

conversa que teria de ter com Sylvia.

O silêncio o cumprimentou e Luke deixou, de propósito, os baldes de pesca e o equipamento caírem ruidosamente sobre a varanda de concreto rachado. Anunciando sua chegada, pisou forte, livrando-se da areia encrostada que se agarrava a suas pernas e pés. Mas nenhuma Sylvia emergiu da porta como ele esperava.

Porra, ele pensou, ela ainda deve estar na cama, dormindo. Ele foi até o quarto dos fundos para encontrar Sylvia exatamente onde ele a havia deixado; nua e jogada provocativamente sobre sua cama. Incapaz de se ajudar, seus olhos viajaram sobre o corpo dela, notando que o tempo tinha sido bom para ela; sua pele de oliva ainda jovem, tonificada e esticada; seus cabelos escuros, longos e grossos, derramando-se sobre o travesseiro descansando sobre seios bem firmes, seus mamilos escuros e eretos.

O estômago de Sylvia ainda estava liso e tonificado, estreitando-se para o triângulo escuro de pelos encaracolados, que se encontrava entre seus quadris. Ele ficou fascinado, incapaz de tirar os olhos dela enquanto seguia a linha dos quadris e suas lindas e torneadas pernas, uma jogada descuidada sobre a outra, um joelho flexionado provocadoramente para que suas costas, modeladas, acenassem, subindo, as curvas cheias e arredondadas.

Luke podia sentir seu próprio corpo agitado, traindo-o. Incapaz de resistir, inclinou-se para frente, passando o dedo suavemente pelo seu quadril, traçando uma linha invisível na parte de trás da perna dela. Sua pele era a mesma da qual ele se lembrava, sedosa e lisa, e surgiam arrepios onde ele havia tocado.

Ela abriu os olhos lentamente, olhando profundamente para dentro dos dele. — O que aconteceu com minhas roupas?

Luke demorou um bom tempo antes de responder. — Você as tirou antes de tomar conta da minha cama.

— Você as tirou de mim? — Sua voz estava trêmula, rouca; sem dúvida a consequência de muito vinho na noite anterior

— Não, certamente não, fez isso sozinha. Eu só a trouxe aqui porque senti que tinha algum tipo de responsabilidade em relação a você. Os caras com quem se ligou no pub ontem à noite estavam bêbados e agressivos. Eles são de fora da cidade. Eu os ouvi conversando sobre você e suas intenções e, por algum motivo, achei melhor cuidar de você.

— Não lembro muito. — Ela se esticou indiferente, revelando diferentes partes do corpo.

— Você estava tão bêbada que iria para casa com alguém. Eles eram muito ruins, Sylvia. Por que se mistura com caras assim? Eles só vão te tratar como merda.

— Você não precisava cuidar de mim.

— Não me deixou escolha. Certamente não teria sido meu objetivo trazê-la para cá, mas aparentemente você não tem um local fixo de residência no momento. Então, antes que pergunte, não, não dormimos juntos na noite passada, não nos beijamos, não nos tocamos, nossos corpos não se encontraram. Você simplesmente se despiu e desmoronou nesta cama. Eu dormi na cama de armar.

— Obrigada Luke, Sylvia disse. — No entanto, eu poderia ter tomado conta de mim mesma. Tudo teria ficado bem. Você sempre se preocupou muito.

Luke balançou a cabeça. Continuava o mesmo, pensando que ela estava no comando, que tudo iria dar certo.

— Eu preciso que saia daqui — ele disse, enquanto se afastava da cama. — Está mexendo com a minha cabeça. Eu desisti de pensar e me perguntar por você há muito tempo.

— Deus, Luke, isso foi anos atrás. Foi uma grande aventura enquanto durou, não foi? — Ela tirou seus cabelos debaixo do pescoço, consciente de que os olhos escuros dele não tinham deixado seu corpo nu. — Talvez pudéssemos retomar de onde paramos.

— Eu tenho minha própria vida e não tenho intenção de retomar de onde paramos. Sério, Sylv, você precisa se cobrir. — Ele puxou o lençol sobre ela, sentando-se na cama enquanto separava as roupas que estavam espalhadas por perto.

Sylvia se aconchegou embaixo do lençol, conversando com ele e fazendo perguntas como se eles tivessem se visto há pouco tempo. Luke se viu atraído pela conversa de vidas, empregos, velhos amigos, assuntos seguros, e logo eles estavam conversando como haviam feito tantos anos antes.

Sylvia disse a ele que só tinha voltado a Quindry para uma pequena

pausa. Depois de recentemente romper seu último relacionamento na cidade e fugir, ela agora tinha conseguido um emprego na próspera indústria de minas a oeste. Com início previsto para daqui a alguns dias, ela havia planejado ficar no Quindry Motel, aproveitando um pouco do sol e da areia antes de sair para a empoeirada bacia mineira no interior.

— Eu realmente nem pensei que você ainda estaria nessas partes, Luke — ela disse suavemente.

— Vou seguir em frente em breve — ele respondeu. — Tenho um último curso para fazer, o que significa que preciso me mudar para Brisbane por um tempo, algo que não estou ansioso para fazer. As cidades não fazem nada por mim e eu pretendo terminar o mais rápido que puder e depois voltar para cá novamente.

Sylvia ouviu atentamente. — Você tem uma garota, Luke?

— Não — ele respondeu, uma resposta definitiva. — Tive muitos relacionamentos ao longo dos anos, mas sempre sou eu quem os termina. Eu não sei, nunca parecem certos.

Ele podia sentir a habitual facilidade que sempre teve com Sylvia; ele podia falar com ela, havia algum tipo de conexão. — Muitas garotas hoje em dia estão ligadas a todas as coisas na vida com as quais não me importo. Merdas materialistas. Quem se parece com o quê, quem é dono disso, quem tem as roupas mais caras. Vamos tirar uma foto disso, você precisa ser visto comendo nesse café e garantir que esteja em dia com o que há de mais moderno. Não parecem querer absorver o momento, olhar e sentir as coisas naturais da vida. Eu me sinto muito diferente a maior parte do tempo. Estou honestamente em uma onda diferente do que a maioria das pessoas que encontro. Muitas vezes eu simplesmente não me encaixo na sociedade moderna.

— Luke, você não mudou nem um pouco. Ainda é uma alma tão gentil e natural e eu nunca deveria ter saído como saí. No entanto, eu fico confusa, quanto ao que eu quero, e acho que, para ser honesta, a atração por você naquela época era muito física e muito sobre a juventude e como eu achava que a minha estava escapando de mim.

— Está tudo bem, Sylvia, foi apenas um momento no tempo, e talvez eu tenha aprendido algo, ou me mantido firme numa época em que tudo mais estava desmoronando.

Sylvia acariciou o lado de Luke, passando suavemente as longas unhas pintadas ao longo do contorno de seu tronco musculoso. Seu corpo tremia enquanto ela se aproximava do local onde ele se sentava, o lençol escorregando para baixo, expondo sua perna e fazendo o contorno de seus quadris esculpidos.

— Você sempre pode se abrir comigo, Luke. Você ainda fala comigo como um velho amigo, ou amante.

Sylvia estava deitada na cama na frente dele. Aquele maldito cacho de cabelo preto encaracolado irresistível acenando para ele tocá-lo. Ele não conseguiu se conter; fazia tanto tempo desde a última namorada dele, outro relacionamento unilateral que terminara mal. Claro, com as últimas garotas o lado físico do relacionamento tinha sido ótimo, mas ele teve que admitir para si e para a parceira de coração partido que ele não tinha sentimentos profundos por ela, e nunca teve realmente.

Nunca foi fácil. Ele não gostava de machucar ninguém e as últimas namoradas haviam declarado seu amor por ele e se apegaram, tornando muito difícil para Luke terminar até os namoros mais curtos. Estar em um relacionamento tinha se tornado muito difícil e ele tinha achado mais fácil ficar longe das garotas, que pareciam rápidas para se prender e assumir que o queriam.

Mas a situação era diferente, e ele sabia pelo passado de Sylvia e sua atitude casual que ela não esperaria nenhum compromisso ou votos de amor dele.

Afagando o quadril dela, ele correu com a mão e depois pela parte de dentro da perna dela. E, como uma garota italiana, ela se espalhou nua, com as pernas jogadas casualmente uma sobre a outra, aparentemente impecáveis no quarto ligeiramente escuro. Luke se virou para encará-la, admirando todo o comprimento de seu corpo maduro e bem bronzeado.

Algo estalou dentro dele e de repente ele soube que a queria, que tinha um desejo esmagador de estar dentro dela, controlando suas necessidades. Não havia nada de romântico em seus sentimentos; era pura luxúria sexual e talvez uma sensação de desejo de poder. Ele podia senti-lo quando se voltava para ela. Descansando na cama dele, ele sabia que ela o atraía, tentando controlá-lo, mas desta vez... desta vez seria diferente.

Esperando pacientemente, antecipando sua reação, Sylvia estendeu a

mão para ele, acenando-lhe para deitar-se ao lado dela, para tirar-lhe a toalha. Luke não tinha a intenção de atender aos seus desejos e agarrou o braço dela, que lhe acariciou gentilmente a perna.

— Os tempos mudaram, Sylvia — ele disse asperamente. — Que tal você fazer o que eu te digo.

— Luke — ela disse — enquanto você estava pescando, eu estava deitada aqui pensando em todas as coisas que quero fazer com você, assim como costumávamos brincar. Você sempre foi tão bom em fazer o que eu pedia para você. — Ela inalou bruscamente, surpresa com o olhar zangado em seu rosto quando ele inclinou seu corpo sobre o dela, seu rosto próximo, olhos escuros brilhando e bloqueando os dela.

— Bem, se você me quiser desta vez, Sylv — ele disse laconicamente — será nos meus termos e você terá que fazer o que te mandam por uma vez.

Seu corpo estava rígido com excitação, os músculos tenso, enquanto ele pegava suas duas mãos e esticava seus braços bem acima de sua cabeça. Começou beijando-a na boca, puxando o lábio inferior dela, divertindo-se com a intensidade de sua resposta, enquanto seus lábios se moviam através de sua orelha, enroscando-se no pescoço dela, fazendo-a contorcer-se e lutar. Luke era muito mais forte do que havia sido há dez anos e podia ver a surpresa nos olhos de Sylvia enquanto a segurava firmemente, não permitindo que ela envolvesse seus braços em torno dele ou o tocasse. Ele sabia que era isso que ela mais amava; tocá-lo, para fazê-lo implorar por libertação.

— Meus termos, Sylv. — Ele usou o velho apelido.

Mantendo as mãos dela acima da cabeça, Luke usou sua outra mão para provocar e tocá-la, enquanto os pelos ásperos nascendo em seu rosto deixavam um sinal evidente na pele dela.

— Deixe-me tocá-lo, Luke — ela pediu suplicante.

Luke estava seguro: a velha toalha dele ainda estava enrolada na cintura e as mãos de Sylvia estavam presas em segurança acima da cabeça, o corpo esticado como se estivesse amarrado em cada extremidade da cama.

— Você precisa fazer o que eu te digo — ele disse. — Eu não sou mais um doce garoto inocente de 17 anos, Sylvia, e você não é mais a

responsável.

Seu corpo torceu quando a mão dele a acariciou, esfregando os pelos finos que levavam ao triângulo de cabelos escuros abaixo. Movendo as mãos entre as coxas dela, ele sentiu seu próprio poder recém-descoberto. Os dedos dele brincaram, tocando-a por todo o corpo, os lábios se movendo sobre os seios dela enquanto as costas se arqueavam, os braços firmemente pressionados para avançar, querendo arranhá-lo e agarrá-lo. Mas Sylvia estava segurando firme, seu corpo se contorcendo, enquanto tentava se mover.

— Luke, baby, Eu não aguento muito mais. Eu preciso de você. Eu preciso te tocar. Deixe-me te beijar todo.

— Fique parada — ele disse bruscamente, sua boca se movendo sobre o corpo dela.

Deitada de costas, não conseguia tocá-lo ou mover-se para onde queria. Ele correu a mão entre as pernas dela novamente, afastando-as com o joelho, observando que por uma vez ela havia feito o que ele havia dito. Ela começou a gemer alto enquanto seus dedos se moviam para cima e para baixo, empurrando com força entre as pernas dela, tocando-a silenciosamente, acariciando-a com força, pressionando com mais força enquanto seu corpo estava sob o dele.

Sylvia implorou, suplicando, sua voz rouca — Por favor, Luke, eu não aguento, você sabe que tenho que tocá-lo.

— Não, Sylvia. — Ele finalmente sorriu, embora sua voz fosse áspera. — Faremos isso do meu jeito.

Sensações elétricas fluíam através de corpo dela e Luke assistia atentamente, focado a cada área que ele estava tocando. Ele afastou-lhe as pernas e ela soltou um gemido profundo, seu corpo arqueando quando ele soltou suas mãos, a boca correndo sobre seus seios e estômago. Gemendo alto, suas mãos estavam agora livres, mas incapazes de fazer qualquer coisa, exceto agarrar loucamente os lençóis debaixo dela.

— Por favor, Luke, eu preciso de você — ela ofegou, seu corpo respondendo loucamente ao toque dele.

— Ainda não, apenas quando eu estiver pronto — Suas mãos continuaram se movendo sobre ela, nenhum ponto em seu corpo foi deixado

intocado enquanto ele a atormentava, não mais o toque suave que ela amava, mas sim uma aspereza que a fazia sentir, caramba, como se *ele* estivesse no controle, não ela.

— Luke, Luke — ela ofegou, puxando a toalha do corpo dele. — Eu não consigo respirar. Por favor, por favor.

Luke pressionou seu corpo nu sobre o dela, baixando seus quadris, empurrando-se profundamente dentro dela, observando seu rosto enquanto ela ia e vinha. Enquanto se movia para frente e para trás dentro dela, ele sabia que sentia as mesmas emoções, ou falta delas, que tinha com suas ex-namoradas. Sexo, libertação, não parecia importar quem estava deitado debaixo dele, o sexo era ótimo, mas era isso, era só isso: sexo sem emoção, sexo físico.

Os músculos fortes de Sylvia se apertaram e o agarraram, fazendo-o se forçar ainda mais, mais forte; querendo mais, sentindo que ele ia explodir e se partir em um milhão de pedacinhos. Seu corpo respondeu descontroladamente, as pernas enroladas firmemente ao redor dele, até que ele explodiu em uma liberação gemida de energia sexual bruta. O tempo pareceu parar enquanto seus corpos entrelaçados se moviam devagar e firmemente juntos.

Depois eles se deitaram calmamente, Sylvia ainda sob ele, o coração dela disparado, pressionado contra seu próprio coração palpitante, a pele deles formigando com os efeitos secundários, um momento no tempo abrangendo-os enquanto eles se enroscavam juntos. O mundo exterior foi esquecido, junto com a diferença de idade e as dores do passado; era como se nada mais existisse.

Corpos entrelaçados, eles adormeceram, a brincadeira matinal esgotante, o amor drenando física e emocionalmente para ambos.



O SOL ESTAVA alto no céu, iluminando o quarto escuro e aquecendo o ar ao seu redor. Sylvia viu Luke deitado, olhando para o teto.

— Sylv, vamos lá, estamos perdendo o dia.

— Que diabos foi isso? — ela respondeu. — Sinto como se estivesse em uma máquina de lavar, jogada, amarrada e sugada por um vórtice. Isso foi uma puta tortura, mas também foi extasiante, como nunca havia experimentado antes. Eu não te ensinei nada disso.

— Sylv, minha linda, você não foi a única mulher na minha vida. Você pode ter me dominado e controlado durante aquele ano, mas isso logo me ensinou a nunca deixar nenhuma mulher ter nenhum tipo de controle sobre mim. E você sabe o quê? Até hoje, nunca encontrei ninguém que eu permitisse chegar muito perto de mim, fazer escolhas por mim ou me guiar em qualquer direção. Sou um lobo solitário e dou graças por isso. Acho que não quero me machucar ou ser controlado como nos momentos que passei com você. Usado e depois cuspidos, despejados, um nada, exceto um mísero recado.

Ela se levantou, olhando para ele. — Então você não gostou disso, do que nós acabamos de ter?

— O que você acha, Sylv, é claro que gostei de tocar em você, estar dentro de você. Seu corpo é incrível, e você é uma mulher bonita. A melhor parte foi que eu tinha controle, controle total sobre seu corpo. Então, acho que para mim é algum tipo de final. Um encerramento pelos anos de confusão e mágoa, as dores e o vazio que você deixou para trás. Eu era um brinquedo para você. Admita, Sylvia. Se não, o que eu era?

Ela não conseguiu responder e começou a se levantar lentamente da cama, encontrando e depois vestindo suas roupas. Na luz do sol da manhã, ela parecia cansada e mais velha.

— Eu amo o sexo, Luke — ela respondeu. — Acho que é por isso que continuo seguindo em frente, nunca realmente satisfeita, porque se trata apenas do lado físico de um relacionamento.

— Eu me senti conectado a você uma vez — Luke disse. — Eu te

adorava e queria passar o resto da minha vida com você. Talvez eu fosse apenas um adolescente, mas eu acreditava que estava apaixonado. Eu já me senti assim, mas agora passou. Hoje em dia, acho fácil o lado físico de um relacionamento, mas, como acabei de dizer, existe uma grande lacuna nas conexões emocionais que tenho. É como o que acabou de acontecer aqui, no fim das contas. É apenas sexo, para mim. Eu acho que tenho que agradecer você por isso.

— Você é um amante fantástico, Luke. Eu nunca experimentei algo assim antes. Isso foi intenso e agreste.

Eles se encararam, Luke finalmente falou. — Já disse o suficiente. Estou faminto depois disso. Saia quando estiver pronta, porque eu estou preparando um grande café da manhã. Tem uma toalha sobressalente no armário ali e o chuveiro está lá fora, vá pela porta dos fundos. Cuidado com as cobras.



SYLVIA VOLTOU, o banho obviamente a revitalizou. Luke admirava como ela ainda parecia jovial, enquanto ela se sentava na velha mesa de madeira posicionada na frente da cabana. Ele preparou pratos generosos para os dois, com tomate frito, cebola e ovos escalfados com bacon crocante, suco de laranja e café. Eles ficaram juntos conversando como dois velhos amigos, rindo, lembrando e discutindo direções futuras.

Ele disse a ela como a cabana lhe pertencia agora. Ele ia arrumar tudo, comprar algumas coisas, trancá-las e deixar a cabana vazia enquanto ele morava em Brisbane para concluir seus estudos.

Sylvia falou sobre seu novo emprego nas minas. — Eu acho que posso conhecer alguns homens sensuais por ali. São principalmente caras, e eles ganham muito dinheiro. Todos ganharam dinheiro sem ter para onde ir, e muitos deles são solitários. Eles ficam lá por semanas a fio, sem nada para fazer à noite.

Ela se recostou, apreciando a comida saborosa que lhe fora servida. — Por que você não tenta trabalhar lá? Existem empregos para todos e você nem precisa de experiência porque a empresa o treinará. Você poderia vender este lugar. Você pode não conseguir muito por isso, mas poderá

fazer o que quisesse.

— É isso que eu quero. — Sua testa franziu. — Por que eu iria querer algo mais do que isso? Ele gesticulou, acenando para o oceano cintilante e a praia de areia na frente deles.

Ela riu. — É um barraco. Sem água quente, sem telas, está infestada de lagartixas e musgos malditos, e não há ar condicionado. É pré-histórico, querido, um lixo.

— Sylv, dinheiro não significa muito para mim.

— Ele leva você aonde você quer ir. — Ela levantou as sobrancelhas, confusa com a atitude dele.

— Talvez esse destino fique muito longe de onde eu quero ir. — Ele tomou um gole de café silenciosamente, distraído como de costume pela paisagem visível diante de si e por cima dos arbustos. A água estava brilhando, cintilando, o calor do dia derramando sobre ela.

Sylvia logo se cansou da conversa, sua mente voltou-se ao que havia experimentado no colchão irregular naquela manhã. Os dedos dos pés percorreram a perna de Luke, acariciando e fazendo cócegas no músculo da panturrilha.

Ele olhou para ela e balançou a cabeça. — Foi uma vez só, Sylv, não tente me excitar.

— Estou aqui, disponível. Eu me importo muito com você. Que tal um pouco de diversão? O que mais vamos fazer? Já é quase meio-dia.

Luke podia sentir a pressão aumentando, aquela sensação de formigamento em seu estômago. Ele ainda tinha sentimentos por ela. Não os mesmos de quando ele era um garoto, era apenas desejo sexual. Ele sabia que ela era boa na cama, sensual, que ela se movia com ele, e nesta manhã tinha sido muito bom.

— Só mais uma vez, para nós dois — ela sussurrou, enquanto se aproximava de onde ele estava recostado na cadeira, braços para cima e mãos descansando atrás da cabeça.

Não houve resistência; ela o conhecia muito bem e ele tinha certeza de que ela poderia ler sua mente através do seu rosto. Pernas bronzeadas longas o envolveram, montando em seu corpo enquanto ele se sentava na cadeira. A blusa curta estava amarrada, e ela se inclinou para frente, lábios

macios subindo e descendo pelo pescoço dele.

Luke olhou para baixo. — Sylv, odeio te dizer, mas você esqueceu de colocar sua roupa de baixo. — Ele foi incapaz de manter o sorriso no rosto enquanto as mãos deslizavam sob a saia curta, a boca cobrindo a dela, beijando-a com força quando um gemido escapou de seus lábios.

— Cale a boca — ele disse, levantando-se com as pernas ainda enroladas na cintura dele. Ela ficou em silêncio enquanto ele caminhava, com ela ainda presa, de volta à quietude e frescura da cabana.

— Inferno, você ficou tão forte — ela disse, rindo quando ele a colocou de costas contra a parede. Ela começou a falar novamente, mas Luke a interrompeu.

— Sem falar, Sylv, não quero ouvir o que você quer ou pensa. — Ele a beijou novamente, esfregando sua barba negra e matinal bruscamente pelo rosto dela.

— Faça o que quiser, Luke, você sabe que eu vou deixar você fazer qualquer coisa.

A mão dele vagava livremente sob a saia dela. Parecia muito familiar para ele.

— Deixe-me tirar minhas roupas. — Ela tentou se libertar quando a boca dele se fechou sobre a dela, forçando-a a ficar quieta, as mãos dele se movendo, agarrando, tocando com força até que ela já estava implorando para que ele parasse.

Puxando a minúscula saia por cima dos tornozelos, Luke passou as mãos pela parte interna das pernas dela, demorando-se enquanto tentava se meter entre elas... Ele levantou a blusa com a outra mão. Ela estava sem sutiã também. Ela sabia o que queria, ele pensou. Seu corpo se esticou diante dele, seus olhos cheios de desejo quando a boca dele encontrou a dela, empurrando-a de volta para a parede e movendo-se rapidamente dentro dela, suas mãos agarrando os longos cabelos escuros espalhados por seus seios.

O mundo exterior foi esquecido quando ela respondeu e virou-se para ele, ambos perdidos em seu desejo sexual, as mágoas não ditas e desejos do passado esquecidos.



O SILÊNCIO ECOOU na velha cabana quando Luke levou Sylvia de volta para a cama. Eles estavam deitados lado a lado, ambos exaustos, Sylvia acariciando gentilmente suas costas.

— Obrigada, Luke — ela disse, calmamente.

— Eu amo seu corpo, Sylv, isso foi selvagem. — Seus olhos procuraram os dela, enquanto ele sorria e se esticava, seu corpo tonificado relaxado.

— Você parece o gato que acabou de se lambuzar de creme.

Ele riu alto. — Isso foi bom, Sylv.

Ela olhou para ele seriamente. — É sempre — você sabe, o sexo — é sempre tão poderoso, tão agressivo para você?

— Talvez eu tenha alguns sentimentos reprimidos. Eu passei por muita coisa na adolescência. O sexo que tive, sempre foi bom. Eu acho que se eu tivesse me apaixonado, poderia ter sido diferente. Não tenho certeza.

— Você deve ter tido algumas namoradas ao longo dos anos. Você é lindo — ela disse, — seu corpo é de matar. Elas devem ficar todas loucas por você.

— Você deve estar precisando de óculos, agora que está na velhice. — Ele sorriu para ela.

— Houve alguém especial?

— Não. Tive muitas namoradas ao longo dos anos, mas nunca houve uma conexão real. Eu nunca consigo me abrir, realmente ser eu mesmo ou conversar com alguém assim. As garotas com quem eu saí são divertidas, mas elas querem coisas diferentes das minhas. Outras coisas são importantes para elas. É ótimo estar ligado a alguém, porque isso faz você se sentir querido, cuidado, mas elas querem demais. O ponto principal é que não tenho os mesmos sentimentos por elas. Eu não gosto de me sentir sufocado, ou de pensar que sou uma posse.

Sylvia suspirou. — Atualmente, as meninas parecem mais preocupadas em colocar fotos no Facebook e mostrar o que têm e terão. Eu vejo isso o tempo todo com os mais jovens com quem trabalho. Tem muito a ver com imagem e o que você tem ou com quem você está.

— Eu sinto o mesmo — ele disse. — Esse é meu outro problema. Eu

não gosto de todas as interferências modernas. As mensagens de texto me deixam louco. É como se o telefone fosse uma parte do corpo delas, como se não pudessem ir a lugar nenhum sem ele. Sempre conectadas, sempre deixando o resto do mundo saber o que estão fazendo, comendo ou observando. De qualquer forma, essa é apenas minha reclamação. Acho que o ponto principal é que eu não me apaixonei de verdade e nenhuma delas mexeu comigo como você fez.

— Você disse que me amou uma vez. — Sylvia acariciou seus quadris.

— Isso foi há muito tempo, quase em uma vida passada. — Seus olhos olhavam para o teto. — E você, Sylv, o que você está procurando?

— Eu acho que nunca vou me contentar. Eu passei por tanta merda ao longo dos anos, muitos cafajestes, dando meu coração e corpo a eles, e pelo quê? Todos eles bebiam demais e me queriam para servi-los. Nenhum deles realmente se importava comigo. Eu posso ver isso agora. O trabalho de mineração é a minha chance. Eu só sei que posso resolver as coisas, economizar algum dinheiro, talvez conhecer alguns caras mais agradáveis. Quem sabe? Eu realmente nunca penso na semana que vem.

Os olhos dela olhavam firmemente o corpo de Luke. Cara de anjo, ela pensou. O rosto de um homem, no entanto, ele não é mais um menino. Olhos escuros penetrantes a encaravam profundamente, fixados em um rosto tão bonito. A cor acobreada de sua pele destacava os dentes brancos e retos, atrás dos lábios carnudos e perfeitamente modelados. Quando ele sorriu, todo o rosto se juntou, os olhos brilhando e as bochechas erguendo-se, sua boca se esticando sobre um queixo quadrado. Cabelos encaracolados escuros, despenteados e rebeldes, enrolavam-se nos dedos enquanto passava as mãos por ele.

— Seu rosto não mudou. — Seus lábios beijaram as bordas ásperas de suas bochechas. — Embora seu corpo tenha mudado. Suas pernas, seus braços, você se exercita ou algo assim? — Ele se encolheu sensivelmente, enquanto ela acariciava seu peito e barriga. — Você é tão sólido e forte. Fiquei surpresa que você pôde me trazer para cá tão facilmente. — Ela olhou por cima do corpo tonificado dele. — Esse é o corpo de um homem.

— Eu espero que sim, porque eu faço 29 anos este ano. Eu tento me manter em forma. Às vezes, levanto alguns pesos e nado todos os dias, e ainda amo praticar minha corrida. Este lugar me mantém ativo. Há sempre

algo para fazer, coisas para consertar.

— O que você quer, Luke?

— Uma xícara de café seria uma boa.

— Não, bobo, quero dizer na vida. O que te move?

— Sexo quente e pesado com você, no momento, se você não parar de me tocar assim.

Sylvia acariciou-o gentilmente, suas mãos experientes lhe tocando, mexendo com ele... — Você está evitando a pergunta. — Ela sorriu para ele, enquanto usava as duas mãos para despertá-lo.

Luke a colocou em cima dele. — Deus, você é uma mulher gostosa. — Ele a puxou para mais alto em seu corpo. Rindo de brincadeira, ela montou nele, movendo seu corpo lentamente sobre o dele. — Venha aqui. — Ele a puxou para ele enquanto ela gemia alto.

A cama chiou quando seus corpos se juntaram novamente. Dessa vez, eles se moveram mais devagar, uma intensidade e uma leve melancolia vencendo os dois, enquanto se apegavam um ao outro, desfrutando das sensações que ondulavam em seus corpos. Eles chegaram ao clímax juntos, um crescente de emoções juntamente com uma liberação de adrenalina formigante.

Desejo saciado, eles se deitaram com seus corpos entrelaçados por um longo tempo. Sylvia estava deitada sobre o corpo de Luke, os braços dele em volta dela.

O sono alcançou suas mentes e corpos exaustos. A cama mantinha sua quietude e a cabana parecia uma sentinela, permitindo um sono pacífico, imperturbável, à medida que os anos e eventos anteriores desapareciam.



ÁGUA GELADA ESCORRIA pelo corpo de Luke enquanto ele permanecia com os olhos fechados, permitindo que os eventos da manhã o inundassem. Ensaboando-se por toda parte, ele se deleitava com o vigor, a frescura da água. Que manhã, ele pensou consigo mesmo, sorrindo ao perceber que não tinha arrependimentos. Ele sabia que Sylvia iria embora, mas não havia tristeza. Em vez disso, ele sentiu uma leveza de mente, como se tivesse se reunido com um velho amigo.

Ela era uma velha amiga, mas na cama, uau. Ele riu alto. Uma versão bastante desafiadora do Bee Gees, *To Love Somebody*, ecoou pelas paredes de lata enquanto ele cantava em voz alta, molhando os cachos descontrolados em cima de sua cabeça.

— Está se sentindo bem consigo mesmo? — A porta de lata se abriu e Sylvia ficou nua na porta, os cabelos caindo em longas trilhas escuras sobre os ombros.

— Aagh, a sexy Sylvia. — Ele pegou um punhado de água e jogou nela.

— Deus, eu não sei como você tem energia para se movimentar — ela disse. — Eu preciso de um banho para me acordar e voltar a sentir meu corpo. Seu corpo é poderoso, agressivo e não tenho mais um grama de energia.

Ele desligou a torneira, ainda sorrindo. — Me passe minha toalha, querida. — Se dando um tapinha, ele riu dela e a beijou nos lábios. — Você adorou, Sylv. Quanto mais duro, melhor para você.

Ela mexeu no mamilo e disse: — Saia daqui, seu jovem pervertido. Eu preciso tentar me recompor.

— A água vai consertar você; energizar você. A maré vai ficar boa. Temos tempo para uma xícara de chá antes que eu a deixe de volta em Quindry.



— VOCÊ PARECE REVIGORADA, Luke passou uma xícara de café forte para ela.

— Deus, esta caneca me lembra a casa da minha avó. — Ela tomou um gole devagar, observando a velha caneca lascada nas mãos, antes de olhar para as estantes de livros que alinhavam duas paredes da cabana do chão ao teto. — Você ainda ama seus livros, eu posso ver. Você nunca ouviu falar de um Kindle? Você pode fazer o download deles e depois se livrar de todos. — Ela acenou com desdém para as prateleiras bagunçadas.

— Sem chance; eles são meus bens mais valiosos, a única coisa em que gasto dinheiro. Aquele sentimento quando você vira as páginas e as palavras se espalham, levando-o a um mundo diferente, dentro das cabeças dos personagens e revelando histórias incríveis com as quais você nunca sonhou...

— Deus, você parece meu antigo professor de inglês.

— É o que eu amo e o que eu estudo. Acho que é minha paixão.

— Você me surpreende, Luke. Você é um cara adorável. Não acredito que você não foi fisgado.

— Não estou procurando. Estou feliz com a vida que tenho e não preciso de ninguém. Acho que aprendi a ser feliz com minha própria companhia.

— O que aconteceu com sua mãe? — Sylvia lembrando-se da mulher vestida com tingimento que viu em Quindry apenas algumas vezes.

— Engraçado você perguntar isso, porque daqui a algumas semanas eu vou ao Byron Blues Festival com alguns colegas da universidade. Vou de carro e acampar com eles lá nos cinco dias do festival. Mal posso esperar. Há uma ótima programação —Tribali, Blue King Brown, John Butler— todos os meus favoritos, além de Seasick Steve. Você já viu algum deles se apresentar?

— Nunca. Eu realmente nunca vou a nenhum show. Não acontece muita coisa por esses lados, você sabe. Então, e sua mãe?

— Uma ou duas vezes por ano, Marlene me envia um e-mail. Nos últimos anos, bem, acho que cresci um pouco e, sim, envio um e-mail de volta e digo a ela o que estou fazendo. Ela me pediu para ir lá e ficar com ela enquanto eu estou por aqui. Eu não a vejo há anos; ela leva uma vida hippie muito alternativa.

— Ela realmente te abandonou com você anos atrás — Sylvia disse. — Eu nunca conseguia entender como uma mãe poderia fazer isso.

— Eu acho que ela tinha um cara no sul. Na verdade, acho que ela ainda pode estar com ele. Ele é o típico hippie. Eles moram nos fundos de Nimbin em algum lugar e cultivam seus próprios vegetais, meditam, provavelmente andam nus, fumam maconha. Deus sabe. Acho que vou descobrir na próxima semana.

— Como você pode perdoá-la pelo que ela fez com você?

Luke sorriu, seus olhos escuros brilhando. — Ela fez o melhor para mim e isso foi me deixar ter uma vida com Nan e Pa. Essa foi a melhor coisa que alguém poderia ter me dado.

Seus olhos nublaram-se. Droga, ele pensou, essas emoções ainda estão muito afloradas. Fazia anos desde que ele falara sobre sua família com alguém pela última vez.

— Você pensa neles frequentemente?

— Eu penso sobre eles na maioria dos dias, de uma forma ou de outra. Essa cabana era o lugar do pai, então eu o sinto aqui, olhando por cima do ombro, dando conselhos.

Sylvia olhou em volta, franzindo a testa.

Luke riu alto. — Não é assim, ele não é um fantasma. É só quando estou sozinho que sinto a presença dele.

— Adoro falar com você, Luke. Você é realmente um bom amigo e eu não tenho muitos.

— Eu não acho que bons amigos fazem sexo selvagem e apaixonado como nós fizemos.

Sylvia acariciou seu braço. — Vamos manter contato. Vou ter acesso a e-mail nas minas. Você realmente significa muito para mim.

— Seria bom manter contato — ele disse devagar. — Não falo assim com ninguém há séculos. Normalmente, não me incomodo e, além disso, normalmente não sinto muito o que dizer.

— Você é um verdadeiro cavalheiro, embora talvez nem tanto na cama. — Ela riu. — Mas realmente, tipo, não se subestime. Você é uma alma adorável, uma pessoa bonita. Me desculpe por ter te enrolado.

— Faz anos, Sylv, e eu superei isso há muito tempo. Talvez isso fosse

parte da construção do personagem. De qualquer forma, agora temos um círculo completo, nos juntamos pacificamente, amigos. — Ele a beijou suavemente no topo de sua cabeça.

— De todos os homens de merda com quem estive... você é o único que me tratou bem e o que eu fiz?

— Eu acho que esta manhã você compensou. Tudo bem, eu não estou apaixonado por você, mas eu adorei o que aconteceu hoje e, pra falar a verdade, não há tristeza em nada nisso. Eu realmente espero que você conheça alguém, Sylvia. Não se subestime, porque você é realmente linda. — Ele acariciou sua bochecha, sentindo uma proximidade e percebendo que não falava com ninguém assim há anos. — Você não deve se contentar com nada além do melhor. Procure um cara bom, alguém que a trate bem e que não beba muito. Sem drogas e sem brincar com você. Eu vou manter contato com você. Anote o seu endereço de e-mail e, em seguida, pegue suas coisas. A maré está boa, por isso temos de ir andando.



SYLVIA SENTOU-SE AO lado dele na pequena cidade enquanto eles viajavam para Quindry na maré alta. A maré estava tão alta que não era possível chegar à costa com um pequeno barco, a menos que ele chegasse lotado de água. Nenhum dos dois falou enquanto o barco balançava, ambos permaneceram perdidos em seus próprios pensamentos.

Luke diminuiu a velocidade do motor, movendo-se cautelosamente sobre a baía rochosa e rasa.

— Você parecia imerso em seus pensamentos, Luke. Você estava pensando no que houve esta manhã?

— Hum, meio que... — ele gaguejou.

— Você não estava, você estava? — Ela fingiu estar chocada. — No que você estava pensando? Diga a verdade.

— Agh ... bem, eu estava tentando calcular as marés para a minha pesca esta tarde. Preciso entrar e sair desse rio na hora certa ou ficarei preso em um barranco até a próxima maré alta.

— Homens, vocês são todos iguais. Inacreditável. — Ela jogou um chapéu para ele e os dois riram alto, o vento levando suas risadas através das ondas.

Luke cruzou a costa lentamente e o bote logo parou; o fundo de estanho raspando a praia branca.

Ele pulou e pegou a mão dela. — Se apoie — ele disse, olhando as pernas dela, morenas. Desde que ela chegou na praia, ele sabia que teria boas lembranças daquelas pernas fortes perto de si, a sensação delas, tão suaves...

— Luke — ela disse, interrompendo seu devaneio, observando os olhos dele viajarem luxuriosamente pelo corpo dela. — Você tem meu endereço de e-mail, não se esqueça de escrever.

— Eu não sou tão bom em manter contato — ele disse sorrindo. — Vou tentar, no entanto. Foi uma ótima manhã. Nos divertimos juntos.

Eles se abraçaram, apertando um ao outro com força. Sylvia falou

francamente: — É o que é.

— Obrigado Sylv, me sinto vivo. Boa sorte com o trabalho e os rapazes, e lembre-se de ficar longe de problemas.

Eles se abraçaram novamente até que ela se afastou, virou-se, mandou um beijo para ele e subiu a areia em direção ao ponto de ônibus situado além da praia. Quando chegou ao fim da areia, onde a praia encontrava os pinheiros sombrios, ela se virou e acenou mais uma vez.

Girando o barco, Luke acenou de volta antes de apontar a frente do barco em direção ao mar aberto e à casa. Uma sensação de calma e tranquilidade o dominou, quase como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros. Ele a observou desaparecer no caminho, esperando que ela encontrasse o que estava procurando.

Em todos esses anos, ele pensou nela, desejando que ela voltasse. Eram as esperanças de um adolescente, ele pensou, sorrindo para si mesmo. Que romântico eu era. Tudo não passava das noções loucas de uma criança, com o idealismo de ler muitos livros e sonhando com cercas brancas e uma aconchegante casa de família.

Foi muito mais divertido encarar Sylvia quando adulto. Estar no controle e tomar seu corpo como homem, não como um garoto nervoso e carente. Ele ficou feliz que tudo isso não durou mais que um breve intervalo, que ela não queria mais nada dele e que ele não era obrigado a vê-la novamente; talvez apenas um e-mail, para relembrar os velhos tempos, isso lhe parecia bem.

Assobiando a melodia de *Moon River*, uma das favoritas de Pa, Luke navegou de volta pela área rochosa e rasa. Ele podia ouvir as palavras de Pa: — Eu sempre sei quando você está por perto — ele costumava dizer. — Você assobia como seu pai fazia.

Quando ele contornou o promontório rochoso, o vento se intensificou, fresco e revigorante em seu rosto e braços, enquanto apontava o barco em direção à cabana. Foi um daqueles momentos em que ele se sentiu absolutamente satisfeito, feliz, como se tudo estivesse bem, e a terra estivesse girando em seu eixo exatamente como deveria estar. — No topo do mundo — sua Nan diria.

Como eu não podia me sentir bem, ele pensou, olhando para a água brilhando no resplandecer da tarde, o mar vivo e em movimento. Ele olhou

ao seu redor; nenhum outro barco à vista, como sempre, ele tinha todo o lugar para si.

Uma grande arraia saiu da água e pulou paralelamente ao barco, perseguida por presas maiores, produzindo pequenas cataratas sobre a água, em um efeito semelhante a uma reação em cadeia. Parecia que tudo estava brilhando quando o sol se pôs, lançando seus efeitos dourados sobre a água e a costa, destacando o azul do céu e do mar. Que dia maravilhoso, ele pensou consigo mesmo, enquanto examinava o horizonte. Não há como ficar melhor que isso.



DURANTE A NOITE, Luke foi acordado pelo som de um estalo, como um pedaço de lata solta. O vento havia aumentado consideravelmente e agora uivava ao redor do promontório, o prazer de seu sopro ecoando ao entrar na baía aberta. Luke percebeu que havia um norte vindo. Ele pegou uma lanterna e a fez brilhar sobre o pedaço de lata de telhado. Olhando para a penumbra, ele esperava que durasse até a manhã porque não apreciava a ideia de subir no telhado no escuro.

Sua tocha iluminou o caminho, enquanto ele caminhava pela praia e ele olhou com cautela para os coqueiros, curvados de tanto balançar. Eles eram pesados, ameaçando qualquer pessoa à sua sombra. O barco balançava loucamente no oceano agitado, a luz das tochas iluminava as cordas, que ainda estavam posicionadas da mesma forma, mantidas em segurança pela força da amarração e pela corda presa à árvore na costa.

Tudo estava bem, e nada estava se movendo em lugar algum. Mas tudo levava a crer que seria um dia agitado amanhã, o que significaria um bom dia para tirar o barco da água e limpar um pouco a cabana. Ele poderia até limpar o barracão. Ele olhou com cautela para os cocos balançando, enquanto voltava para a cabana.

Com que rapidez mudou o clima da baía. Naquela tarde, a água brilhava azul, seu movimento era sereno, mas agora as ondas dançavam altas e turvas, enquanto o vento do norte soprava através da baía em direção a Ben Lomond.

Quando Luke era pequeno, ele inventou uma história que adorava contar a Pa. Sentados na areia, com o velho, geralmente empoleirados em um tronco, eles se olhavam seriamente e Luke começava com, — Isto é uma história verídica.

— Claro que é. — Pa acenava com a cabeça, em concordância.

— Há a cabeça de um gigante olhando no horizonte para o norte, visível apenas para aqueles que acreditam.

— Em quê? — Pa diria, rindo.

— Não interrompa o contador de histórias — Luke diria com a voz mais

estranha que ele poderia produzir. — O gigante está com raiva porque o pescador está levando muitos peixes. Eles não estão jogando de volta os pequenos. Eles estão pegando tantos que não há como comer todos eles. Os que não podem comer são desperdiçados e deixados para apodrecer na costa. O pescador, se alimenta também de fêmeas, que são as mães dos manguezais. Eles pegam os caranguejos bebês. Como pode o manguezal respirar?

Luke olhava para Pa e continuava sua história. — O gigante horrível, feio, enrugado, gritava e rugia através da baía, “Você já desfrutou do tempo perfeito por um longo período. Você comeu muitos peixes, se empanturrou de caranguejos da lama, comeu as mães e bebês, e teve muito sol. Já chega. Vou soprar e soprar, as nuvens vão se juntar, e eu vou soprar e soprar mais”. A bolsa gigante uniu os lábios e respirou fundo, soprando em direção a Ben Lomond até que o ar foi empurrado violentamente através das ondas cortando a baía rasa.

Luke demonstraria o sopro do gigante, certificando-se de que Pa ainda estivesse ouvindo, antes de continuar. — O gigante ficou ainda mais irritado e disse, “Isso vai parar todos vocês por alguns dias. Descanse, deixe o peixe em paz, deixe os caranguejos vagarem livremente nos manguezais lamacentos e lembre-se de que quando o vento parar e eu não estiver mais com raiva, vocês voltarão à pesca, mas devem pegar apenas o que vocês precisam e deixar em paz a mãe caranguejo. Caso contrário, como vamos ter filhos? Não pegue os peixes pequenos. Solte-os gentilmente e deixe-os ir. Se os grandes não têm um gosto tão bom, por que levá-los, deixe-os livres.

— E então o quê? — Pa se inclinava para a frente, enquanto Luke tentava decidir o final.

Luke virou os olhos ao confirmar o fim da história, de pé, reunindo sua voz mais alta. — O gigante rugiu com raiva e depois disse a todos que esperavam por suas palavras: “Meu amigo Ulisses me disse uma vez, *‘Deixe uma pequena impressão no oceano, não uma grande, pois é mais poderosa do que você’*. “

Pa batia com a mão na perna, com o rosto iluminado. — Eu amo as citações de Ulisses. Garoto, você tem que continuar lendo. Eu te ensinei bem. É verdade, devemos pegar apenas o que precisamos e escolher com

cuidado. Esta é a nossa mãe terra e o oceano, e precisamos cuidar deles.

À noite, enquanto o vento uivava ao redor da cabana, Luke subiu na cama, ainda pensando em como o Pa gostava de ouvir as histórias que ele inventava. Ele sorriu quando reconheceu o aroma do perfume de Sylvia no quarto. Que dia. Ele sabia que estaria dormindo antes de sua cabeça bater no travesseiro.



AS PAREDES E o telhado de zinco da cabana sacudiram e soaram na manhã seguinte em uníssono com o vento norte que empurrava o topo dos arbustos, girando apressadamente em torno das bordas de fibra e estanho. A chuva caía sombriamente sobre as águas lamacentas da baía, cada rajada de vento fazia com que o pequeno tino se inclinasse para cima e depois se espatifasse a cada onda.

Luke puxou com força a corda de amarração, arrastando o barco até a beira da água, até poder fixar com segurança, um prendedor de metal no local designado na frente da embarcação. Ele usou um cabo e um enrolador antigos, já que colocou toda a sua força e ambas as mãos para enrolar a polia que puxava o barco sobre os trilhos e bobinas de borracha que o guiavam com segurança para o que antes era uma coberta de barcos impecavelmente pintada. A tinta vermelha descascada era surrada pelo vento, e pequenos pedaços caíam como poeira, espalhados pela terra.

Luke puxou o barco tão longe antes de parar, trabalhando onde deixá-lo para poder entrar atrás dele. Olhando para a área escura no fundo do galpão, avistou um grupo de caixas velhas empilhadas frouxamente e desordenadamente contra a parede. Tudo precisava ser limpo, começando com aquelas caixas e hoje com o clima do jeito que estava, provavelmente era um bom momento para passar por tudo.

Pedaços de madeira e vasos quebrados de caranguejo foram empurrados para os lados, um caminho estreito entre eles e pedaços de ancoradouros antigos, redes e equipamentos de pesca empilhados, juntando teias e poeira. Ele caminhou pela confusão até os fundos do galpão, passando cuidadosamente por cima das âncoras enferrujadas e dos remos quebrados espalhados pelo chão de terra.

Eu realmente preciso limpar isso, ele se repreendeu, enquanto chutava duas latas de biscoito do velho Arnott para fora do caminho. Pa não era exatamente um defensor da limpeza e havia apenas um caminho estreito a seguir entre os restos empilhados do passado. O velho sempre fora capaz de encontrar o que queria entre a bagunça. Ele nunca jogou nada fora, aqui ou

.na fazenda, para o caso de ser necessário

Luke levou algumas viagens para carregar os velhos baús de chá que estavam cheios de papéis até a cabana. A última caixa era de madeira e coberta com tinta verde desbotada que revelava o pinheiro espreitando pelas brechas nuas.

Enquanto ele carregava a última caixa para dentro da cabana, o vento bateu a porta de madeira fechando-a atrás dele, curvando-se e assobiando ao redor das paredes fibrosas antes de seguir para o mato atrás.

Parece que haverá algumas viagens ao lixão com tudo isso, ele pensou. Ele pegou alguns extratos bancários antigos do topo da caixa mais próxima, balançando a cabeça, sentindo-se tentado a jogar a pilha de pertences inúteis na parte de trás de sua casa, prestes a ir embora na próxima viagem até o lixo.

Chegando à primeira caixa, ele pegou um livro azul do Commonwealth Bank com o carimbo na primeira página mostrando a data, 12 de fevereiro de 1967. O nome da agência Proserpine estava impresso em negrito na parte superior da página, acima do nome do titular da conta. A escrita em estilo caligráfico para depósitos e saques manuscritos mostrados em forma de livro registrou o movimento de pequenas quantias de dinheiro investidas e retiradas ao longo dos próximos dois anos.

Maldita época pré-histórica, ele pensou, olhando para as entradas manuscritas, estampadas com um carimbo azul redondo, mostrando o nome da filial e a data da transação. Caixas reais, pessoas reais, conversando com clientes, verificando assinaturas sob luzes especiais, distribuindo dinheiro antes de escrever a transação em outro livro escrito à mão.

Inferno, ele não podia ficar com tudo isso. O que tem de bom nisso? Vasculhando a parte superior da caixa, ele podia ver livros e papéis semelhantes em suas páginas, amarelados e dobrados.

Olhou pela janela o vento uivando incessantemente e o topo das ondas lamacentas que eram visíveis através do matagal. Ele não podia nem usar a pesca como desculpa para escapar de resolver essa merda. Café, é disso que eu preciso, ele pensou. Isso vai me ajudar a prosseguir.

Ele jogou o velho jarro de porcelana amarela na parede, espiando com expectativa o tempo piorando. Quando o Norte se agitou por trás da ilha de Gloucester, o céu escureceu e o vento, bem, o vento era conhecido por

soprar por semanas. Era implacável, nunca desistia, e não havia a menor chance de chegar lá no barco. A superficialidade da baía permitia que o vento provocasse ondas que, como sempre dizia Pa, eram adequadas para Occy surfar.

Já impaciente e frustrado com o clima restritivo, Luke passeava, com o café na mão, enquanto passava os olhos pelos livros alinhados, incluindo os comprados recentemente, que ele ainda não havia lido. Ele examinou os livros bem embalados, esquivando-se da mais nova compra, *Cutting for Stone*. Empurrando-o debaixo do braço, ele continuou a olhar por toda a estante, livro por livro, prateleira por prateleira.

O prazer e a história de cada livro estavam envoltos em sua memória. Revendo cada enredo, ele olhou rapidamente para alguns livros, demorou-se para outros, aqueles que ele adorava ler para Pa e seus favoritos absolutos, com a mão tocando-os levemente como se acariciasse um velho amigo.

Não havia muitas coisas materiais com as quais ele se importasse, à parte o equipamento de pesca e o pequeno barco. Havia, no entanto, seus livros. Ele pegou os grossos livros de James Michener, que havia encontrado quando adolescente. Um conjunto inteiro por dois dólares na loja Vinnies na rua principal de Proserpine. Ele os examinara, sendo absorvido por entre as páginas, adorando o romance, a aventura e a história de lugares distantes.

Ele se lembrou da primeira cena de sexo que havia lido em *The Fires of Spring*, o selvagem ato de amor que acontecia sob o aparelhamento gigante da montanha-russa; as viagens despreocupadas em *The Drifters*; e o amor e a paixão rasgados dos primeiros havaianos no monstruoso e espesso *Havaí*. Os livros pareciam familiares em suas mãos, e ele pensou no escapismo, na mudança de mente da turbulência e tristeza de sua vida na época, para as histórias que estavam entre as páginas agora amareladas, cheias de letras minúsculas.

Todos os livros relacionados a diferentes partes de sua vida. Páginas virando como momentos no tempo. Durante a adolescência, os livros o afastaram da dor e da agitação, fazendo-o sentir como se estivesse em outro lugar, vivendo a vida de outra pessoa, sentindo os desejos e sonhos dos personagens que estava descobrindo e abrindo os olhos para a história e a

aventura de lugares distantes de Proserpine.

Ele abriu sua compra mais recente, as palavras chamando-o, atraindo-o. Ele decidiu ler apenas alguns capítulos antes de voltar a se ocupar da limpeza. O velho sofá-cama rangeu quando ele se recostou, já absorvido pelas primeiras palavras que o transportaram para outro lugar e hora.

Lá fora, o vento uivava e chacoalhava ao redor da cabana, incentivando-o a esquecer o que deveria estar fazendo. Era um dia perfeito para ler, e ele se aconchegou, afundando no sofá, sua mente já focada nos personagens e na história que estava se desenrolando.

Esse escritor é brilhante, pensou ele, folheando o livro para ler a sinopse do autor, que também era médico. Não é de admirar que ele pudesse escrever sobre procedimentos médicos e doenças, o nascimento de bebês e a rotina diária de um hospital na Etiópia. O cara não era apenas um escritor genial, mas também um médico, um cirurgião experiente e era capaz de detalhar os melhores pontos do conhecimento médico. A trama se tornou mais complicada e Luke ficou envolvido na história, totalmente entretido pelos acontecimentos que eram engraçados e intrigantes.

Horas se passaram antes que ele parasse de ler. Deus, estou com fome, ele pensou, seu estômago roncando, protestando contra a falta de comida desde o café da manhã. O livro estava aberto no banco da cozinha, a história tão viciante que ele continuou lendo ao mesmo tempo que preparava um sanduíche, virando as páginas entre as viagens à geladeira. Parado no tempo, com uma alface na mão e os olhos fixos nas palavras da página, visões enchiam sua mente à medida que a história se desenrolava. Ele foi sacudido de volta à realidade pelo borbulhar do jarro antigo quando a água chegou ao ponto de ebulição.

Recostando-se no sofá, Luke ficou tão imerso no livro que não se mexeu novamente até perceber a luz desaparecendo e a sala escurecendo. Acendendo a luz, ele abriu uma janela, sabendo que o vento manteria os insetos afastados. Logo depois da meia-noite, ele sucumbiu às pálpebras pesadas, dobrando um canto da página e deixando o livro cair levemente no chão.



NA MANHÃ SEGUINTE, o tempo não estava diferente, e Luke pegou o velho suéter de lã que Nan lhe tricotara anos atrás. Não é muito frequente que esse tempo apareça, ele pensou, enquanto fervia o jarro, derramando a água fumegante no bule de esmalte. Olhando ansiosamente para o livro, que ainda estava deitado no chão ao lado do sofá, ele contemplou a seção da trama que estava se desenrolando, ansioso e curioso pelo que estava por vir.

Metade do dia dedicado à limpeza e, depois, talvez, a leitura da tarde, ele planejou. Ele se inclinou e pegou o livro, olhando para a capa antes de abrir e ir até a página marcada. Apenas uma leitura rápida enquanto tomo meu café da manhã, ele decidiu, sentando-se à mesa de madeira, os pés esticados na cadeira mais próxima, com uma xícara de chá fumegante na mão.

Uma hora se passou antes que ele olhasse para cima para ver o sol tentando espiar através das nuvens cinzentas e pesadas. Então, ele se foi.

Abrindo a porta, ele colocou a cabeça para fora, observando as ondas enlameadas batendo incansavelmente na costa arenosa. Maré alta. O vento parecia aumentar a cada onda, com apenas uma gaivota solitária tentando abrir caminho contra as rajadas do norte. As pontas brancas das ondas subiam e afundavam na baía até onde os olhos podiam ver, contrastando com as montanhas a oeste, que eram encimadas por nuvens raivosas e escuras.

Luke fechou a porta e olhou infeliz para as caixas ainda empilhadas no meio da sala. Movendo-se em direção a elas, ele enfiou a mão profundamente em um cesto de chá. Como um mergulho de sorte, ele pensou. Mais jornais financeiros, jornais antigos e uma revista *Women's Weekly* de 1954 mostrando um casal real relaxado e sorridente na capa.

Acabe com isso e leia seu livro, ele disse a si mesmo. Seus pensamentos se agitaram quando ele começou a criar duas pilhas, uma para a lixeira e outra para guardar. De vez em quando, ele se deparava com algo interessante.

Entre os papéis, ele encontrou os relatórios da escola, cartões enviados a

respeito do seu próprio nascimento ou de um de seus irmãos e algumas histórias que ele escreveu na escola primária. Erguendo uma pilha de revistas antigas, ele sentiu algo deslizando pelo meio delas. Uma lata manchada de ferrugem caiu e atingiu o linóleo. O tesouro do pirata, ele pensou, sorrindo. Talvez seja um mapa que me leve ao ouro.

Agachando-se, ele olhou atentamente para a lata velha, virando-a devagar, tentando lembrar se já a tinha visto antes. Não era familiar, embora ele reconhecesse o rótulo com o nome “*Pascall*” na parte inferior da lata. Abaixo disso, estava o nome de onde as mercadorias foram produzidas: Claremont, Tasmânia. Deve ter havido uma fábrica de Pascall em Tassie, ele pensou, e por algum motivo eles usaram fotos de países distantes para decorar suas latas.

Ele não tinha certeza de qual era a conexão entre a Tasmânia e a cena na frente da lata. Era uma cena árabe, provavelmente do século XIX, com edifícios em estilo do Oriente Médio, portas verdes e caminhos de pedra que levavam a mesquitas cobertas com minaretes. Dois barcos de madeira no estilo Dhow, com velas azuis e vermelhas, flutuavam na água em primeiro plano, e homens de mantos compridos e chapéus de turbante levavam burros ao longo da costa. Era uma cena de muito tempo atrás, e as manchas de ferrugem e tinta lascada foram acrescentadas à autenticidade da cena antiga, intitulada “Minaretes”.

Ele riu alto. Muito tasmaniano, ele pensou. Outras latas semelhantes a esta eram usadas na casa de Nan e Pa e ele olhou para a prateleira de madeira da cozinha, lembrando a lata velha em que as velas e fósforos eram guardados. Ele estendeu a mão e a virou. O mesmo Pascall, Claremont, Tasmânia, estava gravado no fundo da lata. Uma cena veneziana adornava o topo, mostrando canais cheios com dezenas de gôndolas, com homens vestidos de calça preta e camisa listrada os impulsionando pelos estreitos canais da cidade, usando um longo remo. Obviamente, Pascall usou cenas de todo o mundo para promover seus doces.

Sua atenção voltou-se para a lata de minarete, eventualmente abrindo-a com uma faca de pão. Segurando-a com as duas mãos, sentou-se na beira do sofá e olhou para o conteúdo. O primeiro item que viu no topo foi uma pequena foto em preto e branco de seu pai segurando um menino pequeno nos ombros. Eu provavelmente tinha cerca de dois anos, ele pensou,

enquanto segurava a foto, olhando para um tempo esquecido.

Abaixo desta, havia uma coleção de outras fotos, algumas voltando aos dias de namoro da mãe e do pai. Seu pai estava vestindo calças de veludo cotelê com uma camisa estampada com cores vivas. Cabelos escuros na altura dos ombros e um bigode preto grosso completavam o visual obviamente na moda dos anos setenta. Deus, veja como essas calças são altas, ele pensou, e apertadas. Eles praticamente cortavam a circulação. Ele riu alto.

A mãe dele era linda e estava suspensa no colo de Eddie, os cabelos compridos soltos, o topo da cabeça decorado com uma corrente de margaridas. O vestido brilhante e florido exibia as longas pernas de Marlene, cobertas quase até os joelhos por botas brancas de salto alto. Seu rosto estava radiante e os dois estavam sorrindo, parecendo muito apaixonados.

Outras fotos se seguiram, Luke as puxava lentamente, olhando curiosamente para cada uma. Havia tanta felicidade. Ele nunca viu sua mãe parecer tão carinhosa, tão contente, sempre tocando seu pai, os braços abraçados um ao outro. Fotos de casamento, fotos delas com um, dois, três e depois quatro bebês. Fotos de família, geralmente com Nan e Pa incluídas.

Ele se perguntou o que tinha acontecido. Por que sua mãe se desfez dele e o deixou para que Nan e Pa o criassem? Essas fotos mostraram uma família amorosa. Marlene parecia uma mãe tão feliz e Eddie, um pai amoroso e divertido.

Luke sentiu como se tivesse perdido tanto. Se pelo menos seu pai tivesse vivido, se estivesse lá por ele. Ele poderia ter ido pescar com ele e o pai, ler para ele à noite, jogar bola com ele e simplesmente estar lá para ele. Por que a mãe dele não fez o que ela deveria ter feito? Ela se sentia culpada agora? O que seu pai teria pensado se soubesse que ela abandonaria Luke?

Havia tantas perguntas. As fotos puxaram suas emoções, cavando em suas memórias e mexendo tantas perguntas e “e se”.

Ele olhou para todos novamente, um por um, feliz por ter encontrado a lata e as fotos, uma conexão com o passado. Um dia, ele poderá sentar-se com outras pessoas da família e conversar sobre a infância deles. O tempo que passaram com o pai. Ele se sentia muito separado de todos eles, os via mais como amigos distantes do que com a família. Eles eram como

conhecidos mais velhos, com os quais ele deveria ter conversado mais... ter sido mais caloroso, porém ele não tinha uma conexão estreita com eles.

Ele fechou a lata cuidadosamente e a colocou no sofá-cama. A foto dele no topo dos ombros de seu pai foi usada como marcador no livro que ele estava lendo. Ele dobrou a página do livro e, em seguida, forçou-se a dar uma última olhada na foto antes de fechar o livro com firmeza, proibindo-se de ler mais até que ele vasculhasse mais caixas.

A mãe e o pai dele pareciam tão felizes em todas as fotos. Eles estavam obviamente muito apaixonados, algo evidenciado pela maneira como estavam juntos e se entreolhavam. Da próxima vez que ele conversasse com sua mãe, ele teria que perguntar a ela sobre seu pai e como tinha sido a vida deles, com a esperança de obter algumas informações extras que pudessem preencher lacunas para ele.

Os cestos de chá revelaram mais papelada e até alguns brinquedos antigos que Luke achou vagamente familiares. A maior parte poderia ir para o lixo. Sua pilha de itens a guardar estava bem pequena. Duas lanternas antigas de gás que pareciam ter saído de um navio despertaram seu interesse, e ele as puxou para fora, assim como outra lata velha entre elas. A poeira e a sujeira que cobriam o gabinete de vidro e a cobertura negra das luzes logo foram limpas, e ele as virou nas mãos, admirando o aspecto náutico delas, imaginando de onde elas haviam vindo.

Ele colocou as lanternas na velha prateleira de madeira antes de voltar para a lata. Talvez mais fotos, ele pensou. Foi como desenterrar o passado.

A lata retangular foi presa com um pequeno clipe na frente e decorada com a foto de um menino em um cavalo batendo em um cachorro collie que estava pulando, com as patas na sela do cavalo. Uma garota vestida com um casaco e chapéu rosa estava ao lado do cavalo, segurando um cordeiro que parecia um animal de estimação, com uma fita enrolada no peito. As árvores ao fundo podiam ser gomas, pensou ele. Além disso, aquilo parecia tipicamente inglês, talvez fosse de dias remotos em partes mais frias da Austrália.

Virando-o devagar, ele notou que os lados estavam decorados com fotos de campos, com algumas árvores e montanhas ao fundo. Deve ser uma lata velha de biscoito ou chocolate, pensou, embora não houvesse nada escrito nela, como havia na lata de Pascall.

O clipe foi retirado com facilidade e, depois de alguns elogios, a tampa se abriu, dobradiças que não eram usadas há anos rangeram quando ele dobrou a tampa. Dentro havia um embrulho em papel pardo amarrado com barbante. Depois que a corda foi desamarrada, a lata revelou mais papéis e fotos. Os olhos de Luke se arregalaram quando ele olhou para os documentos e fotos amarelados.

Ele cuidadosamente pegou um monte de desenhos amarrados com barbante marrom, olhando curiosamente os desenhos de palmeiras, escunas e cenas de praia retratadas em tons pastéis coloridos. A obra de arte foi intitulada *Thursday Island*. Talvez esse fosse o pai malaio de Eddie.

Havia também uma foto de um jovem asiático em pé na praia, segurando um peixe grande para o fotógrafo. A parte de trás da foto amassada e desbotada revelou a data: 1939.

Uau, pensou Luke, fotos em preto e branco de um jovem que possivelmente, com base no ano, poderia ser o pai de Eddie. Porém, quando ele esteve em Thursday Island?

A foto foi tirada nos anos pré-guerra. Havia outra pequena foto em preto e branco mostrando uma mulher recostada em uma pedra. A escrita no verso dizia: *Auxiliar de professor, Thursday Island, 1939*.

Luke estava confuso. Isso era uma parte de sua herança que ele não conhecia. Se o pai dele estivesse vivo, ele conheceria essas pessoas nas fotos? Ele saberia da conexão com Thursday Island? As ilhas que ficavam ao norte nunca foram mencionadas entre a família. Foi-lhe dito que o pai de Eddie tinha sido um trabalhador da Malásia que havia morrido durante a Segunda Guerra Mundial, mas ninguém jamais havia contado essa história. Papai só tinha contado histórias felizes, histórias de pesca e que pai amoroso Eddie tinha sido para Luke e os outros três. Ele desejava agora ter perguntado mais sobre o pai de Eddie e sua herança.

Olhando mais para dentro da lata, ele puxou uma bolsa de couro amarrada com um fino pedaço de pele. Uma vez desatado, o couro gasto ficou aberto, revelando algumas páginas muito amareladas dentro de um pequeno livro coberto de couro. Os vincos marcaram as dobras nas quais as páginas permaneceram, sabe-se lá por quanto tempo.

Enquanto desdobrasse lenta e cuidadosamente as páginas, Luke podia ver que a escrita nas primeiras páginas era estrangeira. Caracteres e

símbolos asiáticos preenchiam o papel amassado. Ele olhou atentamente, intrigado, sem entender os caracteres, sem entender o texto enquanto virava cada página cuidadosamente. A escrita estava no mesmo estilo, e os caracteres corriam pela página em vez de atravessada. Talvez seja da Malásia, ele pensou ao colocar o livrinho de lado. Ele não tinha como saber; nada parecia corresponder.

Debaixo das páginas dobradas havia uma foto de um homem cercado por crianças. O homem usava um chapéu desleixado do exército australiano. As crianças pareciam pequenos islandeses, com cabelos encaracolados e grandes sorrisos, obviamente felizes por estarem sentados nos ombros do homem branco ou pendurados em seu braço. Ele virou a foto e leu o que estava escrito na parte de trás: À minha amada filha Margaret, Nova Guiné 1943.

Abaixo da foto, havia mais páginas dobradas. O papel era mais grosso e a caligrafia estava em inglês.

— Meu Deus — Luke disse em voz alta. Era um poema e a assinatura do autor estava em uma boa caligrafia na parte inferior: *John Bell*. Lindamente expressas, as palavras ecoaram no silêncio da cabana, enquanto Luke lia em voz alta, o vento uivante se somava às palavras assustadoras que fluíam do papel que ele segurava nas mãos.

VOLTAR COM VOCÊ

*Gostaria de dizer adeus a este lugar
E em meus braços ter você de volta
Pois eu conto os dias para voltar para casa
As semanas, os anos... não mais vaguear
Sentindo-me enxugar nossas lágrimas
E que não haja medos adormecidos
Infelizmente, estou exilado em terras estrangeiras
Embora eu sinta nossas mãos entrelaçadas
Anseio manter-te perto de mim
Para dormirmos juntos em serenidade
Livrar-me do calor úmido da selva
As montanhas imponentes fazem sua proeza*

*E desafiam o inimigo Nippon
Eles não devem mais ir para o Sul
Para que nós, como homens, vejamos a plenitude
E agora haverá a atração da pátria
Apontando para o nosso país e o livrando...
O fim das batalhas ainda está para vir!
Anseio por exuberantes piquetes verdes,
o fluxo do rio,
A vida no campo turva e lenta
Então, me leve embora, durante a noite
A lua tão cheia, para meu amor, minha luz
Ao doce cheiro dos eucaliptos de Queensland
Os jacarandás em flor
A acácia tão brilhante...
Segure nossa pequena Margaret perto de você
Diga a ela que seu pai estará em casa em breve
Beije-a no topo daqueles cachos justos
Por favor, diga a ela ternamente o quanto eu me importo
E você minha amada, doce Lillian
Meu coração quer te abraçar, querida
Beijos doces e sussurros para ouvir
Deixe a guerra acabar e findarem as batalhas
'Deus, acelere o tempo'
Para este menino Beaudesert
Para retornar aos seus braços e ao lar
À minha amada Lillian e à doce pequena Margaret
Esse soldado nunca mais os deixará
Passaremos nossos dias tranquilos, ao sol
Minha família, minha casa, nossa vida será uma só.
Nos meus braços, estou de volta com você.
John Bell*



LUKE SENTOU-SE SEM se mexer, sua mente trabalhando duro, lutando com as emoções expressas no poema e as perguntas sobre as conexões que esses escritos tinham com sua própria família.

Quem eram essas pessoas, John Bell, Lillian e Margaret? E por que ninguém nunca os mencionou? Talvez Pa tenha tido uma família sobre a qual ele não contou a Luke. Mas por que ele não o faria? Pa sempre foi tão aberto; ele sabia sobre essas caixas? Elas tinham algo a ver com a mãe dele? Talvez Marlene tivesse as respostas. De alguma forma, isso estava ligado a Eddie?

Milhões de perguntas voaram em sua cabeça, no mesmo ritmo e ferocidade do vento do lado de fora, que não mostrava sinais de diminuir. Debaixo da bolsa, havia uma pequena lata na qual ele sabia que já se havia guardado fósforos. Pa tinha uma lata semelhante, onde guardara pequenos ganchos. Ele perguntou a Pa uma vez o que a caixa tinha originalmente, e o velho contara uma longa história sobre as caixas de lata nas quais o tabaco e os fósforos já haviam sido vendidos.

Esta caixa era muito semelhante, com as palavras *Bell's Waterproof Wax Vestas* na parte superior e uma espécie de ralado na parte inferior, que Pa tinha explicado ser o lugar onde os fósforos eram riscados.

A lata se abriu facilmente e Luke cuidadosamente pegou dois broches. Ele os virou suavemente em sua mão, tentando refrescar sua memória como se ele já os tivesse visto antes. O primeiro broche tinha uma pequena barra no topo com *Lillian* gravada ordenadamente.

Pequenos elos de corrente vinham de ambos os lados da barra e, pendurado abaixo deles, havia um coração de amor cuidadosamente esculpido. Ele olhou atentamente e bateu levemente tentando descobrir se era feito de jade, ou talvez acrílico ou resina. O coração do amor estava decorado com uma imagem de palmeiras, uma pequena cabana embaixo e dois pássaros voando acima.

O outro broche era semelhante, embora a barra na parte superior se lesse *Lar* e depois em letras menores *Margaret*. Esse coração de amor, de cor

preta empoeirada, também pendia de uma pequena barra e mostrava uma decoração semelhante, com palmeiras na beira de uma praia, com um pequeno barco repousando nas ondas cuidadosamente gravadas. Ambos os broches tinham o que parecia um número de serviço no verso.

Que mistério! Por que ele nunca tinha visto isso antes? Esta lata estava junto com as fotos e os papéis de seu pai, então ele sentiu que eles eram mais propensos a pertencer a Eddie do que Pa ou Nan. Luke olhou para o número de serviço novamente, sabendo, com base nos seus estudos que o *Q* representava Queensland e o *X* as Forças Imperiais Australianas. Os números que se seguiram ao *QX* eram quase discerníveis, embora os três primeiros fossem os mesmos em ambos. Ele teria que tentar descobrir quais eram os números seguintes.

Pa deu a Luke suas próprios insígnias e medalhas de guerra quando ele ficou doente, e essa coleção não parecia ter nenhuma conexão com aquela. Ele balançou a cabeça, percebendo que esse pacote não era de Pa. Era mais provável que estivesse ligado ao seu pai, Eddie, e ao seu lado da família.

Ele espalhou o conteúdo ordenadamente sobre a mesa de madeira: uma lata que continha dois broches, ambos com um número de serviço de Queensland nas costas; um pequeno livro encadernado em couro com escrita indecifrável; esboços e fotos de Thursday Island; e um poema e foto lindamente escritos que deram algumas pistas com o nome e a data no verso.

Luke estava totalmente perplexo. Há quanto tempo tudo isso estava no barracão? Ele pensou, tentando se lembrar do que sua mãe havia feito com o conteúdo da casa em Proserpine antes que ela se mudasse.

Ele tentou se lembrar das palavras de Pa quando disse que o conteúdo da cabana era dele e que havia alguns itens do pai dele lá dentro, mas isso foi há muito tempo e havia muita coisa acontecendo na época. Confundido pelas páginas estranhamente escritas com os caracteres estrangeiros, ele colocou os papéis cuidadosamente, empurrando-os suavemente de volta para a bolsa, antes de ler o poema novamente.

As palavras saíram da página; os pensamentos de um soldado com saudades de casa, desejando estar de volta com sua família e sentindo falta do interior da Austrália.

Luke voltou para os itens que havia puxado da lata. Eles pertenciam ao

homem na foto? De quem eram aqueles broches feitos de um tipo de resina? Destinados para quem? A escrita no pequeno livro — que língua era e quem a havia escrito? Ele teria que traduzi-la para descobrir como tudo isso estava conectado. Talvez o pequeno livro tenha a chave.

Uma montanha de perguntas inundou Luke, e ele olhou para os itens, os quais ele dispôs ordenadamente sobre a mesa.

Voltando para a bolsa de couro, ele percebeu que ainda havia algo nela. Ao verificar, ele puxou uma lata enferrujada colorida que tinha a palavra Boomerang escrita na frente, dando pouca pista do que poderia estar dentro. Ele mexeu na tampa e abriu a lata, revelando uma gaita velha e surrada. Os olhos de Luke estavam arregalados quando ele cuidadosamente retirou a gaita bastante usada de seu estojo. Isso também pertencia ao soldado australiano? Virou-a, curioso quanto ao fundo, o invólucro liso e bem usado, fresco contra a mão.

Olhando profundamente no cesto do chá, ele procurou outras pistas. Mas não havia mais, apenas mais revistas e recortes de papel velhos, cobertos de excrementos de aranha e barata.

Empilhou o lixo de volta no cesto do chá, e a pilha do que iria ficar diminuiu ainda mais, até restar apenas uma pilha de papéis e documentos. As latas e seu conteúdo, juntamente com as fotos, ele colocou cuidadosamente na mesa da cozinha de madeira. Ele virou os broches nas mãos, curioso sobre a origem deles e para quem eles foram destinados. Por que a mãe dele não os guardara para si mesma? Ela sequer sabia sobre eles? Perguntas sacudiram em sua cabeça.

Luke ainda alugou a pequena casa em Proserpine de Marlene, cuidando de tudo o que precisava ser consertado e pagando o aluguel pelo banco. Às vezes, ele tomava a decisão sobre quando aumentar o aluguel, levando em conta o momento e os custos, ciente de que Marlene não se interessava muito por suas finanças. Levou anos, mas ele finalmente respondeu algumas das cartas e e-mails dela. Era estranho se comunicar com uma pessoa com quem realmente ele não sentia conexão. Era mais fácil responder às ligações dela, e ele se lembrou de que ela era sua mãe.

Com a idade havia chegado um pouco de perdão e tranquilidade pelos erros do passado, e ele respirou fundo, lembrando-se de que ainda não era tão velho assim, embora estivesse se aproximando dos trinta e poucos.

Os e-mails de Marlene eram principalmente temas gerais. Informando-o sobre as atividades de seus irmãos e irmãs, perguntando se ele precisava que alguma coisa fosse consertada em casa e, ocasionalmente, como estavam indo seus estudos e seu trabalho. Sua mente voltou às últimas descobertas. Ele estava fazendo uma pesquisa para tentar interpretar as páginas antes de ver Marlene na época da Páscoa. Quanto menos ele perguntasse a ela e mais ele pudesse descobrir, melhor. Felizmente, ainda faltavam algumas semanas e, da maneira como estava o tempo, sobrava uma grande quantidade do dia livre.



NAQUELA NOITE, O vento uivou incansavelmente, e as janelas da cabana estremeceram e vibraram com as rajadas incessantes, o som das ondas batendo produziam um rugido persistente durante a noite. Os pensamentos de Luke borbulhavam em uníssono com o tempo barulhento do lado de fora: Sylvia e seu corpo se prenderam embaixo dele, a lata tinindo no telhado e o pensamento de voltar ao trabalho e Proserpine.

O sono veio eventualmente, embora sonhos estranhos enchessem sua mente, ele se girava, se debatendo e mudando de posição, muito parecido com o tempo lá fora, revoltado. Em um sonho, uma velha senhora estendeu a mão para ele, segurando um dos broches, tentando entregá-lo a ele. Seus braços a alcançaram e ele continuou olhando para os olhos dela, pensando como eles eram gentis, querendo tirar o broche dela. Assim que a mão dele tocou a dela, um barulho alto interrompeu o sonho e a visão se perdeu.

Sentou-se na escuridão e tentou se orientar, sem saber se realmente ouvira o barulho. Outro estrondo no telhado lhe disse que o barulho não fazia parte do seu sonho e que alguns galhos sólidos estavam caindo no telhado da cabana.

Ele tentou ressuscitar o sonho. Isso tinha algo a ver com a mãe ou talvez com a Nan? Talvez esse fosse apenas mais um sonho que nunca faria sentido, sem nexos, apenas uma cena aleatória se juntando aos milhares de outros sonhos passados, logo esquecidos, nem mesmo armazenados no lobo temporal de seu cérebro. Algo inútil, que acabara de ser enviado para perturbar sua paz e acordá-lo, culminando em um problema para ele consertar amanhã, buracos no telhado de galhos caídos que haviam estado tanto em seus sonhos quanto na vida real.

Sylvia encheu seus pensamentos. Talvez ele devesse ter pedido que ela ficasse mais tempo. O tempo chuvoso e confinado poderia ter sido divertido, talvez ele tivesse incentivado algumas atividades internas.

Visões interromperam sua música: o corpo dela, aquelas pernas lindas, seu cheiro, sua pele, a maneira como ela jogava os cabelos na cama. Sensual, pernas posicionadas, deitada como uma garota de pinup sobre a

cama dele. A maneira como os seios dela se achatavam enquanto ela esticava os braços acima da cabeça. Hmmm, talvez ele ficasse na cama por um pouco a mais, permitindo-se algum tempo para pensar, algum tempo para pensar em Sylvia.

Quanto tempo ele aguentaria antes de ligar para ela? Ela estava indo de avião então seria fácil alcançá-la. Mas ele queria mesmo isso, ele se perguntou. Ela poderia se apegar, possivelmente desejar mais do que ele esperava desta vez. Ela era mais velha, perseguindo coisas diferentes na vida.

— *Jesuuusss* — ele disse em voz alta, enquanto balançava as pernas para fora da cama e plantava os pés no piso de linóleo. — Eu preciso dela fora da minha cabeça.

A chuva, e especialmente o vento, precisavam ir embora. O clima, tudo estava mexendo com sua cabeça. Por que ele estava pensando em vê-la novamente? Controle-se, cara, ele disse a si mesmo. Ele tinha uma vida, um emprego, lugares para ir, pessoas para ver, coisas para fazer e também coisas para resolver, pensou enquanto se aproximava da mesa da cozinha e via a coleção de latas e papéis, expostos ordenadamente, olhando para ele. com expectativa.

O vento aumentou, e um coco caiu, quicando na areia, quando Luke espiou pela janela. Era esse vento maldito, como Pa sempre dizia. Entrou na sua cabeça, como uma lua cheia; fez coisas estranhas e fez você ter sonhos estranhos; não deixou você pensar direito.

Ele acendeu o fogo, esperando que uma xícara de chá forte com muito açúcar deixasse sua mente e sua vida em ordem. O chá era o remédio de Nan para tudo, de besteiras a desastres naturais catastróficos.

— Vamos tomar uma xícara de chá primeiro — ela diria — e depois veremos o que esse rio inundado vai fazer.

— Pa acabou de cortar a perna dele, eles fizeram um curativo e agora o estão trazendo pelas escadas.

— Bem, eu vou aquecer o jarro.

Luke sorriu para si mesmo. Como sua xícara de chá vai consertar tudo isso para mim, Nan?

Poemas, fotos, broches e um livrinho — o que Nan e Pa sabiam sobre

tudo isso e por que alguém não o havia informado?

O tempo estava péssimo, e Luke trancou a cabana com firmeza, verificando se as portas estavam bem fechadas. Olhando para a praia, viu que estava repleta de galhos e detritos trazidos, as ondas turvas batendo incessantemente no alto da costa. As montanhas não eram visíveis por trás das nuvens de tempestade azul-escuro que pairavam a oeste, e o mar era uma sopa picante e raivosa, que parecia estar indo em todas as direções diferentes.

Levantando a mochila nas costas, ele deu uma última olhada antes de ir para a parte de trás da cabana, seguindo o caminho estreito que levava para longe da construção, até o mato atrás. Isso fica a cerca de dez quilômetros da estrada a partir daqui, e num dia com essas condições, o trajeto seria lento. Pelo menos a chuva estava nas suas costas e o vento atrás dele. Ele abotoou o casaco de chuva e seguiu pela trilha arenosa através do mato.



DUAS HORAS SE passaram até que ele alcançasse a estrada de betume que passava pela propriedade ao redor da cabana. Depois que ele começou a andar, o vento diminuiu e a chuva agora caía suavemente, uma umidade fresca em seu corpo suado. Uma cerca de arame farpado delineou os limites da propriedade e ele subiu, seguindo a estrada que o levaria a Quindry e depois de ônibus para Proserpine.

Quando Luke alcançou a estrada de betume, não demorou muito para que um dos moradores parasse e lhe oferecesse uma carona.

— Muito obrigado, Monte — Luke disse, jogando a mochila no banco de trás, sacudindo o casaco molhado e pulando no seco banco da frente do ute.

— É um bom dia para uma caminhada, jovem Luke — Monte disse sarcasticamente, rindo enquanto empurrava todas as coisas para longe de onde Luke iria se sentar. — Atira toda essa merda para o chão. É só um monte de contas e coisas bancárias. Ainda não consegui abrir nada disso. Acho que um dia farei isso. Nossa, você parece um rato afogado. Que diabos você está fazendo em um dia como este?

— Preciso voltar a Proserpine hoje, Monte, então imaginei uma caminhada até Quindry e depois o resto de ônibus. Deixei o ute na cabana e a minha velha van está na casa na cidade.

— Estou indo para Prossie. Tenho que pegar combustível e a patroa quer que eu pegue sua máquina de costura. Ela está ficando entediada com o tempo e quer algo para fazer. Você sabe como é, jovem Luke, tem que manter o chefe feliz. Eu posso te levar todo o caminho, se você quiser.

A viagem passou rapidamente, já que Monte, que havia morado na área da baía a vida toda e tinha sido um bom amigo de Pa, conversou e questionou Luke sobre a pesca e o clima. Luke adorou a conversa sobre amenidades; isso lembrou-lhe Pa.

Ele ouviu atentamente enquanto Monte relembrava seus dias de juventude e os bons tempos de pesca que haviam passado juntos. Seu rosto enrugou em volta dos olhos, como o velho costumava fazer; Monte era da

mesma época e tinha a mesma conversa sobre o clima, o estado das colheitas naquele ano, os políticos sanguinários e o vereador inútil.

Se Luke fechasse os olhos, era quase como se Pa estivesse dirigindo e lamentando o desperdício de dinheiro, os erros burocráticos e os preguiçosos que não servem pra nada.

Monte parou do lado de fora da casa de Luke em Proserpine; todo mundo sabia onde todo mundo morava nessas partes, então as instruções não eram necessárias.

— Que bom te ver, Monte. — Luke apertou sua mão, agradecido pela carona e revigorado pela conversa típica de um velho que o lembrava Pa.

— Eu sempre leio seus artigos no jornal, você sabe. Seu pai ficaria orgulhoso de você.

— Obrigado, Monte, espero adquirir toda a experiência possível e apenas ver aonde o resto dos meus estudos me leva.

— Boa sorte em Brissie. Tome cuidado com as meninas da cidade, no entanto. Elas sentirão o cheiro de um garoto do campo como você a uma milha de distância.

Luke riu, enquanto erguia a mochila, colocando um chapéu molhado em seus cachos escuros. Ele acenou para Monte, com o som de sua voz e lamentos ecoando em sua cabeça.

Uma chave escondida presa a um pedaço de corda foi puxada por uma abertura nas tábuas da varanda, permitindo que Luke destrancasse e abrisse a porta da frente. Uma vez que ele permanecera na cabana por algumas semanas, a casa cheirava um pouco abafada, e a chuva fazia seu cheiro de mofo presente nos quartos fechados. Ele rapidamente abriu as janelas de vidro colorido, as tampas de metal enferrujadas e intactas acima delas, proporcionaram proteção suficiente contra a chuva suave que caía.

Nada parecia ter mudado, e a casa ainda era a mesma; afinal de contas, apenas ele estava morando aqui e ele, ultimamente, estava mais fora do que aqui.

Ele abasteceu e depois jogou no jarro, agradecido pela parada que Monte tinha feito na pequena loja da esquina, permitindo que ele estocasse alguns suprimentos prontos para sua xícara de chá, seu jantar e depois, seu sono. O livro que ele começara na cabana o chamava, mas as pálpebras de Luke se

puxaram pesadamente e o ruído suave da chuva no velho telhado de latão o levou a dormir. O livro caiu violentamente no chão, descartado até a próxima oportunidade de leitura.



UMA DAS PRIMEIRAS coisas que Luke fez na manhã seguinte foi dar alguns telefonemas para a empresa encarregada de sua internet. Após inúmeras respostas a um serviço automatizado, seguidas da frustração de conversar com alguém que não se fazia entender e, obviamente, não era do mesmo hemisfério, ele conseguiu fazer com que as luzes antigas piscassem no modem da Internet, permitindo que os e-mails amontoados inundassem sua caixa de entrada.

Havia uma enxurrada habitual de e-mails publicitários e promocionais, extratos bancários e notificações de eventos futuros na área. Lendo primeiro alguns e-mails curtos dos companheiros, ele rolou a tela para baixo. Olhe para isso, ele pensou, um de Sylvia. Ele propositalmente deixou esse por último.

Ele leu primeiro uma curta e puramente informativa mensagem de Marlene. Ela entrava em contato com ele cada vez mais nos dias de hoje; ele pensou que talvez com a idade ela tivesse alguns arrependimentos ou até mesmo culpa. Não, ele pensou, ela parecia ser capaz de lidar com os erros que havia cometido no passado, e sempre que ele mencionava erros passados, ela dizia, — Oh Luke, o passado é o passado, não olhe para trás, apenas para a frente.

Ela adorava contar a ele o que ela e seu parceiro, Rob, estavam fazendo. O que ela havia planejado para a visita de Luke e o que os outros membros da família estavam fazendo.

O habitual ho-hum, ho-hum, ele pensou, embora, surpreendentemente, ele estivesse ansioso para visitá-la desta vez. Afinal, ele tinha muitas perguntas a fazer e, dessa vez, ele a pressionaria até obter as respostas. Não era todo dia que ele se ocupava de relíquias antigas, obviamente importantes, que talvez tivessem um vínculo entre as famílias que vieram antes dele.

Finalmente, ele leu o e-mail de Sylvia. Sylvia escreveu como falou, com

muitos detalhes e com as palavras se espalhando, informando-o sobre o que vinha fazendo nos últimos dias. Ela havia escrito uma boa descrição da cidade mineira onde morava e qual era seu papel em seu novo emprego. *Esse é apenas um e-mail curto, ela escreveu, para que você saiba que estou pensando em você, sentindo sua falta e seu toque e esperando vê-lo novamente em breve.*

O estômago de Luke tremeu. Eu poderia ter um pouco da companhia de Sylvia no momento, ele pensou. Algo puramente sexual, ele relembrou. Felizmente, foi só isso, e não o amor da adolescência, enviado de volta para confundi-lo e assombrá-lo.

Ele respondeu com uma resposta curta. Sim, tinha sido bom encontrá-la novamente e, talvez, quando ela estivesse na cidade outra vez, ela planeje dar-lhe um anel.

Vamos ver o que acontece, ele escreveu, antes de assinar.

Luke arrastou sua mente de volta ao mistério da lata e seu conteúdo. Faltavam algumas semanas para ele partir para Brisbane e Byron Bay, e teria tempo para conversar com Marlene. Seria melhor resolver isso antes de ir embora. Isso seguia o incomodando, e ele pensava continuamente sobre a origem daquelas coisas. Ele decidiu começar sua busca no site do Memorial de Guerra Australiano. Certamente, ele poderia obter algumas informações de lá.

Reunindo seus pensamentos, ele descobriu a maneira mais segura de pesquisar o nome assinado no final do poema. Pesquisas anteriores que ele fizera para artigos locais haviam sido ajudadas por informações do site do Memorial de Guerra.

Ele fez *logon*, folheando as páginas antes de seguir os links para os arquivos de guerra da Austrália. Após as páginas de busca na área de nome de família, ele inseriu o nome do soldado que apareceu no final do poema. O sobrenome *Bell* voltou com 2060 entradas apenas nos arquivos da Segunda Guerra Mundial. Seus dedos tocaram no teclado e ele reduziu os resultados para trinta e quatro, adicionando o "J" inicial para o nome.

Escaneando o texto, ele rolou para baixo, procurando um número que lembrava as letras e os números que ele podia ver nas costas dos broches.

— Achei! — Ele gritou em voz alta.

Depois que ele colocou o número de identidade no espaço designado, surgiu um resultado: *John Thomas Bell, número de serviço QX53733, data de nascimento 15 de março 1913, local de nascimento Beaudesert, local de alistamento Canungra, parente mais próximo Lillian Merie Bell, esposa.*

Ele olhou inexpressivo para as informações na tela. Tinha sido tão fácil de encontrar, mas nada disso significava para ele, o nome ou os lugares. *Canungra e Beaudesert* eram lugares estranhos para ele, e ele pensou em como nada parecia estar se conectando, exceto o nome da esposa do soldado. Era Lillian, o mesmo nome que estava em um dos broches.

Luke imprimiu a página, digitalizando, examinando, pensando em como isso provavelmente seria o começo de uma coleção de descobertas. Sua mente disparou, e ele decidiu imprimir tudo o que pudesse encontrar, esperando que tudo estivesse por acabar. Ele pesquisou site após site, usando todos os termos de pesquisa que ele poderia pensar para localizar informações. Imagens de Canungra, Beaudesert e soldados retornados passaram pela tela enquanto ele digitalizava cada página. Independente da pista que ele seguisse, sua curiosidade se aprofundava, enquanto ele cavava mais fundo, lendo qualquer coisa que estivesse relacionada à sua pesquisa.

Canungra e Beaudesert, ao que parecia, eram pequenas cidades no interior da Costa do Ouro, Canungra ainda operando como base militar e unidade militar. Ele pesquisou o nome *Lillian Merie Bell*, seguindo o nome da pesquisa com *Beaudesert*. Havia algumas pistas diferentes quando ele digitou o nome, mas algumas informações rapidamente chamaram sua atenção.

Em 25 de abril do ano passado, o *Beaudesert Times* publicou algumas notícias locais acompanhadas de uma foto. A senhora de cabelos brancos da foto estava apresentando aos alunos da escola primária local livros de edição especial relacionados aos Anzacs. O artigo relatou como Margaret Bell-O— Connor havia organizado a doação dos livros de sua neta, Lily Merie, que trabalhava na livraria Avid Reader em West End, Brisbane.

Deu mais informações sobre os livros e a generosidade da livraria. Boa publicidade, Luke pensou. Ele pode ter que visitar a loja enquanto estiver em Brisbane. Já não havia muitas livrarias boas. A última loja realmente boa que ele visitou fora em Melbourne, onde, felizmente, os leitores ainda valorizavam a variedade de livros em papel.

Ele recuou, impedindo que suas opiniões emocionais sobre a morte das livrarias e o desaparecimento de suas amadas versões em papel dos livros perturbassem seus pensamentos.

Olhando novamente para o jornal, ele olhou para a dama de cabelos brancos. O nome não era o mesmo, mas observou que a Lillian na foto estava envolvida com a Liga de Serviços Retornados local e era um membro vitalício. Conversas locais que o lembraram dos muitos artigos que ele havia escrito para o *Proserpine Times*, eventos nos quais apenas os moradores locais estavam interessados, procurando suas fotos e fama no jornal local, cortando-as e colando-as na geladeira para que todos vissem, ou ainda os enviando a parentes distantes, para mostrar-lhes o desempenho de seus filhos ou cônjuges e o quão bem-quistos eles eram na cidade local.

Ele imprimiu o artigo, lendo-o novamente cuidadosamente, antes de voltar para as páginas de pesquisa. Horas se passaram e ainda não haviam surgido novas informações que pareciam vinculadas aos termos de pesquisa. A única coisa certa parecia ser a informação dos arquivos. O outro artigo provavelmente não estava vinculado, ele decretou. Era um tiro no escuro, embora tivesse lhe dado uma livraria para procurar e visitar quando fosse a Brisbane.

O pensamento da permanência em Brisbane o incomodou. As grandes cidades o irritavam, com a pressa, a fumaça, a maneira como todos se preocupavam com a aparência, o que vestiam, aonde iam. Fechando os olhos, ele descansou por um momento, dando uma pausa na tela do computador, na digitalização, clicando e procurando respostas.

Seus pensamentos mudaram para o quão feliz ele estava quando estava na cabana, ou, ainda, aqui em Proserpine.

Pelo menos ele tinha que esperar pelo Blues, alcançando seus companheiros e, é claro, a música. Esta seria sua quinta vez no Byron Blues – e talvez a última, tendo em vista o aumento do custo dos ingressos. O acampamento seria selvagem como sempre; sempre chovia. Ele precisa levar as galochas. A música era a melhor, porém, de pé em meio àquela multidão, ouvindo Gurrumul, Jack Johnson, Casey Chambers e a música espiritual e assustadora de Xavier.

Era hora de sair desligar-se completamente, relaxar durante o dia em torno das tendas, chegar ao festival tarde da noite e depois ficar sentado

ouvindo a bateria e cantando, num embalo que sempre continuava até o início da manhã nos locais das barracas. Era o único grande evento que ele frequentava, geralmente evitando as boates e bares que lhe pareciam tão lotados e agressivos, preferindo reuniões tranquilas e geladas no quintal.

Seus companheiros haviam aprendido a aceitar seu estilo de vida. Eles sabiam que ele não participaria de grandes eventos, noites inteiras nos clubes, viagens boemias a Airlie Beach ou idas descontroladas para se soltar na Gold Coast e Brisbane.

Sou antissocial? Ele frequentemente se questionava sobre isso. Ele sabia que às vezes gostava de ver as pessoas, mas na maioria das vezes preferia ficar sozinho. O Blues era uma exceção, no entanto, tratava-se de estar junto de colegas em uma enorme massa de pessoas apaixonadas pela música e pela liberdade que o Blues parecia transmitir.

Ele esfregou os olhos e, ainda procurando respostas, empurrou as relíquias ao redor da mesa, examinando-as de perto, como se fossem começar a falar com ele e dar-lhe as respostas. Certo, ele pensou, a próxima coisa é decifrar aquele livrinho.

Procurando on-line, ele encontrou uma pequena empresa em Brisbane, onde era possível digitalizar textos estrangeiros e enviá-los por e-mail para tradução. Por uma pequena taxa, seria interpretado e enviado por e-mail dentro de cinco dias úteis. Um problema resolvido, ele pensou, agora tudo o que precisava fazer era descobrir como o resto dos itens se encaixava nisso.



UM PAPEL AMARELADO delicado coberto com as palavras do poema estava na frente de Luke, e ele o leu lentamente novamente. *Diga a ela que seu pai estará em casa em breve.* Esse homem ansiava por sua família, sua esposa, seu filho, a facilidade da pequena cidade de onde ele havia vindo.

Os pelos de seus braços se arrepiaram quando ele leu em voz alta as linhas que sempre lhe maltratavam mais. O mesmo sentimento de amor e família perdidos; às vezes, quando ele pensava em Pa e Nan.

Anos se passaram, um tempo diferente, a não ser recuperado, apenas uma memória escondida tão preciosamente, um poema que talvez tivesse sido escrito e depois retirado e relido uma e outra vez. Amado, um pedaço de alguém que ninguém mais poderia tomar.

Arrastando sua mente de volta à realidade e ao tempo que passou, ele uniu os pedaços, juntando-os cuidadosamente até a próxima jornada. Ele olhou para o relógio e deu um salto ao se lembrar de que deveria estar preparando uma história para o jornal local.

Alguns moradores afirmaram que havia um crocodilo de seis metros na parte de trás das casas ao longo da Church Street. É justo, havia uma área um pouco pantanosa na parte de trás, mas provavelmente era apenas mais uma brincadeira, e Luke estava cético quanto à precisão da história.

Ele pegou sua câmera e notebook, mais uma vez optando pelo estilo de reportagem antiquado. Se fosse verdade, poderia ser a primeira página da quinta-feira. O pensamento disso o fez sorrir enquanto jogava a bolsa no banco da frente da van, partindo em busca de uma fascinante história local que, esperançosamente, adornaria a primeira página da edição de fim de semana.



— HISTÓRIA FABULOSA, JOVEM. — Gus era o editor do *Proserpine Times* e havia ficado surpreso com a história de primeira página de Luke. ‘Maldita

foto incrível, e quem teria pensado que um grande bastardo como esse chegaria tão perto? Especialmente logo atrás de um jardim de infância! A entrevista também foi ótima, a história, o kit e tudo o mais. Muito bem! Você sabe que também vai alcançar os jornais do sul. E então, eles vão ligar para você, tentando roubar meu melhor repórter. Sinto muito por ver você ir, filho. Eu entendo, você tem que passar seis meses naquela grande cidade, em meio à fumaça e tudo isso... cumpra sua penitência.’

— Sim, Gus, você sabe como é, sabe o que acontece se eu não pegar aquele pedaço de papel com as credenciais nele.

— Não acredito que você chegou tão perto daquele monstro maldito.

— Foi pura sorte, Gus. Sério, eu acabei de descer um trilho de terra, estacionei a van e lá estava. Eu nem saí. Não conte a ninguém, no entanto.

— Parece gordo na foto, sem dúvida uma barriga cheia de peixe barra e talvez um ou dois cães vadios.

— Sim, eu não acho que ele poderia se mover. Eu acho que ainda estava inerte, no mesmo local, quando os guardas florestais chegaram.

— Ah, bem, tudo em nome de reportagem e do jornalismo. Ainda assim, é uma história fabulosa. Vamos sentir sua falta. Certifique-se de voltar para nós em algum momento.

— Eu voltarei. Estou muito apegado a esta área para ficar longe por muito tempo. Vou passar por Brisbane no primeiro dia. Tráfego maldito, fumaça e barulho.

Apertaram-se as mãos, Gus como de costume terminando a despedida com um bom tapa nas costas. ‘Cuidado com as garotas de Brisbane. Elas farejarão um alvo fácil como você, a uma milha de distância. Elas estão sempre atrás de maridos do campo — elas parecem pensar que eles têm muito dinheiro, além de gostarem do visual agreste.

— Até mais, Gus, obrigado pela dica. Vou me certificar de ficar longe das mulheres.

Ele já estava tendo problemas suficientes com as mulheres. Sylvia havia mandado uma mensagem para ele naquela manhã, e ele perdeu o fôlego por um momento, quando abriu as fotos que ela lhe enviara. *Bom dia, homem crocodilo*, leu. Ela obviamente tinha lido o artigo dele. Os jornais eram muito esperados nas cidades mineiras, e os habitantes locais gostavam de

acompanhar as fofocas e os eventos locais.

O anexo da foto era outra coisa. Sylvia tinha esquecido de usar calcinha novamente, e a camisa leve não cobria seus quadris ou onde sua mão estava posicionada enquanto ela se deitava com as pernas abertas em uma cadeira de vime branca. Caramba, ela deveria excluir isso. Ela o excitou, no entanto. Ela conseguiu o que pretendia, porque agora ele estava pensando nela novamente, ou melhor, pensando em seu corpo e no que ele poderia estar fazendo se ela estivesse aqui agora.

Obrigado, Sylv, foi gentil da sua parte pensar em mim. Sem mais, ele escreveu. Se comporte bem.

Os olhos de Luke se voltaram para as latas e pilhas de papel impresso que ele colecionara na esperança de descobrir com quem as relíquias estavam ligadas. Olhando lentamente para as fotos antes de voltar sua atenção para o pequeno livro com as letras estrangeiras nele. Lentamente, virando a primeira página, ele segurou o livro de lado e de cabeça para baixo, tentando entender os caracteres que preenchiam as páginas. Manuseando mais, ofegou alto ao perceber que apenas as quatro primeiras páginas eram escritas com caracteres estrangeiros.

Luke recostou-se em uma cadeira, os olhos arregalados e a boca aberta, enquanto lia as palavras manuscritas que apareciam em inglês na quinta página.

Para o meu filho Eddie,

Ao ler isso, você saberá que seu pai de sangue, Kaito Ishigaki, que já foi soldado das Forças Imperiais Japonesas, morreu. É meu desejo que isso seja passado para você. Embora eu nunca te tenha conhecido, você é meu filho e desejo que meus pensamentos e ações sejam transmitidos a você, para que minha alma possa um dia descansar em paz. Espero que você faça o que achar melhor com os pertences em que confiei a você. Também espero que você encontre perdão e compreensão pelas muitas ações e infortúnios que transformaram tanto a minha vida como a do meu país e a sua no que elas são.

Hoje eu sou um homem velho com uma história que guardo por muitas décadas. Esses eventos que vou escrever para você aconteceram no que agora parece outra vida. Tive uma vida boa e viajei e vi um grande sucesso nos meus negócios. Meu inglês é superior e usei isso para tornar minha

casa comercial muito boa no distrito. Minha esposa morreu há mais de cinco anos e estou muito doente e agora também velho. Eu sei que minha hora está próxima. Meu grande amor ao longo dos anos tem sido meus livros e essa vida de leitura e escrita. Eu uso essa habilidade agora para lhe dizer isso. Esta é a minha história. Esta é a sua história.

Em 1934, aos dezoito anos, Kaito Ishigaki juntou-se a uma tripulação para trabalhar a bordo de um lugger de pérolas japonês que trabalhava principalmente em Mokuyo-to ou no que é conhecido como Thursday Island. Os riscos eram grandes ao coletar a concha de ostra, mas eu tinha grande habilidade como mergulhador e as recompensas valiam a pena pelo longo tempo passado sob as ondas. Os salários eram altos nesse momento e também recebíamos um bônus por tonelada, o que me permitia ganhar um bom dinheiro durante a temporada.

O navio em que eu trabalhava atuava nas áreas de mergulho profundo e empregava os melhores mergulhadores. Por causa do longo tempo passado no fundo do mar, tivemos muito mais tempo para nossa recuperação do que alguns outros mergulhadores japoneses. Ganhei um bom dinheiro e tinha a reputação de alguém que era firme, rápido e com a maior habilidade na arte de capturar.

O mergulho era um trabalho perigoso, mas trabalhei duro e as recompensas foram ótimas. Muito dinheiro foi enviado para casa para minha família ao longo dos anos e fui muito apreciado pela família e também pelos que moravam na minha província natal, Taiji.

Aprendi a amar a terra onde o navio atracaria e passei momentos de descanso caminhando pelas praias solitárias da bela ilha que eu passei a imaginar como minha casa. Uma vez longe das áreas de mangue, a areia era branca, fresca sob meus pés. O céu estava azul brilhante e o ar quente e fácil de respirar. Eu gostava quando estava acima da água, amando o calor do sol e a simpatia dos nativos que chamavam essa ilha de lar. Adorava andar, não ter água, mas sim ar ao meu redor, sentir a brisa quente em minha pele.

Foi nessa caminhada que conheci sua mãe. Sentado em uma pedra, me alongando, fazia meus exercícios, respirando profundamente, apreciando a liberdade de não estar debaixo da água. Eu a vi vindo em minha direção, sem me notar, enquanto recolhia as conchas lavadas pela maré alta. Ela

andava devagar e elegantemente. Naquele dia, quando a vi pela primeira vez, ela usava uma longa saia ao estilo da ilha, que rodeava suas pernas. Ela segurava uma parte recolhida, torcendo-a firmemente ao redor do corpo. Seus cabelos eram longos, de uma cor muito clara e caíam livremente sobre seus ombros, enquanto sua pele, muito mais clara que a minha, brilhava com a juventude e o bronzeado do sol da ilha.

Naquele dia, olhei sem vergonha, acenando quando ela chegou tão perto de mim que eu podia ver o azul dos olhos dela, brilhando enquanto ela falava comigo. Ela riu. — Você me deu um susto, eu não te vi lá.

— Eu não queria te interromper.

— Ela tinha dentes muito brancos e seu sorriso amigável iluminou meu mundo inteiro.

— Você é muito, muito linda — Eu gaguejei no meu inglês lento e quebrado.

— E você, senhor, fala inglês muito bem. — Ela sorriu ainda mais e virou-se para caminhar.

— Sinto muito por dizer... meu... — Tentei pensar em uma palavra para o meu comentário inicial, talvez ousado demais, mas gaguejei e acabei me curvando para mostrar meu respeito. Quando me levantei, ela ainda estava lá, sorrindo para mim.

— Eu posso te mostrar onde estão as conchas mais bonitas — Eu disse, indicando uma praia mais acima. Lembro-me dela sorrindo diretamente para mim, e meu coração disparou enquanto caminhávamos juntos mais adiante na praia.

Foi, eu declaro, amor à primeira vista, e a partir daquele dia em todos os momentos livres que eu tive na praia, nós estivemos juntos.

O nome dela era Kathleen e ela era a professora-auxiliar da pequena escola no alto da colina. Procurando aventura e o desejo de ajudar as crianças nativas a serem educadas, Kathleen deixou sua casa em Sydney e veio para Mokuyo-to. Ela era uma mulher muito boa e gentil, e as crianças a amavam.

Nós dois sabíamos que o que estávamos fazendo estava errado. Era proibido. Ela era uma australiana branca e eu era uma pérola japonesa. Alguns dos outros japoneses da ilha haviam se envolvido com mulheres da

Malásia ou com mulheres nativas. Muitos deles usavam os bordéis japoneses que haviam sido criados e funcionavam com lucro constante.

Mas eu tinha encontrado minha alma gêmea. Minha Kathleen, ela encheu minha mente e coração. No começo, tentamos nos conhecer e conversar, longas caminhadas pela praia com muitas risadas, pois minhas palavras eram muitas vezes confusas. Eu fui sincero e disse a ela que tinha uma esposa no Japão. Isso a deixou muito triste no começo e depois nunca mais falamos da minha vida de casado. Tudo parecia tão distante para nós dois, outra vida, outro mundo. Como se realmente não existisse, tão longe de onde estávamos, no paraíso.

Nos encontrávamos sempre que podíamos. Nosso lugar favorito era um pequeno barraco forrado com folhas de palmeira, muito longe de qualquer uma das casas. Era um lugar bonito onde poderíamos nos amar, onde nossa cor e país não importavam. Estávamos apaixonados, e olhando para trás agora, como um homem velho, sei que esses foram os dias mais felizes da minha vida.

Eu conheci sua mãe lá em uma noite passada. As lágrimas caíram de nós dois, uma lua cheia enviando seu raio dourado para brilhar em nossos rostos, molhados de lágrimas. Ela estava grávida de você, e eu fui chamado de volta ao Japão.

Os rumores eram muitos sobre a guerra e a maioria dos mergulhadores japoneses estava silenciosamente voltando ao Japão. Nessa mesma época, recebi a notícia de que meu irmão havia sido morto na China e sabia que a honra do país e da família era a principal e que eu deveria retornar ao Japão. Eu disse a Kathleen que, uma vez terminada a guerra, faria todo o possível para voltar e encontrar você e ela, meu filho. Nossos mundos estavam colidindo, virando de cabeça para baixo, e a vida como antes nunca mais seria a mesma.

Nesse momento, a agressão de meu próprio país às ilhas do norte e à Austrália havia atraído a atenção do governo australiano. Eu disse a Kathleen que precisaria sair rapidamente ou ser forçado a ficar internado em um campo durante a guerra que agora era iminente.

Nós criamos um plano. Kathleen voltaria para Sydney. Seria seguro lá porque ela tinha família e, como você ainda não havia nascido, ninguém suspeitaria de uma conexão japonesa. Ela disse que uma vez que você

nascesse, ela se mudaria e viveria com a família, que tinha uma fazenda remota em algum lugar na parte norte da Austrália.

Deixei para ela todo o dinheiro que tinha e disse que depois da guerra eu iria encontrá-la. O principal era que ela permanecesse segura. Nós dois estávamos preocupados que o novo bebê (que era você) fosse considerado japonês e, então, vocês dois seriam enclausurados. Então, criamos uma história para que você e ela estivessem seguros.

Ela dizia a todos que o pai desse novo bebê era malaio e que ele retornaria à Austrália em breve. Foram anos tumultuados para muitos australianos, e esperávamos que a história se apresentasse com sinceridade até que os anos de guerra terminassem. Nós éramos muito jovens e ingênuos nos caminhos do futuro e da guerra.

Lágrimas caem dos meus olhos hoje, enquanto penso na separação. Foi torturante, nós dois nos abraçando e soluçando, sabendo que não havia outra maneira. A cabana de palmeiras balançava ao vento, como se sentisse a separação, a dor. Se eu ficasse, arriscaria a clausura e a vergonha para meu filho, minha esposa e eu. Para Kathleen e o bebê, também haveria a captura e, em seguida, as consequências de um japonês casado como parceiro e pai do bebê. Eu tive que lutar pelo imperador e pelo meu país, o Japão. Eu sabia que isso veio antes de uma mulher ou até de uma criança.

Eu toquei seu estômago, os primeiros sinais de você apenas discerníveis em seu belo corpo. — Será um menino — eu decretei. Ela olhou para mim, seus olhos cheios de lágrimas quando colocou a mão em cima da minha.

— Talvez a guerra termine rapidamente, e então eu possa ir ao Japão ou você possa voltar e morar na Austrália — ela disse.

Ela era jovem e ingênua, e nenhum de nós tinha ideia da guerra ou do ódio que as pessoas abrigariam por décadas por um país e seu povo, agora mostrado como o agressor e violador de tantos crimes de guerra. Não sabíamos que milhões de japoneses e milhares de australianos deveriam sacrificar suas vidas, um lado lutando por um imperador e uma honra e o outro lutando para defender seu país e seu povo.

Eu, seu pai, Kaito Ishigaki, naveguei logo após a meia-noite da manhã seguinte, o navio saindo furtivamente das águas australianas rumo a um país envolvido em uma guerra. Meu coração doía pela mulher e pelo feto

que eu havia deixado para trás, e ainda assim senti honra pela perspectiva de servir ao imperador e de trazer respeito ao meu país e família. Servindo o imperador, derrotando o inimigo.

Eu era jovem e tolo. Olhando para trás, eu mal podia ver através da neblina, o desejo, a selvageria, a dedicação aos líderes de dar o que pudéssemos. Nossas próprias vidas, e as de nossas famílias e amigos, toda e qualquer coisa para apoiar o país e expandir nossa nação.

Agora estou velho e essas coisas me atrapalham muito. Morrer pelo nosso país foi uma grande honra e nosso código militar nos proibiu de nos render ou recuar. Lavagem cerebral para pensar que éramos uma raça superior. Não posso mudar o passado, nem os desejos de pessoas como eu, que serviram ao imperador e deram tudo pelo seu país.

Qual foi o nosso prêmio? Não havia, e para mim o fim da guerra foi uma perda, com tanta miséria e sofrimento para o nosso povo. E para quê? Milhões de mortos, e pais, mães, irmãs e irmãos, tios de ambos os lados perderam brigas. Pelo menos nossos inimigos ganharam e ficaram com orgulho. Uma vitória, sim, mas eles estavam defendendo seus países.

Nós, que estamos velhos agora e que experimentaram e sofreram a futilidade da guerra, homens e mulheres de ambos os lados, sabemos que nenhum humano deve ter que passar pelo que passamos. Senti muito remorso, dor e culpa e tristeza profunda pelo que ocorreu.

Depois que a guerra terminou, eu sabia que estava perdido. Kathleen e meu bebê também estavam fora de alcance para mim. Eu não conseguia encarar as pessoas quando havia matado as suas, algumas com minhas próprias mãos e uma baioneta e uma arma. Abatidos, jovens que nunca voltariam às costas australianas, nunca terão vida, se casarão ou se reunirão com suas famílias. Nós os deixamos lá para morrer na lama, em Buna, em Gona e do outro lado das montanhas da Nova Guiné.

Eu sabia que nunca poderia voltar para a Austrália e sua mãe não poderia vir para o Japão. Eu senti que haveria ódio para sempre e que os dois povos nunca mais confiariam ou perdoariam um ao outro. Nós éramos os agressores, os assassinos de filhos. Uma vez eu havia sido um homem de razão, mas a guerra havia me mudado. O nacionalismo e o militarismo embutidos em nossas almas pelo imperador mudaram e varreram a ingenuidade e os sonhos de amor que eu já tive.

Paguei minha penitência não procurando Kathleen. Eu permiti que ela continuasse uma vida sem o estigma dos meus crimes sobre sua cabeça. Meu castigo foi permanecer em um casamento por causa de compromisso e honra, não amor.

Para o sofrimento de minha esposa, Hiroko, nunca fomos capazes de ter filhos. Portanto, você é meu único filho e meu maior castigo, e a penalidade que eu concedi a mim mesmo foi nunca ver ou me encontrar com você.

Depois que a guerra terminou, e quando você tinha dez anos, eu contratei um agente com quem eu tinha contato comercial para rastrear Kathleen e reunir algumas informações para mim. Ela morava a oeste de uma cidade chamada Mackay e só há pouco tempo se casara com um homem chamado Sid Tamble, que era um fazendeiro local de cana. Pelo que consta, ele era que ele era um homem gentil, um soldado que retornou e, devido ao fato de não poder ter seus próprios filhos, aceitou alegremente a supostamente viúva Kathleen e você, meu filho, como sua família. Kathleen agora lecionava na escola primária local e você era conhecido como uma criança feliz que amava o esporte e já podia cortar cana ao ritmo de um homem adulto.

Meu amigo, o agente, obteve muitas informações da faxineira do hotel onde ficou. Ela adorou repetir a história de como o primeiro marido de Kathleen foi morto durante a guerra. — Ele tinha um pouco de sangue da Malásia nele — ela disse — aparentemente, daí o cabelo escuro e a pele verde-oliva. Sid não se importa, como todos dizemos que os malaaios são asiáticos, mas pelo menos eles estavam do nosso lado.

— E então eu sabia onde você estava, que sua mãe havia mudado e que eu precisava ficar fora da vida dela. Não havia como eu vir para a Austrália. Muitos australianos ainda nos odiavam, e provavelmente ainda o fazem até hoje.

Meu agente me contou como você herdou algumas das aparências naturais mais justas, os olhos redondos de sua mãe, além de cabelos escuros e pele oliva. Ainda assim, a história da Malásia parecia boa. Seguindo a história da faxineira, Kathleen era um membro ativo da comunidade e era conhecida como uma mãe feliz e amorosa que adorava seu filho. Embora sentisse grande tristeza por estar longe do meu único

filho e de uma mulher que amarei mesmo depois de não andar mais nesta terra, sabia que era a única coisa honrosa a fazer.

Como tantos outros voltaram, eu tive muitos demônios que me atormentavam frequentemente, noite e dia. Eles giraram em volta da minha cabeça — memórias, barulhos, cheiros e a culpa dos moribundos, dos feridos, nunca me deixando realmente, nem agora. Foram essas terríveis lembranças e pesadelos que apagaram o amor; os sonhos e as esperanças que Kathleen e eu compartilhamos. Eu tive uma vida diferente aqui no Japão.

Não me deixo nem dinheiro nem vontade. Tudo o que tenho em riqueza material foi deixado para um fundo que cuida do legado de Hiroshima, voltado àqueles que deram tanto e cujas vidas a guerra ceifou. Espero que você ache em seu coração lugar para a escrita de um homem velho, seu pai de sangue, e entender o quanto a crueldade da guerra e do conflito atrapalhou nossas vidas.

O que poderia ter sido, se nosso onipotente imperador não desejasse expandir seu império e enviar não apenas milhões de japoneses para a guerra, mas também virar países contra nós para sempre? Nós, os japoneses, ficamos com esse legado.

Agora, por sua vez, também deixo você com história. Eu tenho esse pacote para dar e deixo sob seus cuidados e confiança. Ele permaneceu intocado por todos os anos desde então, mas hoje eu passo para você, meu único filho.

Eu soube o dia em que Kathleen, sua mãe, se foi. Uma garça branca apareceu em frente ao meu gramado. O pássaro ficou parado e depois caminhou lentamente sobre a grama e para a praia no fundo do meu jardim. Parou algumas vezes e virou-se para me olhar, enquanto eu estava paralisado. Andando devagar, o pássaro caminhou na beira da água antes de olhar para mim mais uma vez e depois voar através da água. Ele nunca voltou e eu acompanhei seu voo até que ele fosse um pontinho no horizonte.

Meu coração parou e eu pensei em me juntar a ela, mas eu tinha visto muita gente morrer durante os anos de guerra. Eu sabia, mesmo com o sofrimento e a tortura que me vinham em meus sonhos, que eu deveria viver e morrer quando a natureza decidisse. Meu antigo camarada, meu agente, entrou em contato comigo mais ou menos uma semana depois disso para

me informar que sua mãe havia passado.

— Câncer — ele disse — ela não sofreu muito. O garoto, que eles chamam de Eddie, agora é jovem e continua trabalhando com cana. Ele é muito querido e será bem cuidado.

E então, meu filho, meu agente manteve uma trilha aproximada de onde sua vida o levou. Recebi notícias sobre sua vida através dele e é ele, mesmo que agora tenha retornado ao Japão, quem me deu a localização do seu lar, para que eu saiba para onde enviar esta encomenda. Quantas vezes eu quis falar com você, lhe dar sua herança, um pai. E então, a culpa passaria por isso.

Você era um australiano, de quem eu havia matado tantos compatriotas. Sua herança genética era desconhecida, ainda aparentemente apenas uma dispersão do malaio em seu sangue. Você está feliz, com uma esposa e quatro filhos, seus próprios filhos agora.

Eu sei que estou indo em minha jornada distante, seguindo o voo da garça branca. Você não poderá me rastrear no momento em que receber isso, pois eu já terei ido. Não fique triste. É melhor você não me conhecer.

A guerra traz à tona o pior até no melhor, e pelos crimes que cometi, passei uma vida sendo tendo como sacrifício não ver ou entrar em contato com você ou sua mãe. O pacote é seu agora. Eles dizem que você é um homem de grande bondade e compaixão. Alguém que é conhecido como um pai e provedor maravilhoso e um trabalhador esforçado. Sou grato por você ter levado uma vida que não foi interrompida pela guerra e pelo ódio e por também ter experimentado um grande amor. Tsuneni idaina ai.

Esses itens que eu lhe envio pertenciam a um soldado australiano que caiu em uma grande batalha que durou vários dias e noites. Foi uma batalha da qual nós japoneses recuamos. Não vou entrar em detalhes da nossa condição, mas nem é preciso dizer que a morte teria sido aceita com prazer neste momento. Os australianos atiraram de volta para nós, mas desta vez nossas baionetas e armas fizeram um trabalho melhor na selva. Estávamos morrendo de fome e, antes de deixar os corpos espalhados, verifiquei-os para tentar encontrar algum alimento. O que tenho no pacote para lhe dar é o que encontrei no soldado caído que estava morto, meio enterrado na lama no chão da selva.

Sempre guardei esses itens, uma ou duas vezes segurando o pacote

fechado sobre um fogo para queimar, mas nunca deixando-os ir para as chamas. Por que eu os levei, não sei. Eu era jovem, tolo, faminto e louco pelos horrores da guerra. Por muitos anos, o ódio continuou, direcionado tanto aos nossos inimigos do passado quanto àqueles que governavam o Japão. Para aqueles pelos quais meus irmãos de armas deram suas vidas. Muitos deles foram destruídos pelo inimigo ou sacrificaram suas próprias vidas de bom grado nos céus acima, para quem sabe o que agora.

Hoje esses países não são mais nossos inimigos. Então, pelo que demos à nossa juventude e vida? O orgulho que tivemos pelo nosso país e líderes. Não haverá vergonha — fomos treinados para morrer e dar nossas vidas pelo império. Lute até a morte e morra antes de se render. Tudo isso faz muito tempo e agora, e somente nós, nessa idade, podemos realmente entender como fomos doutrinados a dar a vida por todos, pelas ideias ambiciosas e insanas de nosso imperador. Quem saberá quanto vale tudo?

E agora meu ódio se foi, e eu sou um homem velho que ainda carrega a culpa da parcela que permanece fechada por tantos anos. Este é o seu destino agora. A garça branca apareceu no meu gramado novamente ontem. Chegou todos os dias desta semana. As palavras que me vêm à minha mente são que esta parcela é destinada a você e que eu estou destinado à paz e ao refúgio.

A garça branca agora está pacientemente na costa. Não voa para longe. Eu sei que ela está esperando por mim e é somente no próximo mundo que estaremos unidos e juntos mais uma vez. Dou-lhe o pacote junto com a história de como você veio a este mundo.

E agora, meu filho, meu único filho, digo adeus e boa sorte. Que seus filhos tenham muito orgulho de você e de tudo o que sua vida traz. O-ki wo tsukete. (Se cuida.)

Luke virou o livrinho com as mãos, passando os dedos pelos símbolos japoneses que seu avô havia escrito tantos anos antes. A última data no diário foi 25 de maio de 1986. Três dias antes da morte de Eddie.

Ele olhou para cima, ofegando fortemente. Eddie já tinha lido este pequeno livro? Ele soube dessa história? Isso foi datado três dias antes de sua morte, mas o pacote havia sido enviado do Japão. O processo postal mesmo naqueles dias era lento. Era altamente improvável que Eddie já estivesse em posse desse pacote.

No final da última página, havia uma linha de escrita a lápis e desbotada. Estava muito fraco, e ele passou apressadamente a mão pela gaveta lateral para encontrar uma lupa. Segurando-o diretamente sobre a escrita, ele leu em voz alta, seu estômago revirando.

‘Em 28 de maio de 1986, Kaito Ishigaki, falecido.’

Luke mal conseguia respirar. As datas coincidiam. Era o mesmo dia em que Eddie, seu próprio pai, de quem ele mal se lembrava, havia sido morto no acidente de carro. O pai Kaito e o filho Eddie, que nunca se conheceram, morreram exatamente no mesmo dia.

A mente de Luke se dispersou e ele não conseguia pensar direito. Ele checou a escrita novamente. Deus, eu preciso de um pouco de ar fresco, ele pensou.

Uma vez fora de sua mente, pareceu se acalmar e ele se sentou nas escadas de concreto dos fundos. Uma coincidência, é claro. Dois homens em diferentes partes do mundo, pai e filho, nunca se juntaram, nem se conhecendo mutuamente, nem um conhecendo ao outro. Duas mortes no mesmo dia.

Claro que foi uma coincidência. O que mais poderia ser? E isso realmente importa? Não significava nada. E daí? Milhões de pessoas morrem todos os dias; essas mortes só aconteceram no mesmo dia.

Sua cabeça se encheu de sons. Deus, eu devo estar nervoso. Todos esses eventos estranhos, cartas, poemas e todo o pacote agora com essa história de guerra. O barulho que vinha enchendo sua cabeça fez com que ele olhasse do chão onde ele estava paralisado.

A mangueira que ocupava quase todo o quintal estava cheia daqueles malditos pássaros asiáticos. ‘Mynas barulhentos’ eles eram chamados. Pa o havia treinado em tiro de estilingue, praticando nas pragas estrangeiras que o irritavam e agrupavam muitas de suas espécies nativas favoritas de pássaros. Devia haver cinquenta ou mais empoleirados na árvore, o barulho era ensurdecedor. Levantando-se, ele olhou para ver por que eles estavam gritando, o barulho deles muitas vezes era um sinal revelador de que havia uma cobra ou uma grande goana por perto.

Luke ficou congelado, incapaz de se mover. Debaixo da árvore, de pé imponente, olhando diretamente para ele, havia uma garça branca, de pernas longas e serena, alheia ao barulho estridente acima de sua cabeça. O

pássaro deu alguns passos em sua direção e ficou parado novamente. Como duas estátuas, o pássaro e Luke ficaram olhando um para o outro.

Movendo-se primeiro, o pássaro deu alguns passos antes de partir, voando graciosamente sobre o telhado de zinco ondulado. Ele circulou a casa duas vezes, os olhos de Luke nunca a deixaram, antes que voasse calmamente, sem esforço, para o céu acima de Proserpine.

Nunca tinha visto uma garça na cidade. Muitas vezes, na cabana na beira da água, pode haver uma, ou empoleirada em um dos galhos pendendo sobre a água, à espera de um pequeno peixe para se alimentar. Mas em todos os seus anos ele não conseguia se lembrar de ter visto um daqueles pássaros brancos na cidade.

Apenas outra coincidência? Quais eram as chances, ele se questionou. Isso era ridículo. Claro que não estava relacionado. Esqueça. Apenas um pássaro bobo, claro, aterrissando, procurando água.

Os pássaros myna estavam em silêncio agora, a mangueira se elevando como uma sombra agourenta, enorme em seu lugar no quintal. Deus, acho que preciso de uma xícara de chá, Luke pensou. Na verdade, eu preciso de uma cerveja, tudo isso está passando dos limites. Ele passou as mãos pelos cabelos em frustração.

De repente, aquilo o havia atingido em cheio. O legado era agora dele. Ele encontrou o pacote. Eddie se foi e nunca o viu. Seu avô japonês estava morto e acreditava que Eddie receberia o pacote em 1986 e faria algo com ele. Aquelas palavras que seu avô japonês havia escrito: *Você é um homem de grande bondade e compaixão*. Ele disse que queria que Eddie o devolvesse ao legítimo proprietário?



LUKE JÁ HAVIA iniciado o processo de averiguar a fundo os itens no pacote, mas agora não tinha tanta certeza de que queria fazê-lo. O diário e a posse de artefatos de guerra podiam desenterrar o ódio e as emoções que remontam a quase setenta anos. O velho japonês que subitamente ganhou como avô pode ter, poderia ter, talvez, matado a pessoa, o soldado australiano ao qual aquilo pertencia. Ele não disse isso no diário, mas Luke sentiu que havia lacunas na escrita. Muito não foi dito. O velho havia escrito apenas o que ele queria que soubessem.

Estávamos morrendo de fome. Luke sabia que havia casos relatados de canibalismo durante a guerra. Anos atrás, quando ele estava fazendo uma matéria sobre veteranos locais para o jornal de homenagem ao Dia Anzac, ele entrevistou Joe Bishop na Liga de Serviços Retornados local. Joe, que viveu em Proserpine toda a sua vida, esteve na ambulância de campo por quatro anos na Nova Guiné durante a guerra.

— Um dia, tivemos que entrar neste campo para recuperar os mortos e tentar encontrar alguém deixado vivo — Joe disse — Havia apenas quatro de nós no campo e ficamos escondidos esperando o último dos japas ir. Não encontramos ninguém vivo. — Tomando um longo gole de cerveja, o soldado voltou, com a voz trêmula de emoção. — Naquele dia, vi a pior coisa que já vi em todos esses anos. E filho, eu vi algumas coisas terríveis.

Ele parou para respirar fundo. — Alguns dos meninos australianos que levamos de volta em sacos de cadáveres tiveram suas calças rasgadas. Eles tinham bifos cortados em suas nádegas. Eu vi com meus próprios olhos. Como o que você faz com uma vaca ou porco. Eles estavam morrendo de fome, os japoneses, e isso foi perto do fim. Você nunca esquece, garoto, esse é o tipo de pessoa que eles eram. Vi com meus próprios olhos, e nunca mais falei sobre isso desde hoje.

Joe começara a discursar sobre macacos amarelos, e tudo o que Luke podia fazer era ficar sentado ali e ouvir seu ódio.

O rosto do velho escavador ficou vermelho e cuspiu pela boca enquanto ele reclamava abusos por parte do inimigo. — Traga-me outra bebida. —

Luke aproveitou a chance de escapar por um minuto e voltou com uma cerveja para Joe que, felizmente, havia se acalmado um pouco.

— Desculpe, Luke, às vezes isso me atinge. Eu gostaria de poder perdoar, mas simplesmente não consigo. Eu assisti muitos de meus companheiros morrerem no pântano e daqueles malditos mosquitos. Nós nunca pedimos isso. Todos se unindo para defender o país e lutar sob a bandeira australiana. Eu menti sobre a minha idade, ainda tinha seis meses até os dezoito anos. Papéis falsos, como muitos de nós. Tente deixar isso para trás, sobretudo, nunca fale sobre isso. Desculpe, fazê-lo ouvir isso, às vezes transborda e nada que eu possa fazer vai diminuir o ódio. Pesadelos sangrentos, setenta anos depois, tremores e a imagem do cachorro me perseguindo pelas costas continuamente.

Eles ficaram em silêncio, Joe bebendo avidamente sua cerveja até que sua respiração se acalmou um pouco e o vermelho brilhante deixou seu rosto, diminuindo para um tom rosa avermelhado. Ele apertou a mão de Luke. — Você escreve ótimas histórias, jovem. Pena que seu pai não está por perto, ele teria muito orgulho de você.

— Você o conhecia bem?

— *Na*, ele não era um bebedor como a maioria de nós. Passou o tempo todo com vocês e trabalhou como um Trojan. Ele ficaria orgulhoso de você, porque você é um ótimo jovem. Felizmente, não vejo guerras no seu tempo. Espero que todo o ódio acabe quando todos os velhos idiotas desaparecerem.

A história veio com uma ótima foto de Joe em suas roupas do exército, sentado com dois companheiros em cadeiras de lona em meio a tendas do exército e ao fundo da selva. Joe havia dado a Luke a foto para usar na matéria. O veterano cuidou disso com carinho.

— Isso foi tirado em Rabaul — ele disse — em 1945.

— *Yep*, eu fiquei para a limpeza e tudo, Luke. — Parei e assisti à cerimônia de rendição no Cabo Wom, Wewak, em setembro do mesmo ano. Observei o General Adachi entregar sua espada para Robertson. Nós sabíamos que a guerra realmente havia acabado. Tivemos que guardar as sobras de japas nas praias até que eles fossem enviados para lá. Que grupo desajeitado e triste. Eles estavam morrendo de fome, costelas à mostra e rostos até o osso. O efeito psicológico deve ter sido horrível para eles. Você

sabe que eles foram ensinados a nunca se render, mas a encontrar glória na morte, seja por sua própria mão ou pela de outra pessoa. Aqueles bastardos, eles queriam lutar até a morte.

Joe tomou um longo gole de cerveja, reunindo palavras e pensamentos. — No final, restavam apenas cinquenta anos para guardarmos. Eles foram os últimos a sair. Uma manhã, eu estava terminando meu cigarro, deixei cair a bituca minúscula e imunda na areia apenas para ver como um deles japoneses se curvou para pegá-la. Minha bota a encontrou primeiro e eu a moí na areia, mantive o pé ali e acenei para longe como um cachorro. Guerra traz o pior de todos nós, Luke. Nem daria a um japa rendido e faminto a ponta suja de um cigarro. Ainda não posso perdoá-los até hoje.

A história e a foto de Joe apareceram na primeira página, bem como uma grande história de camaradagem e como Joe gostava de comemorar o Dia de Anzac e lembrar de seus companheiros. A verdadeira história Luke mantinha guardada em sua cabeça e escrita em pedaços de papel mantidos em sua caixa de arquivo.

Não é a melhor história para publicar no jornal local. As pessoas no norte de Queensland eram suficientemente xenófobas por natureza. Esta foi uma nova era de multiculturalismo e aceitação de outros. Luke tinha companheiros de todas as partes do mundo, incluindo o Japão. A maioria dos jovens não sabia muito sobre a guerra.

Sim, o Anzac Day era grande e aumentava a cada ano. Mas quem realmente sabia muito sobre o que realmente era? Para muitos, era apenas um australiano e, durante um dia do ano, fingiam gostar dos kiwis e diziam que somos todos amigos, camaradas. Tudo seria esquecido quando a próxima série de futebol chegasse, ou quando um deles conseguisse o emprego na fábrica antes de um dos garotos locais.

O Dia Anzac, se você sabia muito sobre a história da guerra ou não, persistiu e se tornou o dia mais importante do ano para muitos, jovens e idosos. Luke geralmente descobrira que a maioria dos jovens parecia saber algo sobre Gallipoli, mas não muito sobre a guerra no Pacífico.

A Segunda Guerra Mundial costumava ser ensinada nas escolas em relação a Hitler e os nazistas. As pessoas sabiam da trilha Kokoda porque os australianos adoravam fazer trilhas, mas raramente conheciam a verdadeira história ou os meandros da guerra no Pacífico.

Talvez, pensou Luke, as palavras de Joe ainda ecoassem em seus ouvidos, era melhor que os jovens australianos não soubessem a extensão completa disso. O ódio não havia passado por gerações, e as pessoas da idade dele geralmente tinham muito mais tolerância pelos outros, independentemente de onde eles vieram.

A mente de Luke voltou à entrevista com Joe agora. Aqui estava ele hoje, o orgulhoso avô japonês. Ele se olhou no espelho. Não resta muito nele. Talvez os olhos e cabelos escuros, ele sempre se bronzeava bem, pele oliva. Caramba, eu nem conseguia distinguir os escritos chineses dos japoneses, pensou ele.

A cerveja caiu bem, gelada, formigando e esfriando sua garganta. Deus, eu deveria ter jogado aquelas caixas no lixo, então eu não saberia nada disso e não teria notado aquela maldita garça branca embaixo da mangueira.

As peças do quebra-cabeça ainda estavam confusas em sua mente, e ele sabia que teria que continuar trabalhando nos arquivos para que pelo menos algumas das peças se juntassem. Depois do Blues, ele disse a si mesmo. Agora eu realmente preciso relaxar e pensar em nada. A música vai me consertar, como sempre. Concentre-se no blues e o restante pode vir mais tarde.

O pacote estava escondido há anos. Mais um mês, não faria muita diferença.



A VIAGEM DE Luke para Brisbane chegou rapidamente. Antes que ele percebesse, ele estava pronto para ir, apenas com os pertences necessários. Seu lar seria uma casa compartilhada em Brisbane, não muito longe da universidade, com alguns dos outros caras de Proserpine. Seria apenas por seis meses, talvez menos, se ele pudesse resolver o assunto que tinha para tratar e depois voltar para casa o mais rápido possível.

Blues era um oásis de felicidade, e os sons suaves de Xavier fluíam pelos alto-falantes enquanto Luke atravessava a Bruce Highway sul em sua van azul.

Ele cantava em voz alta, batendo os dedos no volante com as palavras caprichosas, a música fazendo-o companhia enquanto descia a costa de

Queensland.

Maldita estrada Bruce, ele pensou. Nada nunca mudou. Apenas as mesmas faixas estreitas e sem ultrapassagens por quilômetros, caminhões que gostavam de ultrapassar o limite de velocidade e a frustração de estar preso atrás da trilha interminável de veículos lentos que percorriam essa faixa.

Brisbane se aproximava e o tráfego aumentava, as margens da rodovia estavam repletas de lotes repetidos de conjuntos habitacionais, onde as casas pareciam construídas propositadamente para contemplar a vista da rodovia congestionada.

Sabendo que sentiria falta da beleza natural do norte de Queensland e que precisava se manter ocupado, seu consolo foi a recompensa da última etapa de seu estudo chegando ao fim. Um sentimento de saudade já estava chegando, e ele pensou em como iria preencher seu tempo, sabendo que precisaria se manter ocupado. Observando o fluxo dos carros, ele esperava que o tempo passasse rapidamente e que logo voltasse à cabana, jogando tudo fora e perseguindo Jack.



COMPARTILHAR UMA CASA era uma nova experiência para Luke, e ele se enturmou facilmente. Os caras eram muito divertidos, todos ainda terminando cursos diferentes, como engenharia e ciência do esporte, e ele mesmo, que tinha apenas um semestre de jornalismo por completar. Apenas o atual, e então, tudo acabou. Formado.

Os outros da casa estavam todos na mesma situação, tendo passado anos sabáticos e viajado em vans pela Austrália. Johnno esteve no exterior, e outros, como Luke apenas trabalharam e cursaram a faculdade em partes. Era fácil conviver com o pessoal.

Byron Blues tinha sido ótimo, permitindo que ele realmente relaxasse. Fazia séculos desde que ele se socializara tanto e as brincadeiras à noite eram sempre divertidas, muitas vezes se tornando ridículas e às vezes esquentadas devido às quantidades abundantes de cerveja ou rum com os quais eles se embriagavam. O doce cheiro de narcótico estava sempre flutuando por ali, mas ele teve sorte, porque nenhum de seus tripulantes gostava mais deles, preferindo beber e apenas relaxar com a música e a companhia.

Depois de cinco dias selvagens acampando na lama e dançando na chuva, ele se despediu dos outros, arrumou sua barraca e seguiu sozinho em direção a Nimbin, e uma visita a Marlene. O pacote e seu conteúdo foram embrulhados em segurança, escondidos atrás do assento em sua van.

O lar de Marlene e Rob ficava bem longe da estrada, em uma pequena área limpa da floresta tropical. Eles eram autossustentáveis e não tinham água ou eletricidade. Rob tinha muito orgulho em mostrar a Luke todos o cultivo presente no lugar, e como eles eram capazes de viver sem depender de ninguém ou de nada. Luke pensou que aquilo era muito parecido com a cabana, exceto pelo fato de ele desfrutar do luxo da eletricidade.

Os primeiros dois dias haviam passado, com Luke curtindo as brincadeiras e a mente criativa de Rob. Rob era um artista, e uma variedade eclética de pinturas preenchia as paredes de tijolos de barro, acrescentando cor e calor a todos os cômodos. Tapetes estampados e móveis de cores vivas

enchiam a casa.

— Um caleidoscópio de cores — Marlene disse. — Você deve ter muita cor em sua vida.

Luke esperou até que os três estivessem sentados na varanda na última tarde antes de abordar o assunto do pacote. Ele pensou que Marlene tinha mais chances de dizer a verdade e se abrir quando Rob estivesse presente. Eles obviamente tinham um grande respeito um pelo outro, e ele pensou que, se ela soubesse algo sobre isso, havia uma chance de já ter dito a Rob. Ele não tinha por que se preocupar.

— Encontrei um pacote com algumas coisas que Pa deixou para mim — ele disse. — Ele disse que pertencia ao meu pai e que era para mim.

— Que tipo de pacote? — Marlene se inclinou para a frente na cadeira de cana.

— O pacote contém alguns itens interessantes. Algumas relíquias de guerra antigas e um pequeno livro, um diário. — Ele não queria descrever muito, esperando extrair informações de sua mãe primeiro.

— Não sei do que você está falando, Luke — ela disse, recostando-se na cadeira, relaxando enquanto o sol quente brilhava na varanda.

— Marlene, isso é realmente importante para mim. Você pode, por favor, pensar bem se lembra de ver latas velhas que continham itens de guerra e um diário?

— Sinto muito, Luke, eu definitivamente me lembraria de algo assim. Seu pai não parecia ter muita coisa desde a infância e ele raramente falava sobre isso. Eu sei que foi principalmente a mãe dele que o criou e depois ela se casou com o agricultor de cana, Sid. Eddie disse que Sid era um cara bom e o tratou como seu próprio filho.

— Eddie disse alguma coisa sobre seu verdadeiro pai? -

Marlene pensou longa e intensamente. — Ele disse uma vez que perguntou a sua mãe sobre ele não muito antes de ela morrer. As crianças da escola estavam começando a questionar a cor de sua pele. No verão, quando o sol o bronzeava, ele ficava bastante escuro. Eles estavam brigando com ele, dizendo que ele era asiático. Aparentemente, sua mãe disse que seu pai era da Malásia e morreu antes da guerra. Ela lhe pediu para nunca mais perguntar sobre ele.

Lágrimas encheram os olhos de Marlene. — É por isso que vocês eram tão importantes para ele. Às vezes, ele ficava tão emotivo. “Essas crianças e você são meu mundo, Marlene,” ele diria. “Esta é minha família.” — Ele adorava todos vocês. — Ela abafou um soluço. — Ele carregou você para todos os lugares, para mostrar-lhe ao mundo. Ele era o pai mais orgulhoso que você jamais encontraria.

Rob passou o braço em volta de Marlene.

— Me desculpe Luke — ela disse — mas meu mundo inteiro se desfez quando seu pai foi morto. Quando olho para trás agora, vejo que minha mente não aguentou e tive que fugir. Eu me senti sufocada, presa, e toda vez que olhava para você, via Eddie. Você é muito parecido com ele. Ele era um cara legal, paciente, amoroso e apreciava tudo. As coisas mais simples da vida lhe davam prazer, uma daquelas pessoas que sempre veem o copo meio cheio. Então, Luke, eu não tenho certeza do que Pa te deu.

Buscando permissão silenciosa para discutir o assunto, Luke olhou para Rob, que assentiu.

— Mãe, eu preciso que você pense muito. Este pacote que encontrei estava com muitos cartões de condolências, uma pequena placa funerária de metal com os detalhes de Eddie e um artigo de jornal sobre o acidente de carro.

— Ah, foi que o artigo fora do local?

— Sim, foi datado do dia seguinte à morte de Eddie.

Marlene olhou para cima de repente, os olhos arregalados. — Eu me lembro vagamente de algo. Havia um pequeno pacote embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante. Ele veio com muitos outros presentes, cartões e visitantes no dia do funeral de Eddie. A única razão pela qual me lembro foi porque Audrey, da porta ao lado, que estava tentando ajudar, veio e me deu. Veio pelo correio, com muitos selos chiques. Pedi a Audrey que colocasse com todas as outras coisas que as pessoas trouxeram, para que eu pudesse olhar para todas quando quisesse.

O pacote foi colocado com todos os outros cartões e cartas. Empacotado e colocado em caixas e latas para leitura posterior. Para um dia em que ela pensou que poderia enfrentar todas aquelas palavras que as pessoas adoraram escrever.

— Nada ia dar certo, nada iria consertar meu coração naquele momento — disse Marlene com lágrimas nos olhos. — Arrumei tudo de Eddie e dei para Pa. Eu simplesmente não aguentava enfrentar nada disso. O que quer que esteja lá é seu. Sinto muito, mas não quero nada disso. Isso apenas causa mais dor. Tive a sorte de ter dois grandes amores na minha vida, Luke. Algumas pessoas nunca conseguem encontrar nem um. Seu pai foi meu primeiro amor verdadeiro, e Rob é meu segundo.

O braço de Rob descansou protetoramente em seus ombros.

— Sinto muito, Luke, não posso lhe contar muito, mesmo sobre o passado de Eddie. Ele costumava dizer que o futuro dele estava comigo e com vocês, seus filhos. Acho que nem ele mesmo sabia muito. Os anos da guerra varreram as famílias, custaram vidas e destruíram destinos. Acho que quando a guerra acabou, as pessoas só queriam seguir adiante com isso. Não queriam olhar muito para trás, ao invés disso queriam olhar para frente, mais para o futuro e uma vida sem guerra.

— Tudo bem, mãe. — Luke ficou surpreso com a compaixão que agora sentia por sua mãe e pelo que ela havia passado. Ele tentou se lembrar de que ela o havia deixado.

Ela olhou lentamente para Rob e depois para Luke, como se estivesse lendo sua mente. — Eu sei, Luke, que eu deixei você. É algo com o que eu tenho de conviver. Na época, parecia a coisa certa a fazer, e eu sabia que mamãe e papai cuidariam bem de você. Você era como o próprio filho deles. Ainda me lembro como os olhos do meu pai se iluminaram quando ele olhou para você. Você lhes deu muito amor e eles devolveram. Eu não tinha nada para lhe dar. Eu mal podia viver.

— Mãe, está tudo bem. Eu segui em frente. Eu ainda penso às vezes em quando você saiu, mas a maioria das minhas memórias de infância são felizes — bem, até que ambos me deixaram.

Os três estavam sentados relembando a infância, Marlene e Rob ouvindo as histórias de Luke sobre estar com o pai e pescar na cabana.

— Veja — Rob disse, sua mão gesticulando em direção ao horizonte ocidental, -a terra está dando um show para você, para nós, especialmente.

Raios de luzes brancas brilhavam em raios, refletindo nas nuvens de topo branco, mas com fundo azul escuro que se estendiam acima do horizonte. Os picos irregulares azul-escuros das montanhas alcançavam os

últimos reflexos de calor que desciam sobre eles. Eles assistiram juntos as cores laranja-escuro e vermelho queimarem o céu. O sol afundou rapidamente, desistindo de seu show final, enquanto o vermelho e o laranja se transformavam em rosa, espalhados pelo céu, diante das nuvens inchadas que se acumulavam acima da cordilheira. As cores da terra, céu e sol poente iluminam as faixas escuras que se estendem a oeste.

Marlene falou primeiro. — Tenho certeza de que foi apenas para nós, essa exibição.

— É o que eu mais amo, as cores e significados naturais puros da natureza. — Luke expôs alguns de seus sentimentos aos outros dois. — Talvez eu consiga isso de você. — Ele se inclinou e tocou o braço de Marlene.

— Você ainda vai à cabana, Luke?

— Eu vou o máximo que posso, sempre que consigo fugir. É o que eu mais amo. Ainda é basicamente como sempre foi. Não há ninguém por perto e eu geralmente tenho toda a baía para mim quando estou lá em cima.

— Você sabe, seu pai gostava de ir para lá. Eddie e Pa pescavam caranguejo por horas. Os filhos mais velhos, seus irmãos e irmãs, eles não aceitariam isso. Os homens tentaram tirá-los algumas vezes, mas tudo o que fizeram foi reclamar. Eu acho que eles ficaram agradecidos por Eddie não aparecer novamente. Eu sempre ficava chateada pensando nisso. Eu sei que você e ele teriam sido ótimos companheiros de pesca. Ele deveria estar lá por você.

— Está tudo bem, mãe. — Ele podia ver que ela estava ficando abalada novamente. — Tenho ótimas lembranças de estar com o Pa. Eu certamente não perdi nada no que diz respeito a pesca. Além do fato de que a cabana me pertence e eu posso ir lá a qualquer momento.

Marlene não deixou de se atentar para o fato de Luke ter se dirigido a ela como “mãe”, e ela sentiu que uma lacuna, um abismo, havia sido preenchido.

Ela se levantou e abraçou os ombros de Luke. — Seu avô e seu pai amariam o fato de você valorizar aquele lugar. Agora, eu preciso de um copo de vinho, nem sempre o meu filho vem me visitar. Precisamos comemorar.

Rob concordou. Sou o segundo a achar o mesmo.

Luke sorriu. — Eu não me importaria com um pouco de tinto, se você tiver.

= Tenho certeza de que podemos providenciar isso — Marlene disse.

O clima melhorou e eles não mencionaram o pacote ou os velhos tempos novamente.



LUKE SE SENTIU bem quando foi embora na manhã seguinte. Ele sabia que era capaz de olhar para os tempos passados um pouco diferente agora, genuinamente satisfeito por sua mãe ter encontrado amor e felicidade. Rob parecia um bom sujeito que adorava Marlene.

— Obrigado por expressar à sua mãe algum entendimento, Luke — Rob lhe disse quando ele estava saindo. Eles apertaram as mãos. — Todos nós temos coisas, bagagem no passado, é melhor deixar para trás. Muitos de nós não chegam a essa idade sem fazer algo de que não sejamos particularmente orgulhosos e que estamos tentando esquecer. Dores e lembranças do passado.

— Eu entendo as coisas um pouco melhor agora — Luke disse — e estou muito feliz por ter vindo. Voltarei para ver vocês dois.

A mãe dele o abraçou.

— Mãe — ele disse — você nem quer saber sobre nada do que está naquele pacote?

— Não, definitivamente não, Luke. Seja o que for, é seu agora. Eu sei que seu pai iria querer assim.

Eles se abraçaram novamente.

— Eu adoraria que você viesse me visitar novamente — Marlene disse.

— Bem, estarei em Brisbane por seis meses e não fica tão longe. Vou vir de novo, com certeza. Vou precisar sair dessa corrida daquela loucura para descansar. Jogando sua mochila no banco da van, ele se virou para dar um abraço em ambos.

Enquanto dirigia pelo portão da propriedade, ele olhou para trás, acenando para eles enquanto estavam juntos. O braço de Rob em volta dos

ombros de sua mãe, ambos acenando, sua mãe soprando beijos. Luke se sentiu mais leve, como se algo tivesse sido tirado de seus ombros.

Eu só quero que todos sejam felizes, ele pensou. Todos nós merecemos ser amados e felizes, isso é tudo que a maioria dos humanos deseja. Ele sabia, por incidentes passados, que não tinha nada pelo que guardar rancores ou relembrar momentos em que as pessoas não fizeram a coisa certa por ele. Talvez ele fosse como seu pai, afinal, apenas apreciando as coisas simples da vida.

Sua mente voltou para o pacote e um sentimento premente pesou sobre seus ombros, como um peso desconhecido. Sua mãe não ajudou em nada a desvendar o mistério, e agora ele sabia que dependia dele, o pacote o levava de volta a outra época em que japoneses e australianos estavam em guerra. Quando os dois lados buscaram ativamente o outro com um objetivo em mente, ambos lutaram até a morte, ambos com razões diferentes.

Acho que estou sozinho, ele pensou, tentando conectar as peças. E pela aparência das coisas, de alguma forma, tentando devolver esses itens aos seus legítimos proprietários.

Luke inseriu o novo CD que havia comprado no Blues e logo as letras assustadoras de Gurrumul começaram a rolar. Ele elevou o volume ao máximo. A música, como seus livros, sempre trabalhava para apagar todos os outros pensamentos que giravam em sua cabeça, permitindo-lhe reviver uma das melhores atuações que já vira. A música combinava com seu humor e o cenário espetacular que o acompanhava pelas colinas verdejantes do norte de Nova Gales do Sul.



A ACOMODAÇÃO DE Luke em Brisbane ficava em um subúrbio da cidade conhecido como Gabba. A unidade compartilhada ficava a apenas algumas ruas do renomado campo de críquete de Gabba, lar de muitas partidas de teste e de um campo esportivo onde o Pa teve uma ou duas vezes a sorte de ir. O velho, que era um ávido fã de críquete, costumava gostar de relatar os detalhes de Luke no teste de 1946, onde teve o privilégio de ver o envelhecimento de Bradman.

— Eu nunca esquecerei isso — o velho disse — história no Gabba. Sabe, ele não parecia bem, mas ele mostrou aqueles malditos pompons. Eles acham que foi seu retorno e que, se ele não tivesse feito essas corridas, se aposentaria. Mas não nosso Don Bradman. Eu lhe digo, Luke, eram os bons e velhos tempos. Ainda sinto a emoção daquele dia no Gabba.

Os jogos e jogadores de críquete dos anos anteriores eram um tema de conversa para Pa, que adorava nada mais do que expressar sua opinião sobre todos eles e os modos do críquete australiano. — Eu amo muito o jogo e eu também jogava bem, você sabe. Nunca tão bom quanto aqueles caras, mas eles sempre me enviaram primeiro para bater.

Pa adoraria esse lugar, pensou Luke. Ele olhou por cima das casas. Você poderia quase jogar uma bola de críquete daqui e pousá-la no oval verde. Se ele se sentasse na velha espreguiçadeira ou saísse para a varanda de concreto que era guardada com laços de ferro dos anos sessenta, ele podia ver as luzes e ouvir o rugido enquanto os jogadores de críquete batiam. Quando as partidas aconteciam, se ele fechava os olhos e ouvia o rugido da multidão, sentia como se estivesse morando perto do Coliseu nos dias romanos.

A casa compartilhada era de dois andares, provavelmente construída por gregos ou italianos na década de 1950, pensou ele. Era nessa área que muitos deles se deslocavam para perto da cidade, casas empoleiradas em grandes jardins férteis, onde podiam cultivar tomates e berinjelas. Todo o edifício em que Luke morava era de concreto — paredes, pisos e tetos de concreto. Felizmente, já havia um gancho para ele pendurar sua foto

favorita, porque não haveria pregos nessas paredes. O piso do terraço ainda era original, e a banheira, lavatório e vaso sanitário eram feitos com o lindo esmalte rosa que era tão típico daquela época.

Havia três deles da Proserpine compartilhando todo o andar superior, e três quartos enormes lhes davam seu próprio espaço privado, grande o suficiente para camas, armários, uma mesa e algumas cadeiras, com ainda muito espaço sobrando.

Luke espalhou o conteúdo novamente em sua mesa: a lata e a gaita, o livrinho, o poema e os esboços, as fotos e os dois broches frágeis. Ele olhou para eles por um longo tempo sem se mexer, tentando colocar os detalhes em ordem.

Obviamente, os broches foram feitos para alguém na Austrália e talvez feitos pelo mesmo cara que escreveu o poema. Talvez tenha sido também o soldado australiano nas fotos. Indo pela assinatura do poeta no final do poema, também era o mesmo cara que ansiava por sua família e havia escrito um poema que nunca havia sido enviado.

Tudo isso tinha acabado, no entanto, porque esse cara acabou morto na lama e no sangue em algum lugar nas selvas da Nova Guiné. Esses itens, reunidos, foram retirados de um soldado australiano morto por seu avô japonês e nunca foram entregues às autoridades, mesmo após o término da guerra. O velho japonês os mantivera até perto de sua própria morte e, então, talvez para tentar se livrar de sua culpa, os enviara a seu filho, Eddie, na esperança de que fossem devolvidos aos legítimos proprietários.

E Luke sabia de tudo isso por causa do conteúdo do pacote. Ele pegou o diário e leu, vasculhando partes dele várias vezes.

— Que merda confusa — ele disse em voz alta. Aqui estou eu, pensou ele, nem me lembro do meu próprio pai, que nem sequer conhecia o seu próprio pai, muito menos eu conheço qualquer um deles. Agora acontece que eu tenho sangue japonês em mim e, por isso, parece que agora é minha responsabilidade fazer algo sobre tudo isso.

Ele considerou entregar tudo no Memorial de Guerra, deixando que eles lidassem com tudo. Como uma família reagiria aos bens devolvidos depois de todos esses anos? Talvez não houvesse parentes vivos. Tudo o que ele precisava era uma notícia sobre alguém com um nome semelhante. Ele juntou os itens novamente, embrulhando-os cuidadosamente e os colocou

de volta na embalagem e nas latas, antes de colocá-los na parte de trás dos armários embutidos.

Os gregos deviam ter muito ouro ou dinheiro naquela época, pensou. Por que mais teriam construído esses compartimentos secretos, que eram muito úteis para esconder objetos de valor. Ele sabia que não podia se dar ao luxo de perder qualquer um dos itens. Tudo se encaixou e ele agora tinha o dever de manter a lata segura até poder devolver os itens.

Ele se sentia melhor por eles estarem seguros. Que engraçado, ele pensou, pois eles haviam estado por todos esses anos em uma cabana abandonada e deserta.

Luke achou difícil dormir naquela primeira noite em Brisbane. Não apenas havia um milhão de coisas correndo em sua mente, mas também havia uma cidade de luzes lá fora, o brilho se infiltrando em seus olhos bem fechados. Luzes da rua, luzes da casa, luzes do carro e mais além das luzes dos arranha-céus, estradas e pontes. Sirenes uivando, carros apitando, cachorros latindo... ele precisaria se acostumar com tudo; tão diferente da cabana.



AS PRÓXIMAS DUAS semanas foram dedicadas a se matricular na universidade, encontrar o caminho e se organizar com palestras e tempo de estudo. Dan e Matt, seus colegas de casa, tinham namoradas; portanto, muitas vezes havia convidados-extra aparecendo e às vezes ocupando todo espaço livre para dormir. Conveniente para todos os companheiros de Prossie que precisavam de um ou dois pernoites em Brisbane. Luke não se importava com a empresa, era bom conversar sobre nada em particular e desfrutar de algumas bebidas e risadas.

Os outros caras costumavam tentar juntá-lo com a amiga ou irmã de alguém.

— Vamos lá, Luke — Dan o estapeou nas costas. — O que havia de errado com a loira que te deu mole? Sarah, era esse o nome dela?

— Garota adorável, sim, muito legal.

— Então, qual foi o problema? Ela ficaria aqui com você. Eu podia vê-la

esperando para ser convidada, você sabe, convidada para tomar uma bebida.

— Ela simplesmente não fazia meu tipo. Ela era bonita, mas não estávamos na mesma sintonia.

— O que você quer, companheiro? Há um monte delas aqui e um monte delas são muito interessantes.

— Eu sei, e vocês foram ótimos. É como um desfile, um bando de meninas desde que cheguei. Apenas ainda não encontrei uma que se conecte comigo. Eu sou um tipo bem básico de cara. Você conhece o ditado, pode tirar o cara de Proserpine, mas não pode tirar Prossie dele. Talvez eu apenas não combine com garotas da cidade.

— Os dois últimos eram de Roma e Surat, seu idiota. Quanto outros lugares você pode obter?

— Olha, eu não estou realmente procurando por uma garota no momento. Os estudos têm me tomado muito tempo e tenho muitas outras coisas para cuidar. Ele pensou na lata velha no compartimento secreto, deixada intocada pelas últimas duas semanas.

— Que tipo de garota faria seu tipo, companheiro? — Matt entrou na conversa, os dois colegas de quarto ansiosos para vê-lo se dar bem.

— Olha, eu não sei. Você me conhece — Eu tive minha cota de namoradas ao longo dos anos. Quando eu encontrar o estilo certo, eu vou deixar vocês saberem.

— Quando será isso? — os outros dois disseram ao mesmo tempo.

— Vou saber quando a conhecer.

— Eu não sei como você pode ficar sem mulher, companheiro — Dan disse.

— Eu corro e vou para a academia, e tenho muito muita coisa na minha mente no momento. Além disso, eu gosto de ficar sozinho, tomando minhas próprias decisões. Não ter que andar pelas lojas e fingir que gosto de olhar para sapatos e vestidos como algumas pessoas por aqui. — Ele deu um soco no braço de Matt, brincando.

Matt teve destilou seu lento sotaque de North Queensland. — Tem que mantê-las felizes às vezes. Merda, eu odeio as lojas, na verdade. Na semana passada, Lizzy me arrastou, eu acho que deve ter sido mais de uma centena de pequenas lojas.

— Você está exagerando, cara — Dan disse.

— Não, eu não estou brincando. Não existem muitas lojas em todo o norte de Queensland. Mas aqui em Brisbane tudo o que você precisa é ir a um desses shopping centers e está tudo lá. Eita, estou suando só de lembrar.

— Veja, o que eu acabei de dizer? — Luke disse. — Isso não é para mim, você pode ficar com as meninas da cidade e as lojas de roupas. Luke ouviu os outros dois lamentando os lugares que eles tinham que ir para manter as meninas felizes. — Por que as meninas são tão consumistas? — ele perguntou aos outros dois.

— Não tenho certeza, acho que é por isso que elas ficam bem — Dan disse. — Elas gastam todo o seu dinheiro em roupas, sapatos e unhas.

— Não é à toa que eles não viriam para o Blues em Byron — Luke disse.

— Graças a Deus — Matt disse. — Toda essa lama. —

A conversa terminou abruptamente quando o som de sapatos de salto alto soou na direção da escada de trás dos tijolos.

— Bem, vou deixar vocês à vontade — Luke disse, quando se levantou da cadeira.

— Do que vocês estão falando, meninos? — Uma loira, imaculadamente aprontada, apareceu na porta aberta.

— Nada demais — Dan disse.

Todos eles sorriram.

— Apenas esperando por vocês meninas chegarem — Matt disse.

— Bem, estamos prontos. Luke, por que você não vem conosco? Vamos apenas assistir a um filme e dar uma olhada rápida nas lojas.

— Obrigado, meninas — Luke disse — é legal da sua parte perguntar. Tenho muito estudo e uma tarefa que deve ser concluída em breve, mas obrigado pela oferta. Divirtam-se todos.

Ele piscou para Matt e Dan, acenando para eles.

— Eita, me poupe — ele disse para si mesmo enquanto os observava conversando e rindo juntos quando eles entraram no carro estacionado em frente. A empresa talvez seja boa, pensou ele, pensando imediatamente em Sylvia. Mas ele sabia que não era sobre a empresa; era só sexo.

Vamos, ele disse a si mesmo, se afogue nos livros e tire essa tarefa do

caminho. E, em seguida, rastreie ou retorne de alguma forma esse pacote e seu conteúdo.



ELE OLHOU FIXAMENTE para a tela do computador, as palavras girando em sua cabeça, não fazendo nenhum sentido. Apenas digite e envie, ele disse a si mesmo pela centésima vez.

As palavras para este ensaio criativo não chegavam até ele, e ele parecia não sair do lugar, enquanto voltava continuamente para a folha de estudo, buscando se orientar, enquanto relia as observações do professor. Mas nada parecia ajudar; sua mente estava travada. Ele bateu no computador com força e recostou-se na cadeira, admitindo a derrota por um momento.

Eu preciso de um tempo, ele pensou. Eu preciso sair. Merda, eu realmente preciso ver o oceano, sentir um pouco de sal no meu rosto. Olhando através das velhas persianas da janela, ele empurrou a moldura de madeira para fora, para deixar entrar um pouco de ar fresco. Topos de edifícios, pessoas saindo de um casamento matutino ocorrido na igreja em frente, carros voando pela estrada que contornava a cidade logo depois do rio. Preciso andar, sair daqui e tomar um pouco de ar.

Ele passou por cima dos corpos dos convidados-extras que haviam acampado na sala deles na noite anterior. Tinha sido uma noite divertida, conversando com alguns antigos colegas de escola e ouvindo todas as fofocas locais de Proserpine, embora ele sentisse que passara metade da noite tentando evitar uma ruiva em particular, chamada Kelly. Ela era amiga da namorada de Dan e o cortejara desde o início. Ele a viu agora, aconchegada ao lado de Steve, que havia voado de Proserpine apenas um dia antes para passar o fim de semana com eles no retiro de Gabba.

No começo, ele conversou com Kelly e achou que ela parecia interessante. No entanto, à medida que a conversa se aprofundava e ele ouvia suas queixas sobre a universidade, o trabalho e geralmente tudo o que ela estava envolvida, ele havia decidido que não estava mais gostando da companhia da moça. Afastando-se educadamente, ele procurou refúgio com os meninos do lado de fora da varanda, que estavam ficando mais barulhentos e engraçados à medida que as rodadas de bebida continuavam ao longo da noite.

Graças a Deus eu tenho meu próprio quarto, ele pensou. Isso me faz capaz de escapar sempre que quiser e de trancar a porta do seu próprio espaço.

O prazer de ter tempo para si mesmo o levou de volta a quando ele era criança, morando com Pa e Nan e sempre tendo seu próprio quarto. Eles sempre lhe deram espaço, entendendo plenamente sua necessidade de desfrutar de sua própria companhia e divertir-se ou manter-se ocupado. Outros, às vezes, o classificavam como antissocial, mas houve momentos em que ele simplesmente não queria conversar ou fazer mais perguntas.

Silenciosamente, fechando a porta atrás de si, Luke fechou a jaqueta que lhe daria proteção contra o ar fresco. Ele ainda precisava se acostumar com esse clima frio e se divertia empurrando a respiração nevoenta para fora da boca. Revigorado pelo frio, ele caminhou em direção à cidade.

Ele a havia explorado um pouco as últimas semanas, caminhando até o rio Brisbane para ver as enormes balsas e barcos de passeio passarem, seus conveses cheios de turistas, que tiravam fotos a cada momento com suas câmeras. A água era de uma cor suja e, de vez em quando, algo que parecia não pertencer a um rio flutuava. Ele fez uma careta, pensando como ele não gostaria de comer um peixe oriundo daquele rio de aparência suja.

As namoradas de Matt e Dan, Lizzy e Rita, sempre adoraram Brisbane. Você pode andar de bicicleta, eles disseram, os bares estão sempre abertos e sempre há algo acontecendo. Os mercados são ótimos, e as lojas da cidade têm tudo.

As garotas, que amavam a vida na cidade, tinham vindo originalmente de pequenas cidades do interior a poucas horas ao norte de Brisbane, então ambas ficaram muito impressionadas com o que a cidade grande tinha a oferecer. Luke, no entanto, não estava convencido. Todos pareciam estar com pressa, e ao seu redor as pessoas caminhavam apressadas, ou corriam para pegar um ônibus, ou aceleravam, escapando e entrando no trânsito, enquanto dirigiam um carro. Caminhões, carros e ônibus passavam por ele, todos obviamente querendo chegar rapidamente a algum lugar, deixando-o com a sensação de que toda a área era uma pista de corrida.

Esticando as pernas, caminhando pelos ladrilhos de concreto rachados em direção ao Hospital Mater, ele observou multidões de pessoas com rostos preocupados esperando para cruzar os semáforos. De pé entre eles,

ele se sentia como um estranho em uma cidade grande. Ele se perguntou quais seriam as histórias deles, a quem eles iriam visitar e quais os pacotes de raios-x que eles seguravam nas mãos. Mulheres empurrando carrinhos, idosos mancando em bengalas e famílias com crianças pequenas segurando ramos de flores. Hospitais, bons lugares para se afastar, ele pensou.

As lembranças do Hospital Proserpine e da estadia de Pa bastaram para ele, e ele caminhou rapidamente, ansioso para se afastar dos tentáculos que pareciam se estender das paredes de tijolos do enorme hospital que sombreava as ruas da cidade.

Seu ritmo diminuiu quando ele contornou a curva à frente e olhou atentamente para o amontoado de ruas, semáforos e prédios de tijolos, sabendo que precisaria tentar se lembrar de como voltar, embora, quando olhasse para cima, poderia ver o imponente críquete de Gabba. estandes de luz, que eram bem visíveis de todos os lugares.

Logo ele se viu andando pelo que uma placa de rua lhe dizia ser Vulture Street, e então outra placa anunciava West End. Seu ritmo diminuiu, junto com outros que andavam perto dele, e ele notou uma variedade de pessoas que obviamente frequentavam ou moravam na área.

Árvores enormes sombreavam um parque à sua direita, embaixo do qual estavam alguns grupos de homens de aparência esfarrapada. Alguns estavam esparramados na grama, com as garrafas espalhadas ao redor deles, um sinal das horas anteriores. Sangue frio dormindo em parques aqui embaixo, ele pensou. Por que diabos você não se mudaria para o norte? Pelo menos se você for dormir do lado de fora, verifique se está quente.

Ele acenou para eles enquanto passava, um deles acenando de volta, rindo alto, enquanto outros dois fizeram a saudação de dois dedos.

Prédios de madeira em ruínas ladeavam a calçada; pensões, com uma dúzia ou mais de caixas postais indicando o número de quartos disponíveis no edifício. Arames de segurança bloqueavam muitas janelas, e grama alta e pedaços quebrados estavam espalhados pelos pátios, uma indicação de variedades possivelmente mais baratas de acomodações disponíveis na área.

A rua se abriu na frente dele e ele podia ver uma mistura de pessoas e lojas, pequenos cafés se abrindo, os trabalhadores sacudindo esteiras e varrendo o chão em prontidão para a próxima rodada diária de visitantes. Cadeiras foram colocadas do lado de fora, atravancando o caminho, dando

um ambiente casual e agradável à rua movimentada. Ele leu os nomes criativos dos estabelecimentos — alguns deles minúsculos — que já estavam começando a atender seus primeiros clientes.

Grupos de homens tomavam alguns cafés do lado de fora do Greek Cafe, um grupo de caridade estava ocupado arrumando mesa e cadeira para um cara que vendia rifas, e velhas italianas conversavam e acenavam com as mãos no ar diante de uma loja de frutas. Uma garota com meias listradas multicoloridas e cabelos roxos brilhantes estava conversando e compartilhando um cigarro com um homem aborígene muito velho. Seu suéter de lã gasto, listrado de baixo para cima em preto, amarelo e vermelho, mostrando as cores de seu povo, como uma espécie de fundo para sua longa barba cinza.

Eu gosto deste lugar, Luke pensou consigo mesmo. Tem caráter. Ninguém parecia se importar com a aparência uns dos outros. Você poderia usar calcinha aqui, andar descalço ou o que fosse. O aroma do café o atraiu, como uma nuvem vinda dos pequenos cafés, com as mesas cheias de pratos e jornais, os clientes esperando pacientemente, conversando e vendo a comida exibida atrás dos armários de vidro.

Seu olhar observador mudou para o conjunto de pessoas que enchiam a rua e o interior dos cafés e bares, porque logo à frente ele podia ver estantes de livros sendo montadas na calçada. Caminhando obsessivamente, ele rapidamente se viu diante da janela de uma livraria decorada de maneira convidativa com uma grande variedade de livros de capa dura, lindamente revestidos.

Ele respirou fundo. O trabalho da universidade era muito envolvente, e as leituras necessárias para o curso eram longas e consumiam muito tempo, o que não lhe permitiu, desde que chegara a Brisbane, abrir um livro e lê-lo apenas por prazer. Seus olhos —percorreram as capas lentamente, absorvendo os nomes, as figuras, as cores e o tamanho dos livros exibidos.

Luke olhou para cima de cada livro, seus olhos olhando para cima, para a rua e a placa pendurada que convidava os leitores à livraria Avid Reader de West End.

— Merda — ele disse em voz alta.

Esta era a livraria que ele pretendia procurar. Já que ele não conseguiu mais nada do recorte de jornal mostrado on-line, ele decidiu que esse seria o

próximo passo tão logo chegasse a Brisbane. Agora ele estava aqui. Ele remexeu no bolso. Quanto dinheiro ele tinha consigo? Ele sorriu. Tudo bom. Cartão e dinheiro prontos para uso.

Animado, ele olhou novamente sobre os livros na primeira janela antes de passar para a segunda, que continha livros de bolso e clássicos. Orwell, Steinbeck, Huxley e Austen saltaram aos seus olhos, junto com tantos outros. Vários que ele já havia lido, mas outros que ele ainda não havia lido chamaram sua atenção em especial.

— Caramba, que seleção! E eu nem sequer olhei todas as vitrines — ele murmurou.

Ele tentou pensar na última livraria decente em que estivera. O aroma do café fluía do lado de dentro, e ele vislumbrou uma seção com cadeiras e mesas de madeira coloridas nos fundos da loja. Uma cafeteria e livraria, tudo em um; ele morreu e agora estava no céu.



UM PÉ DE cada vez, parando após cada passo, ele dirigiu-se para as primeiras mesas do interior que exibiam todos os romances mais recentes e mais vendidos do dia. Seus olhos vagavam por toda parte, incapazes de absorver tudo. Os cheiros, a sensação...

O novo romance de Murakami acenou, e ele passou a mão sobre a capa, fixando o olhar enquanto contornava a mesa para olhar para um livro que ele perseguia há muito tempo. Era *A esposa de Paris*, a história da ambição e traição de Hemingway, o caso de amor entre Ernest e sua esposa Hadley. Pegando-o, ele respirou fundo, quase inalando o título. Os livros o excitaram muito, e ele queria ler este livro depois que alguém da universidade o recomendou.

O problema era que ele sabia que não teria tempo para lê-lo no momento, mas também sabia que o compraria. Guardaria aquele exemplar. Valorizando-o, sabendo que estava lá, sabendo que quando a chance surgisse, ele poderia se enterrar nas palavras. A história que o levaria embora e o arrastaria para dentro das páginas, permitindo que ele conhecesse personagens que sempre provocavam seus próprios pensamentos e desejos.

Luke começou a ler as primeiras páginas, completamente inconsciente de todos ao seu redor. Completamente alheio ao fato de que alguém estava ao seu lado, perguntando educadamente se poderia ser de alguma ajuda. Palavras ecoaram em uma névoa de fundo, misturando-se com a sutil música ambiente.

Arrastando-se para fora da primeira página, ele voltou a pensar no presente, concentrando-se novamente em onde estava, percebendo que alguém estava falando com ele. Ele se virou na direção da voz.

— Há algo que você procura? Posso lhe ajudar com algo?

Cristo, pela segunda vez naquele dia ele morreu e foi para o céu, e ele ainda nem havia provado o café. Olhando para cima das páginas do livro, seus olhos olhavam diretamente para os olhos verdes mais profundos e bonitos que ele já vira. Manchas esfumaçadas de marrom destacavam a

escuridão nelas e cílios longos e escuros os emolduravam. Ele olhou, perdido, esquecendo onde estava e o que acabara de ser perguntado.

Algumas palavras foram ditas, ele pensou, mas o que ela disse? Felizmente, ele começou a se reorientar e se endireitou quando a jovem sorriu para ele, olhos verdes brilhando, quase rindo dele, como se soubesse que ele tinha saído com os duendes. Cabelos loiros encaracolados e indisciplinados estavam pendurados em borlas quase incontroláveis, cachos derramando sobre os ombros, enquanto um punhado de sardas se espalhava pelo nariz mais fofo que ele já vira. Duas covinhas profundas desenharam-se para dentro quando ela sorriu para ele.

— Você lê Hemingway? — ela perguntou, sorrindo ainda, parada perto o suficiente para que ele sentisse o cheiro da mais leve onda de perfume. — Você leu os livros de Hemingway?

Luke estava perdido, quase tonto, seus olhos nunca deixando o rosto dela. Deus sabe que tipo de olhar estúpido eu devo ter agora na minha cara, ele pensou depois. Ele se recompôs quando ela lhe lançou um olhar estranho e se virou para ir embora.

Encontrando sua voz, ele quase gaguejou — Me desculpe, hum, bem, eu não quis ser rude.

A garota bonita com o cabelo encaracolado mais incrível, lindos olhos verdes e o rosto de um anjo se virou, não mais sorrindo, as covinhas não mais visíveis. — Tudo bem, sinto muito por interrompê-lo, eu apenas pensei que você poderia precisar de alguma ajuda.

— Não, sim, eu sinto muito mesmo. Eu não quis ser rude. É que eu não conseguia pensar por um momento, seu rosto, ah, você me surpreendeu.

Ela se virou para ele, parecendo confusa. — Vou deixar você sozinho. Alguns clientes apreciam ajuda, outros não. — Sua voz estava baixa e ela começou a passar por ele.

Graças a Deus seu cérebro congelou naquele momento, e ele se moveu rapidamente. Em pé, de frente para ela, ele bloqueou o caminho estreito entre as estantes de livros. — Não te respondi porque estava sem palavras.

Havia um olhar desinteressado e entediado em seu rosto quando ela olhou para onde uma camada de pó esperava pra ser limpa.

Ele respirou fundo. — Peço desculpas. Seus olhos me pegaram, eu não

conseguia falar... você... — ele hesitou, seus olhos nunca deixando os dela, sua postura retornando. — Você é muito bonita e tem o sorriso mais incrível que eu já vi.

Uma cor carmesim corou em suas bochechas, e o sorriso mais fraco surgiu, permitindo que as covinhas fizessem seu trabalho novamente. — Você deve estar brincando. — Ela tentou empurrar os cachos para trás das orelhas. Ela segurou seu cabelo por um segundo antes de eles voltarem para onde estavam originalmente.

Eles ficaram olhando um para o outro, Luke novamente extraordinariamente procurando por palavras. Os olhos dela seguraram os dele e ele sentiu como se estivesse afundando. Ele abriu a boca duas vezes, mas nenhum som saiu.

Finalmente, depois de uma respiração profunda, ele disse — Não, eu não estou brincando e normalmente não digo coisas assim para uma completa estranha. — Ele disse isso em voz alta ou estava apenas pensando? Ele deve ter falado.

— Então, você deve estar precisando de óculos. — Ela riu antes de seguir em frente, espanando os livros em uma prateleira ao lado. — Se precisar de ajuda, basta assobiar.

— Oh, eu definitivamente preciso de ajuda — ele murmurou para si mesmo. — Você pode me dizer o quanto este livro custa? — Luke disse, tentando pensar rapidamente, querendo que ela voltasse para junto dele.

— Bem, geralmente o pequeno número colado na parte de trás diz isso. Você sabe, aquele com o cifrão ao lado. O rosto dela ainda estava vermelho.

— Você recomendaria este? — Sua voz parecia distante, tropeçando em suas palavras, praticamente gaguejando novamente.

Espanando energicamente a fileira de livros alinhados, ela ficou de costas para ele. — Não é uma leitura ruim. Dá a você uma ideia de que tipo de homem Hemingway era.

— Lembro-me de ler que ele tratava mal a esposa. — Sua boca e voz pareciam estar funcionando novamente, e as palavras finalmente se formaram como ele queria.

— Como é esse aqui? — Tentando manter a atenção dela, ele pegou o livro mais próximo que poderia alcançar, que por acaso era *O homem de*

cem anos de idade que subiu pela janela. Ele passou para ela e viu seu rosto se iluminar enquanto ela se virava, de pé no degrau inferior da velha escada de madeira.

— Esta é uma leitura obrigatória. É um livro fabuloso, uma história louca, mas muito divertida, misturada com personagens históricos. Um livro muito inteligente. — Ela passou de volta para ele.

Ele tentou se conscientizar para o fato de que ela, obviamente, era bastante tímida e estava tentando escapar do lugar onde os dois estavam. Ele tentou pensar em outra coisa para dizer. — Ei, isso não é apenas uma cantada, mas eu te conheço de algum lugar? Sua voz é familiar.

— Essa é uma frase terrível, uma das piores. Primeiro você faz piadas sobre a minha aparência e agora finge que me conhece. Ela olhou para ele interrogativamente, com o rosto um pouco enrugado, tentando se lembrar de algo. — É engraçado, porém, porque você me parece familiar também. Você frequentou a escola por aqui?

— Sem chance, sou do norte de Queensland e esta é minha primeira vez morando em Brisbane. Você frequenta a universidade daqui?

Ele agora podia ter uma visão clara dela, enquanto ela contornava a mesa para reorganizar as prateleiras atrás de onde ele estava. Bonita como um botão de flor; ele não conseguia tirar os olhos dela. Controle-se, ele pensou, este não é você. Você não é um yobbo sedutor que olha mulheres de cima a baixo.

Ela estava de costas para ele enquanto se inclinava para reorganizar alguns dos livros no topo. Um vestido estampado de paisley abraçava sua figura minúscula, encimada por um suéter vermelho fofo brilhante. Meias pretas esticadas sobre o que ele podia ver eram pernas muito bem torneadas que voltavam para os sapatos baixos pretos que ela havia deslizado para subir e descer a escada.

Pare de encarar, ele disse a si mesmo, tentando advertir-se. Havia algo muito familiar nela. — Ei, você foi ao Blues at Byron?

— Na verdade, eu fui.

— Não me diga, deixe-me pensar, eu dancei com você no círculo redondo, na tenda de Tribali, onde todos ficamos loucos, como dançarinos nativos na lama? Na primeira noite, é isso. Havia um grande grupo de

meninas todas juntas. — Ele estava pensando alto, tentando se lembrar dos eventos do festival. — Espere, eu me lembraria do cabelo encaracolado. — Lembrando o quanto ele bebeu naquela noite, ele entendeu por que algumas partes estavam um pouco embaçadas na memória.

Ela deu a volta no outro lado da prateleira para que ele não pudesse mais vê-la.

Pense. Pense. Este poderia ser um momento decisivo em sua vida. Ele a seguiu, agradecido por ela ainda estar entre as prateleiras.

— Você não desiste, não é? Estou meio ocupada. Se você quer esse livro, posso separá-lo para você.

Chegando mais perto, ele ficou de diante dela e olhou para aqueles olhos lindos. De repente, um sorriso largo iluminou seu rosto. — É claro que eu me lembro. Eu te ajudei na lama por causa de você ter perdido suas galochas em algum lugar, sugado naquele atoleiro. — Ele se lembrou do mesmo cheiro de perfume e do jeito que ela riu quando pulou no alto de suas costas. Ela era leve para carregar e se aninhava como uma criança.

— Como você sabe que fui eu?

Pelo menos ele estava com toda a atenção dela agora, pensou, aliviado e também feliz pelo fato de o álcool consumido naquela noite não ter obliterado informações importantes que agora eram essenciais.

— Bem, você foi carregada pela lama uma noite no Blues, talvez no domingo à noite?

— Possivelmente.

— Estava escuro, mas fiquei deslumbrado com seu rosto. — Ele se inclinou para mais perto dela. — Eu nunca poderia esquecer aqueles olhos. E esse é o mesmo perfume que você estava usando naquela noite.

Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Eu acho que você estava um pouco bêbado, não é mesmo? — Luke se inclinou para ela, seus olhos provocantes olhando diretamente nos dela.

— Possivelmente.

— Engraçado, não me lembro das suas lindas madeixas. — Ele se conteve, ciente de que sua mão quase se moveu com o desejo de estender a mão e tocar seus cachos.

— Eu tinha meu cabelo preso, amarrado.

Os olhos de Luke brilharam maliciosamente. — Se bem me lembro, você mencionou algo sobre um cavaleiro de armadura brilhante resgatando uma princesa. Você me chamou de Lancelot e cantou para mim. Bem, eu acho que estava cantando. Que glamuroso, carregando uma moça enlameada e descalça, muito bêbada, através dos poços de lama do Byron Bay Blues. Eu estou diante da pessoa certa? — Ele se inclinou na direção dela novamente.

— Possivelmente.

As bochechas coradas agora ficaram vermelhas quando ela lembrou o calor de suas costas, a força nele enquanto ele pisava na lama profunda, colocando-a bem na margem gramada do outro lado. Estava escuro e o ruído da música de fundo era alto, mas ela se lembrou dos olhos escuros e da voz profunda e suave. Lembrou-se também do olhar em seu rosto quando seu parceiro Tyrone veio correndo, gritando com ela, questionando em voz alta o que ela estava fazendo.

Luke riu alto. — Foi você. Meu Deus, você parece um pouco diferente sem a lama do seu vestido, sem os pés descalços e um copo de vinho vazio na mão.

— Você está tirando sarro de mim? — Ela estava obviamente envergonhada.

Sorrindo com a lembrança, ele ergueu as sobrancelhas, deliciando-se com o óbvio embaraço dela. Ela não disse nada, e ele se perguntou se ela se lembrava de como o sujeito na margem do gramado, que obviamente não queria sujar os pés, gritara a Luke algo sobre manter as mãos próximas de si mesmo.

— Está certo — ele disse — agora isso está voltando para mim. Eu não acho que seu namorado estava muito feliz comigo.

— Ele também não estava feliz comigo. — Ela suspirou e parecia infeliz.

— Bem, foi uma experiência muito agradável para mim e você era adorável e leve para carregar.

— Que engraçado é tudo isso — ela disse — mundo pequeno. — Ela parecia um pouco perdida por palavras e olhou em volta, desconfortável com a atenção direta que ele estava dando a ela.

— Verdade — ele concordou, pensando, sim, você não tem ideia do quão pequeno.

A ficha também tinha acabado de cair para Luke. O crachá no vestido dizia *Lily*. Essa linda jovem era mais do que provável a neta de Margaret Bell-O'Connor, a possível parente de seu soldado. Essa fora a garota mencionada no jornal local de Beaudesert.

— Você quer comprar o livro?

Ele ainda o segurava na mão. — Quero, sim. — Ele olhou profundamente naqueles olhos verdes brilhantes. — Mais do que tudo, gostaria de vê-la novamente. Você gostaria de tomar um café?

Desta vez, seu rosto inteiro ficou vermelho, e ela olhou para baixo antes de olhar para ele. — Obrigado, isso é muito gentil da sua parte — ela disse suavemente, e ele pôde novamente sentir sua timidez. — Eu meio que tenho um namorado.

Ele pensou no cara falante de Byron. — O que é “meio que um” namorado?

— Bem, eu tenho namorado.

Luke pensou em uma infinidade de palavras para dizer a ela em relação à conversa que se seguiu quando a depositou no chão perto do terreno mais firme da área de tendas. Embora estivesse razoavelmente bêbado, ele se lembrava do idiota, que obviamente era o namorado dela, dizendo em voz alta que ela não era confiável, que ele estava cansado da lama, que odiava a música e pela manhã eles fariam as malas e iriam para casa.

— Você ficou por cinco dias? — ele perguntou.

— Bem, eu deveria, mas não, eu não fiquei.

— Que pena, a última noite foi a melhor.

— Você viu John Butler Trio?

— Claro. — Luke estava gostando da conversa; ele gostava de estar com aquela que, para ele, parecia ser a garota mais bonita de Brisbane. — Dançamos a noite toda sem parar; foi um dos melhores shows que eu já vi.

— Eu gostaria de ter assistido.

Luke podia sentir a conversa chegando ao fim. — Bem, Lily... certo? — Ele olhou para o crachá. — Talvez pudéssemos tomar um café juntos, não precisa ser um encontro. — Ele não estava prestes a desistir ainda. —

Apenas amigos. Sou novo na cidade e adoraria sentar e conversar sobre livros e música com alguém. — Ele entregou o livro para ela. — Além disso, você me deve um café por te ajudar a atravessar a lama.

Ela sorriu timidamente. — Bem, talvez, apenas como amigos.

.Normalmente, não vou tomar café com clientes que não conheço

Ele falou rapidamente antes que ela mudasse de ideia. — O que você acha de terça-feira à tarde? A que horas você sai?

— Terça-feira ficaria bem. Eu poderia encontrá-lo na loja de armas na estrada, por volta das cinco?

— Uma loja de armas?

Ela sorriu, seus olhos brilhando e as covinhas ardendo atrevidamente para ele.

Luke não conseguia tirar os olhos dela. Ela era tão natural, sem maquiagem e com aquele cabelo rebelde. Voltando sua mente para o presente, ele pegou das mãos dela o pacote de papel pardo contendo seu novo livro.

— É o nome de um café, não é uma loja de armas real — ela disse. — Vá até o final da rua e vire à esquerda.

— Obrigado Lily — ele disse. — Apenas amigos. Estou realmente ansioso para conversar com você.

— Vejo você na terça-feira, Luke. — Ela colocou o dinheiro dele no caixa.

Ele olhou para ela curiosamente.

— Você me disse seu nome antes de eu subir em suas costas — ela disse. — Você não acha que eu pegaria carona com um estranho qualquer, acha?

— Até terça. — Ele piscou para ela e sorriu, com um sentimento desconhecido no peito.

Ele saiu do Ávido Leitor e subiu a estrada que já conhecia. Luke continuou andando, assobiando e pensando que aquele estava sendo um bom dia. Pensando em seu rosto, naquele corpinho arrumado e no brilho vermelho de suas bochechas cada vez que ele fazia uma pergunta. ‘Cristo, ela lembrou do meu nome.’

Um carro buzinou com raiva enquanto ele caminhava cegamente pelas

ruas laterais, apenas seguindo seus pés. A buzina do carro o deteve e ele olhou em volta, tentando se orientar e encontrar as luzes do Gabba, que eram muito perceptíveis na maioria dos locais, mesmo durante o dia.

Levemente, seus passos se seguiram, com uma leveza em sua caminhada que não existia antes, passando pelos bêbados no parque. Ele acenou novamente, e mais uma vez eles deram a ele a saudação, gritando com ele enquanto ele assobiava.

Nada ia estragar este dia. Ele pensou em todos os eventos do Blues. Desde o momento que a pegou e carregou através da lama. O idiota musculoso que parecia estar usando esteroides, que era “tipo de um namorado” dela. A conversa na loja, o livro, o rosto, os olhos, aquelas covinhas e aquelas pernas finas e bem torneadas.

A razão pela qual ele se interessado pela Ávido Leitor foi perdida para ele. Todo o senso tinha sido jogado pela janela e tudo o que ele conseguia pensar era em terça-feira à tarde, às cinco horas.



— **EU CONHECI UM** garoto ontem — Lily disse para sua colega de apartamento Kali.

— Você acha que devemos ir hoje à noite? É sempre a mesma coisa — Kali respondeu.

— Acabei de dizer que conheci um garoto ontem.

— Os meninos vão beber, nós, meninas, dançaremos e depois todos iremos para casa. Não é muito emocionante — o mesmo de sempre, todos os fins de semana.

— Você está me ouvindo? Eu conheci um garoto no trabalho ontem.

Kali finalmente se virou para ela. — Como assim, conheceu um garoto? Você sempre atende caras na loja. Você já tem um namorado.

— Não, quero dizer, que conheci um garoto muito legal. — Agora Lily teve toda a atenção de Kali.

Elas estavam sentadas ao sol, em caixas de plástico azuis com almofadas em cima. A pequena varanda, que era realmente pequena demais para ser chamada de varanda, pois só cabia dois caixotes de leite e pequenos vasos de cerâmica em que ela cultivava ervas, sobressaía da minúscula sala do apartamento em West End. Lily bebeu um chá leitoso quente, seus olhos verdes olhando por cima diretamente para Kali.

— Ontem, um garoto entrou na livraria — ela disse — e acho que ele me paquerou. Bem, na verdade ele me convidou para tomar um café.

?Isso é real? Por que você não me contou sobre isso antes —

— Só aconteceu ontem, Kali, então não seja dramática. Ele só me convidou para tomar um café.

— E você disse...

— Bem, eu disse que sim, mas apenas como amigos. Ele sabe que estou com outra pessoa.

Kali jogou a cinza do cigarro no vaso de salsa. — Nem olhe pra mim, Lily. Um pouco de cinza vai fazer bem pra isso.

— Essa e todas as outras merdas cancerígenas que você coloca na terra

quando coloca sua bunda imunda aqui. Estou tentando cultivar algumas ervas orgânicas. Como eu vou fazer isso quando você continua os envenenando?

— Vamos voltar para o garoto. O que você estava vestindo? Deus, Lily, honestamente, às vezes parece que você acabou de sair de uma lixeira de vime.

— Ei, eu gosto das minhas roupas de segunda mão. Nem todo mundo precisa ter o modelo mais recente. — Lily revirou os olhos. — Eu gostaria que meu casaco tivesse sido abotoado direito. Logo depois que ele saiu, uma senhora adorável avisou que ele estava abotoado errado.

— Deus, você não tem salvação. Tente se olhar no espelho antes de sair de casa. Voltando a esse cara, Tyrone vai te matar se descobrir.

— Ele não vai descobrir e, além disso, tenho permissão para tomar um café ou beber com os amigos.

— Não acho que ele consiga enxergar outro garoto como amigo de alguma forma. O que há com você, Lily? Você nunca se interessa por outros caras. Por mais que Tyrone seja um idiota às vezes, você sempre ficou com ele.

— Talvez seja porque eu sempre fui muito tímida para sair com mais alguém — Lily disse. — Você me conhece, não sou boa com pessoas até conhecê-las. Preciso ser amiga primeiro porque, do contrário, eu não converso.

— Eu te conheço, Lily, e não é como assim que vai conseguir sair e se encontrar com alguém. Você é quieta demais, precisa falar.

— Não posso fazer nada se não sou como você, Kali. Deus, você nunca cala a boca.

— Ei, isso funciona com os caras. Olhe para o que eu trouxe para casa na outra noite. Que bruto, músculos por toda parte. E eu quero dizer *em todo lugar*.

— Você vai vê-lo novamente?

— Ele não respondeu minha mensagem. Há idiotas em todos os lugares.

— Bem, não deixe que eles usem você. Ou é você quem os está usando?

O riso das meninas quebrou a quietude da rua. A velha italiana do outro lado da calçada olhou para elas e acenou.

— Ela adora varrer os ladrilhos de concreto no jardim da frente — Kali disse.

— Ela sempre parece feliz. — Lily sorriu e acenou de volta. — Eu gostaria que ela nos desse mais alguns tomates e berinjelas que ela cultiva.

— Você só precisa pedir pra ela, Lily. Eu acho que ela pensa que nós não comemos e que você precisa se alimentar.

— Ele disse que eu era adorável e leve. Lily olhou através dos telhados vermelhos e enferrujados.

— Quem disse que você era leve?

— O garoto disse, Luke disse.

— Aagh, então ele tem um nome, e por que ele disse que você era leve? Ele disse “Olá, deixe-me pegá-la. Uau, você é leve.”

As duas riram.

— Você se lembra do garoto que me carregou pela lama no Blues depois que eu perdi minhas galochas? — Disse Lily. Kali parecia evasiva. — Foi logo depois que vimos Xavier Rudd.

— Mmm, eu estava, bem, nós duas estávamos muito bêbadas.

— Um garoto de cabelos escuros, braços musculosos...

Kali enrugou o rosto. — As noites estiveram um pouco embaçadas no Blues. — Ela pensou muito. — Entendi... você disse que ele tinha olhos escuros sonhadores e cheirava bem. Ele saiu muito rápido quando o idiota veio sobre a colina, gritando seus insultos habituais com você. Espere um minuto, acho que me lembrei — os olhos dela se arregalaram — Ah, Lily, aquele não era um menino. Era um homem bonito

— Eu disse que ele tinha olhos bonitos? Não me lembro disso.

— Você precisa apertar Tyrone, Lily. Ele trata você como uma porcaria. Sempre dizendo o que você deve ou não fazer.

— Ele é muito possessivo.

— Ele é um maníaco por controle. — A voz de Kali estava alta, fazendo com que a italiana levantasse os olhos de sua jardinagem.

Eu estou bem cansada dele — disse Lily calmamente. Eu tenho tentado terminar com ele durante muito tempo, mas não posso ser má. Você sabe que ele chora se eu começo a ir por esse caminho. Blues foi terrível, e realmente, ele só foi para que pudesse me vigiar. Ele odeia esse tipo de

música e atmosfera. Onde está o *duff-duff*? Eu pude ver a expressão no rosto dele.

— Que cara de pau — Kali arrancou outra ponta no vaso de ervas. — Ele só faz isso porque ele sabe que você tolera. Que relacionamento. Você precisa de alguém que a trate bem. De qualquer forma, que idade tem esse garoto, aquele que entrou na livraria?

— Eu diria que ele é um pouco mais velho que eu. Ele parece muito confiante. Essa é a outra coisa sobre Tyrone — embora ele tenha a mesma idade que eu, ele fala como se ainda tivesse dezesseis anos. “*Vou bater nesse cara... não olhe para a minha garota.*” É coisa de estudante.

— Hora de você seguir em frente, Lily. Seja como eu, livre e extravagante.

— Eu realmente não sinto necessidade de estar com ninguém e talvez seja bom estar solteira. Então, eu posso ir tomar um café com quem eu quiser, quando eu quiser.

— Então, quando você vai ver esse garoto?

— Terça. Escondido, espero, na loja de armas. O que vou dizer? Você sabe como eu fico quieta. Acho muito difícil conversar com pessoas que não conheço e ele vai me achar chata, com certeza.

As duas garotas olharam para baixo e viram a velha italiana do outro lado da rua, parada abaixo delas, acenando para chamar sua atenção.

— Desçam, meninas. Eu tenho um saco grande de tomates e pepinos para vocês. Você, menina Lily, só toma café e você — disse ela, apontando para Kali — fumando cigarros desse jeito... ah, eles vão acabar te matando. Não é à toa que vocês não se casaram. Suas pernas e braços são muito finos. Que cara bom vai olhar para ambas? Precisamos colocar um pouco de gordura sobre esses corpos, lindas. Tenho uma tigela grande de massa aqui pra vocês também. — Ela as chamou com seus braços cheios de guloseimas saborosas.

Lily amava a velha italiana, Maria, e Maria, por sua vez, amava as duas garotas, sempre dando-lhes algo para comer ou beber, confortando-as e deliciando-se com seus beijos e abraços amigáveis. Lily tinha feito um enorme tapete colorido para Maria no inverno passado, e Maria tinha chorado e abraçado Lily quando entregou a ela.

— Ninguém mais vai usá-lo. Meu tapete especial da Srta. Lily. Você tem o rosto de um anjo, Lily lírio. — Ela havia agradecido a Lily por semanas e mostrado a todos na rua o tapete especial da Srta. Lily.

Tyrone se irritou quando Lily estava fazendo isso. Durante meses, noites e qualquer tempo livre durante o dia, ela usava obsessivamente malha, usando cada pedacinho de lã colorida, juntando as praças, pensando em Maria o tempo todo e no prazer que sabia que o cobertor de malha traria.

— Que perda de tempo — Tyrone choramingou. — Você pode ir ao Crazies e comprar um por cinco dólares.

Ela o ignorou e acrescentou a falta de consideração dele em relação aos outros à crescente lista de razões pelas quais ela não deveria estar com ele. Maria nem dizia olá para Tyrone, desde que Lily acidentalmente disse a Maria que ele continuava dizendo que o macarrão que Maria fazia para ela a deixaria feia e gorda. Ele não queria que sua garota engordasse!

Maria tinha outras esperanças em relação a Lily e, de alguma forma, Tyrone não se encaixava nesta cena, talvez devido ao cantar de pneus do Commodore do lado de fora de sua antiga casa de madeira quando ele partiu em uma manhã de domingo ou aos adesivos que adornavam o para-brisa traseiro de seu carro.

Maria havia dito isso a Lily, em termos inequívocos. — Você precisa se livrar daquele idiota, palhaço, colegial, o típico garoto que tem coisas rudes escritas na traseira do carro. Um dia desses você vai encontrar o amor. Não com ele, certamente. Alguém vai amar muito mais você. — Ela apontava para o anel de ouro em seu dedo. — Um anel, e, em seguida, muitos e muitos *bambinos*. Você precisa se livrar dele, ter um homem de verdade.

Lily abraçou Maria, que, graças a Deus, tinha muitos familiares para visitá-la. Lily a tinha como uma *Mumma e Nonna* muito adorada.

Ela sabia que o julgamento de Maria estava certo. Tyrone não era para ela. Ela não o amava, mas era mais fácil sair com ele do que lutar com ele. Era confortável e ela conhecia todos os seus companheiros, que eram muito parecidos com ele. As meninas andavam juntas, e ela se sentia segura com o mesmo grupo que conhecera a maior parte de sua vida.

Agora, ela concordara em tomar café com um garoto que acabara de conhecer, um garoto muito bonito, um pouco mais velho, que a carregara pela lama e comprara um livro dela. E daí? O que ela estava pensando?



TERÇA-FEIRA NÃO CHEGAVA rápido o suficiente para Luke. Os três dias se arrastaram, mesmo ele tendo muito o que fazer. O trabalho para a faculdade simplesmente não estava fluindo, e várias vezes ele viu sua mente flutuar, enquanto seus dedos permaneciam pousados no teclado, sonhando com olhos verdes cintilantes e um sorriso derretido.

Ele se perguntou quantos anos Lily tinha; certamente ela tinha que ter pelo menos vinte. Era difícil dizer pelos apenas com base na conversa que ele tentara ter com ela na livraria. Sua timidez, seu rosto corando tão facilmente... ela parecia ser jovem e muito insegura de si mesma.

Pare de pensar nela, ele disse a si mesmo. Ele tentou arrastar sua mente errante de volta para o trabalho de história e para o ensaio incompleto à sua frente.

O toque do seu celular fez com que ele interrompesse de vez suas atividades, jogando loucamente roupas e toalhas no chão, em uma tentativa frenética de localizar o aparelho. A voz rouca de Sylvia ecoou quando ele o colocou no ouvido.

— Oi, Sylvia, o que está acontecendo?

— Nada demais, Luke, você recebeu minha mensagem com a foto?

— Caramba, Sylv, sim, obrigado por isso. Não tenho certeza se é realmente apropriado, mas obrigado pelo pensamento.

Eles riram juntos com sua familiaridade habitual, Luke imaginando qual seria o motivo da ligação aleatória. Eles apenas enviaram mensagens algumas vezes desde o último encontro, e ele imaginou que a comunicação entre eles desapareceria. Sylvia falou rapidamente, informando Luke sobre seu trabalho nas minas e sobre o mais recente de uma série de encontros casuais desde que começou a trabalhar em seu novo emprego.

Ela finalmente chegou ao ponto pretendido de sua ligação. — Eu só preciso de um pequeno favor.

— Desculpe, Sylvia, no momento não tenho muito dinheiro disponível. Não estou trabalhando este semestre por causa da faculdade.

— Não, não se trata de dinheiro. Eu só preciso de um lugar para ficar por alguns dias. Preciso sair desta cidade mineira de mente fechada, talvez relaxar, digamos em Proserpine por alguns dias.

— De quem você está fugindo desta vez?

— Ah, ninguém em particular, bem, talvez duas esposas aqui que provavelmente só precisam de alguns dias para se acalmar. Pensei que, como você está em Brisbane, pudesse passar algumas noites na sua casa em Proserpine. Você pode voar e se juntar a mim, se quiser.

— Ah, eu não gosto muito da ideia de alguém estar lá quando não estou. Na verdade, eu apenas a aluguei lá da minha mãe.

— Bem, você meio que me deve, Lukey. Você sabe, favores do passado.

Inferno, eu não te devo nada, então, não comece isso comigo. As palavras permaneceram em sua mente. Ele respirou com dificuldade, o longo silêncio lhe deu um momento para pensar.

— Olha, eu não ligo para você ficar lá, mas apenas por algumas noites. Puxe a corda por baixo do tapete frontal — as chaves estão penduradas na corda sob a varanda. Você pode ligar a eletricidade na parte principal. Você encontrará a caixa de energia. Apenas avise a velha Clarrie ao lado que você falou comigo. Honestamente, Sylvia, você não acha que é hora de desacelerar um pouco?

Você quer ir para lá? Pagarei seu voo e farei valer a pena. Certamente —
.você pode fazer uma pausa

— Eu não vou falar com você, e esse é um favor único. Apenas certifique-se de deixar a chave de volta e você avise Clarrie quando sair. Envie-me uma mensagem também, se puder.

Ele tentou soar seco. Ela estava começando a parecer um pouco desesperada, e ele começava a se arrepender de ter se encontrado com ela depois de todos esses anos.



LILY SENTOU-SE ANSIOSA, as mãos brincavam nervosamente com um guardanapo de papel, enquanto tentava olhar através do vidro embaçado da janela do restaurante, olhando quem por ali passava. Ela viu Luke parado casualmente do lado de fora, olhando para a placa pintada à mão para garantir que ele estivesse no lugar correto. Ele havia chegado pontualmente às cinco. Ela fez questão de chegar cedo e sentar-se em uma mesa um pouco obscurecida para quem passava na rua.

Olhando para cima, ela deu um aceno trêmulo quando Luke entrou no café, olhando ao redor antes de vê-la. Ele caminhou casualmente em sua direção, e ela notou que ele parecia calmo e nem um pouco nervoso.

— Olá, Lily. — Ele sorriu para ela com olhos escuros brilhantes e dentes brancos perfeitos.

Ela se levantou quando ele se aproximou da mesa, e eles se entreolharam.

Um sorriso amigável se estendeu por todo o seu rosto e ele colocou a mão no bolso, tirando uma folha de bordo japonês de forma perfeita e vermelha brilhante. A folha tinha sido prensada e as linhas parecidas com as veias que saíam do caule central e sólido, eram vermelhas escuras, criando um maravilhoso padrão natural da natureza.

— Achei que você gostaria de usá-la como marcador.

— É linda, obrigada. — Ela se virou, querendo perguntar onde ele a tinha conseguido, mas as palavras não viriam.

Luke a observou atentamente enquanto ela virava a folha cuidadosamente na mão. — No ano passado, fiz uma viagem a Armidale, você sabe, logo ao sul daqui. É em Nova Gales do Sul. Você já esteve lá?

— Não.

— As ruas estão alinhadas com essas árvores. Elas perdem as folhas no outono e o chão é coberto com elas, folhas vermelhas, laranja e amarelas. As cores são incríveis.

Ela segurou a folha contra a luz filtrante vinda da janela próxima. —

Obrigado, isso é muito especial.

— Vamos nos sentar? — Ele gesticulou enquanto estendia a cadeira para ela.

Ela olhou para a folha, para não ter de olhar para ele. Ciente de que suas bochechas estavam corando, ela tentou relaxar, odiando desesperadamente o fato de que seu rosto revelava muito de como ela estava se sentindo.

As mesas de madeira, pintadas com cores vivas, eram pequenas e eles se sentaram muito próximos, um frente ao outro.

— Vamos pegar um menu? Está com fome? — Luke perguntou a ela.

— Obrigada.

Ele apontou para um garçom próximo, que veio rapidamente com os menus e uma garrafa de água. — Gostaria de um vinho para começar? — Luke abriu a carta de bebidas.

— Obrigado.

— Poderia nos trazer dois Sav Blancs, por favor? — ele pediu ao garçom.

— Marlborough Sav blanc? — O garçom perguntou, enquanto recolhia as cartas.

— Sim, obrigado, isso seria ótimo. Tudo bem, Lily?

— Obrigada. — Ela assentiu.

Luke olhou em volta do café. — Que ótimo lugar, você vem sempre aqui? — Ele se recostou na cadeira.

— Sim, às vezes. Lily sabia que seus nervos estavam tirando o melhor dela. Era como se ela simplesmente não conseguisse ouvir os sons saírem por sua boca. As palavras pareciam ficar presas na garganta dela.

— Você mora perto daqui?

— Sim, virando a esquina.

— Com quem, com seus pais?

— Não, eu tenho uma colega de apartamento, ela se chama Kali.

Cristo, ele pensou, depois da vigésima pergunta. Era como tentar arrancar os dentes de alguém. Talvez isso tenha sido um erro, porque ela obviamente não queria estar aqui. Por que ela veio, então? Felizmente, o vinho chegou, e Luke conversou, servindo uma taça grande para os dois.

— Bem, saúde — ele disse enquanto brindavam suas taças de vinho juntos. — Qual será o brinde?

— Desculpe? — ela disse, obviamente sem entender o que ele quis dizer.

— Ao que vamos brindar?

— Oh. — Ela finalmente sorriu. — Eu não sei.

— E se — ele levantou a taça ao que ela também levantou a dela — aos novos amigos.

Eles brindaram, ambos tomando um gole generoso do vinho branco da Nova Zelândia. Luke sentiu que precisava conversar, porque não havia nada pior do que um silêncio desconfortável.

— Oh, esse vinho é muito legal, refrescante. Os Sav blancs da Nova Zelândia são sempre os melhores. Tem algo a ver com os invernos frescos dali.

Ele falou um pouco mais sobre vinho, com Lily assentindo e às vezes sorrindo, mas a conversa era muito unilateral, e Luke começou a se cansar de pensar em temas diferentes para conversar.

— Você não disse nada desde que cheguei — ele disse. — Você é normalmente tão quieta?

A vermelhidão não saiu de suas bochechas e ela girou a folha vermelha, o guardanapo que ela estava segurando há muito tempo havia sido desfiado em pedacinhos. Lily tentou empurrar os pedaços rasgados sob o prato, mas Luke notou seu nervosismo e as minúsculas partes do guardanapo que estavam espalhadas desordenadamente na frente dela.

— Por favor, não rasgue a folha — ele disse. — Volte para o guardanapo.

— Oh, desculpe, eu nem percebi o que estava fazendo.

— Por que você está tão nervosa? — Luke perguntou gentilmente. — Você está preocupada com seu namorado?

— Não, não estou nem um pouco preocupada com ele. Eu... tenho problemas para conversar com as pessoas. Você sabe, pessoas que eu não conheço. Ela tomou outro grande gole de vinho, as palmas das mãos suadas. — Na verdade, eu nunca faria isso, costumeiramente. Não sei por que estou aqui.

— Você está aqui porque eu lhe pedi com muito jeito, e você me deve um café por aquele passeio pela lama. — Ele sorriu, tentando fazê-la se sentir à vontade. — Vamos pedir. Você já decidiu o que gostaria de comer?

Os dois pediram, e Luke olhou em volta, achando cada vez mais difícil continuar a conversa. Ele sentiu que estava tendo que fazer um milhão de perguntas e que isso não estava o deixando mais perto de fazê-la se sentir à vontade. Lily ocasionalmente dava grandes goles no vinho e olhava para todos os lugares, exceto para ele.

— Então, o que você está lendo no momento? — Suas perguntas e sua paciência já estavam chegando ao final. Tinha sido uma conversa muito unilateral.

Ela finalmente olhou para ele. — Estou no meio de *Montanhas Verdes*.

— Eu não conheço esse livro. — Ele se inclinou para frente.

— É a história do acidente de avião de Stinson.

— Eu acho que nunca ouvi falar disso.

— Isso aconteceu no final da década de 1930. Foi um acidente de avião de pequeno porte — o avião caiu na área de Lamington Plateau.

— Onde é isso?

— Ao Sul daqui, mais perto da fronteira de Nova Gales do Sul. Na verdade, não é muito longe de onde minha família veio. *Montanhas Verdes* é a história de Bernard O'Reilly, como ele localiza o local do acidente e depois resgata alguns dos sobreviventes. Você precisa ler, é um livro incrível.

— Parece o tipo de livro que eu gosto.

— Você pode caminhar até o local do acidente. Fica perto do O'Reilly, que fica no Parque Nacional de Lamington. É uma paisagem linda e há ótimos passeios. Costumávamos ir muito lá quando eu era criança.

— Você esteve lá ultimamente?

— Não, eu não vou a lugar nenhum hoje em dia. Blues foi o lugar mais emocionante em que estive em anos.

— Que outros livros você pode recomendar?

— Eu também estou no meio de *A Tempestade Fatal*.

— Eu amo esse livro. — Luke olhou para ela por cima do copo.

— Você conhece? — Lily olhou para ele surpresa. — Geralmente, ninguém está familiarizado com esse.

— Quem pensaria que um livro sobre uma corrida de iate iria deixá-lo assim? — A voz de Luke se animou quando ele se inclinou para frente.

— Eu não conseguia parar de ler e, na verdade, nunca andei de barco.

— Também não sou um entusiasta da vela, por isso, quando o peguei, pensei: vou só dar uma olhada. Acabei lendo duas vezes. Uma vez pra mim mesmo, e então, depois eu o li em voz alta para o meu pai. Ele amou.

— Como é que você lê em voz alta para ele?

— Ele não podia ler muito bem no final, porque sua visão diminuiu.

— Você pensou em adquirir *áudio books* para ele?

— Não, ele não os ouviria. Acho que ele gostava que eu lesse para ele, era mais uma chance de nós passarmos algum tempo juntos.

— Parece que ele era especial em sua vida. — Desta vez, ela olhou diretamente para ele.

Os olhos de Luke encontraram os dela. — Ele era *muito* especial.

As refeições chegaram, e ele notou que o novo guardanapo que o garçom havia dado a Lily ainda estava intacto; apenas os cantos estavam levemente amassados.

— Lula? Você gosta de frutos do mar? — ele perguntou.

— Sim, sempre que saio, eu como, porque nunca cozinhamos em casa. Há uma loja de peixe e batatas fritas perto de onde Kali e eu moramos e nós meio que nos tornamos frequentadoras. Eles nos conhecem pelo primeiro nome e nos dão batatas fritas extras.

— Isso não é peixe de verdade — Luke riu dela.

— Sim, eles esfarelam e nos dão fatias de limão junto com ele.

— Você sabe que na verdade come tubarão quando come esse peixe para viagem, não sabe?

— Não, não, não é tubarão. Isso se chama outra coisa. Umm, não me lembro. Lascas, talvez?

Os olhos de Luke brilharam, divertidos com a ingenuidade dela.

— Sim, é isso, os proprietários são gregos, são peixes de verdade. É lasca.

— Isso é tubarão — ele disse.

— De jeito nenhum, eu nunca iria comer tubarão, eles estão em extinção.

— Não de onde eu venho. — Luke estava se divertindo agora.

— Vou levá-lo até a loja de peixe e batatas fritas. É um negócio de família, eles nunca me venderiam tubarão. De qualquer forma — ela disse, bebendo o último gole de vinho — eles fazem as batatas fritas mais crocantes.

Eles conversaram, mudando de um assunto para o outro, Luke um tanto surpreso com o quão inteligente Lily era em alguns aspectos e ainda tão ingênua em outros.

— Outra taça? — Ele disse, colocando o vinho na taça dela.

— Obrigada — ela disse — o vinho está delicioso. Acho que eu só consigo comprar em casas populares ou nos fins de semana vem normalmente de uma caixa de papelão.

A essa altura, Luke estava relaxado com o vinho, embora tentasse manter o juízo sobre si mesmo, enquanto Lily falava de grandes leituras, passando por autores, editores, questionando-o sobre seus estudos na universidade e que leituras eram necessárias para suas disciplinas.

— Por que você não foi para a universidade, Lily?

— Eu deveria ter ido, eu sei, embora eu ame meu trabalho. Eu ia embora quando deixasse a escola, mas tudo que eu queria era me tornar independente, sair de casa e ganhar algum dinheiro. Não que eu realmente me importe muito com dinheiro, mas eu queria morar sozinha. Eu deveria ter estudado. Eu queria estudar literatura, jornalismo, algo como o que você está estudando.

— Por que não agora? Quantos anos você tem?

— Eu faço 22 anos esse ano. Sei que ainda sou jovem, mas teria de voltar para casa, o que seria bom, porque mamãe e papai viajam a maior parte do tempo.

— Para onde eles viajam?

— Eles são como nômades, apenas uma versão mais nova, então gostam do termo “*cigano*”. Eles estão no topo da Austrália Ocidental no momento, trabalhando, ou melhor, como voluntários em uma propriedade de gado.

— Então, por que você não estuda?

— É difícil trabalhar, pagar aluguel, comprar comida e estudar — ela disse. — Eu amaria fazer isso. Quero dizer, a livraria é ótima, mas, às vezes, eu fico entediada, com vontade de torcer o pescoço dos clientes. Às vezes eles são rudes.

— Como você pensou que eu fosse.

— Na verdade, eu pensei isso. Frequentemente, os caras que entram pensam que são muito bons. Você sabe, como classe alta.

— Talvez seja apenas você quem pensa assim. Quero dizer, foi isso que você pensou de mim?

— No início, sim. Eu pensei que você estava apenas me ignorando. Muitas vezes, os clientes pensam em você como uma garota burra de caixa. Mas eu poderia contar a qualquer pessoa qualquer coisa que eles quisessem saber sobre cada livro naquela loja.

Lá fora, o sol havia baixado muito a oeste, o pôr do sol desperdiçado, invisível devido aos edifícios da cidade. Lily finalmente olhou para fora, notando a luz fraca. Os clientes estavam mudando, com a multidão da tarde sendo substituída pelos frequentadores da noite.

Um telefone celular tocou.

— É o seu? — Perguntou Luke.

— Eu não carrego o meu comigo, ele me irrita — Lily disse.

— Deus, isso soa familiar. Estou sempre tendo problemas com meus amigos. Ou perco o meu ou a bateria está sempre morta. Também não carrego o meu.

— Eu gosto do fato de que ninguém sabe onde estou ou o que estou fazendo. — Lily pensou em Tyrone, que provavelmente estava enlouquecendo, deixando mensagens no telefone, que estava enterrado em algum lugar debaixo de seus livros espalhados em casa. — Eu tenho que ir — ela disse, drenando o resto do seu vinho.

Eles ficaram em silêncio.

— Eu realmente gostaria de tomar um café com você novamente. — Luke inclinou-se para ela.

— Nós nem tomamos um café.

— Bem, acho que você ainda me deve um. Vou te convidar de novo,

Lily.

— Você parece muito certo disso.

— Vou até a loja durante a semana. Você poderia me dizer qual tarde fica boa pra você.

.Os dois puseram-se de pé

Muito obrigado pela folha, eu amei isso. — Suas bochechas coraram. —

.— É uma das coisas mais legais que alguém já me deu

— Estarei lá para vê-la durante a semana. Ele beijou sua bochecha. — Como novos amigos — ele disse enquanto tocava a folha que Lily estava girando na mão.

Ela olhou para baixo. — Eu realmente gostei de estar aqui. Espero não ter falado muito sobre livros. Eu tenho que ir embora. Eu moro logo na estrada.

— Se você estiver bem, eu vou ficar e tomar outro vinho. Eu gostei desta loja de armas. Boa escolha. Não se preocupe em falar demais sobre livros. É tão bom conversar com alguém sobre literatura. Eu realmente não tenho nenhum amigo com o mesmo interesse.

Lily sorriu, e Luke a observou, notando que ela estava usando o mesmo vestido fofo que usara no outro dia, liso e ajustado, destacando sua figura firme e pequena. O suéter era diferente, mas tem o mesmo efeito. Ela é pequena, Luke pensou, notando que o suéter estava abotoado corretamente hoje, desenhado em torno da pequena cintura. Ele tentou vislumbrar suas pernas novamente, enquanto ela se levantava, sem saber o que dizer em seguida...

Seus olhos encontraram os dela e ele a lembrou – vejo você durante a semana.

— Ok.

Ele ficou feliz por ela não ter dito não; pelo menos havia alguma promessa de outra data.

Lily, surpreendeu-se, não queria sair. Ela estava se divertindo muito, mas sabia que deveria ir a uma festa P com Tyrone hoje à noite e que ele provavelmente já ficaria frenético por ela não estar onde deveria estar.

Girando a folha, ela sorriu timidamente para Luke e disse — Obrigada.

Quando ela estava do lado de fora, olhou pela janela e o viu acenando

para o garçom por outro vinho. Ela tentara pagar a saída, mas a garota garantiu que aquilo já havia sido resolvido.

— Por quem?

— O cara bonito com quem você estava. Ele organizou por telefone antes que vocês chegassem.

Lily sorriu enquanto colocava o cartão de volta na carteira.

Luke se sentou imerso em pensamentos — e no primeiro encontro. Ele sabia disso, porque nunca havia se sentido assim antes. Havia amor à primeira vista? Ele notou as mãos dela hoje à noite. Dedos pequenos, unhas levemente mordidas, embora ele pudesse ver o esforço que ela tinha feito para que crescessem algumas delas. Ela não parecia se preocupar muito em comer ou beber, brincando com a louça e seguindo com grandes goles de vinho.

Ela era uma garota da cidade, no entanto. Ela nunca esteve em um barco e realmente não conhecia frutos do mar. Ela nem sabia onde estava Armidale e parecia não ter experimentado muita coisa. E então houve a diferença de idade. Aos 22 anos, ela era muito mais nova e, obviamente, também não era ótima em relacionamentos a julgar pelo namorado tatuado, entupido de esteroides.

As pessoas estavam começando a encher a loja de armas e ele percebeu que estava ocupando uma mesa sem refeição, apenas vinho na frente dele.

Duas garotas muito bonitas, com minúsculas saias curtas, se aproximaram dele.

— Oi — uma disse — podemos sentar com você? Parece que você está sozinho.

— Não, na verdade obrigado, mas estou indo embora, a mesa é de vocês.

As garotas desapontadas ocuparam os assentos agora vazios, ambas olhando para Luke enquanto ele sorria para elas e saía noite adentro.



DE VOLTA À sua unidade, Lily estava encontrando seu próprio conjunto de problemas e estava tentando parecer relaxada enquanto um Tyrone furioso andava de um lado para o outro.

— Estou apenas uma hora atrasada — ela disse pra ele. — Você sabe que eu não sou boa com horários.

— Onde está a porra do seu telefone? Por que você não está com ele? Onde está o seu traje P?’ — Ele desfilou na frente dela, vestido rigorosamente igual a um cafetão de aparência desprezível. — Kali está pronta, olhe para ela, que prostituta sexy ela é.

Lily agradeceu que a ansiedade de Tyrone por não estar vestida tivesse superado a raiva dele por estar atrasada.

— Eu disse a ele que você estava fazendo hora-extra — sussurrou Kali enquanto ela passava...

Uma sensação de ansiedade tomou seu estômago. — Sabe, Tyrone, me sinto um pouco doente. Não tenho certeza se quero ir.

— Quero ver você de cinta-liga e meias. Coloque-as, você ficará bem. Coloque os dedos na garganta, vomite um pouco e então você estará bem. Você vai ficar tão sexy, todos os caras estarão olhando para as suas pernas.

— Caramba, Tyrone, por que eu iria querer isso?

Ele a beijou bruscamente, exatamente nos lábios. — Eu só quero que eles vejam que eu estou com a garota mais sexy de Brisbane. — Ele empurrou a língua na boca dela como sempre, até que ela sentiu que estava na metade da garganta. Um olhar surpreso em seu rosto quando ele se afastou dela. — Ei, você andou bebendo.

— Sim, havia vinho no trabalho, você sabe, a autora estava divulgando seu novo livro. Por isso me atrasei.

— Vista-se, sua prostituta. — Ele deu um tapa forte nas costas dela quando ela se mexeu.

Lily cedeu como sempre; ela simplesmente não tinha dentro dela a vontade de lutar. Por que ela havia se envolvido com esse asqueroso? Ela

olhou para ele novamente. Sim, essa era uma palavra que, para ela, definitivamente identificava Tyrone. Ele passou o fim de semana irritado e consertando seu Commodore, ele usava botas Ugg sujas e tinha tatuagens feias que não tinham absolutamente nenhum significado.



NA FESTA, TYRONE pendurou-se nela por um tempo, envolvendo-a, com o braço e fazendo comentários obscenos sobre sua vida sexual a quem estivesse por perto.

— É como se ele apenas certificasse que todos soubessem que você é dele — Kali disse.

Kali e Lily assistiram Tyrone se inclinar e beber o conteúdo de um copo muito cheio. Ele engoliu em seco rapidamente, segurando o copo alto até que todo o conteúdo fosse esvaziado. Isto foi seguido por um arroto alto e longo, e então ele se inclinou e vomitou todo o conteúdo de volta no jardim mais próximo.

Todos aplaudiram. — Vai, Tyrone, vai de novo.

Os barulhos e a música alta começaram a ecoar e a ricochetear na cabeça de Lily até que ela sentiu que ia explodir.

— Kali, eu realmente preciso ir para casa. Já pedi a Tyrone centenas de vezes, mas você sabe que será igual a todas as noites. Eu preciso pegar um táxi e sair daqui. Eu me cansei dessa merda.

— Eu também me cansei — Kali disse. Ela estava muito mais sóbria do que Lily, que tinha começado com os três copos da excelente Marlborough Sav Blanc. — Precisamos ir embora, para longe daqui. Quero dizer, a melhor frase dita aqui hoje à noite foi: “*Você quer foder?*” Que idiotas. Esses caras nunca vão crescer.

Lily se sentiu esgotada, exausta e sabia que estava tudo acabado. Na verdade, ela não sentia nada; em vez disso, apenas um desapego de toda a situação.

— Ele nunca vai mudar, vai? — ela disse, pegando o braço de Kali.

— Não, e você sabe o que mais? Você se tornará tão ruim quanto, se ficar com ele. Lily, olhe para nós, temos 22 anos e ainda estamos com o

pessoal de dez anos atrás. Vamos sair daqui.

Tyrone acenou para Lily, ansiosamente desejoso pela próxima tentativa de virar num só gole o copo abarrotado de bebida. — Vejo vocês amanhã, bebês. — Ele lhe deu um beijo desleixado, cheio de cerveja, que quase a fez vomitar.

— Até mais, Tyrone. Ela olhou para ele e sentiu um alívio instantâneo; aquele beijo nunca iria acontecer novamente.



GRUPOS DE PESSOAS andando e conversando pelas calçadas de West End proporcionaram um ambiente amigável, pois Luke andava propositalmente, embora às vezes se perdesse, pelas ruas da cidade. A música o encontrou fora de sua unidade, filtrando-se pelas janelas abertas, e ele viu uma pequena e movimentada reunião lá dentro. Dan, Matt e as duas meninas convidaram várias outras pessoas e as mesas baixas estavam cheias de comidas e bebidas interessantes.

— Ei, ninguém me convidou — ele disse, rindo quando entrou pela porta, fazendo uma abertura nos fios de plástico que decoravam a entrada.

— Venha, venha, há muita comida. — O casal indiano recém-casado do andar de baixo o chamou, acenando para os pratos com os quais eles haviam contribuído para a festa.

— Onde você esteve? — eles perguntaram juntos quando ele se sentou ao lado de Preet, bem longe do grupo de garotas sentadas juntas no outro extremo.

Preet e Amrit moravam no andar de baixo. Eles estavam casados há apenas três meses, com Preet finalmente chegando em abril, depois que o casamento arranjado ocorreu no mês anterior na Índia. Como sempre, ela parecia elegante e graciosamente bonita para Luke. Nessas ocasiões especiais, ela vestia o tradicional sari indiano de cores vivas, com brilhantes e adornados de seda enquanto se sentava nas almofadas coloridas no chão.

— Preet e Amrit, é tão bom ver vocês.

Preet inclinou a cabeça na direção dele. — Eu estou indo muito mal esta noite. Parece. Como já estamos casados há três meses, estou sentindo meu primeiro gosto de champanhe. Meu marido diz que eu posso.

— Você é uma rebelde, Preet.

Amrit olhou para a esposa com adoráveis olhos escuros, emoldurados por seus longos cílios. Ambos eram indianos e haviam se estabelecido recentemente na Austrália, cada um com vários graus universitários em tecnologia e computadores. Mas ainda assim, o casamento arranjado confundiu Luke, a mistura da vida moderna e tradicional.

Ele provocou Preet. — Por que você não disse não ao casamento, Preet? Olhe para ele, ele vai ficar gordo e desdentado com esta pizza e em breve se parecerá com seu avô.

— Sabe, Luke, eu já disse que poderia ter dito não — Preet disse, mas quando olhei nos olhos dele, sabia que ele era um bom homem. E depois desse primeiro mês, sozinhos, sem outra alma aqui neste país, posso dizer que ele é um homem bom e agora estamos apaixonados. Nós já nos amamos. Só porque ele é um bom homem.

Preet levantou suas sobrancelhas finamente feitas na direção de Luke. — Onde você esteve? Seus olhos me contam uma pequena história. Você saiu com uma garota?

Luke pareceu surpreso.

— Não se surpreenda — o Amrit falou em voz baixa. — Todas as mulheres indianas podem reconhecer o olhar do amor. Uma vez que elas olham para o seu coração, veem um fato da vida.

Preet continuou em seu canto inglês. — Gandhi disse uma vez: “*Onde há amor, há vida.*”.

— Você deveria ouvi-la, Luke,’ Amrit disse — ela fala a verdade. O nome Preet realmente significa amor.

— Eu conheci uma garota. — Luke falou muito baixo para que apenas Preet e Amrit pudessem ouvir. — Eu conheci uma garota especial, mas é complicado.

— É sempre complicado — o casal disse em uníssono, rindo e batendo os joelhos.

— Na Índia, existem milhões de nós — Amrit disse. — Você não pode imaginar. Tudo é complicado. Não funcionaria se não fosse.

Matt veio atrás de Luke. — Luko, desculpe interromper, mas vê a garota no final com o cabelo castanho curto? Ela está realmente interessada em você. Ela continua te olhando, mas você não está olhando para cima, companheiro.

— Estou feliz aqui, obrigado, Matt. Eu realmente não estou buscando a companhia feminina hoje à noite.

— Diga-nos, que complicações? — Preet e Amrit se inclinaram para Luke enquanto Matt se afastava, balançando a cabeça.

— Bem, primeiro ela tem um namorado — Luke disse.

— Ela está prometida a ele? — Amrit perguntou.

— Não funciona assim aqui na Austrália e não, ela não gosta tanto dele.

— Então, qual é o problema? Ela se livra dele, ou seu irmão ou pai acaba com ele e então, eu presto — Amrit disse, batendo com a mão na perna — ela se comprometerá com você.

— Uau, esperem, vocês dois. Nós, australianos, não entramos na questão do casamento direto, assim.

— Sabe, Luke, quantos casamentos arranjados duram? — Amrit disse.

— As estatísticas mostram que noventa por cento são bem sucedidos. Vamos organizar o casamento para você.

— Vou me arrepender de ter dito a vocês alguma coisa.

Luke sentou-se, sem querer quebrar o clima falando de casamentos forçados ou a idade de algumas noivas indianas em comparação com os noivos mais velhos. Em vez disso, relaxou, desfrutando da companhia de duas pessoas tão otimistas.

— Ela mal fala — ele disse — eu tive que falar muito.

— Aaghh. — O jovem casal falou ao mesmo tempo, sorrindo um para o outro.

— São as mais calmas as que são também as mais vigorosas — Amrit disse. Quando Luke olhou para ele interrogativamente, ele disse: — Você sabe, na cama.

— Oh, por favor, estou tentando nem pensar tão longe. Ela é muito tímida e não estou acostumado com meninas tímidas, o que me leva ao próximo problema. Ela tem apenas vinte e dois.

— Quantos anos você tem, Luke? — Perguntou Amrit.

— Faço vinte e nove este ano.

Amrit balançou a cabeça de um lado para o outro, suas palavras ditas rapidamente. — Meu irmão se casou aos vinte e cinco anos e a noiva tinha apenas catorze. Meu tio, trinta e oito, casou-se este ano, a esposa tem dezoito anos e os dois estão muito apaixonados. Qual é o problema?

— Aqui é diferente. Ela parece um pouco inocente. Quero dizer, ela tem um namorado, mas não tenho certeza. Ela parece um pouco inconsciente, você sabe, ingênua sobre algumas coisas. Um pouco como uma daquelas

pessoas que bloqueiam todo o mal e fingem que está tudo bem.

— Ela parece perfeita! — Preet levantou-se e bateu palmas, curvando-se sobre a mesa baixa para beijar Luke na bochecha.

Amrit também se levantou e apertou a mão de Luke. — É perfeita — ele disse — ela é única. Acredite, somos indianos, sabemos sobre essas coisas. Em um país de milhões, somos capazes de encontrar o perfeito. Você está em um país de apenas vinte e dois milhões e acha que tem um problema. Agora, ela é hindu, muçulmana ou cristã? Esta é a pergunta mais importante.



NOS MESES SEGUINTEs, Luke tentou manter o foco. Ele disse a si mesmo que as tarefas de história vinham primeiro, mas a cada semana ele contava as horas até ver Lily. O jantar e as bebidas haviam se tornado uma ocorrência regular e, duas vezes por semana, eles se encontravam, passando a tarde no mesmo café da reunião original.

Os estudos. Tente se concentrar. Era para isso que ele estava aqui. Ele soltou palavras, bloqueando tudo, frases descendo sobre o papel, folheando as leituras, pesquisando textos e garantindo que todos os detalhes atendessem aos requisitos prescritos.

Não fazia cinco meses desde que ele se mudara para Brisbane, e embora a expectativa de ver Lily todas as semanas e a conversa e socialização com alguns de seus amigos fosse convidativa, ele sabia que estava com saudades de casa. Não tanto de Proserpine, mas da cabana. Ele desejava voltar à cabana com o barco, a água clara e salgada, o peixe fresco e as nuvens que espalhavam suas formas pelo céu aberto. Seus sonhos foram feitos dessas coisas.

Ele checou o calendário para ver quando poderia voltar para o norte para uma pausa. As férias da universidade estavam chegando e não havia motivo para ele não poder dirigir e passar o próximo mês lá. Ele marcou as datas com enormes lembretes no calendário.

Toda vez que Luke entrava no Avid Reader, seus sentidos eram exagerados. Para começar, os livros, empilhados ordenadamente, mas sem muita ordem, acenaram das mesas assim que ele entrou na loja. Havia novos títulos, capas que acabavam de sair das malas de couro marrom dos livreiros. Clássicos encadernados coloridos e lindamente ilustrados que não poderiam ser manuseados se não com toques leves.

Se ele pudesse passar pelas mesas, as prateleiras pareciam fechá-lo, não permitindo que ele passasse. Eles estavam empilhados do chão ao teto, e era tão prazeroso olhar para títulos conhecidos e lidos, quanto descobrir e prolongar-se por novos títulos que atraíam o leitor com suas capas intrigantes e criativas.

Se por acaso olhasse de lado, prateleiras mais altas e totalmente empilhadas cobriam todas as paredes, em todas as direções. Os livros recém-chegados, esperando para serem exibidos, estavam ociosos no chão, empilhados de maneira organizada o suficiente para ficar longe dos pés dos clientes, mas ainda visíveis aos curiosos e atraentes leitores a verificar o que estava disponível antes de chegar à prateleira.

Luke olhou para cima e encontrou Lily sorrindo para ele por trás do balcão desarrumado. Ela acenou para ele quando terminou de embrulhar e entregar uma compra a um cliente. Ele assentiu e sorriu, observando-a atentamente por trás das mesas e prateleiras, enquanto ela continuava a servir os clientes que esperavam pacientemente com seus preciosos livros na mão.

O balcão em frente a Lily oferecia atrações mais incomuns, com uma variedade de livros de novidades e ideias especiais para presentes. Os clientes que esperavam pacientemente vasculharam os extras, decidindo tentar obter mais lucro antes de sair da loja. Os *displays* obviamente fizeram o que se pretendia, e Luke observava os clientes entregando os livros menores e individuais, na maioria das vezes adicionando um ou dois às suas compras já decididas.

As crianças ficavam quietas ao lado dos pais, agarrando suas próprias compras, entregando-as ansiosamente a Lily, para que mamãe ou papai pudessem pagar por elas. Os clientes olharam e chamaram as crianças para perto de si, que tiveram que ser arrastadas para longe da empolgante variedade de livros infantis no canto da loja.

— Estou pronta. — Ela ficou ao lado dele enquanto ele folheava uma biografia de viagem antes de colocá-la de volta na prateleira com cuidado. — Você deveria ler isso. Ele olhou para ela enquanto ela tentava amarrar o cabelo para trás de algum modo. — Ela era repórter da ABC aqui em Brisbane. Você pode dizer desde a primeira página que é uma leitura fabulosa.

— Não sei se devo comprar um livro toda vez que chego aqui. Você está me deixando rapidamente sem dinheiro.

— Eu tenho, vou emprestar para você.

— Você está linda, Lily, você estava usando este suéter no primeiro dia em que entrei aqui.

— Deus, como você se lembra de coisas assim? Eu realmente não tenho ideia do que eu visto de manhã.

Ele a olhou de cima a baixo. — Você sempre parece tão adorável, até os buracos nessas meias pretas.

— Merda, porque é que ninguém me disse que isso? — Ela tentou esconder o buraco na parte de trás da perna.

Luke balançou a cabeça em diversão. — Vamos lá, quero levá-la a algum lugar diferente esta tarde.

— Onde? — Ela parou de andar. — Eu pensei, bem, sempre vamos à loja de armas.

— Sim, é verdade. Fizemos isso nas últimas doze semanas — ele disse, parecendo exasperado — mas não essa tarde. Está fazendo uma linda tarde ensolarada e ainda falta um pouco para o sol se pôr. Aqui, entre na minha limusine.

Luke destrancou e abriu a porta da van estacionada do lado de fora da loja e esperou Lily entrar.

— Oh meu Deus, isso é seu? — Ela gritou de alegria, voltando para a calçada para ver a lateral da van azul.

O Volkswagen de 1968 obviamente impressionou Lily, e Luke deu-lhe algum tempo para apreciá-lo.

— Este é o Oscar, meu meio de transporte não confiável. Agora, se você quiser entrar... porque eu quero chegar a algum lugar enquanto o sol ainda está alto.

Lily olhou em volta ansiosamente, tocando o painel pontilhado, abrindo a porta, luvas rangentes e a janela de canto triangular. O motor VW deu o costumeiro ronco antes de acelerar e deslizar pela rua principal de West End.

Luke riu alto quando Lily saltou para cima e para baixo como uma criança, abrindo cada pequeno compartimento, verificando o painel e os instrumentos de trabalho da van. Ela espiou pelas costas, obviamente muito animada e encantada por estar andando com o velho VW. — Há quanto tempo você tem isso? — Ela finalmente ficou quieta.

— Comprei de um velho hippie em Airlie, pouco depois de deixar a escola.

— Uau, então é isso que você sempre dirigiu desde então.

— Bem, ele está realmente fora de ação há vários anos. O carro pobre e velho, que chamei de Oscar, muitas vezes teve que esperar até que algum dinheiro chegasse e eu pudesse cuidar um pouco mais dele.

— Você veio até aqui com ele?

— Sim, ele está rodando bastante bem no momento, porque gastei um pouco de dinheiro e tempo com ele antes de vir para Brisbane. Normalmente, eu ando ou pego o ônibus aqui embaixo para que ele não se acostume tanto. Às vezes, em casa, eu o conduzo, mas também tenho um Ute que você precisa no Norte.

Luke estava tentando manter os olhos na estrada e no tráfego pesado, que ele precisava atravessar com cuidado para sair do coração de Brisbane.

— Esse é o câmbio? Eu nunca vi um que sai do volante.

— É chamado de câmbio de coluna. Ele mostrou a ela onde as diferentes marchas estavam montadas, tentando não encará-la em vez da estrada.

— Para onde estamos indo?

— Pensei que poderíamos fazer um piquenique perto da água. Eu realmente preciso colocar meus pés na areia.

— Onde você vai fazer isso por aqui?

— Nós apenas vamos para a água. A praia pode não ser ótima, mas pelo menos podemos ver o oceano.

Eles seguiram para o leste até chegarem ao litoral, entre os subúrbios da baía. Luke encontrou um parque com facilidade e, embora não houvesse muita areia branca e limpa, havia pelo menos alguns manguezais, suas raízes penduradas como dedos gigantes e desaparecendo na lama. Pequenas ondas se moviam continuamente sobre o fundo do oceano, emitindo aquele cheiro delicioso de spray de sal e ar limpo. Luke abriu a porta dos fundos da van para que ambos pudessem entrar.

— Isso é inacreditável, você pode simplesmente parar em qualquer lugar e acampar — ela disse, ainda muito empolgada quando puxou as gavetas e verificou o fogão.

— Venha e sente-se e pare de pular.

Ele riu enquanto a dirigia para o banco e ela assistiu surpresa quando ele abriu a pequena geladeira, passando suas tigelas de comida para colocar na

mesa desdobrável.

Eles se sentaram um em frente ao outro, Lily quieta enquanto mastigava os camarões frescos, mergulhando-os na pequena tigela de molho de frutos do mar antes de alcançar a grande tigela de ostras.

— Isso é incrível, de onde você tirou essas ostras enormes?

— Ostras do Pacífico, você gostou delas?

— Elas têm um gosto incrível. Que tarde adorável. — Os olhos de Lily estavam focados na comida.

— Deus, garota, você está com um apetite e tanto.

— Eu amo frutos do mar. Espero que você não esteja contando quantas ostras eu comi.

— Está tudo bem, tem muito lá, coma quantos quiser. Cerveja ou vinho?

Ele abriu a pequena geladeira e serviu a Lily seu Sauvignon Blanc favorito. Eles comeram, beberam e conversaram, seus olhos ainda vagando por toda a van, descobrindo novos compartimentos e perguntando a Luke sobre tudo.

— Eu tinha planejado sentar lá fora — Luke disse, finalmente respirando entre camarões, ostras e uma cerveja gelada.

— Está ventando muito lá fora. — Ela colocou a cabeça para fora da porta, seus cabelos rebeldes voando loucamente por todo o rosto, como se para provar um argumento. — Isso é realmente adorável e você teve muito trabalho para preparar tudo.

— Na verdade, eu apenas pensei que deveríamos ir a algum lugar diferente.

— Ninguém nunca fez algo assim por mim antes.

— Você merece, Lily, você é uma boa companhia. Quer saber, você precisa pensar um pouco mais em si mesma.

— Eu sei. Você sabe o que, Maria, minha amiga italiana me diz que o tempo todo?

— Eu não sabia que você tinha uma amiga italiana.

— Você vai ter que conhecê-la, você vai amá-la. Ela vive do outro lado da estrada e eu a amarei até a morte.

— Uau, ela parece uma amiga especial. Você nunca me falou sobre ela.

— Na outra semana, ela ligou a mangueira no Tyrone quando ele veio me recriminar. — O humor de Lily mudou e seus olhos ficaram sérios.

— O que houve lá? — Luke perguntou hesitante o que ele estava morrendo de vontade de saber por semanas.

— Ele está saindo com alguém, o que é uma coisa boa. Bem, foi o que Kali me disse de qualquer maneira. Mas ele apenas, bem, a cada dois dias ele me envia um texto abusivo. Ou, na outra semana, ele apareceu para me irritar. Eu realmente preciso fugir por um tempo. Eu tenho um mês de férias que começa na sexta-feira, mas estou um pouco sem dinheiro, então, vou ficar em casa lendo alguns livros. — Ela sentou-se com a cabeça nas mãos, mechas encaracoladas derramando sobre os ombros, um olhar preocupado no rosto.

— Bem, faça algo então, não apenas fale sobre isso.

— Fácil para você dizer, mas para onde eu vou?

Luke guardou a comida. — Deus, nós devoramos isso. Fico feliz que você gosta de frutos do mar, muitas pessoas não gostam.

Lily ainda estava quieta, pensando nas mensagens telefônicas irritantes e nas visitas quase ameaçadoras.

— Vamos caminhar, nos exercitar e tomar ar fresco do mar. — Luke pulou da van.

— Eu preciso tirar essas meias, elas são quentes e também muito esburacadas.

— Bem, tire-as — ele disse, tentando desviar os olhos enquanto ela os arrancava, revelando um par de pernas bem torneadas e tonificadas.

— Meias definitivamente não são apenas para mim. — Lily as jogou na lixeira próxima. — Um mínimo desgaste e elas já eram.

— Caramba, Lily, não te posso levar a lado nenhum, que rabugenta. — Luke passou um guardanapo para ela, apontando para o molho de camarão que de alguma forma conseguiu escorrer por sua blusa.

— Que bagunça. — Ela limpou o que podia, o guardanapo seguiu as meias até a lixeira.

— Ok, você está bem agora?

Cabelos cacheados caíam por suas costas, e ela correu em direção às ondas, rindo alto quando o vento atravessou a praia. Luke a seguiu,

alcançando-a quando chegaram à água juntos, ambos deleitando-se com o cheiro fresco do mar e o ar salgado.

— Uau, como é bom estar longe da cidade — Lily disse enquanto pulava sobre as pequenas ondas que chegavam. — Faz tanto tempo desde que estive na praia.

Eles ficaram juntos, olhando para o horizonte, as pequenas ondas lambendo seus pés.

— Você não foi quando estava no Blues? As praias de Byron são as melhores do mundo — Luke parecia surpreso.

— Tyrone odeia areia. Ele diz que fica entre os dedos dos pés e o irrita. Vivemos tão perto da praia e, no entanto, frequentei muito pouco desde criança.

— Que pena, nada é melhor do que estar na água ou sentir o sal na pele depois de um mergulho.

— Você nada nas praias de onde vem?

— Não muito, são mais lugares de pesca. Além disso, há águas-vivas nos meses de verão, quando realmente se quer nadar. Às vezes, se eu estou no barco, mais perto das ilhas, dou um mergulho, mas só no inverno. Alguns dos meus amigos foram picados e é muito ruim. Eles foram parar no hospital e a dor é excruciante, como facas quentes cortando sua carne.

— Sério? São como pequenos corpos azuis? Lembro-me deles de quando eu era criança.

Não, no Norte temos *irakangis* ou *medusas-de-caixa*. Os irakangis — são minúsculos e você nem consegue vê-los. O problema com eles é que não causam dor quando picam, só depois de um tempo é que começa a afetar você. Uma vez que começa, você fica com febre, dor e depois fica doente muito rapidamente. As medusas-de-caixa ou águas-vivas são igualmente ruins. Elas podem ser enormes, no entanto, e a dor te atinge imediatamente. Elas têm massas de tentáculos que flutuam na água. Meu .companheiro foi picado no estômago por um, há um ano

— O que aconteceu com ele?

— Ele sobreviveu, mas você precisa ver o estômago dele. Parece que alguém derramou água quente fervendo sobre ele. Como cicatrizes de queimadura.

— Parece terrível, então por que as pessoas entram na água?

— Parece ruim, mas a área onde a cabana fica, bem, é realmente o lugar mais incrível que você já viu — intocada, sem multidões, a cor da água, a areia limpa. Você sabe que voltarei em breve por um mês.

Ele se virou para olhar para ela. Sua saia estava dobrada, revelando todo o comprimento de suas pernas enquanto ela pulava sobre as pequenas ondas quando elas chegavam à praia.

— Por que você não vem comigo de férias?

Ela ficou parada, olhando para o mar.

— Eu vou de carro, então não vai te custar muito e também você pode ficar na minha casa em Proserpine.

Ela parecia preocupada. ‘Eu não tenho certeza, Luke.

— Do que você não tem certeza? Vai ser muito divertido. Eu só tenho que trabalhar dois ou três dias para poder ficar o resto do tempo te mostrando tudo. Há tantos lugares para visitar e você pode conhecer alguns dos meus amigos.

— Não conheço ninguém, e você sabe que acho difícil conversar com pessoas que não conheço.

— Você vai me conhecer.

— Eu nem te conheço tão bem. Também é um longo caminho. E se...

— Luke a cortou. — Lily, você realmente precisa sair da sua zona de conforto ou nunca fará nada. É como dirigir na estrada. Você me conhece bem o suficiente agora para confiar em mim. Olha, será apenas como amigos, nada mais, se é com isso que você está preocupada.

— Gostaria de fugir e isso parece bem. Contanto que você tenha certeza que realmente quer que eu vá com você.

— Claro que eu quero. — Ele chutou o pé para cima, jogando água nela. ‘Eu não sugeriria isso se pensasse de outra forma.

Ela riu. — Ei, agora estou molhada.

— Então, você vem ou eu preciso te molhar mais?

— Não, não, está frio. Eu irei, contanto que você não me deixe com pessoas que eu não conheço.

— Você é tão introvertida.

— Somente com estranhos.

— Você fica bem quieta comigo às vezes.

— Ah — ela disse — chutando água nele — você não vai dizer isso depois de horas no carro comigo. Você vai me pedir pra calar a boca.

— Realmente, mal posso esperar. Corrida até a van, perdedor paga pelo próximo almoço.



LUKE PAROU DO lado de fora do apartamento de Lily, estacionando no espaço livre do outro lado da estrada.

— Esta van é incrível — ela disse enquanto abria a janela. — Olha, cortinas de janelas reais e um toca-fitas.

— Você não dirá isso depois de permanecer sentada nela por mil e quatrocentos quilômetros. Traga um travesseiro para sentar, pois o assento pode ficar um pouco desconfortável. A suspensão não é a melhor.

— Eu amo isso. Vou ter que tentar encontrar algumas fitas cassetes na internet para trazer.

Maria estava do lado de fora lavando seus arbustos de tomate; as plantas saudáveis cresciam vigorosamente em suas treliças, subindo como a planta gigante de *João e o pé de Feijão*. Lily se inclinou sobre o velho portão de ferro forjado e deu a Maria o habitual beijo duplo. Ela adorava a sensação da pele da velha e o cântico que Maria sempre soava após a recepção completa.

— Maria, esse é meu amigo Luke.

O enorme sorriso de Maria brilhou em seu rosto, todo o rosto sorrindo enquanto as rugas se juntavam ao redor dos olhos.

Maria pegou a mão estendida de Luke com as duas dela. ‘Aha, *piacere de conoscerti, buona scelta*, Lily. Você gosta da nossa Lily, ela é *bela*.’

— Maria, Luke é meu amigo, apenas um amigo.

A velha ainda segurava a mão de Luke na dela, tremendo vigorosamente enquanto balançava a cabeça, obviamente em aprovação.

Eu vou viajar com Luke na próxima semana — disse Lily — na van, até Proserpine para passar férias...

— *Fantastico*, isso é bom. Esta Lily, ela precisa de férias. Anda muito pálida, feições tristes. Só trabalha, trabalha e, finalmente, terminou com aquele palhaço.

— Tudo bem, Maria. — Lily sentiu que Maria estava prestes a começar um de seus comentários sobre Tyrone.

— Você deve ter um polegar verde. — Luke se inclinou sobre a cerca da frente, olhando as plantas saudáveis que estavam amarradas ordenadamente às estacas e tendiam no jardim da frente. — Grosse Lisse?

— *Ciao, ciao*, tomates bestas em todas as ruas de Brisbane? — O rosto de Maria agora estava radiante, enquanto os olhos de Luke vagaram pelo jardim da frente, que foi completamente plantado com uma grande variedade de vegetais. — Você gosta de berinjela? Lily não gosta de comê-las.

— O quê?’ Luke virou-se para Lily, fazendo uma careta para ela. — Como você pode não gostar de berinjela?

— *Sì, sì*. — Maria apontou o dedo para Lily, que revirou os olhos por trás das costas da velha.

— Eles são como aqueles chokos viscosos que você nos deu — Lily disse. — Vamos lá, Maria, eu gosto de todo o resto que você cultiva.

Maria pegou duas das maiores berinjelas que pôde encontrar e deu para Luke.

— Como você as cozinhou, Maria? — Ele ouviu atentamente enquanto Maria se esforçava ao máximo para explicar os meandros de tirar o máximo proveito das berinjelas. — Vou tentar isso hoje à noite, parece delicioso. Olhe para as suas plantas de coentro, nunca vi plantas tão saudáveis.

— Eu cuido deles. Planto o coentro ao lado do manjerição, que planto ao lado do tomate. Que velha planta de tomate, eu tenho por muito, muito tempo. *Vedi*, todos eles *amico*, você sabe, amigo. Eles crescem *molto* melhor.

— Eu nunca vi tanta variedade em um espaço tão pequeno.

— Sua casa tem uma *horta*?

— Não aqui embaixo, mas em casa eu cresci em uma fazenda de cana-de-açúcar e minha Não neste lugar, mas em casa, cresci em uma fazenda de cana-de-açúcar e minha Nan e Pa cultivaram muito bem tudo o que podiam quando se tratava de vegetais. Eu achava que o Pa era o melhor produtor de tomate do mundo — ele olhava para as videiras exuberantes — até hoje.

Maria sorriu com tanta força que Lily pensou que o rosto da velha senhora se dividiria. Ela ficou ouvindo enquanto Luke e Maria, com seu inglês quebrado, tinham uma longa discussão sobre esterco, vermes e a

direção do sol no jardim.

— Na próxima vez que você vier, te dou mais um pouco — Maria disse enquanto desligava a mangueira, lutando com o portão da frente quebrado, antes de segui-los pelo caminho de concreto rachado. — Muito escuro agora, amanhã vem, *si*’

— Na verdade, eu voltarei amanhã. Só vou comer alguns vegetais, se você me deixar consertar esse portão.

— Aggh — Maria disse — sempre o portão bate, e as grades voam para longe. *Si, Si*.

Luke acompanhou Lily pelo caminho até sua casa, Maria seguindo apenas o suficiente para dar uma boa olhada no para-brisa traseiro da van.

— Veja Lily, minha Lily, sem adesivos no carro. Não é idiota, estúpido, sem lésbicas, sem Kiwi.

Luke olhou curiosamente para Lily.

— Longa história — Lily disse. — Outro dia.

Ele abriu o portão que levava ao apartamento dela, parado enquanto ela atravessava.

Eu tive uma tarde muito boa. Ela ficou quieta, perdida à procura de palavras, como às vezes acontecia, ele percebeu, quando ela realmente queria dizer algo, mas simplesmente não podia.

— Foi divertido. Agora não há me dizer não sobre a viagem, tudo bem?
— Ele olhou diretamente nos seus agora sérios olhos verdes.

— Ele olhou diretamente nos seus agora sérios olhos verdes Ele está isolado nos seus agora sérios olhos verdes — ela disse depois de um tempo.

— Vou aparecer na loja na quarta-feira e depois buscá-la às cinco da manhã de sábado.

— Uau, é cedo, eu não sou muito matinal.

— Você pode dormir na van no caminho, se quiser. — Ele revirou os olhos. — Sua preguiçosa.

— Obrigada. Luke, eu realmente preciso sair daqui por um tempo e estou animada por você me mostrar onde mora.

— Nós vamos nos divertir. Também preciso de uma pausa, Brisbane é apenas uma cidade grande para mim.

Ele voltou pela estrada, acenando para ela. Quando ele partiu, percebeu que ela ainda não havia entrado, mas estava sentada na escada de tijolos do outro lado da rua. Ele balançou sua cabeça. Como ele poderia saber o que ela estava pensando? Enfim, era um começo.

Seria divertido mostrar-lhe a cabana e ele estava animado pelo fato de ter a companhia dela. Apenas amigos, ele pensou, sabendo que se não quisesse que ela corresse para longe dele, as coisas teriam de permanecer assim por um tempo. Por um segundo, ele pensou sobre a embalagem e seu conteúdo, antes de empurrar qualquer ideia para as profundidades da sua mente. Tudo para se concentrar naquele momento; ele só teria que esperar.



NA QUARTA-FEIRA, LUKE chegou rapidamente ao trabalho de Lily. No começo, ele não a encontrou, mas Mary, a outra garota que trabalhava lá e que conhecera Luke, apontava para o fundo.

Gritando enquanto empurrava a porta apenas para funcionários, ele entrou no salão de chá nos fundos da loja. Ele se sentou ao lado de Lily, mexendo a cadeira perto dela para que eles ficassem frente a frente.

— Ei, garota, o que se passa? — Ele puxou um lenço de papel de uma caixa próxima para entregar a ela.

Ela não falou nada, enxugando as lágrimas do rosto e olhando para Luke. — Nada, nada, está tudo bem — ela fungou.

— Não parece que esteja tudo bem. — Ele olhou diretamente para ela. — Isso é sobre Tyrone?

Incapaz de falar, ela assentiu, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto passava o telefone para ele, a última mensagem de texto abusiva ainda exibida na tela.

— Caramba, o cara é um idiota. — Luke colocou o telefone com a face para baixo. — Ignore-o, ele é um idiota e, sinceramente, estou tentado a intervir e tentar conversar com ele.

Ela olhou para cima, horror em seu rosto. — Não, por favor, não, isso apenas piorará tudo. Nós estivemos juntos por anos, acho que está demorando um pouco para ele se acostumar.

— Você não disse que ele tinha outra namorada?

— Ele está com garotas o tempo todo.

Ele se levantou para ferver o jarro. — Mais dois dias, Lily, e você ficará longe de tudo.

Os lenços estavam espalhados na frente dela e ela assoou o nariz ruidosamente. Luke fez questão de manter uma cara séria enquanto trazia uma xícara fumegante de chá para ela. Ela parecia péssima; se ao menos ela pudesse se ver, realmente choraria, pensou ele.

Seu cabelo estava arrepiado, havia marcas de caneta no rosto, lágrimas escorriam dos olhos inchados e avermelhados, e ela mal podia falar enquanto agradecia o chá. Ele notou que o suéter dela estava abotoado errado novamente, as partes superiores não estavam em consonância com os botões do outro lado.

— Do que você está sorrindo? Isso não é engraçado. — Ela olhou para ele.

— Não, eu sei que não é engraçado. Beba seu chá e você se sentirá muito melhor. -

Eles ficaram em silêncio, os braços de Luke cruzados enquanto ele supervisionava, garantindo que o chá quente tivesse sua marca. — Nan sempre dizia que uma xícara de chá consertava tudo — ele disse.

Não havia sorriso, mas pelo menos as lágrimas pararam. — Desculpa.

— Não peça desculpas.

— Me desculpe, eu choro tão facilmente. Apenas me perturba que ele possa ser tão mau comigo.

— Ele é apenas um idiota. Ele vai superar isso. Seu chá está bom?

— Está bom. Sua avó estava certa, o chá me fez sentir um pouco melhor. Eu provavelmente deveria voltar para o balcão, porque eu estive aqui por um tempo. Você ainda quer que eu esteja pronta às cinco no sábado?

Luke levantou-se. — Sim, às cinco será cedo o suficiente. — Ele sorriu amplamente novamente, seus olhos enrugando de diversão. — Hum, talvez você vá primeiro ao banheiro e se arrume. — Ele viu o rosto dela ficar vermelho. Qualquer coisa pessoal demais e ela cora, ele pensou. — Vejo você no sábado. Esteja pronta.



O SÁBADO NÃO pôde chegar rápido o suficiente para nenhum deles. Luke estava pronto para sair da cidade por um tempo e colocar os pés na areia e na água, e Lily estava ansiosa para se afastar de Tyrone e ver alguns novos lugares.

Lily se sentiu confortável e à vontade com Luke, sabendo no fundo que podia confiar nele. O fato de ele ser mais velho do que ela às vezes parecia um pouco intimidador, mas havia algo se estabelecendo sobre ele, a maneira como ele parecia cuidar dela, seus conselhos muitas vezes fazendo muito sentido. Quando ele sugeriu algumas ideias para ajudá-la, ela se perguntou mais tarde por que não havia pensado nisso. Ele também era muito independente, e ela sabia pelas conversas deles que ele teve de cuidar de si mesmo quando era mais novo.

— Que vergonha que ele me viu chorar — ela disse a Kali naquela noite. — E, oh meu Deus, quando eu olhei no espelho. Merda, eu parecia algo que o gato tinha arrastado. Ele estava rindo de mim, que vergonha.

— Ele é lindo, é tudo o que posso dizer. — Kali pulou pela sala, vestindo o mais alto par de sapatos de salto que Lily já tinha visto, sua roupa completada pela saia mais curta e a blusa mais justa já registrada.

— Ontem, eu até peguei o binóculo. — Kali girou, balançando as costas, olhando no espelho.

— O quê!

— Ele estava em uma daquelas camisas azuis à la Bond, consertando o portão de Maria. Eu acho que Maria estava tendo uns pensamentos pervertidos também.

— Kali, ela é uma mulher de oitenta anos.

Que corpo — Kali disse. — Estou dizendo a você, Lily, ele é quente. —

.Ele está obviamente interessado em você, ele disse isso desde o início

— Somos apenas amigos, ambos concordamos nisso. É bom assim, além disso, eu só estive com Tyrone.

— Amigos, hein? Você viu o jeito que ele olha para você com aqueles olhos sonhadores?

— Ele disse amigos, ok?

— Ah, eu sei, mas tenho certeza que se você quisesse mais, estaria lá à sua disposição.

— Eu sei que posso confiar nele. Tudo está às claras, o que você vê é o que você recebe.

— Ah, eu concordo, você estará completamente segura com ele, mas acho que é um maldito desperdício, só isso. Talvez você possa escrever umas frases para mim, se você não estiver ocupada.

Sim, claro, Kali, eu posso fazer isso. Como se você já não tivesse —
.homens suficientes em qualquer lugar

Elas riram e se abraçaram, pois Kali não tinha intenção de se levantar às cinco para se despedir.

— Acione seu alarme, pequenina, você sabe que é impossível acordar cedo.

— Bons sonhos — Lily disse. — Vou te enviar um cartão postal.

Lily estava pronta às cinco quando Luke chegou. Sentada na caixa de correio de tijolos balançando as pernas, ela pulou quando a Kombi azul parou ao lado dela.

— Ei, garota. — Luke pulou e abriu a porta dos fundos para pegar sua bolsa. — Uau, é tudo o que você está trazendo? — Ele olhou surpreso para a pequena mala de viagem de couro que ela jogou despreocupadamente nas costas.

— Bem, nós só vamos por quatro semanas, não é? E você não disse que estava quente lá em cima? — Ela parecia perplexa.

— Aagh, acho que pensei: mulheres, elas geralmente trazem tudo, menos a pia da cozinha.

— Eu viajo leve.

Luke abriu a porta da frente para ela. — Pronta?

— Acho que sim.

Ela está quieta esta manhã, ele pensou consigo mesmo enquanto a van fazia o seu caminho pelas ruas da cidade. — Você está bem?

— Sim, tudo bem. — Ela parecia muito nervosa. — Um suéter será suficiente?

— Sim, tudo bem, realmente não faz muito frio lá em cima.

Ela ficou quieta novamente, olhando pensativamente para a vista que passava, sem falar enquanto Luke fazia seu caminho pelo tráfego movimentado antes de sair para a estrada aberta.

— A van vai bem — ela disse finalmente.

— Sim, eu coloquei um novo motor nela e substituí outras peças no ano passado. A maior parte foi reconstruída.

Luke conversou sobre a van e as viagens que ele fez ao longo dos anos. Ele perguntou sobre os carros que ela dirigira e eles riram enquanto trocavam histórias sobre diferentes veículos e aventuras que haviam experimentado. Logo eles estavam conversando sobre todo tipo de coisa, e Lily começou a relaxar, os pés empoleirados no painel, observando a expansão suburbana se espalhar, abrindo-se para áreas rurais mais interessantes.

Luke tentou manter seus olhos na estrada, ocasionalmente olhando para ela enquanto ela olhava pela janela. Jeans azuis claros e rasgados esticados sobre as pernas, combinados com uma camiseta desbotada com algo escrito na frente. Seu cabelo foi ajuntado para cima, em um arranjo na parte superior de sua cabeça, crespos, em espiral, saltando para fora por onde quer que possam escapar. Ele a fez rir com uma de suas histórias, e pôde ver a covinha da sua bochecha enrugada e recuada. Olhos na estrada, disse a si mesmo, ao perceber que estava olhando para a bochecha dela. Ele adorava que ela quase nunca usasse maquiagem. Tão diferente das garotas pesadamente maquiadas, com a pele alaranjada e unhas falsas ridiculamente pintadas que ele namorou ao longo dos anos. Ele sorriu interiormente, apreciando a conversa que fluía agora e as risadas relaxadas que emanavam entre os dois.

— Não tenho certeza de que meus pais ficaram muito preocupados por eu ir viajar com você — Lily disse. A conversa mudou-se para as respectivas famílias. — Eles me fizeram todo o tipo de perguntas sobre você, muitas das quais eu pude responder.

Suponho que deveria tê-los conhecido — Luke disse. — É natural —
.que eles se preocupem com você

— Deus — Lily disse — Tenho 22 anos e sou capaz de cuidar de mim mesma. Eles estão fora a maior parte do tempo, mas às vezes me tratam como uma criança. Quero dizer, eu os amarei até a morte, mas eles sempre

estão me dando conselhos sobre tudo.

— Bem, às vezes você pode precisar de um pouco de orientação, ainda é jovem.

— Deus, não comece. Quantos anos você disse que tinha quando seus avós morreram e você teve que cuidar de si mesmo?

— Eu era jovem, jovem demais para lidar com o que precisava e, sim, cometi muitos erros.

— Você quer dizer que você não é perfeito. — Lily se virou e riu dele.

— Nem perto disso, talvez eu seja um verdadeiro idiota.

— Maria te achou perfeito.

— Isso é só porque eu sei sobre jardinagem — ele disse. — A propósito, qual é o problema que ela tem com adesivos?

Lily riu alto. — Tyrone tinha um adesivo na parte de trás do carro que dizia: *“Me enrole em mel e me dê como alimento para as lésbicas”*

Luke riu, murmurando algo.

— O que você disse?

— Nada. — Ele fez uma careta inocente.

— E o outro adesivo que ele tinha era um pássaro kiwi fazendo coisas rudes com um canguru.

.Aggh, isso não é legal —

— Ele importunava a Maria toda vez que ia me buscar. Na última vez ela virou a mangueira contra ele. Eu acho que ele ficou um pouco assustado com ela porque nunca disse nada a ela, só reclamou comigo e a chamou de todos os tipos de nomes abusivos.

— Maria é uma excelente juíza de caráter.

— Ah, ela pode ser muito mandona às vezes, ela é outra que adora me dar conselhos.

“Talvez você devesse ouvir.” Luke guardou o pensamento para si mesmo. — Está pronta para acionar o fogão a gás e fazer um chá?

A van saiu da rodovia, tanto o motorista quanto a passageira estavam prontos para esticar as pernas e fazer uma pausa na rodovia estreita e com ventos fortes, que percorria a costa leste.



OS QUILÔMETROS PASSARAM rapidamente enquanto o VW azul ia até a costa de Queensland.

— Isso é melhor do que antes — Lily disse animada, ainda intrigada com a paisagem incrível, enquanto a tarde passava e o sol se punha mais baixo no céu listrado de ouro. — As cores são incríveis, o céu é tão grande e a luz, olha a luz nas ervas e nos arbustos, é lindo.

— Há algo sobre o mato australiano. Eu sei o que você quer dizer com a luz, nunca me canso disso. Olhe para a direita, há uma grande multidão de cangurus.

Lily sentou-se no banco da frente, esforçando-se para olhar para os graciosos cangurus saltando sem esforço pelos piquetes agora tingidos de tons de laranja e amarelo, as ervas verdes como ornamentos adornados saindo do chão.

— Boa hora para parar — Luke disse, enquanto entrava no parque de caravanas ao lado do Marlborough Motel.

— Oh, eu pensei que você fosse dirigir até mais tarde do que isso.

— Sem chance — ele disse. — Vê aqueles cangurus? Eles não têm muita noção do que seja uma estrada. Não vale a pena insistir, porque nossas chances de atingir um deles, ou alguma outra vida selvagem, seriam bem altas se continuássemos agora. Enfim, você não está com fome?

— Bem, sim, eu acho. Eu não sei. Há tanta coisa para ver que eu me esqueci de pensar sobre comida. Quão impressionantes eram aqueles cangurus e o pôr do sol, nunca vi cores assim antes.

Coisas simples que ele considerava interessantes e que ela observava com carinho, enquanto o ajudava a preparar tudo para cozinhar. Ele a indicou a direção dos chuveiros e viu quando ela pulou, toalha e roupas na mão.

O bom e velho bife com legumes — ele disse, enquanto servia o jantar para os dois. — Eu pensei que você tivesse se afogado.

— Havia duas damas lá. Eles continuaram conversando comigo, me

dizendo de onde vieram e para onde estavam indo. Eles pareciam saber que eu tinha entrado na VW e perguntaram se você era meu marido. — Ela riu. — Apenas balancei a cabeça, não consegui pensar em nada para dizer. Uau, como você tudo está precavido. Eu nem pensei em jantar. Você sempre fica aqui?

— Primeiro, você precisa estar precavido ou vai morrer de fome, e eu já te conheço bem o suficiente para assumir que você não pensaria muito à frente. — Ela fez uma careta para ele. — Segundo, nunca fiquei aqui. Normalmente, eu apenas chego a uma pista de terra ou encontro um riacho para acampar ao lado. Eu pensei que você poderia apreciar o chuveiro e vaso sanitário.

— Obrigado, o chuveiro estava bom. — Ela conseguiu devorar todos os vestígios de comida em seu prato.

— Agora vou tomar banho. — Luke levantou-se e pôs o prato e os talheres no lavatório, o líquido para lavar louça embaixo da pia e a água quente na chaleira, ali prestes a ferver no fogão.

— Está tudo aqui, você poderia viver em um desses para sempre. — Ela viu como ele reuniu o que precisava antes de ir para o chuveiro.

Duas cadeiras dobráveis estavam posicionadas ao lado da van e, quando ele voltou, Lily estava deitada com as pernas jogadas no braço da cadeira, olhando para as estrelas.

— Elas são tão brilhantes, e eu posso ver facilmente as constelações. Veja como é claro o Cruzeiro do Sul. Por que elas não são tão brilhantes assim em casa?

— Não há outras luzes aqui para competir com elas. — Luke estava tentando pentear a bagunça emaranhada de seus cabelos. — Como diabos você lida com seus cachos? Meus cachos me deixam louca e eles não são nem de longe tão complexos quanto os seus.

Ele ficou na luz da lua e Lily podia ver o que Kali estava falando. Sua pele era verde-oliva e seus olhos escuros e esfumaçados pareciam olhar através de você. As feições cinzeladas davam a ele um visual forte e muito masculino. Cabelos ondulados escuros, que apenas tocavam seus ombros, uniam-se a um corpo musculoso. Seus braços estavam tonificados e fortes, assim como suas pernas.

— Quanto aos cachos, não se queixe, tente viver com eles. Ela sacudiu as pontas de suas madeixas, que estavam enroladas em torno de seus ombros. — Eu simplesmente desisto. Finalmente aprendi a abraçar meus cachos. A menos que eu raspe minha cabeça, eles sempre estarão lá.

— O que acontece se você colocar um pincel no esfregão? — Ele apontou para a cabeça dela.

— Ei, cuidado com a língua. — Ela deu uma palmadinha na parte de cima da cabeça. — Fica bagunçado, como se estivesse espetado. Se eu apenas ignorá-lo ou não tirar os nós, eu posso facilmente ter dreads.

Ela sentou-se na cadeira, reunindo coragem. — Uma pergunta. Onde vou dormir?

— Certo, bem, a parte de cima está quebrada, então as escolhas são a mesa que se dobra, tornando-se uma cama de bom tamanho ou o banco da frente. Agora é com você.

— Oh, o banco da frente me parece bem, eu posso facilmente me aconchegar lá.

— Eu esperava que você dissesse isso, porque minhas pernas são muito mais longas que as suas e não tenho certeza se me encaixaria na frente. — Ele ligou o fogão a gás e colocou as canecas sobre a mesa. — Obrigado por lavar a louça.

— Regra em nossa casa, para Kali e eu, é quem cozinha nunca lava a louça.

— Eu gosto dessa regra.

— Eu também, porque não sou uma ótima cozinheira.

— Talvez seja uma boa hora para aprender. — Ele olhou para ela por cima do copo. — Vou te dar algumas lições. Você teve um bom primeiro dia de férias?

— Eu simplesmente adorei, a viagem, o pôr do sol, os cangurus, o jantar e agora as estrelas. É um dos melhores dias que já tive.

— Você está falando sério? Ainda não fizemos nada. Isso não é nada. — Ele pensou em quão facilmente ela ficava satisfeita com coisas que lhe eram tão familiares.

Eles conversaram por muito tempo, e Luke riu de algumas de suas palavras.

— O que é tão engraçado? — ela perguntou.

— Você às vezes parece um pouco ingênua, como se ainda não tivesse experimentado muito.

Eu provavelmente não experimentei mesmo. O mesmo trabalho, o — mesmo namorado e nunca tive realmente muita emoção em nenhum lugar. Até hoje, é isso

— Isso não é tão emocionante. Estamos ao norte de Rockhampton.

— Bem, é emocionante e um pouco aventureiro para mim. A propósito, segui seu conselho e não trouxe meu telefone celular. Dei aos meus pais o seu número para usar somente em caso de emergência.

— Sério? — Ele tentou pensar onde estava o telefone e se ele estava ligado.

Eles ficaram em silêncio, olhando as estrelas, desfrutando a paz e a tranquilidade, quebrados apenas pelo caminhão ocasional que passava na estrada.

— Pelo menos esse idiota do Tyrone não poderá entrar em contato com você — Luke disse. — Vamos torcer para que ele tenha encontrado alguém novo para incomodar.

— Eu me sinto um pouco idiota agora, e não sei por que fiquei tanto tempo com ele. Ele sempre me colocou no chão, então eu nunca me senti bem quando estava com ele.

— Os relacionamentos podem ficar assim. Eles se tornam um hábito e então é mais fácil ficar com a pessoa, principalmente se você não gosta de conflito.

— Você já esteve nessa situação?

— Claro — ele disse — quando eu era mais jovem. Eu costumava fazer qualquer coisa para manter a paz e não incomodar ninguém. Eu terminei algumas vezes, então eu me tornei mais duro.

— Minha vó diz que...

— O quê?

— Que se você não cometer erros, nunca aprenderá. Tudo faz parte da vida. Você me disse que não tem namorada. Como é que você não tem?

— Faz muito tempo desde que eu tenho uma namorada.

— Por quê?

— Acho que saí com algumas meninas diferentes ao longo dos anos, mas nunca senti uma conexão com nenhuma delas.

— Há quanto tempo você teve uma namorada?

— Oh, provavelmente há alguns anos, o estudo e o trabalho ocupam muito do meu tempo.

Lily poderia dizer que ele não estava tão interessado na conversa. Ele havia esticado os músculos contraídos, levantando-se para arrumar as camas na van. Ela o seguiu, antes de estender o saco de dormir e empurrar um travesseiro no canto do banco da frente.

— Perfeito e confortável.

— Eu pensei que você iria reclamar sobre o espaço.

— Você está falando sério? isso é surreal. Olha, eu posso deitar aqui e olhar diretamente para o para-brisas e para as estrelas.

— Boa noite, garota — ele disse, sorrindo enquanto fechava a porta da frente depois de colocar o saco de dormir debaixo dos pés dela. Demorou um pouco para ela o ouvir entrar na traseira da van e fechar a porta dos fundos. — Deus, espero que você não ronque.

.As meninas não roncam, bem, eu certamente, não —

— Como você sabe?

— Bem, eu apenas sei.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, enquanto ela se movia vigorosamente no banco da frente.

— Bem, eu não consigo dormir com esse jeans — ela disse inocentemente enquanto as jogava no painel.

Gemendo interiormente, ele desejou não ter perguntado. Ela não parecia perceber o efeito que tinha sobre ele ou como estava com aqueles jeans velhos rasgados e camiseta desbotada. Ele abraçou o travesseiro com força. Amigos, ele lembrou a si mesmo. — Boa noite, garota.

— Boa noite — ela respondeu calmamente, já meio adormecida, sonhando com o que o amanhã poderia trazer.

NA MESMA HORA, na noite seguinte, eles se estabeleceram na casa de Proserpine. A eletricidade havia sido ligada, a geladeira abastecida e as janelas rangentes da tremonha se abriram para arejar os aposentos mofados.

— Há um quarto para você por ali — Luke apontou para o pequeno

corredor estreito. — Vou colocar um mosquiteiro para você mais tarde, caso contrário você será comida durante a noite.

— Aqui fica vazio enquanto você está em Brisbane? — Lily olhou pela casa, instantaneamente amando o quintal com a enorme mangueira.

— Sim, normalmente — ele disse. — Um companheiro meu ficou aqui há algumas semanas, daí o leite na geladeira e o lixo deixado na lixeira. — Ele fez uma careta quando pegou a lixeira do lado de fora, irritado por as coisas não terem sido deixadas como ele havia pedido. — Nós vamos ficar aqui por algumas noites enquanto eu resolvo as coisas do trabalho e então eu realmente quero levá-la para minha cabana na baía.

— Estou realmente ansiosa por isso, por ver onde você costumava pescar com seu pai.

— Há tanta coisa que quero te mostrar lá. É o meu lugar favorito.

Quando se conheceram nos últimos meses em Brisbane, conversaram com frequência sobre a vida dele em Proserpine. Depois que Lily superou a timidez inicial e os momentos de silêncio que sempre pareciam reinar no início dos seus encontros, ela falou livremente sobre sua própria infância. Luke se abriu um pouco sobre ele pela primeira vez, e ela parecia sentir que não era algo sobre o qual ele normalmente falava.

Como Lily conheceu Luke melhor, ela fez perguntas sobre a vida dele, rindo enquanto ele contava uma história engraçada após a outra.

— Parece muito divertido crescer em uma fazenda — ela disse.

— Era, embora às vezes houvesse tempos difíceis. — Sua voz vacilou. — Mas houve muitos bons momentos também, e eles superaram os maus.



QUANDO LILY DESEMPACOTOU sua sacola, Luke riu, dizendo que isso o lembrava da avó.

— Era da minha Vó, na verdade — ela disse, abraçando a velha bolsa de couro protetoramente. Lily costumava falar sobre sua vó. — Ela mora em Beadesert, a cerca de uma hora da cidade. Nunca perde nada, sua mente é tão afiada quanto uma adaga. Eu não posso esconder nada dela, porque ela sempre parece ver através de mim.

Luke ficou um pouco nervoso ao ouvir Lily falar sobre sua avó, sua mente voltando para o pacote ainda escondido no apartamento do Gabba. Seis meses se passaram e ele ainda não havia feito nada a respeito. Ele tirou isso de sua mente, decidindo que era agora não era o momento e ele só queria aproveitar as férias.

Agora ele estava sentado na escada dos fundos, bebendo uma cerveja, esperando Lily sair do chuveiro. Eles estavam indo ao pub local para jantar e tomar uma bebida, encontrando-se com alguns de seus companheiros e seus parceiros. Ela estava nervosa, ele percebeu, e pela primeira vez, ela parecia preocupada com o que vestir.

— Basta usar o que você normalmente veste — ele disse — você sempre está ótima.

— Eu não quero estar muito arrumada. O que eles vestem no pub aqui?

— Casual, garota — ele disse — olhe para mim — eu tenho uma camiseta e shorts. É só o pub local. — Quando ela finalmente escolheu um vestido estampado curto e o segurou para aprovação, ele disse — Ficaré ótimo, mas você ficaria bem até em um saco.

Corando, ela se afastou, murmurando algo sobre conhecer novas pessoas.

Desenhando a frescura do final da tarde, ele se sentou em silêncio, olhando para o quintal, a mangueira carregada de frutas.

— Eu pensei que você tivesse se afogado novamente — ele disse ao ouvir Lily atrás dele. — Olhe as mangas, será uma boa temporada.

Algo caiu em sua cabeça. Estendendo a mão, ele fez uma careta enquanto uma minúscula corda vermelha muito rendada apareceu em sua mão.

— Seu *companheiro* — Lily disse, enfatizando a palavra *companheiro* — deve ter esquecido isso porque eles estavam pendurados no chuveiro.

— Merda, o que eu devo fazer com eles?

— Eu não sei. Usá-los como um estilingue? Por que você não me disse que tinha uma namorada?

— Ela não é namorada. Ela é uma velha amiga que precisava de um lugar para ficar. Você está pronta para ir?

Ele se levantou abruptamente, fechando a porta dos fundos e jogando o fio-dental na lixeira, com o rosto e o tom sinalizando o fim da conversa sobre as descobertas dela. Ele sentiu como se tivesse sido pego em flagrante, mas sabia que não havia feito nada errado. Bem, talvez ele não tenha sido totalmente honesto. Mas o que isso importava? Eles eram apenas amigos.

Lily jogou a bolsa por cima do ombro e tentou prender o cabelo para trás enquanto caminhava pela porta da frente. O que isso importa, ela se perguntou. Nós somos apenas amigos. Ele poderia ter um milhão de garotas fiantes. Mas isso a incomodava, e ela não conseguia descobrir se era porque sentia que ele havia mentido para ela, ou se era o fato de que ele obviamente estava se encontrando com alguém.

— Você está muito bem. — Ele a olhou de cima a baixo devagar, com olhos avaliadores, sabendo muito bem que ela coraria.

— Obrigada.

— Fico feliz que você finalmente aprendeu a receber um elogio. Isso é uma nova moda? — Ele disse, olhando para os sapatos dela...

— O quê? Deus, eu só comprei dois pares — ela disse. — Pensei que eu poderia acertar. — Ela trocou os sapatos incompatíveis, e agora usava dois do mesmo par.

— Vire-se, seu zíper está apenas até a metade do vestido. — Ele notou que a vermelhidão desta vez havia viajado para a nuca dela. — Deus, eu não posso te levar a lugar nenhum. — Ele deu-lhe um empurrão brincalhão.

— Estou nervosa, ok?

— Por quê? Por ir a um pub e conhecer algumas pessoas novas? Você precisa sair mais. Vamos beber a primeira bebida.

Eles caminharam juntos, o agradável clima da tarde se misturando com as cores irradiando do sol poente, filtrando-se pela rua tranquila da cidade campestre.

O barulho do pub emanou na ampla trilha quando eles se aproximaram do típico pub estilo Queenslander. Homens de camiseta azul e botas de trabalho grossas saíam da porta de madeira do bar público, alguns deles se virando e dando a Luke um aceno amigável.

— Esse é o bar público — Luke disse, enquanto a conduzia para outra porta, longe da multidão barulhenta da calçada. — Vamos conhecer os outros no salão. É um pouco mais civilizado, mas só um pouco, lembre-se.

Mesas e bancos em madeira enchiam o interior do salão, e os amigos de Luke estavam em um grupo, acenando enquanto os dois entravam. Houve muitos apertos de mão e abraços efusivos enquanto cumprimentavam Luke, acenando educadamente enquanto eram apresentados à recém-chegada. Lily ficou feliz por tomar o primeiro gole de vinho; pelo menos ela tinha algo em suas mãos. Ela se sentiu muito desconfortável em conhecer novas pessoas, embora os meninos parecessem bons e algumas das meninas fizeram um esforço especial para incluí-la em suas conversas.

— Então, onde vocês se conheceram e há quanto tempo estão juntos? — perguntou Cheryl, uma garota alta e loira que era casada com um dos amigos de Luke e estava grávida do bebê número três.

A voz de Lily quase não era audível acima do barulho no bar, agora lotado. — Nós meio que nos conhecemos brevemente no Blues, mas realmente, eu acho que nos conhecemos na livraria onde trabalho, ele é um cliente de lá. Somos apenas amigos, no entanto, não estamos realmente juntos ou algo assim.

Cheryl revirou os olhos e sorriu para as outras duas garotas. — Eu nunca vi Luke com uma “amiga” antes. — Ela levantou e mexeu os dois dedos indicadores. — Ele geralmente é um lobo solitário.

Lily notou que Luke estava olhando para ela, dando-lhe uma piscadela do outro lado da mesa, enquanto pensava no que dizer em seguida. Ela tomou um gole de sua bebida em silêncio.

— Bem, vocês fazem um belo casal — Tracey, uma das outras meninas, disse. — Luke normalmente nunca traz ninguém com ele. Há anos que tentamos fazê-lo arranjar um par. Ele é um cara tão doce, ele faria qualquer coisa por qualquer um.

— Ele olha para você como se estivesse muito interessado — Cheryl entrou na conversa. — Estávamos vendo você com ele mais cedo.

— Não, honestamente, somos apenas amigos. — Lily podia sentir seu rosto ficando vermelho. Deus, como ela odiava a sensação do calor subindo em suas bochechas e, dependendo da situação, a sensação disso se espalhando, corando rosto afora. — Eu precisava me afastar de Brisbane por um tempo e ele sugeriu que eu viesse com ele, quando percebeu que eu não tinha estado aqui antes.

As garotas, com ironia, assentiram com um sorriso fixo, Lily sabia que não acreditavam em uma palavra que ela disse. Graças a Deus, ela pensou quando Luke apareceu atrás dela, perguntando se ela queria outra bebida.

— Outra limonada para você, Cheryl. — Luke sorriu, sua mão estendendo a mão para tocar sua barriga saliente.

— Obrigado, Luke, esse é aqui dentro é o seu afilhado.

— Não acredito que vocês dois terão três filhos. Parece que ontem nós amarramos suas tranças na árvore de acácia e deixamos você lá.

— Muito engraçado... — Cheryl disse. — Nós estávamos perguntando a Lily onde você se conheceu. — Ela levantou as sobrancelhas finamente feitas, tentando colocar Luke a par.

Ele olhou para Lily, que sorriu para ele, covinhas enrugadas em diversão.

— Ela caiu do céu. Os olhos dele brilharam de alegria enquanto o rosto dela ficou vermelho.

— Você não estava indo pegar outro vinho pra mim? — ela conseguiu dizer, passando a taça para ele. — Obrigada.

Luke a deixou conversando com as meninas e, felizmente, a conversa se voltou para bebês e outros tópicos além dela e Luke.



— TODOS TE AMARAM, Lily. — Luke caminhou ao lado dela, ao som alto dos morcegos nas mangueiras, que existiam em todo quintal, enchendo o ar com seu barulho incessante.

— Eles parecem pessoas muito legais, e eu gosto das meninas, elas são divertidas. Lily pulou na parede baixa de tijolos adjacente à calçada, como um equilibrista, braços abertos, equilibrando-se enquanto caminhava ao lado de Luke.

— Estou surpreso que você possa fazer isso depois de todos esses vinhos.

Seu corpo foi delineado pelo vestido justo, que agora subia mais alto, expondo suas pernas bem torneadas enquanto ela pulava ao longo da parede. Luke caminhou ao lado dela, o desejo de levantá-la e segurá-la de perto era quase esmagadora.

— Você está quieto — ela disse, pulando uma caixa de correio em seu caminho.

— O sujo falando do esfarrapado.

— O que isso significa?

— Eu não acho que você pode me questionar por estar quieto. — Ele deu-lhe uma cutucada nas costelas.

— Ei, observe meu equilíbrio. — Ela oscilou antes de pular ao lado dele na calçada. — Eu conversei um pouco com as meninas. — Ela olhou para ele.

— Está tudo bem — ele disse — não fique chateada com isso. Todos acharam você ótima, mas muito quieta. Adam ficou olhando suas pernas — Eu tive que dizer a ele para tirar os olhos imundos de você.

— Minhas pernas, você está brincando? Elas são curtas e atarracadas. — Ela olhou para as pernas.

Luke balançou a cabeça e riu. — Você é refrescante, você sabe por quê?

— O que você quer dizer?

— Não importa, vamos nos mexer. Eu quero acordar cedo.

Ela fez uma careta, avessa a atividades de manhã cedo.

— O clima deve estar bom nos próximos dias. Bom tempo para pesca. — Ele tirou os sapatos. — Pronta? Vou correr com você para casa.



— **É TRADIÇÃO PARAR** no pub Quindry para tomar uma cerveja antes de entrar na cabana — Luke disse, puxando seu barco frágil para a área de atracamento de areia.

— Ainda não tenho certeza de que estou pronta para o álcool. — Lily lambeu os lábios.

— Ah, estamos de ressaca?

— Não, é apenas um pouco cedo para mim.

— Passa das dez, é uma tradição.

— Olha só, já tem algumas pessoas aqui. — Lily olhou em volta para a dispersão de homens e um casal de mulheres que pareciam estar instaladas nos bancos de frente para o bar.

Ela podia sentir os olhos dos homens enquanto pegava a Corona de Luke e se sentava em uma das mesas de frente para a praia. — Você parece conhecer todo mundo — disse ela, quando ele se sentou ao seu lado.

— Eu morei nessa área a vida toda. — Eles tocaram suas cervejas juntos. — Saúde, Lily, acho que você os fez ganharem o dia. Veja como Merv continua esfregando os olhos e olhando para você?

— Cara, onde você a encontrou? — Merv murmurou para Luke, enquanto ele estava ao seu lado, pedindo as duas cervejas. — Cacete, olhe para aquelas pernas lindas e para aquela mecha de cabelos encaracolados. Rosto de anjo, Lukie. Quando vocês se casam?

— Muito bonitinha — a garçonete Lindy disse, com um sorriso brilhante para ele, enquanto lhe entregava as cervejas.

— Bom ver todos vocês. Ele abaixou a cabeça para eles, antes de voltar para Lily.

— Não posso acreditar nessa vista — Lily disse. — A água tem uma cor incrível.

— Provavelmente será uma semana agradável, se o tempo estiver bom. Eu vou te ensinar como pescar.

— Realmente, você acha que eu posso pegar um peixe?

- Você sempre consegue algo aqui, mas nunca sabe o que.
- Não tenho certeza se poderia matar um peixe. Eles sangram?
- Ele riu abundantemente. — Você já esteve em um barco?
- Hum, eu peguei a balsa para Stradbroke algumas vezes.
- Bem, meu barco não é tão grande.

As cervejas geladas caíram muito bem, e Luke se levantou para conseguir uma segunda rodada.

— Eu poderia ficar por aqui. — Lily pegou a cerveja vazia, tentando pegar o limão do fundo da garrafa.

— Coronas no pub Quindry sempre têm esse efeito. Porém, mais uma e depois partimos.

Luke estava no bar e estava de costas para Lily, então ele não percebeu quando Sylvia se aproximou e sentou-se ao lado dela.

— Oi — ela disse, oferecendo sua mão longa e fina. — Eu sou Sylvia. — A mulher mais velha riu enquanto acenava para um Luke surpreso, que agora estava vindo em direção à mesa.

— Oi Sylvia. — Ele largou as duas cervejas e arrastou outra cadeira para a mesa.

— Esta é Lily. — Ele apresentou Lily, que estava sentada em silêncio, muito desconfortável sob o olhar examinador da mulher de cabelos escuros.

Lily notou que Sylvia era muito mais velha que Luke e exalava confiança, cruzando as pernas longas e sacudindo os cabelos escuros de forma provocativa.

— Eu não esperava te ver aqui, Luke.

Ele percebeu que Sylvia estava irritada pelo fato de ele não ter deixado ela saber. — Estou aqui apenas para uma breve visita. Lily e eu ficaremos aqui por algumas semanas para que eu possa mostrar um pouco de tudo a ela. É a primeira vez dela em North Queensland.

Sylvia olhou Lily para cima e para baixo. Que legal. Eu volto de avião amanhã, sabe, o de sempre, duas semanas de voo pra uma semana de folga...

— Sylvia trabalha nas minas. — Luke virou-se para Lily, que não falava desde que se sentou. — Ela dirige aqueles *monster trucks*.

Sorrindo educadamente, Lily pensou que era melhor dizer algo. — Você cresceu por aqui também?

— Sim, eu vivi nesse buraco ou perto daqui a maior parte da minha vida. O Luke e eu nos conhecemos há muito tempo, não é? — Ela sorriu docemente para ele.

— Certamente, todo mundo conhece todo mundo por aqui. — Luke tentou fazer pouco de seu comentário sensual.

Vocês dois formam um casal adorável — Sylvia disse. — É bom ver —
.você com uma garota tão doce, Luke

Lily não conseguiu entender por que os comentários pareceram sarcásticos. Talvez tenha sido o olhar no rosto de Luke. Ele não estava sorrindo e, pela primeira vez, ela não se deu ao trabalho de dizer que eles eram apenas amigos e não realmente um casal.

Luke e Sylvia conversaram, dando a Lily a chance de estudar o rosto da mulher. Ela obviamente era muito atraente para sua idade, e seu corpo, especialmente as pernas, chamava a atenção de homens de qualquer idade. Seu rosto bronzeado, porém, não tinha a mesma juventude. Ele parecia endurecido, como se ela tivesse passado por momentos difíceis, com linhas saindo dos cantos dos olhos e acima do lábio superior. Talvez ela fosse amiga da mãe de Luke, pensou Lily.

A vista por entre as árvores era linda e Lily logo perdeu o interesse em ler o rosto de Sylvia. A conversa ao lado dela ficou turva, e ela se esqueceu de onde estava enquanto olhava através da orla. Pequenas ilhas se espalharam pela água quando o sol do meio-dia, como um fogo dourado, causou um efeito brilhante na extensão do oceano cintilante que se movia à sua frente. Pequenos barcos de pesca se moviam rapidamente através das ondas, enquanto um veleiro passeava lentamente pelo horizonte nebuloso, acrescentando uma lentidão tranquila e calma a toda a vista.

A voz de Luke invadiu seu sonho desperto.

— Lily, Lily.

Merda, ele estava falando com ela. — Desculpe, a vista é tão incrível. — Ela voltou sua atenção para os outros dois, percebendo que sua mente se afastara completamente.

— Prazer em conhecê-la. — Sylvia se levantou.

— O prazer foi meu

— Muito bonitinha, — Sylvia disse para Luke, erguendo as sobrancelhas. — Ah, e obrigado pelo uso da sua casa no mês passado. Eu provavelmente não te verei por um tempo.

— Não, você provavelmente não me verá, Sylvia. Se cuide.

Luke andou a passos largos na direção do Ute, Lily seguindo atrás. Quando ela olhou para trás, Sylvia tinha ido.

Eles dirigiram em silêncio, o velho Holden saltando sobre as ondulações e pedras espalhadas pela trilha que levava à cabana. A raiva e o silêncio de Luke invadiram a cabine do ute, com o rosto pedregoso e firme.

Girando em seu assento, Lily virou-se para ele. — Ela era sua namorada?

Ele hesitou — Não, ela não era. Não, ela definitivamente não era minha namorada. Ela é apenas alguém que eu conheço há muito tempo.

— Ela agiu, você sabe, muito sensual em relação a você. Como se vocês significassem algo um para o outro.

— Bem, não significamos, ok? Eu a deixei ficar na minha casa há cerca de um mês, como um favor.

— Você está bravo comigo.

— Eu não estou — ele disse. — Eu só não quero falar sobre ela. Ela não significa nada para mim.

— Bem, você tira muitas informações de mim quando conversamos. Eu pensei que era para isso que serviam os amigos.

— Você precisa falar com alguém. Você precisa de ajuda com seus problemas. Eu não tenho problemas e não preciso falar, ok? Então, deixe isso de lado. — Ele falou bruscamente, seu rosto endurecendo.

Ela nunca o tinha visto com esse tipo de humor antes e parecia que ele a estava afastando. Eles sempre conversaram sobre as coisas. Era disso que ela gostava nele, que podia falar com ele sempre. Pelo menos, quando Tyrone estava bravo, ele gritava com ela. Não havia apenas esse silêncio doloroso.

Olhando pela janela empoeirada, Lily de repente ficou insegura sobre a pessoa aparentemente zangada que estava sentada ao lado dela. Ela não o conhecia bem. O que diabos ela estava fazendo, aqui no meio do nada,

apenas com Luke? Sentindo-se longe de qualquer lugar, ondas de insegurança e isolamento a invadiram quando ela percebeu que estava realmente aqui sozinha. Sem rostos familiares, nenhum amigo, nem Tyrone, nem família. Esta foi provavelmente a primeira vez em sua vida que ela realmente esteve longe de tudo com o que estava familiarizada.

O ute avançou e parecia inclinar-se para o lado.

— Merda. — Luke bateu no volante com raiva antes de sair para olhar o pneu danificado. Ele passou a mão pelos cabelos, pensando em como esse dia havia começado tão bem, mas lentamente, ou agora, rapidamente, havia degradingolado.

Lily ajudou a tirar o equipamento do caminho e tentou seguir as instruções dele, trazendo ferramentas específicas para ele quando ele pedia.

— Você não sabe a diferença entre uma catraca e uma chave inglesa? Ele fez uma careta, jogando fora a ferramenta que ela havia trazido, inclinando-se e vasculhando a caixa de ferramentas para encontrar a ferramenta correta.

— Como vou saber o que é uma catraca?

— Bem, é de conhecimento geral. — Ele deu a ela um olhar que não ajudou em nada sua confiança.

Demorou quase uma hora para um Luke muito suado e coberto de sujeira consertar o pneu.

— OK, volte para dentro, vamos lá.

O motor deu partida e depois parou. Não voltou a funcionar. Após mexer por mais de uma hora, muito palavrões e uso de cabos portáteis, o ute finalmente deu um rugido borbulhante e eles desceram a trilha quente e poeirenta mais uma vez.

Quando chegaram à cabana e desembarcaram, estavam quentes, sujos e irritadiços. Pesadas nuvens de chuva escureceram o azul desbotado do céu quando a noite se instalou e a luz do dia desapareceu.

Luke mostrou a Lily onde tudo estava dentro da cabana, depois passou uma toalha limpa para ela e apontou na direção do chuveiro externo. — Tome banho e depois faremos algo para comer.

Eles quase não falavam enquanto comiam a refeição simples que Luke havia preparado. Lily mal conseguia manter os olhos abertos e ficou

agradecida quando Luke disse que estava indo dormir.

— Se você precisar de mais cobertores — ele disse — eles estão no armário aqui.

— Obrigada.

Enquanto ela estava no chuveiro, ele arrumou uma cama para ela na sala da frente, pronta para ela deitar e se aconchegar.

— Boa noite — ela disse de costas, enquanto ele estava na porta da frente, olhando através do mato para a escuridão chuvosa.

— Sim, boa noite, vejo você de manhã. — Ele não se virou.

Aninhada no saco de dormir, ela observou as lagartixas correndo rapidamente pelo teto e pelas paredes do quarto. Não havia outro som, exceto as ondas batendo na praia, preenchendo o silêncio a cada movimento. Espero que amanhã seja um bom dia. Ela aconchegou-se profundamente no saco de dormir grosso e confortável, o sono pesado logo a superou.



CACATUAS BARULHENTAS ANUNCIAVAM o novo dia, acordando Lily quando dezenas delas colhiam frutas de uma enorme figueira que ela podia ver através da janela. O sol quente do norte de Queensland entrava, pequenas manchas flutuando delicadamente em seus raios poeirentos. Uma vez que ela se sentou, ela podia ver através da janela lateral diretamente para o mar azul cintilante.

A cabana estava silenciosa, exceto pelos pássaros do lado de fora, que ocasionalmente jogavam uma baga ou semente no telhado de zinco. Demorou um pouco para descobrir de onde vinha o barulho, até que ela saiu e viu as cacatuas negras, como apanhadores de frutas, penteando ruidosamente e vigorosamente as bagas enegrecidas da árvore.

Uma pequena trilha a levou até a praia, e Lily soltou um suspiro quando a vista à sua frente se desdobrou. Era exatamente como Luke havia descrito. O azul da água, que se fundia nas montanhas ocidentais distantes, era obstruído apenas por algumas pequenas ilhas projetando suas calotas para fora da água. A montanha, Ben Lomond, pairava majestosamente sobre as margens do sul do oceano, como uma sentinela sobre a baía e o espeto de areia branca que se estendia quase como uma ponte, não encontrando exatamente as baías rochosas que estavam embaixo da montanha.

— Uau — ela disse em voz alta.

A tranquilidade e a beleza natural dispostas à sua frente fizeram seu coração bater forte e as lágrimas encherem seus olhos.

— Você gosta disso?

Ela não tinha notado Luke sentado em uma grande rocha a poucos metros dela.

— De tirar o fôlego. — Ela ficou olhando com admiração, seus olhos examinando a baía.

— Esta é a minha casa.

— É incrível e ainda mais bonito do que você descreveu. Como são chamadas as ilhas? Veremos golfinhos? E, uau, o que são esses...? Ela olhou

para os três rabos de peixe saindo do topo de um balde aos pés de Luke.

— Isso é café da manhã, criança. Enquanto você estava roncando, eu estava caçando e recolhendo. — Ele expôs os três robalos diante dela. — Vamos, vamos comer primeiro e depois eu vou te mostrar tudo.

Lily teve que correr para acompanhá-lo, enquanto ele andava a passos largos, ela o seguia com seus pés descalços saltando sobre as conchas quebradas e o concreto que compunha o caminho.

Ela o chamou animadamente. — O melhor é que não preciso usar sapatos nem meias aqui.

— Sabe, você é um pouco selvagem — Ele diminuiu a velocidade e virou-se — eu acho que você ficaria feliz em Nimbin, onde minha mãe mora.

— Estamos muito confinados a regras e horários. Não gosto de fronteiras ou de uma vida sintética. Nós não fomos feitos para viver assim. — Ela estava tentando amarrar os cabelos rebeldes e acompanhá-lo.

— Bem, você pode se soltar completamente aqui, porque não há ninguém por quilômetros. Você não vai me ver usando sapatos até sairmos daqui para voltar para casa.



NÃO ACREDITO QUE estou comendo peixe fresco no café da manhã e olhando aquele belo Oceano Pacífico bem na minha frente.

Seria um daqueles dias perfeitos. A água estava calma após a chuva estrondosa da noite anterior, o céu azul estava sem nuvens e o calor do sol estava imerso em seus braços e pernas nus.

— É um ótimo dia para pesca. Lembre-se do que eu disse sobre vestir mangas compridas e cobrir as pernas com alguma coisa. Se acabarmos entrando no riacho, os mosquitos provavelmente a amarão. Sangue fresco da cidade.

— Mal posso esperar para ver tudo. — Lily estava impaciente para ver o que mais estava escondido atrás dos arbustos e nas esquinas. — Ainda nem olhei seus livros adequadamente, há muito para ver.

— Há muito tempo para isso depois da pesca. — Ele olhou através da

água. — Quando o tempo está bom, as marés estão boas e, especialmente, quando o mar está calmo, então é hora de pescar.

— Você acha que eu vou pegar alguma coisa?

— Eu prometo que você voltará para casa com um peixe. Agora vamos seguir em frente. — Ele estava ansioso para pegar o barco e entrar na água.

— Obrigado, Luke, por me trazer aqui, eu já estou amando — Ela queria dizer algo sobre ontem, mas pensou melhor.

— Estou feliz que você tenha gostado. Não trago muitas pessoas aqui. Na verdade, eu quase nunca compartilho este lugar, então, aproveite ao máximo.



NENHUM DELES JAMAIS esqueceria aquele primeiro dia juntos na baía.

— Vai ser um bom dia — Luke disse a Lily enquanto preparava sua vara pronta para o primeiro lançamento, mostrando-lhe como lançar a linha e para onde mirar.

Tudo era novo para ela, desde colocar isca viva no anzol até esperar pacientemente e depois pular animadamente quando houvesse o menor puxão em sua linha.

Luke passou a maior parte do dia desembaraçando sua linha, quebrando-a e deixando-a pendurada como enfeites nos galhos de mangue, onde ela parecia mirar todas as vezes.

— Tente apontar para a água — ele persuadiu, tentando fazê-la ficar quieta e não derrubar o barco toda vez que ela corria para o lado quando ele estava puxando um peixe. — Você é como uma maldita criança. — Ele tentou parecer seco, mas seu sorriso desmentia seus verdadeiros sentimentos.

— Eu não sabia que você tinha que tirar o anzol da boca deles. — Ela fez uma careta quando ele soltou outro pequeno prateado que ela pegou.

— Como diabos você pensou que eles se soltavam? — Ele virou-se para ela depois de jogar o pequeno peixe de volta na água. — Ok, garota, a maré está boa agora. Quero que você fique quieta por um momento. Mais importante, pare de falar e se concentre. — Ele havia deixado sua linha

sozinha e estava se concentrando em garantir que ela pegasse um peixe.

— Quantos você já conseguiu até agora, Luke, seis ou sete? Vamos comer peixe novamente no jantar?

— Shiiii — ele disse, colocando o dedo nos lábios — fique quieta. Sente-se, mantenha sua vara levantada agora e, quando o peixe morder, deixe-o brincar um pouco, não faça um movimento brusco.

— Que engraçado, eu quase caí do barco por causa disso.

— Shiiiiii. — Luke franziu o cenho para ela, tentando fazê-la ficar calada, mesmo que só por um momento.

Lily fez uma careta depois de um tempo, seus olhos rolando para que ele soubesse que algo estava tocando sua linha.

— Fique quieta, não puxe para cima, deixe levar.

A vara quase saiu de suas mãos e a linha assobiou, a seção que encontrava a água disparou em direção aos manguezais. Luke pegou a vara dela acima do carretel, dizendo-lhe para levantá-la lentamente e enrolar.

— Ele foi como um foguete, pare, agora, segure-o com força. Não deixe entrar nos manguezais. Segure a vara!

— Eu não consigo.

— Não o deixe ir para lá, mantenha a linha firme. Ok, agora mantenha-o firme, enrole-o e leve-o para o barco. Incline-se dessa maneira. — Os braços dele estavam ao redor do corpo dela, ajudando-a a afastar a linha dos manguezais, fazendo a curva em direção ao barco. — Puxe agora, garota, vara alta.

— Uau, parece grande. — Lily estava animada, mas seus braços estavam começando a doer enquanto o peixe continuava lutando contra a linha.

— Mantenha firme, aqui vem, isso. — Luke balançou o corpo dela para o outro lado agora. — Você precisa mantê-lo longe da corda da âncora, é isso, direcione-o para o lado do barco. Mantenha essa maldita linha justa.

Ele se abaixou e pegou a rede. — Enrole um pouco, é isso, levante a haste lentamente e enrole. — Curvando-se pela lateral do barco, Luke colocou a rede diretamente sob o peixe ainda em luta. Ele levantou a rede, o peixe gordo e brilhante reluziu quando o sol atingiu suas escamas alaranjadas. — Deixe a linha sair, deixe sair, é isso.

O peixe fez tremular a linha quando Luke o desembarçou da rede, rindo alto. — Meu Deus, Lily, um maldito Jack do mangue, na sua primeira pesca — ele disse. — Deve ter cerca de três quilos.

Lily estava rindo e esfregando os braços, que estavam doendo com o esforço de trazer o peixe. Luke a abraçou e eles pularam para cima e para baixo, ambos rindo alto enquanto ela olhava espantada para o tamanho do peixe.

— É um bom peixe?

— Você está brincando? Esse é um grande e maldito Jack. É um dos melhores peixes que existem e sempre é uma luta para trazê-los à superfície. Você viu como ele foi direto para os manguezais. Você precisa mantê-los vindo em sua direção, nunca deixá-los entrar lá ou a linha ficará presa em torno de raízes de mangue ou troncos submersos e você nunca os trará. É um peixe premiado nessas partes.

— Não acredito que peguei isso.

Luke desenganchou o peixe. — Às vezes eu passo semanas sem conseguir um Jack. É o que sempre perseguimos. Há peixes maiores por aí, mas ele é o prêmio. E veio justamente pra você. — Ele apertou os ombros dela novamente, claramente animado, enquanto refazia a linha dela. — Coloque essa linha lá no meio, onde há um, geralmente há mais.

— Você quer dizer que eu posso pegar outro? — Ela parecia tão feliz, sorrindo amplamente, alheia à isca e tripas de peixe manchadas em seu rosto e camisa.

— Eu amei ver você pegar aquele peixe — ele disse — foi tão emocionante quanto quando eu mesmo consigo pescar um grande. Você é uma verdadeira pescadora agora. — Seus dentes retos e brancos apareceram em seu enorme sorriso.

Não me divirto tanto há muito tempo, ele pensou. E ainda virão algumas semanas.



OS PRÓXIMOS CINCO dias foram gastos pescando. O tempo estava perfeito, então eles aproveitaram ao máximo. Em pouco tempo, Lily aprendeu a trazer os potes de caranguejo e a separar os grandes dos filhotes, certificando-se de que os filhotes e qualquer criatura pequena voltassem à água.

Ela se recusou a aprender a amarrar os caranguejos, no entanto, não depois que Luke lhe contou como suas enormes garras de agarrar poderiam arrancar um dedo do pé ou da mão, se agarrasse. Tudo o mais era novo, porém, e ela estava interessada em aprender o máximo que podia. Depois que ela conseguiu um grande Jack de mangue para Luke, ele realmente começou a sentir como se tivesse um ajudante.

— Sabe, eu não pesco com ninguém desde que o Pa morreu — ele disse a ela um dia depois que ela o ajudou a limpar todas as artes de pesca e a reorganizar o barco. — Você é realmente uma ajuda no barco.

— Bem, o que fez você pensar que eu não seria?

— Bem, você é pequena, minúscula. — Ele beliscou seu bíceps. — E não tem muito músculo.

De pé, com o joelho fundo na água clara, ela puxou a corda da polia para arrastar o barco. Seu corpo estava bronzeado com um brilho dourado dos dias passados ali. Todos os dias ela estava pronta cedo, muitas vezes fora da cama, diante dele. O almoço era embalado e sua sacola de pesca arrumada para ir.

— Você trouxe um único par de shorts jeans? — ele perguntou, observando enquanto ela amarrava o barco.

Ela ficou rubra. — Trouxe dois, na verdade, e os enxaguei várias vezes.

— Deus, eles não se encaixariam na minha perna. Eu os vi na área de serviço ontem e pensei que eles pertenciam a uma criança.

— Você é tão engraçado. Eu vou caminhar um pouco. Quer vir?

— Você só quer que eu vá para que eu possa carregar mais conchas e pedaços interessantes de madeira flutuante de volta para você.

Ela tentou colocar um chapéu sobre os cabelos, os cachos selvagens se recusando a se conformar quando ela tentou empurrá-los para baixo. — Você está apenas irritado porque eu bati em você no *Scrabble* ontem à noite.

Ele riu, pegando seu próprio chapéu. Eles passaram horas jogando *Scrabble* na noite passada, até as primeiras horas da manhã, e Lily finalmente sentou-se na frente da estante, examinando cada livro, um por um.

— Eu nunca ouvi falar de alguns desses livros — ela disse a ele.

— Muitos deles eram da minha mãe. Cresci imerso nos campos de batalha de Wilbur Smith e nas minas de ouro da África do Sul.

— Eu amei seus primeiros livros, a família Courtney — Lily disse, enquanto afrouxava e puxava um *Havaí* muito velho e desgastado entre a multidão de livros dispostos na prateleira. — Uau, quantos livros Michener você tem?

— Eu acho que esses livros me salvaram quando eu era adolescente. Eu costumava me perder entre as páginas deles. Isso me fez esquecer outras coisas que estavam me arrastando para baixo.

Ela tirou *O Velho e o Mar*. — Essa é a cópia que você costumava ler para seu pai? Parece bem gasto.

— Sim.

Ele ficou encostado na estante com um braço para cima, olhando para ela. Ela estava sentada no chão desgastado de lino com os livros ao redor de si. Ela tinha dois nas mãos e estava lendo as costas de um deles.

Erguendo os olhos, Lily pensou em como Luke estava bonito, com seus cabelos ondulados e olhos escuros que a olhavam. Ela já sabia que ele tinha um corpo fabuloso ao vê-lo se mover ao redor do barco ao seu lado, puxando as cordas e carregando o equipamento de volta para a praia.

— Por que você está tão em forma? — ela perguntou um dia depois de vê-lo cortar um pouco de lenha para o fogo.

Ele atirou uma lasca do peito coberto de suor. — Muito esporte, pesca, você sabe. Crescendo, nunca ficávamos parados durante o dia.

Ela olhou para ele quando ele se encostou na prateleira, esfregou e limpou depois de um banho. Ele era exigente, ela aprendeu isso e, embora ele pudesse estar coberto de tripas, suor e lama durante o dia, à noite ele

estava imaculado, pés e mãos esfregados, destacando o bronzado impecável dessas extremidades.

Ela percebeu que suas mãos e pés estavam muito bronzados e mais escuros que o resto do corpo. Legal, ele gosta de coisas legais, ela pensou.

— Seu quarto parece uma lavadora de roupas chinesa — ele brincou com ela ontem. — E você? Nunca te ensinaram como fazer uma cama?

— Eu sei onde está tudo e por que arrumar uma cama quando você vai voltar para ela? Lily.

— O quê? — A voz dele a trouxe de volta.

— Você parecia estar sonhando por um minuto. O que você está olhando?

— Oh, apenas pensando. — Ela se perdeu ali por um minuto, paralisada com os livros em seus antebraços. Cabelos escuros emolduravam seu rosto bronzado; olhos gentis, fitando a si própria.

— O quê? — ela disse a ele novamente.

Ele balançou sua cabeça. — Você não tem ideia do efeito que você tem em mim — ele murmurou, enquanto se dirigia para a cozinha e colocava o jarro no fogo.

Lily mudou de assunto. — Você tem uma grande variedade de livros sobre a guerra. Muitos de referência.

— Eu fiz muitas disciplinas de História na universidade. É um dos meus tópicos favoritos, particularmente a guerra no Pacífico.

— Seu Pa esteve na guerra?

— Sim, ele esteve na Nova Guiné desde os dezoito até os vinte e dois.

Luke engoliu em seco quando Lily respondeu — Uau, meu bisavô também estava na Nova Guiné. Não sei onde ele estava, mas Nan às vezes fala sobre isso. Ele nunca voltou, porém, ele morreu em algum lugar na selva.

Luke tomou um gole de chá e ouviu.

— Nan costumava nos contar histórias horríveis sobre o que os japoneses faziam. Ela tem uma amiga, Betty, que foi enfermeira durante a guerra na Nova Guiné. Ela acabou em um dos campos de prisioneiros de guerra. Às vezes, costumava ouvi-los conversando sobre as coisas terríveis que o inimigo fazia aos nossos soldados, e particularmente, com as

mulheres que capturavam. Betty disse que sequer cuspiria em um japonês se ele estivesse pegando fogo, até hoje.

— Eu sei. Pa e Nan podem ser bem racistas. O Pa às vezes falava sobre os malditos japas, vindo aqui agora comprando toda a nossa terra. Uma vez eu trouxe um garoto da escola para casa, para mostrar a fazenda, um estudante de intercâmbio que morava com um dos meus companheiros. O Pa mal falou e hesitou antes de apertar a mão dele quando o apresentei. Eu nunca o vi assim. Percebi então por que eles sempre diziam não para estudantes intercambistas. Eu costumava argumentar com eles todos os anos, mas eles disseram que não tínhamos espaço. Mas eu sei agora que não era isso. Eles ainda tinham uma desconfiança ou aversão ao povo japonês.

— Você não disse uma vez que tinha alguma herança asiática?

— Luke respondeu, tropeçando um pouco em suas palavras. Ele não era bom em mentir. Aparentemente, meu pai era da Malásia. — Bem, o teu Pa gostava dele?

— Os japoneses invadiram a Malásia e milhares de malaaios morreram em campos nas selvas de lá. Eles também odiavam os japoneses pelo que fizeram com eles. Eu acho que ele gostou mais do meu pai porque eles estavam do mesmo lado. *Ou assim pensava ele.* — O estômago de Luke se revirou.

— Sim, minha babá ainda está amarga também. Quando o pai dela foi listado como desaparecido, a família teve que se mudar para Brisbane e deixar Beaudesert. Eles eram muito pobres, e ela disse que só sobreviveram porque o Legacy os ajudou a pagar por comida e moradia. Nan disse que sua mãe nunca superou a perda dele e morreu jovem. Talvez de um coração partido.

— Nan morreu poucas semanas depois de Pa — Luke disse. — Eles eram espíritos afins, um não poderia viver sem o outro.

— É por isso que você escreve todos os relatórios e artigos do Anzac sobre veteranos? Por causa do Pa?’

— Eu acho que sim. Originalmente, acho que essa era a conexão com a RSL, eles sabiam que Pa era um soldado que retornou. Fui criado com isso, suas histórias, as fotos antigas, às vezes sendo autorizado a ver suas medalhas de serviço. Mas acho que sempre tive interesse na guerra, algum tipo de conexão. — Do lado errado, ele pensou consigo mesmo.

— Então você vai ao desfile e usa suas medalhas?

— Não, só vou para reportar para os jornais e a RSL. Eu nunca fui quando criança. Pa nunca foi, Nan que perdeu o irmão em Cingapura não foi, nenhum de nós foi.

— Isso é estranho, não é? Minha vó também nunca esteve. Eu perguntei a ela algumas vezes se ela queria que eu a levasse, mas ela sempre diz que não.

— Pa costumava dizer: “eu penso nisso todos os dias, por que eu gostaria de ser lembrado disso?” Eu acho que alguns deles só querem esquecer.

— Logo todos eles se foram — Lily disse, olhando para ele. — Se não lembrarmos e o reconhecemos, as pessoas esquecerão o que fizeram.

— Concordo. É por isso que continuo escrevendo sobre isso, é realmente parte de ser australiano. Temos sorte de poder aceitar pessoas de todos os lugares e não ter ódio.

Ela abraçou os joelhos; ele não a tinha visto tão séria antes.

— Realmente me chateia que as pessoas não se entendam — ele disse. — As guerras no exterior, os órfãos, as meninas raptadas, às vezes só se olha para a violência aqui na Austrália. Por que todo mundo simplesmente não se dá bem? Me deixa triste pensar nisso.

— Você só tem que seguir com a vida, Lily. Basta ser uma boa pessoa e fazer a coisa certa pelos outros.

— Eu sei, mas e como o mundo é? Aquecimento global, oceanos morrendo, terrorismo, até as abelhas estão morrendo.

— Eita, você está me deixando deprimido. — Ele se lembrava da idade dela. Uma geração criada com o 11 de setembro, afundando ilhas e encolhendo florestas. — Você precisa se concentrar nas coisas boas da vida e tentar pensar no meio ambiente. Você é muito boa — você não compra muita merda e não gosta de consumismo, não precisa do último lançamento e do melhor. Apenas faça sua parte, isso é tudo que você pode fazer.

— Eu acho que sim. É difícil não ficar triste por causa disso, existem tantas pessoas vivendo na miséria em todo o mundo.

— Eu sei, eu sei. Ele usou o pé para empurrá-la, com os braços presos em volta dos joelhos.

— Ei, cuidado, isso pode me machucar.

— Você precisa relaxar. — Ele colocou um disco e logo os sons melancólicos de Cat Stevens flutuaram pela sala.

— Não acredito que você tenha um toca-discos. Eu pensei que era a única pessoa que tinha um — Lily disse.

— Meus amigos pensam que sou estranho, antiquado, mas o som é muito melhor e, além disso, você não pode deixar que todos esses registros antigos de família sejam desperdiçados. Talvez nós dois sejamos estranhos.

Ele a observou, ainda sentada, seu corpo começando a balançar com a música. — Você não consegue ficar parada quando a música começa, pode? — Luke disse, admirando seus movimentos, pensando em como ela dançava, mesmo estando sentada.

— Está nos meus ossos, querido — ela disse com uma voz boba enquanto se movia energeticamente no ritmo da música.

— Você deveria ter nascido nos anos cinquenta ou sessenta. — Luke a observou, intrigado com a maneira como seu corpo se movia naturalmente no tempo da música.

— E você também. Ela jogou uma almofada de malha nele. Olhe em volta, quem tem o toca-discos, o velho piso de linóleo e os copos do tempo dos dinossauros?

Ele jogou a almofada de volta para ela; incapaz de tirar os olhos do corpo dela e do jeito que ele estava se movendo. — Vou descer à praia para olhar as estrelas. — Ele balançou a cabeça ao sair pela porta.

Ele não me pediu para se juntar a ele, ela pensou, e ele normalmente pede. Ela pegou outro Ernest Hemingway da prateleira e leu uma linha em voz alta da página que ela abriu aleatoriamente. *“E você sempre vai me amar, não é? Sim. E a chuva não fará diferença? Não.”*

Lily se jogou de volta na cama e abriu o livro no início, onde rapidamente se absorveu na história de drama e paixão de Hemingway. Ela se aconchegou na cavidade do colchão, lendo apenas por um breve momento antes que seus olhos não pudessem mais ficar abertos. Ela não ouviu Luke quando ele fechou a cabana, pegou o livro da mão dela e puxou o cobertor fino sobre seu corpo.

Ele olhou para ela, observando-a dormir, afastando um cacho do rosto

antes de desligar a luz. — Noite, Lily.



— **VOCÊ FICOU OLHANDO** as estrelas por muito tempo na noite passada. Em que você estava pensando? — Lily perguntou a Luke no dia seguinte.

— Oh, nada demais.

— Por que os caras sempre dizem isso? Se você perguntar a uma garota, ela lhe dirá, oh, sobre um vestido novo ou para onde vou amanhã. Pergunte a um cara e ele dirá “nada”. É impossível pensar em nada. Se você fizesse isso, você estaria meditando. — Ela se abaixou para pegar outra concha para adicionar à sua coleção cada vez maior.

— Bem, talvez eu estivesse meditando.

Jantaram cedo para que pudessem caminhar no frescor do final da tarde e na hora do pôr-do-sol, já no final do espetáculo, a areia dourada acariciando suavemente, o restante visível por mais alguns metros sob a água.

— Lily, olhe para Ben Lomond, a poucos metros de distância.

— Quantas existem?

Deve haver pelo menos vinte. Eles vão perseguir um cardume de —
.peixes, provavelmente, cavala, tendo em vista a época do ano

A escola de golfinhos espirrou e nadou em uma área não muito longe de onde eles estavam. O sol pairava baixo no céu, obscurecido por uma névoa esfumaçada dos campos de cana para o oeste, causando um brilho vermelho-alaranjado que cobria a areia e lançava uma luz dourada sobre eles enquanto estavam paralisados, olhando para o mar. Apenas os golfinhos pareciam escuros, suas superfícies dorsais mostradas em silhueta ao saltar do oceano, agora brincando em vez de se alimentar.

— É tão bonito. — A voz de Lily estava irregular de emoção. — Esse é um daqueles momentos que nunca esqueerei. Somente a natureza pode pintar uma imagem tão requintada: a luz, as cores, as criaturas selvagens.

Luke também ficou encantado com a combinação de beleza natural que foi apresentada diante deles. Eles observaram em silêncio até que os

golfinhos não estavam mais visíveis.

— São lágrimas? — ele brincou, olhando para o rosto dela.

— É tão bonito aqui. — Ela limpou o rosto com a mão.

A mão de Luke envolveu a dela e ele a agarrou com firmeza. — Vamos, garota, é hora de voltar e talvez tomar uma bebida gelada. Completar um dia perfeito.

Lily não protestou quando ele segurou a mão dela, e de repente parecia natural que eles estivessem caminhando juntos de mãos dadas. Eles conversaram em silêncio no caminho de volta, Luke contando a ela sobre as baleias *minke* que ele vira à luz da lua no verão passado e as tartarugas que arranhavam seu caminho até a praia mais ao norte para botar seus ovos na segurança da areia.

— Costumava haver um velho canguru que ficava aqui em pé como um soldado, olhando para o mar. Ele costumava me dar um susto quando eu descia para olhar as estrelas. Você realmente não espera que alguém ou qualquer outra coisa esteja por perto. Desde que eu não chegasse muito perto, ele ficaria lá olhando para o mar.

— Você deve ter passado momentos maravilhosos aqui com seus avós — Lily disse finalmente; ela estava muito quieta.

— Sim, nós nos divertimos muito e rimos aqui juntos e tenho memórias muito especiais. — Ele soltou a mão dela quando eles se aproximaram da cabana, e Lily estava feliz que estava escuro porque ela podia sentir que seu rosto estava vermelho. — Pa teria rido da maneira como você trouxe esse último peixe hoje. Você quase acabou na água. Graças a Deus eu tenho muita paciência.

Ela riu da maneira brincalhona dele, o calor da mão dele deixando uma sensação de formigamento e sensualidade.

— Sabe, Luke, se estou te incomodando um pouco, não precisa me levar no barco amanhã. Você sabe, se você precisar de algum tempo para si mesmo.

— Você não quer pescar amanhã?

— Sim, pensei, bem, sei que posso ficar irritante. Passamos muito bem cada minuto juntos nas últimas duas semanas. Eu não quero que você me jogue ao mar.

— Bem, às vezes, como quando você puxou o *bream* muito rápido ontem e eu o peguei com o meu rosto. Ou talvez quando você deixou cair meus óculos escuros, e eles afundaram no fundo do mar azul profundo. Ou poderiam ser pelos cento e dez bits de linha, chumbadas e equipamentos que agora estão pendurados nos manguezais que eu tentei recuperar? Por que eu iria querer ir sozinho? — Ele olhou diretamente para ela.

— Eu sou realmente tão mal assim? — Ela não tinha certeza se ele estava falando sério ou não.

— Estou brincando. Mas sério, você nunca fica irritada ou perde a paciência?

— Você é o paciente aqui. Veja o que você acabou de dizer que tolerou.

— Você não ficou irritadiça uma única vez, Lily. Você já ficou brava?

— Ocasionalmente, mas é preciso muito. Eu só fico mais chateada com as coisas. Então, você me quer no barco amanhã ou não?

— Claro que eu quero. Estou amando isso. Nos divertimos e pegamos alguns ótimos peixes. Você até consegue ficar calada agora, quando digo que é hora de silêncio.

— Muito engraçado — ela disse, secretamente satisfeita por ele estar realmente gostando da companhia dela.

— Venha aqui, sente-se. — Ele bateu na areia ao lado dele. — Agora, se você se deitar e assistir, por algumas noites poderá ver satélites de rastreamento por todo o céu.

A areia fria pressionava suas costas enquanto se deitavam, as estrelas enchendo o céu noturno, as mais brilhantes pulsando luminosamente como se para provar seu domínio.

Lily sentou-se. — Acabei de ver uma estrela cadente.

— Eu também vi.

— Faça um desejo — os dois disseram juntos enquanto se deitavam.

— É incrível — Lily disse, ainda olhando para cima, hipnotizada pelo céu noturno cintilante. — Meu desejo era que eu pudesse manter os golfinhos e as estrelas guardadas em minha memória para sempre.

Ela continuou a tagarelar, sem saber que Luke rolara para o lado dela e estava olhando diretamente em sua direção.

— Você é incrível, Lily, mas você fala demais. — Ele se inclinou e seu

coração deu um salto quando a beijou lentamente, seus olhos nunca deixando os dela. — Hora de silêncio — ele disse.

Lily mal podia respirar quando a boca dele se moveu suavemente sobre os lábios. — Apenas amigos — ela sussurrou.

— Diga-me se você quer que eu pare. — A boca dele desceu sobre a dela, o beijo suave e gentil, as mãos correndo pelos cabelos dela, tocando seu pescoço. Ele parou e perguntou a ela novamente. — Você quer que eu pare?

A mão de Lily alcançou seu pescoço e ela o puxou para junto de si.

Nenhum deles notou os vários satélites vívidos que disparavam pelo céu claro, a oeste, iluminando a escuridão como estrelinhas na festa de uma criança. As estrelas brilhavam intensamente quando a lua iluminava seu próprio canto, o mar batendo ruidosamente, quebrando na praia implacavelmente, enquanto o mundo inteiro parecia parado.

Eles se deitaram juntos, a areia fresca sob seus corpos.

— Não consigo parar de beijar você, o nariz mais fofo de todos os tempos, lindos olhos verdes e seus lábios, tudo muito atrativo. — Ele afastou os cachos do rosto dela.

Sorrindo de volta, ela tentou manter a respiração.

— Eu queria beijar esses lábios desde o primeiro dia em que te vi na livraria. — Ele tocou o rosto dela, traçando os traços que se tornaram tão familiares. — Meu Deus, você é linda. — Ele podia ver o rosto dela ficar vermelho, mesmo com a escuridão.

A luz da lua brilhou sobre eles enquanto eles estavam conversando, se beijando, os braços de Luke abraçados firmemente ao redor de Lily, o tempo passando despercebido até Luke observar a maré chegando, lambendo mais perto de onde eles estavam.

— Acho que devemos subir, está ficando muito frio aqui em baixo.

De volta ao calor da cabana, Luke pegou Lily nos braços e a beijou novamente, seus lábios macios, sentindo o calor e a paixão de seus beijos.

— Nós realmente precisamos ir dormir — ele disse finalmente. — É tarde e quero levá-la para as ilhas amanhã. — Quando ela assentiu em silêncio, ele disse, — E tudo bem, Lily, eu vou para o meu quarto e você para o seu.

— Oh, eu não tinha certeza disso. — Ela parecia um pouco aliviada.

— Não vamos apressar nada. Você é muito mais nova que eu e isso é novo para nós dois.

— Eu não sou uma criança, não é como se eu nunca tivesse tido um relacionamento antes.

— Eu sei, eu só quero ir devagar. Não foi por isso que te trouxe aqui. Pensei que poderíamos passar o tempo como amigos, mas você é irresistível, essas malditas covinhas quando sorri... — ele tocou o rosto dela.

— Tudo bem, meus sentimentos por você, bem... — ela fez uma pausa, olhando nos olhos dele. — Meus sentimentos mudaram.

— Como? — Luke a induziu a continuar.

— Bem, eu gosto mais de você do que apenas como amigo.

Ela não o soltou. Seu beijo foi longo e lento, e seus corpos se inclinaram um para o outro.

— Boa noite Lily. — Ele se separou, sabendo que mal mantinha o controle. — Eu preciso ir dormir.

Inquieta, Lily ficou acordada por horas, seus lábios ainda quentes e formigando como efeito da boca de Luke na dela. Do quarto ao lado dela vinham os sons dele se mexendo e virando, a cama chiando, enquanto ele se movia para posições diferentes para tentar encontrar o sono. Seus olhos se fecharam e ela adormeceu, um sorriso largo ainda em seu rosto.



A ILHA DE Gloucester pairava majestosamente no horizonte enquanto Luke e Lily sentavam-se juntos, o barco de lata deslizando sobre o oceano, separando as ondas, aproximando-as de seu destino. A ilha era um parque nacional, então não havia prédios ou estradas. Como sempre, não havia ninguém por perto, e a quietude e a solidão os cercavam, de modo que pareciam ser as únicas duas pessoas vivas.

— Vai ser um bom dia. — Os olhos de Luke examinaram o oceano.

— Não acredito que não haja turistas ou pescadores aqui.

— Não é ótimo? Parece que temos toda a ilha para nós mesmos.

Eles passaram o dia pescando, Lily competindo para tentar superar Luke pelo maior peixe capturado.

— Você nunca vai superar minha cobia — ele disse.

Não demorou muito para que ela conseguisse em uma cavala de tamanho decente, sua excitação e risada trazendo um sorriso ao rosto dele. A essa altura, ela já conseguia manejar as iscas e linhas, suas mãos pequenas ágeis e capazes de dar nós e desfazer linhas emaranhadas mais rapidamente do que Luke.

Seu estômago deu um nó e ela tentou não se contorcer quando Luke beijou seu pescoço. — Estou tentando me concentrar na minha pesca — ela disse, rindo quando ele mordiscou sua orelha.

— Você estava olhando — ele disse.

— Bem, você tem bons braços — disse ela, olhando seus fortes antebraços. Eles estavam bronzeados e bem torneados, e suas mãos bronzeadas mostravam que ele havia feito muito trabalho externo. — Suas mãos parecem que podem fazer coisas.

Ele virou as mãos, sua vara descansando enquanto fazia uma pausa na pesca.

— Pescadores ou agricultores sempre têm mãos com aparência prática, como eu pude notar — ele disse.

— Sério, você presta atenção a coisas assim?

— Eu apenas gosto dos seus braços, isso é tudo.

Ele percebeu que tinha demorado muito para ela comentar sobre sua aparência, para realmente dizer de uma vez o que ela poderia estar pensando. — Obrigado — ele disse. — Se eu não tivesse isca e peixe, eu os enrolaria ao seu redor e não deixaria ir.



A SEMANA PASSOU e todas as manhãs eles pegavam o barco e seguiam para destinos diferentes, Luke olhando e posicionando o barco, procurando aquele buraco profundo ou *bommie* esquivo abaixo. Lily às vezes achava que podia descansar sua vara e se concentrar na atividade na água ao seu redor.

— Tem uma tartaruga atrás de você — Luke diria, apontando as enormes tartarugas de casca marrom que nadavam inquisitivamente ao redor do barco, balançando a cabeça de vez em quando, exalando e atraindo a atenção de Lily com o barulho ensurdecedor, enquanto se afastavam da água.

— Eles olham diretamente para você, é quase como se eles quisessem interagir com você. — Lily se inclinou, tentando ver quando uma surgisse.

— Você sabe, elas podem viver até os cinquenta anos — Luke disse. — Elas voltam para a mesma praia onde eles mesmos nasceram e lá nidificam e depositam seus ovos, geralmente cerca de cem ovos de cada tartaruga.

— Como eles sabem pra onde têm de voltar?

— Tem a ver com o campo magnético da Terra, uma espécie de radar embutido. — Eles observaram uma tartaruga quando ela aparece, que retribui o olhar antes de mergulhar abaixo da superfície. — Elas viajam centenas de quilômetros para retornar ao mesmo local.

— Eu não sei como alguém poderia matá-las, elas são tão bonitas, graciosas, quase como se soubessem o que você está pensando.

Luke observou o movimento de seu corpo enquanto ela se deitava, relaxada e completamente absorvida pela beleza da natureza ao seu redor. Suas pernas estavam agora marrom-escuras; combinado com o bronzeado que ela ganhou no rosto e nos braços.

— Você está incrível, você sabe — ele disse. — Você é uma pessoa diferente daquela que deixou Brisbane há três semanas.

— Eu me sinto tão bem, tão saudável.

— Veja o que estamos comendo — ostras, peixe e caranguejo.

— Minha nova comida favorita, garra de caranguejo.

Ele sorriu, pensando na rapidez com que ela devorava a succulenta carne de garra.

— Não vou querer ir para casa. — Ela sentou. — Como você pode deixar isso para ir a Brisbane?

— É uma necessidade no momento, mas você pode ver por que eu estava tão desesperado por voltar aqui.

— Temos apenas uma semana restante.

— Shhh, eu não quero pensar nisso, não estrague o momento.



NUVENS CINZENTAS ATRAVESSARAM o céu na manhã seguinte e o vento, mudando de direção, agora vinha do Norte.

— O tempo está mudando — Luke disse, olhando o céu. — Só teremos tempo de chegar a Quindry para suprimentos e uma rápida cerveja tradicional do Fair Day. Mas acho que não devemos ficar por aqui. Eu não quero ficar preso lá.

Lily estava com um vestido floral frágil e sandálias coloridas. Ela tentou amarrar o cabelo para trás, mas, como sempre, os cachos já haviam escapado e estavam saindo, encontrando seu próprio caminho. — Olha como meu cabelo está encaracolado — ele disse. — Isso significa que vai chover.

Eles se sentaram juntos, as pontas das ondas borrifando para o lado enquanto Luke guiava o barco em torno do promontório, através da passagem rochosa e no canal que levava à praia em frente ao pub.

— Isso está um pouco mais movimentado que o normal — Lily disse.

— Sim, está explodindo, então acho que não vamos ficar muito tempo.

O bar estava lotado e barulhento, e moradores e visitantes saíam do bar, com cervejas espumantes na mão.

— Este é um importante evento para a Quindry — Luke disse. — É um dia em que todos entram e apoiam as empresas locais. Eu tento nunca perder.

Ele guiou Lily através da multidão, sua mão segurando firmemente a dela. Mais perto do bar estava ainda mais cheio e ele a posicionou na frente dele, um braço em volta dela enquanto esperava ser servido.

— Duas Coronas com limão, obrigado, Lindy.

— É bom ver você, Luke, querido, e você também, jovem. Vocês estão ótimos, bronzeados, relaxados, estão pescando?

— Nós pegamos alguns bons peixes. Lily aqui pegou um monstro jack em seu primeiro dia.

— Aagh, e ele provavelmente nem levou você para lugares secretos ainda, querida. Muitos caranguejos por aí, amorzinho?

— O suficiente para nós, e encontraremos outros, Lindy. — Luke empurrou Lily de volta através da multidão barulhenta e para a área aberta do bar.

Merv caminhou até eles. — Bem, bem, bem, o que você tem aí, jovem Lukey?

Trev e Wally se arrumaram, considerando-se bem vestidos para a ocasião, trajando suas camisas de flanela. Eles começaram a conversar com Lily e logo ela se enturmou, respondendo às perguntas e conversando sobre suas conquistas na pesca nas últimas semanas.

Lily ficou sorrindo, observando a multidão local recebê-los e acompanhar as notícias sobre pesca. A maioria dos homens estava descalça, uma cerveja em cada mão. Parecia que todos queriam apertar a mão dela com as palmas tão ásperas que pareciam uma lixa. Linguagem divertida e palavras arrastadas adicionadas às suas elaboradas histórias de pesca.

Em pouco tempo, Lily se viu rindo alto, acrescentando suas próprias histórias cômicas que viram os rostos enrugados e secos dos pescadores rindo, seus sorrisos largos e muitas vezes um pouco sem dentes. Luke havia dito a ela que Coronas nunca tinham um sabor tão bom quanto no pub Quindry, e ela ficou decepcionada quando, depois de algumas horas, ele indicou que precisariam ir adiante.

— Ela quer tomar outra bebida, Lukey, não seja uma garota. — Merv

cambaleou um pouco enquanto tentava abraçar Luke.

— Estou prestando atenção no tempo, Merv. Temos que voltar ao promontório no tempo. — Luke ficou com o braço em volta de Lily. — Vamos, garota, nós realmente precisamos ir.

Luke puxou a mão dela enquanto Merv começava outra longa história para tentar mantê-los lá. Revelando-se na companhia relaxada, Lily tragou sua Corona rapidamente, apertando as mãos oferecidas pelos homens, enquanto Merv, sem soltar as cervejas em cada mão, tentou abraçá-la em um abraço violento.

— Ela é uma guardiã, Lukey — ele disse — não a deixe fugir.

Wally piscou para Lily. — Certifique-se de que ele esteja mostrando todos os bons pontos de pesca, jovem Srta. Lily, você pode apostar sua vida que ele está guardando alguns para si.

— Nunca. — Luke fez uma careta inocente para Lily, que estava franzindo os olhos para ele, desconfiada.

Alguns moradores ajudaram Luke a empurrar o barco para fora, as ondas, que haviam aumentado de tamanho, agora estavam batendo pesadamente na praia. Dois dos homens, empurrando o barco, acabaram tropeçando na água, instáveis, antes de cair e causar uma forte resposta estridente dos outros. Os homens riram alto, o barulho abafado pelas ondas batendo na praia, o arco batendo ruidosamente enquanto se erguia para encontrar as ondas lamacentas que iam em direção à costa.

Nuvens escuras e raivosas atravessaram a luz fraca, enquanto Luke gritava com Lily por cima do barulho do motor, jogando um colete salva-vidas para ela, enquanto passava os braços pelo seu colete. Ela parecia preocupada, um olhar interrogativo no rosto.

— Está um pouco mais difícil que o normal — Luke disse — vai ficar tudo bem. Será apenas uma viagem animada para casa. Espere!

O spray do mar atravessou o barco enquanto se levantava teimosamente para encontrar cada onda, a costeleta ficando cada vez mais áspera quando contornavam o ponto rochoso. A cor do mar havia mudado, e uma cor marrom escura estava se espalhando, encimada pelas pontas brancas e espumosas das ondas que atravessavam a baía rasa. Nuvens negras e trovejantes se reuniram como cogumelos escuros furiosos, cobrindo as

montanhas agora invisíveis.

Segurando firmemente a lateral do barco, Lily a usou como uma alavanca para se equilibrar, enquanto tentava se mover com o barco quando ele encontrava cada onda. Era difícil ver através do mar, Luke felizmente estava familiarizado com a localização das áreas rasas onde afloramentos rochosos estavam perigosamente escondidos logo abaixo da superfície da água.

Ele dirigiu habilmente o barco para que ele se encontrasse com cada onda, sabendo que Lily fazia uma careta cada vez que encontravam uma onda que desestabilizava o barco pela lateral.

— Está tudo bem. — Ele sorriu para ela, notando o olhar infeliz e preocupado em seu rosto, apertando a perna dela. — Isso não é nada, apenas o mar um pouco agitado. Espere, porque estamos quase lá.

Lily sentiu-se aliviada quando sentiu o fundo da lata raspar na areia da praia em frente à cabana. As ondas rolaram implacavelmente atrás deles e Luke a ajudou a sair do barco, que se movia irregularmente para cima e para baixo nas ondas.

— Eu preciso tirá-lo da água, hoje à noite, realmente a maré vai ficar ainda mais agitada. — Ele olhou através das nuvens sinistras e escuras, bem ao oeste.

— Eu posso segurar. — Ela se agarrou rapidamente à corda, a parte de trás do barco ainda balançando a cada onda que chegava. Quando os dois mantiveram o barco seguro e guardado no abrigo, o vento aumentou e uivava através da baía, empurrando as nuvens carregadas de chuva à sua frente.

— Estamos em casa. — Luke disse. — É uma sorte termos voltado justo no tempo.

— Isso foi um pouco assustador.

— Eu pensei que poderia ser uma nova experiência para você. Você parecia um pouco preocupada. Aquele barquinho é bastante seguro, embora continue se arrastando. Olhe para você, como um rato afogado, olhe seu cabelo... — ele o agitou com a mão. — Vá tomar um banho e eu vou fazer algo para você comer.

— Eu não trouxe nada de quente para vestir. — Lily estava de pé no

vestido encharcado que Luke notou que estava esticado firmemente em seus seios, acentuando as linhas bem torneadas de seu corpo.

— Eu pensei que você poderia ter vindo despreparada. Ninguém pensa que pode ficar frio aqui em cima, mas como você pode sentir agora, a temperatura caiu. — Ele esticou a mão. — Você pode usar isso hoje à noite se esfriar. Eu tenho muitos casacos sobressalentes.



QUANDO LILY VOLTOU, Luke tinha o jantar pronto para os dois.

— Isso é um ciclone? — Seus olhos estavam agitados e arregalados, acompanhando o som dos estrondos que vinham da escuridão do lado de fora da cabana.

— De jeito nenhum, isso é apenas uma tempestade. Se fosse um ciclone, estaríamos fora daqui. Esta cabana está aqui há muito tempo, mas não acho que seja muito à prova de ciclones. Vai ficar bem em uma tempestade, no entanto. Passamos por isso o tempo todo aqui em cima. Pa costumava amá-los. Ele andava por aí verificando tudo com uma tocha. Nan estaria gritando com ele: — Seu louco, você vai acabar com um coco na cabeça. — Ele ficava parado na porta e assistia a tempestade por horas. Ele amava. Quanto mais alto o trovão e mais brilhante o raio, mais ele assistia.

Luke sempre ficava melancólico quando falava sobre seus avós, e Lily sabia que havia muitos anos de tristeza em sua vida, depois que eles se foram.

— Eu adoraria tê-los conhecido. — Ela olhou para o jantar. — Eu posso sentir como eles eram, um pouco. Quero dizer, a cabana é tão antiquada, você sabe, para os dias de hoje.

— Eu sei. Eu a mantenho assim. É assim que sempre foi.

— Por que você mudaria? — Lily olhou em volta. — É perfeito assim. Isso me lembra da Nan. Você gostaria dela. Ela é bem antiquada e não suporta nenhuma podridão. Ela me coloca no meu lugar o tempo todo.

Luke não respondeu. Ele ficou sentado olhando para o prato. Ele pensou outra vez no pacote no apartamento do Gabba. Seria mais fácil jogá-lo fora; dessa forma, ele não precisaria repetir a história para ninguém ou

incomodar uma senhora de idade, setenta anos após o evento. Mais uma vez, ele empurrou tudo isso para o fundo de sua mente. Muito difícil, ele pensou. Ficou lá o tempo todo, então mais um ano não importaria.

— Como está a sua refeição, garota? Você sabe que está comendo aquele grande pedaço de gordura que pegou alguns dias atrás.

— Está delicioso, deve ser pelo jeito como você cozinha.

— Eu acho que você merece uma boa refeição depois de toda aquela conversa no pub e depois de se molhar tanto no caminho de casa.

— Eu me diverti.

— Você não teve problemas para conversar com os companheiros de Quindry?

— Isso não me preocupou. Na verdade, eu falei muito, não falei? — Ela olhou para cima, surpresa ao perceber que, pela primeira vez, não tinha sido tímida entre estranhos.

— Eles são um pessoal engraçado, tudo bem — Luke disse. — Eles bebem muito, e a maioria deles fuma como chaminés. Aah, o antigo pub Quindry, é um ótimo lugar para eles se esconderem do resto da sociedade. Você encontrará muitos deles afogando suas mágoas — muitos desses caras não estão mais com suas esposas.

— Por quê?

— Muita bebida e jogos de azar — ele disse. — Veja como eles continuamente entram e saem da cabine de apostas.

— Isso é triste, eles pareciam muito legais.

— Sim, eles são agradáveis em pequenas doses, antes de realmente ficarem em trapos.

— Eles ficam em trapos?

— É apenas um ditado, mas lembre-se, talvez alguns deles fiquem.

Lily ainda parecia confusa quando Luke lavou a louça antes de verificar do lado de fora.

— Está tudo bem por aí? — O olhar preocupado em seu rosto revelou sua ansiedade com a tempestade.

— São apenas raios e trovões. É ótimo para dormir, então você vai dormir bem esta noite. — Luke levantou a voz acima do barulho da chuva no velho telhado de zinco. — Mantenha a tocha à mão, no entanto.

- Por quê?
- Geralmente temos queda de energia nesse tipo de clima.
- Sério, o que acontece então?
- Bem, mantemos a porta da geladeira fechada e fervemos o jarro no fogo. Não é nada demais.



UM BARULHO ECOANTE no telhado despertou Lily de um sono profundo. Parecia estar diretamente acima da cabeça dela. Estendendo a mão, ela tentou acender a lâmpada, mas não houve resposta e a escuridão pesada a envolveu. O vento implacável se fortaleceu e uivou ao redor da cabana, pegando qualquer coisa solta em seu caminho e lançando-a ruidosamente através do telhado de zinco. A lata solta batia loucamente, e as paredes e janelas pareciam tremer com o ruído de cada trovão.

Pegando uma pequena tocha de lanterna com mãos trêmulas, ela hesitantemente encontrou o piso frio de linóleo com os pés. Ela ficou nervosa esperando o próximo barulho alto, antecipando que o telhado levantasse ou que algo viesse voando por uma das janelas. O próximo trovão estrondoso, seguido de um raio que iluminou a sala como a luz do dia, a viu pular de onde estava, os pés levantando voo, leve, mas muito rapidamente, até chegar ao cômodo ao lado.

— Luke, Luke, você está acordado? — Ela ficou ao lado da cama, esperando que ele também estivesse acordado e ouvindo os barulhos destrutivos do lado de fora. — Luke, não me sinto muito segura.

O contorno embaixo das cobertas não se mexeu e ele parecia estar dormindo profundamente. Como ele pode dormir com tudo isso, ela pensou consigo mesma, pulando agora mesmo enquanto os barulhos continuavam do lado de fora.

Ela se inclinou para tocar seu ombro. — Luke... Luke... eu acho que o telhado está caindo. Sentindo-se frustrada, ela sacudiu gentilmente o ombro dele. — Luke, você está acordado?

Ele se mexeu. — Bem, eu estou agora, ele murmurou sonolento. — O que foi?

— A energia está desligada.

— Eu te disse que iria desligar. Não há nada que possamos fazer para voltar para a cama. Vai ficar tudo bem.

— Parece que o teto vai voar e as coisas continuam se chocando contra as paredes externas.

Um enorme trovão ecoou pela baía, o céu iluminando como uma bomba explodiu.

— Você não está assustada, está? Sua voz estava brincando.

— Eu não sou muito boa em tempestades, muitas coisas continuam batendo na casa.

— Que tipo de coisa? — Ele rolou, encarando-a, observando-a ali na meia escuridão, os olhos dela voando nervosamente de uma janela para a outra.

— Eu não sei, eles devem ser galhos enormes. Quanto tempo isso vai durar?

Ela estava usando sua camiseta velha, movendo a luz da tocha pelo quarto. Um trovão ecoou por toda a cabana, fazendo-a pular. Por obra do acaso, ela se sentou na beira da cama, colocando a pequena lanterna na mesinha ao lado da cama.

Luke levantou as cobertas e a puxou de volta para ele. — Sério, você é tão chorona, é como uma criança. É apenas um trovão e relâmpagos. — Seus braços a envolveram, e ele puxou as cobertas sobre os ombros dela, segurando-a com força. — Você está tremendo.

— Eu te disse, eu não sou boa em tempestades. — Ela se aninhou, desfrutando não apenas da sensação de segurança, mas também do calor que vinha do corpo dele.

— Se você prestar atenção, ainda pode ouvir o som das ondas. Estão chicoteando acima, lá na praia. — A mão dele acariciou seus cachos, achatando os emaranhados selvagens antes de abraçá-la com força, pressionando-se calorosamente contra suas costas.

— Eu posso ouvir as ondas. Suas mãos agarraram o braço que a rodeava quando um estrondo emanou dos céus. — Acho que nunca estive em uma tempestade tão ruim como esta. Ela olhou para as janelas barulhentas, visíveis através da luz fraca da tocha.

— Está se formando a semana toda — ele disse — era perceptível pela umidade.

A respiração de Lily diminuiu; ela estava se sentindo muito mais calma e segura com os braços de Luke em volta dela. Luke ficou quieto, e ela se perguntou se ele estava dormindo.

— Você está indo dormir? — Ela sussurrou.

— Você realmente acha que vou poder dormir com você aqui ao meu lado? — Ele se moveu, virando-a para que seu corpo não estivesse mais virado para outra direção que não a dele.

Ela se viu olhando para ele, espiando diretamente em seus penetrantes olhos escuros. Os olhos dele sempre a acalmavam. Se ela se sentisse ansiosa ou não tivesse certeza de si mesma, um olhar dele mudaria tudo. Ele sempre parecia capaz de olhar mais longe, seus olhos nunca deixando os dela quando eles conversavam. Era confiança e respeito, o relacionamento especial que os melhores amigos desenvolveram. Ele tinha uma força, uma calma sobre ele que a atraiu para ele e ela sempre se sentia bem quando estava com ele.

Às vezes, ele olhava para ela como se soubesse tudo sobre ela. O fato de ele ser mais velho e sempre tão prático sobre tudo a fazia se sentir segura e feliz. Quando ele pegava a mão dela, ou a abraçava, ela sentia que pertencia a ele. Ela se sentia especial. Como melhores amigos, eles podiam conversar por horas, ouvindo um ao outro.

Luke muitas vezes ria e brincava com ela de coração leve, por seu esquecimento sobre tantas coisas que eram de segunda importância para ele. Embora ele frequentemente conversasse com ela sobre coisas que ela não tinha ideia. Suas explicações e detalhes pacientes lhe davam autoconfiança e um sentimento avassalador de companhia.

O barulho da tempestade desapareceu quando aqueles olhos familiares a olharam sonhadores, pensou ela, antes que os lábios dele encontrassem os dela, beijando-a apaixonadamente, enquanto seus braços se enrolavam firmemente ao redor dos dele.

Luke tocou seu rosto suavemente, passando a mão pelas bochechas dela, a intensidade de seus olhos se aprofundando a cada toque. — Não quero te apressar, mas, Lily, você está me deixando louco. Seu corpo... — ele olhou para ela, vestindo sua camiseta velha e desbotada. — Eu quero te tocar. Fazer amor com você.

Seus olhos estavam fechados, seu toque e beijos enviando uma sensação de formigamento sobre seu corpo. Ela abriu os olhos. Os dois estavam quietos, silenciosos, com os olhos vidrados um no outro.

Luke se perguntou se ele tinha ido longe demais, rápido demais. Ele

vinha tentando há semanas manter-se amigável, indo devagar. Ele sabia que ela amava a amizade, a proximidade e a diversão, mas como ela realmente se sentia com relação a ele? Não havia dúvidas ou perguntas para ele, mas Lily, como ela se sentia?

Nas últimas semanas, ele havia sido cuidadoso, concentrando-se e desfrutando da amizade e companhia. Amando cada minuto com ela, quer eles estivessem pescando, jogando *Scrabble* ou apenas deitados na areia, banhados pelo sol, jogando piadas e comentários de um lado para o outro. Mas agora, com seu minúsculo corpo quente se fundindo, encaixando-se perfeitamente, próximo ao seu, ele sabia que precisava de mais e não queria esperar.

Acariciando seu pescoço, ele olhou nos olhos dela enquanto eles olhavam ansiosamente de volta para ele. Lily parecia preocupada. Quando ela finalmente falou, o barulho da tempestade abafou suas palavras.

— Desculpe Lil, eu não consegui ouvir você.

Ela sussurrou, e mesmo na penumbra da tocha, ele podia ver o rosto dela ficar vermelho. — Eu não sou muito boa nisso.

— Não é muito boa no quê?

— Você sabe, a parte do sexo.

Levantando as sobrancelhas, Luke tentou manter uma cara séria. — Lily, com quantos caras você já esteve antes?

Ela mordeu o lábio hesitando. — Apenas um. Mas eu simplesmente não sou boa nisso.

Luke passou os dedos pelos cachos dela; os cabelos esticados sobre o travesseiro e o rosto sério olhando para ele. Ele podia sentir a vulnerabilidade dela e reconheceu que estava em um estágio de sua vida em que sua própria confiança e maturidade lhe permitiam não duvidar de si mesmo. — Eu esqueço como você é jovem.

— Não sou tão jovem e tive um relacionamento longo. Eu não sou doce e inocente, ela atirou de volta para ele, indignada. — Não é apenas algo em que sou particularmente boa. -

Luke tentou não rir alto. — Quem te disse isso? — Depois de um longo silêncio, ele a tranquilizou. — Não se trata de ser bom nisso; é sobre fazer amor. Em que parte não é boa? Vamos, você pode me dizer. — Seus lábios

se moveram para cima e para baixo em seu pescoço, mordiscando suas pequenas orelhas perfeitas, geralmente invisíveis atrás dos cachos.

— Agora você está apenas tirando sarro de mim. — Ela notou os olhos dele brilhando de alegria pela confissão envergonhada dela. — Eu não sou boa nisso.

— Isso é terrível, ele disse provocativamente.

— Eu realmente não gosto.

— Nenhuma vez?

— Não, nunca.

A familiaridade e a confiança que eles construíram nos últimos seis meses se estabeleceram e, embora ela o sentisse provocando, sentia-se capaz de compartilhar sentimentos que nunca havia compartilhado com ninguém antes.

Apoiando-se no cotovelo, ele olhou diretamente para ela. Ela sentiu o estômago revirar quando a mão dele subiu por baixo da camiseta folgada e desbotada, deslizando lentamente pelos seios, suavemente, gentilmente, os olhos dele nunca deixando os dela.

— Você é muito sensual, Lily, seus beijos são quentes... vamos ver o que acontece. — Os dedos dele encontraram os mamilos dela, e ela os sentiu endurecer e doer quando ele os tocou de brincadeira, movendo-se de um para o outro, suas mãos quentes parecendo cobrir todas as suas partes. — Você me diz assim que não estiver gostando ou se quer que eu pare.

Ela assentiu, incapaz de falar mais, sua mão estendendo a mão para tocar seu peito nu, que pairava acima dela.

— Aqui, sente-se por um minuto. Ele a puxou para cima, seus corpos lançando longas sombras através das paredes, enquanto a pequena tocha iluminava vagamente a sala.

Lily ficou nervosa. Ele parecia tão seguro de si. Ela olhou nos olhos dele quando ele puxou a camisa larga e larga por cima da cabeça dela, jogando-a no espaço escuro.

— Você parece preocupada.

Ele não conseguia tirar os olhos dela, e sabia que a imagem dela sentada ali timidamente à luz fraca, com apenas um minúsculo par de calcinhas rendadas, ficaria em sua memória para sempre. As mãos dele correram

pelas costas dela, acariciando-a, sentindo as sensações que corriam através de suas próprias mãos como eletricidade, seus olhos olhando por todo o corpo dela.

— Seu corpo é incrível, Lil. Ele percebeu que estava olhando por algum tempo, paralisado.

Ela deu um leve salto quando um raio iluminou a sala inteira, o trovão soando no mesmo instante. As mãos de Luke se moveram sobre seus ombros e braços, empurrando-a suavemente de volta para os travesseiros, seus lábios se movendo pelo pescoço dela, beijando-se ternamente.

— Você está bem? Você está muito quieta.

— Eu sinto que não consigo respirar.

— Eu quero que você relaxe. Isso é sobre você hoje à noite. Apenas aproveite.

Ele estava deitado ao lado dela, e ela podia sentir a perna dele se mover sobre a dela. Ele parecia estar no controle, seguro de si, porque ela sentia que não podia se mexer e não sabia o que fazer a seguir.

— Deixe seu corpo ir, apenas respire.

Ela fechou os olhos, envergonhada quando um gemido baixo escapou de seus lábios. Luke olhou nos olhos dela, dando-lhe doces beijos longos até que ela sentiu que estava se afogando, afundando cada vez mais nos olhos dele, que nunca pareciam abandonar os seus.

As próprias mãos de Lily estenderam-se e apertaram seus braços, a suavidade bem musculosa, a sensação de familiaridade e segurança. — Isso é lindo, ela sussurrou, relaxada, flutuando e sonhadora, enquanto as mãos dele continuavam acariciando-a.

Os olhos dele percorreram o corpo dela, e ela se contorceu um pouco sob a intensidade do olhar dele.

— Meu estômago está dando voltas. — Ela sorriu timidamente enquanto as mãos dele a tocavam suavemente, seus mamilos doíam enquanto as palmas das mãos dele passavam levemente sobre eles.

Luke observou o rosto dela de perto enquanto ele levantava a perna dela, permitindo que as mãos corressem para cima e para baixo nas pernas dela. — Diga-me o que sente, Lily. Como é isso? — Ele estava sentado agora, com as duas mãos acariciando, massageando seus pés minúsculos, tomada

por sensações tanto nas pernas como no restante do corpo. — Lil, você está bem?

— Não sei, nunca senti tudo isso antes. — Ela descobriu que mal podia falar.

Uma risada escapou de seus lábios antes que ele os pressionasse contra os dela, atordoando ainda mais seus sentimentos quando os lábios dela responderam apaixonadamente e docemente. Seus lábios ficaram nos dela, sua mão se movendo lenta e intimamente, e um suspiro escapou de seus lábios quando Luke a puxou em sua direção. Deitados juntos, seus corpos um de frente para o outro, a mão dele alcançou atrás dela, encontrando seu traseiro bem arredondado.

— Meu Deus, Lily, você não tem ideia de quanto tempo eu queria te tocar aqui. — Ele apertou suavemente, sua respiração se aprofundando, demorando a seguir os contornos das nádegas dela, alisando a parte de trás das pernas dela.

— É grande, não gosto das minhas costas. — Sua voz ainda era um sussurro enquanto ela lutava com as estranhas sensações percorrendo seu corpo como choques elétricos.

— Você está brincando? Eu acho que esse vai ser meu lugar favorito. As duas mãos seguraram as protuberâncias que ele olhara tantas vezes, espremidas naqueles jeans velhos rasgados.

Lily não tinha certeza do que estava acontecendo com seu corpo ou quanto mais ela poderia aguentar. Ela estava contente com o barulho da tempestade lá fora, enquanto lutava para não deixar que os sentimentos e sensações que estavam se formando em seu corpo saíssem como sons de sua boca.

Luke empurrou os ombros de volta no travesseiro. — Vamos, Lily. — Ele falou com firmeza, sentindo que ela estava tentando se segurar. Ele queria que ela se soltasse completamente e desfrutasse.

Lily estava confusa. Isso era tão diferente dela e ela se sentia inexperiente, sua nudez enviando uma nova onda de sensações sobre os dois. Olhando ansiosamente para ele, ela sussurrou, — Essa é a parte em que eu não sou boa.

— Está tudo bem, ainda não, ainda não. — As mãos dele correram sobre

sua barriga, movendo-se para cima, acariciando seus seios. — Estou tentando fazer isso durar, mas você está me deixando louco.

Ela sentiu o corpo dele quando ele a pressionou, e agora estava ciente do impacto que ela estava causando nele. Acariciando-a gentilmente, movendo-se para frente e para trás, ele ficou deitado perto dela, observando-a atentamente, deliciando-se com as expressões que fluíam em seu rosto a cada carícia que ele fazia.

— Você é muito bonita e está me deixando louco.

Os olhos deles se encontraram. Ela olhou para ele, incapaz de falar enquanto as mãos dele se moviam lentamente até que ela sentiu que ia explodir. Ela puxou a cabeça dele até os lábios, seus próprios beijos apaixonados e desejando sua boca.

— Você gosta disso? — Ela assentiu em resposta, palavras impossíveis. A mão dele se moveu sobre ela, e ele sussurrou em seu ouvido. — Eu quero te deixar louco.

Sensações rasgaram seu corpo e Lily podia sentir seu corpo se movendo quando Luke a tocou gentilmente, dando-lhe tempo para recuperar o fôlego e, eventualmente, permitindo que sua mente retornasse ao presente.

— Você é linda, olhe pra você. — As mãos dele acariciaram o corpo dela antes de se afastar lentamente, tirando rapidamente as roupas para ficar nu ao lado dela, a sensação de sua perna em cima dela apenas piorava a sensação estranha.

Ele se moveu suavemente por cima dela, e seus corpos se fundiram como um.

Era Luke quem estava fazendo amor com ela, alguém que se importava profundamente com ela e a queria. Ela passou a mão pelos cabelos dele. Seus olhos se encontraram, seus corpos pegando fogo até que nenhum deles pudesse aguentar mais, os sons ecoando, misturando-se ao barulho da chuva e trovão lá fora.

Lily queria que esse sentimento durasse para sempre. Cada parte do corpo dela estava viva e cheia de desejo por Luke, que chamou seu nome quando seu corpo cobriu o dela.

Depois eles se deitaram juntos, ambos exaustos, o calor de seus corpos se misturando, os beijos dele em seu rosto encharcado de lágrimas.

— Você está chorando — ele disse finalmente, beijando as lágrimas que molhavam suas bochechas. Ele parecia preocupado. — Oh Deus, oh Lily, me desculpe, eu te machuquei? Eu simplesmente me empolguei completamente, me perdi, não chore.

Ela finalmente recuperou o fôlego, as mãos estendendo a mão e tocando seu peito. — Estou chorando porque estou feliz. Bem, você sabe, isso nunca aconteceu comigo antes.

— Você tem certeza? Eu sei que me empolguei com o momento. Eu tentei ser gentil.

— Você não me machucou. Não acredito no que aconteceu comigo... meu corpo, suas mãos, você sabe, o que aconteceu mesmo antes de você fazer amor comigo.

De repente, ocorreu-lhe o que ela estava falando. Ele levantou o corpo do dela, as mãos correndo entre os dois seios, sobre a barriga dela, a mão descansando entre as pernas dela. — Você está me dizendo que nunca teve um orgasmo antes?

Ela fechou os olhos enquanto as mãos dele se moviam sobre ela novamente, o insuportável desejo retornando enquanto ele sentia o prazer de sentir o corpo dela responder.

— Você não me respondeu, Lil. — Com ternura, ele beijou seus olhos, bochechas e lábios. — Meu Deus, Lily, seu corpo, a maneira como você se move...

Gritos de êxtase escaparam de seus lábios quando seu corpo se levantou para encontrar o dele e ela sentiu um calor se espalhar por todo o corpo. Luke a abraçou com força, acariciando suas costas, acalmando-a, acariciando-a, até que ela adormeceu profundamente em seus braços.



A SUAVE LUZ da manhã entrava pela janela do quarto, os raios quentes irradiando pelos corpos entrelaçados na cama. Chocalhando ao redor da cabana, o vento empurrava as paredes, que rangiam e gemiam em uníssonos com o bater e o ranger do telhado de zinco.

Luke olhou através do vidro salgado da janela, observando as nuvens escuras que corriam pelo céu da manhã. Olhando para baixo, ele suavemente afastou os cachos do rosto de Lily. Seus olhos estavam fechados, e os cílios longos e escuros tinham uma aparência suave, ao contrário de suas bochechas. Seu corpo era bonito, e ele se aproveitou do sono dela e da luz suave que filtrava seus corpos para olhá-la.

Os olhos dele se moveram sobre o contorno do lado dela, seus peitos pequenos e bem torneados e as costas minúsculas curvadas até os quadris. Ele tocou a parte de trás da perna dela, que estava envolvida em torno dele, fazendo-a se mexer e abraçar calorosamente.

Aninhando-se em seu peito, ela esfregou o rosto entre os cabelos que cobriam sua frente.

Traçando o contorno do corpo dela com a mão, ele a observou atentamente. — Bela manhã.

As bochechas coradas coraram e olharam para ele enquanto ele inclinava a cabeça para trás, seus próprios cabelos grossos despenteados, olhos escuros e errantes, um sorriso sensual brilhando para a sonolenta Lily enquanto ela tentava puxar o lençol de algodão sobre o corpo.

Ele riu. — É tarde demais para isso, Lil. Eu estive deitado aqui absorvendo como você é bonita, principalmente quando está nua. Ele virou o queixo de Lily para ele, para poder olhar diretamente nos olhos dela. — Você está corando de novo. — Ele parecia se deliciar com o óbvio desconforto dela.

Empurrando o lençol, ele levantou as sobrancelhas. — Meu Deus, você deveria estar se exibindo, garota, olhe para o seu belo corpo sexy.

As mãos dele deslizaram sobre os seios dela, movendo-se firmemente sobre os quadris, os olhos vagando da cabeça aos pés. Os mamilos de Lily

eram escuros e duros, traindo as agitações despertadas enquanto ela o observava timidamente, traçando o contorno de seus seios.

— Perfeita. — Sua mão alcançou atrás dela antes de passar para sua pequena cintura. — Você é tão pequena, tão pequena, Deus, eu poderia apenas respirar você. — Seus braços a envolveram com força.

Lily respirou, seu rosto se aconchegando no calor do peito peludo dele, seu corpo naturalmente se curvando na forma do dele.

— Deixe-me olhar para você. Ele se afastou dela, seu corpo nu firme e bronzeado enquanto se apoiava no cotovelo, o sol entrando calorosamente pela janela.

Lily tentou se inclinar para perto dele, sua modéstia deixando-a se sentir estranha por estar nua à luz brilhante da manhã.

Luke pegou a mão dela e beijou-a por inteiro, chupando cada dedo devagar, sedutoramente, observando-a obviamente inquieta e insegura de si mesma e de seu corpo à luz da manhã. — Lily, você não disse uma palavra.

— Normalmente não acordo nua, ela disse, sutilmente.

— E... — Luke a tomou.

— Bem... — houve uma longa lacuna de silêncio — Eu não estou acostumada a ficar nua quando está claro.

— Claro?

— Você sabe, quando você pode ver tudo. É diferente no escuro.

Luke riu, seus olhos brilhando enquanto a apreciava se contorcendo e obviamente desconfortável sob seu olhar intenso.

— Bem, as coisas vão mudar para você, não vão? Porque seu corpo é incrível e eu vou precisar vê-lo e tocá-lo quando estiver escuro e, como agora, quando eu puder ver todas as curvas e pequenas partes secretas de você.

— Mas é de manhã, é dia claro.

— Não há ninguém por quilômetros, então quem você acha que vai vê-la?

— Eu simplesmente não estou acostumada. Eu me sinto envergonhada.

— Envergonhada. — As sobrancelhas dele se ergueram quando ele se sentou e se inclinou sobre o corpo dela, braços de cada lado do seu corpo estendido. — O que há para se envergonhar? Sou eu, só eu aqui.

Seu coração bateu forte e ela sentiu como se seu peito estivesse explodindo quando ele pairou sobre ela. Ela pensou em como havia perdido o controle e qualquer inibição na noite anterior, e seu rosto ficou vermelho ao lembrar da verdadeira intimidade da noite anterior.

Lily olhou para o rosto de Luke, para os olhos dele profundamente em sua pele verde-oliva. O calor a encheu quando ela se sentiu se afogando em seu olhar, a proximidade dele era tranquilizadora e segura, mas emocionante de uma maneira muito íntima. Seu corpo a envolveu, seus braços fortes, mais escuros contra o bronzado recente de seu corpo muito menor.

— Você não dorme ou anda nua em casa? — Os dedos dele correram provocativamente pelo centro do peito dela, enquanto ela tentava manter a respiração calma.

— Não, normalmente não, sempre fui um pouco sistemática com esse tipo de coisa.

Ele se sentou, olhando para ela, removendo a mão dela para que todo o seu corpo fosse revelado.

— Você é um pouco mandão. — Ela olhou para ele nervosamente. — Além disso, há partes do meu corpo com as quais não estou tão satisfeita.

— Às vezes, acho que você precisa de um pouco de domínio. Você precisa aprender a se deixar ir, e apenas olhar para o seu corpo incrível... você precisa amar tudo, pois ele é incrível e muito sexy. As mãos dele correram para cima e para baixo nas pernas dela, empurrando e acariciando sua pele, que estava começando a parecer que pegava fogo.

O corpo de Lily respondeu, a sensação da noite anterior ainda fresca, seu corpo sensível e vivo ao toque de Luke.

— Minha linda Lily.

Ele se moveu sobre ela, puxando-a de lado, seus corpos se movendo juntos, ambos perdidos na intensidade e na sensação agradável dentro deles. Suas mãos nunca pararam de se mover, tocando, deixando-a louca até que ele já não aguentava mais. Ele chamou o nome dela em voz alta, pois tudo parecia que tudo estava prestes a explodir e nada mais importava no mundo para nenhum deles, exceto este momento.



— **ME SINTO MUITO** suave. — Lily finalmente parecia relaxada, embora ele tenha notado que ela havia puxado o lençol até a metade do corpo. Ela estava deitada olhando-o por trás daqueles lindos cílios longos. — Como você faz isso?

— O quê? — Ele a provocou.

— Eu acho que você tem mãos mágicas. — Ela sorriu, e ele podia ver sua covinha recortada em suas bochechas, que estavam vermelhas pelo arranhar da barba durante a noite.

— Você tem um corpo mágico — ele disse. — Muito sexy.

— Você é sempre tão gentil?

Ele hesitou. — Não, nem sempre, na verdade, não. Você faz emergir meu lado mais doce.

Lily olhou timidamente, desejando não ter feito uma pergunta tão pessoal. Agora ela estava perdida por palavras, o pensamento de que ele tinha sido cuidadoso e gentil, fazendo-a se sentir muito jovem e vulnerável.

— Obrigado — disse, ao final. — Eu não sou tão experiente. Tyrone, bem, ele meio que só transava comigo quando queria, e era mais sobre ele do que mim. Eu realmente nunca gostei disso, além do que, ele me disse que eu era uma merda, muito fria quando se tratava de sexo.

Luke riu enquanto acariciava seus cabelos, o sol se tornando mais quente em seus corpos, enquanto eles conversavam, Lily dizendo a Luke coisas que ela nunca havia conversado com ninguém antes. Inseguranças sobre seu corpo, como ela se acostumou a ser tolhida, a maneira como desistiu de se defender, achando mais fácil seguir as coisas como lhe eram ditadas.

Luke contou a ela sobre sua vida com os avós, como os anos haviam sido difíceis e como ele nunca havia se conectado com namoradas, namorando apenas por necessidade ou porque outros esperavam isso dele.

— Ei, esse sol está começando a queimar. Ele fez cócegas nas costelas dela, fazendo-a rir. — Vamos lá, estamos perdendo o dia.

Ele pulou da cama, esticando-se como um gato e se colocando de pé, ao

lado da cama. Agarrando a mão de Lily, ele a puxou para cima enquanto ela tentava manter o lençol com ela.

— Não, você não. Ele jogou o lençol de volta na cama, puxando-a pelas mãos e caminhando através da cabana para o chuveiro do lado de fora. Ele riu quando ela olhou em volta, tentando manter as mãos sobre o corpo, o rosto com um tom de vermelho brilhante. — Honestamente, Lil, você é tão puritana.

Eles tomaram banho juntos, o enorme e velho chuveiro jorrando a água quente sobre seus corpos.

— Eu deveria fazer você andar nua o dia inteiro — Luke disse, enquanto enrolava uma toalha em volta do corpo dela.

— Não acredito que saí da cama nua. Não acredito que cheguei aqui nua.

.É melhor você sair daqui rápido e vestir algumas roupas —

Ela estava observando os olhos dele percorrendo seu corpo novamente enquanto se secava, cada olhar que ele dava para ela, lhe dava um novo nó no estômago. Ela riu quando a mão dele alcançou debaixo da toalha, beliscando seu bumbum.

— Vá, vista algumas roupas — ele disse. — Meu Deus, você me deixa louco.

Ela olhou para ele quando a água encharcou e correu sobre seu corpo. Seu peito estava duro e musculoso, descendo para a barriga ondulada e para a parte inferior do corpo. A água empurrou os pêlos das pernas dele, acentuando os músculos que sobressaíam.

Ele jogou água nela. — Lil, estou lhe dizendo que, se você não sair daqui, a arrastarei de volta e nunca tomaremos café da manhã.

Ela desviou os olhos dele enquanto fechava a porta de lata e se retirava para dentro da cabana



O VENTO CONTINUOU soprando pelo resto da semana, o sol surgindo intermitentemente por trás das nuvens escuras antes de mandar Lily e Luke correndo de volta para dentro com a próxima chuva torrencial. Juntos, eles observaram as mudanças na praia, quando a maré alta e o vento mudavam as correntes de areia, o Spit se alargando e depois se estreitando novamente com as mudanças no clima imprevisível. As marés altas empurravam itens estranhos, para cima e para baixo, com as marés, e Lily se deliciava em descobrir novas boias e destroços do oceano a cada dia.

Os dois andaram por horas em torno dos promontórios rochosos, explorando os minúsculos riachos e enseadas, Luke apontando as marcas de onde o cabeça-chata jazia e a trilha de nadadeiras de uma tartaruga que havia deixado a água para pôr seus ovos.

Um dia, quando eles contornaram uma das pequenas baías ao norte da cabana, Luke conteve Lily. Cinco pequeninos filhotes de dingo brincavam como crianças pequenas, mordendo e rolando, seus latidos eram brincalhões e audíveis acima do som das ondas. Eles saíram às pressas quando avistaram os dois, os cinco feixes de pêlos olharam rapidamente antes de correr para os arbustos.

— A mãe não deve estar longe, Luke disse. — Ela provavelmente está nos observando lá de cima, nas dunas.

— Quão gordo eles estão... — Lily disse, a adrenalina em sua voz era evidente, enquanto Luke caminhava com ela, o braço em volta dos seus ombros. — Há muito o que ver por aqui. Ela parou, olhando para o mar, esperando ver os golfinhos que frequentemente se alimentavam na baía rasa.

— É um lugar mágico — Luke disse — fechando os olhos, saboreando o vento e o spray de sal soprando em seu rosto. Ele se abaixou antes de entregar a Lily uma pedra lisa e arredondada.

.Ela a virou. — É um coração amoroso

— Você pode adicioná-la às milhares de outras pedras e conchas que você coletou.

Sua empolgação e curiosidade pelo que as ondas vomitavam na areia os levaram a caminhar por quilômetros, seus bolsos e uma pequena sacola cheia até a borda com peças especiais, todas colocadas sobre a mesa na cabana.

— Não nos restam mais muitos dias, Lil.

Luke parou e olhou através da baía, observando as ondas enquanto elas incessantemente batiam na praia, as ilhas e montanhas invisíveis sob uma pesada nuvem cinzenta e ameaçadora. Os dois estavam quietos enquanto sentavam juntos, assistindo a chuva atravessar a baía, enviando paredes cinza embaçadas de água para o oceano, deslizando para o norte.

— Eu não quero voltar, ela disse eventualmente. — Eu poderia ficar aqui para sempre.

— Esse lugar tem esse efeito. Também nunca quero ir embora, mas a realidade é que precisamos de dinheiro para viver e, para conseguir dinheiro, precisamos trabalhar.

— Às vezes, não gosto do meu trabalho. Você sabe, se não fosse pelos livros, eu já teria me afastado da Avid anos atrás. As pessoas são adoráveis, eu não ligo para os clientes, mas às vezes eu sinto que quero mais.

— O que você queria fazer quando estava na escola?

— Eu sempre quis ser professora, só de crianças pequenas, você sabe, as preparando para o Segundo grau. Eu queria tanto fazer isso, mas Tyrone me convenceu que não era uma boa ideia. Ele disse que não me veria o suficiente, que eu estaria estudando e não teria tempo o bastante para ele. Ele foi me dizendo coisas e alimentando todos os pontos negativos de estudar e depois me ajudou a encontrar um bom trabalho, que ficava perto de onde ele morava.

— Por que você não volta a estudar? Você ainda é tão jovem.

— Eu acho que eu iria sofrer agora. Faz anos desde que eu estudei e nunca me destaquei tanto na escola. Eu nunca fui tão inteligente, você sabe, apenas uma aluna média.

— Lily, você é uma garota inteligente, veja tudo o que lê e o conhecimento que tem sobre muitas coisas diferentes.

— Eu não seria capaz de trabalhar e não vou voltar para casa.

— Você está apenas dando desculpas. Por que você não faz isso? Muitas

peessoas estudam muito tempo depois da escola. Conheço pessoas de quarenta e cinquenta anos que voltaram a estudar.

— Não sei se seria inteligente o suficiente.

— Pelo amor de Deus, você não consegue ter uma opinião mais elevada de si mesma? Você é uma garota inteligente, tem um ótimo jeito com pessoas de todas as idades, e se você gosta de crianças pequenas, acho que seria uma professora fantástica.

— Você acha?

— Eu não acho, eu tenho certeza. Basta iniciar um curso e ver como você vai ser. O que você tem a perder? Se você quiser fazer alguma coisa, não arrume desculpas. — Luke parecia zangado, frustrado com ela. — Você não tem confiança em si mesma. Veja como você duvida da sua aparência. Você não tem ideia de como você é linda, de como seu corpo é incrível e, bem, seu rosto, que adorei desde a primeira vez que te vi naquela livraria. Você está gritando comigo. — Ela olhou para ele. — É fácil para — você, você é mais velho, olha como é confiante, nada parece lhe preocupar .muito

— Nunca me diga que é fácil para mim. Nem sempre foi fácil, mas pelo menos eu entrei e assumi o controle da minha vida, tentei de tudo e voltei várias vezes até chegar onde queria estar. Eu não te entendo, Lily. Você é uma alma tão natural. Você não precisa fazer nada, pode usar um saco em vez de roupas e ainda fica incrível. Você é esperta, tem um cérebro rápido, as pessoas são atraídas por você, mas você se volta para si mesma, apenas não confia nas pessoas.

Lily parecia chateada quando ele a chamou.

— É melhor seguirmos em frente, ele disse. — O riacho vai subir e eu não quero ficar preso aqui durante a noite com os mosquitos e pernilongos.

— Bem, eu não acho que eu seja tão legal quando vejo como são as outras garotas da minha idade.

— Por que se comparar? Você é completamente diferente. Graças a Deus você não se parece com a maioria das outras garotas — ele disse, zangado.

— Fico tão confusa. — Lágrimas brotavam em seus olhos.

— Sobre o que? — ele disse impacientemente.

— Só não sinto que me encaixo e sei que não tenho nenhuma confiança. Essa é uma das maiores coisas que eu já fiz: viajar com você. Fico confusa com o meu trabalho. Às vezes eu quero sair, mas simplesmente não posso. Eu me sinto segura lá. Mas eu sei que quero mais. Eu faço isso há anos.

— Por que você não saiu? Há muitos trabalhos que você pode fazer.

— As entrevistas me aterrorizam e, então, bem, um novo emprego, significaria novas pessoas. Acho que não conseguiria.

— Então você ficará no mesmo lugar para sempre, mesmo que queira fazer outra coisa.

— Acho que foi o mesmo com Tyrone, não gosto de incomodar as pessoas, então apenas segui o fluxo.

— Bem, você precisa começar a pensar no que realmente deseja fazer. A vida não é um ensaio. Atenha-se a isso. Se algo não estiver certo, faça o que seu interior está lhe dizendo para fazer. Não deixe as pessoas passarem por cima de você.

Luke andou a passos largos na frente dela, frustrado com sua falta de confiança em si mesma, sua relutância em argumentar de volta, seu silêncio o irritava ainda mais.

O resto da noite foi envolto em um silêncio desconfortável. Qual é a utilidade de tentar lhe dizer algo, Luke pensou. Era a idade dela? Lembrou-se das coisas com as quais tinha de lidar aos 22 anos, obstáculos para transpor e quedas, uma e outra vez, levantando-se, ficando cada vez mais forte com cada obstáculo que surgia à sua frente.

Lily disse — boa noite — enquanto desaparecia no quarto. Ela não falava desde que eles voltaram, e ele sabia que ela estava chateada com a explosão dele, e provavelmente se sentiu ainda menos confiante agora que ele a tratara como uma criança, dando-lhe uma palestra sobre como administrar sua vida.

Ele se deitou ao lado dela, sabendo que ela não estaria dormindo. Não houve movimento ou resposta. O corpo dela estava voltado para a parede, longe dele.

— Venha aqui. — Ele a puxou em sua direção, seu pequeno rosto logo abaixo dele, seus olhos cheios de lágrimas enquanto tentava controlar seus pensamentos. — Eu sinto muito. Eu não deveria ser tão duro com você.

Você apenas me deixa frustrado.

Os olhos dela se fecharam e ele pôde sentir a rigidez em seu corpo, tenso ao lado do seu. — Lil, não fique chateada. É que eu fico maluco por você não se ver como eu te vejo.

— Não posso ser alguém que você quer que eu seja. Sempre fiquei quieta e acho difícil conversar com pessoas que não conheço.

— Eu sei disso, e eu amo isso em você. Percebo isso, e sei que vai conversar comigo na hora que as vacas voltarem para casa.

— Então por que está tão bravo comigo?

— Eu só quero que você realmente se olhe, se ame e faça algo que queira fazer. Não faça coisas para agradar outras pessoas. Foi isso que você fez desde que saiu da escola, não é?

— Eu acho que sim.

Ele beijou as lágrimas que tinham derramado em suas bochechas. — Desculpa. Eu acho que às vezes eu fico nervosa e tudo acaba saindo. Faz tempo desde que fiquei irritado com alguém.

— Bem, e por que eu?

— Porque eu me importo com você e, acima de tudo, quero que você seja confiante e feliz consigo mesma. O que fez você vir para cá comigo?

— Você era muito insistente, além disso, eu não sei, parecia meio certo. Eu confio em você. Tenho a sensação de que você é uma pessoa muito gentil. Você me carregou pela lama.

— Não sei se você deveria ter confiado em mim. — Os lábios dele encontraram os dela quando ele puxou a camiseta velha que ela usava sobre a cabeça.

— Como você tira minhas roupas tão rapidamente? — ela disse, enquanto sua roupa interior voava mais uma vez através da sala.

— Você precisa ser mais vigilante, Lily, você me dá muitas oportunidades.

Ela finalmente sorriu. — Eu estava gostando dos beijos, mas enquanto isso todas as minhas roupas estão agora no chão.

— Eu disse para você não se incomodar em usar roupas semanas atrás.

O corpo dela se fundiu ao dele quando ele a puxou para junto de si, a discussão já esquecida e enterrada quando os corpos se uniram, a cama

estridente indicava ruidosamente o fim de sua primeira discussão.



ERA A MULTIDÃO habitual no bar Quindry. Ernie, Wally e Jacko se inclinaram sobre o balcão, suas calças combinando, distinguindo-se individualmente apenas pelo traje diferente dos pés. Tangas, sem sapatos e sujas, estampavam *Dunlop Volleys* no chão arenoso, só se movendo quando um decidia deslocar o cotovelo, ou mudar de peso de uma perna para a outra. Três ou quatro outros rostos conhecidos se viraram para cumprimentar Luke e Lily, advertidos pelo alto cumprimento de Merv, que estava se divertindo com a música dos anos 70 tocando nos velhos e arranhados alto-falantes.

— Bem, bem, se não é o garanhão italiano, Merv se arrastou, enquanto lutava para conversar, dançar e segurar suas duas cervejas ao mesmo tempo.

Luke acenou para ele antes de ir em direção ao bar e à mão estendida de Wally, que apertou vigorosamente a mão de Luke antes de acenar educadamente e abaixar o chapéu em direção a Lily.

— O que o traz à cidade, jovem Luke? Não o vemos há algum tempo ou... ele levantou as sobrancelhas e revirou os olhos. — Talvez outros passatempos tenham mantido você longe?

— Vim apenas para pegar um pouco de combustível e comida, Luke disse, recusando-se a ser atraído pelo sorriso de Wally. — Achamos que poderíamos tomar uma bebida rápida enquanto estamos aqui.

— Prazer em vê-la novamente, Ernie disse. — É bom ver você de novo, jovem, espero que o garoto aqui esteja cuidando de você e não apenas gastando seu tempo com o nariz enfiado em um livro. Ernie sorriu para ela com os dentes que lhe restavam.

Lily sorriu calorosamente. — Estou me divertindo muito, obrigada, embora não tenhamos pescado muitos peixes esta semana.

— Aagh — Wally disse — depois lamentou o clima e os mares agitados e os informou sobre suas expedições de pesca ou, talvez uma palavra mais adequada, *desastres* que haviam sido sua desgraça durante a semana. — O tempo maldito, esse é o problema com este litoral, pode soprar por meses.

Eles conversaram sobre a chuva, as marés, que peixe sairia depois da

cheia, qual não sairia, e quanto tempo eles teriam que esperar para aquele tempo passar. Enquanto Luke conversava com os homens, ele ficou com o dinheiro na mão, esperando a garçonete vir à ponta do balcão para servi-lo. Lily ouviu com interesse e acrescentou suas próprias histórias, enquanto os homens compartilhavam conhecimento local e, obviamente, anos de experiência em pesca com ela.

Luke olhou para cima e encontrou a garçonete esperando por ele. — Sylvia. Sua voz chocada era instável. — Você está trabalhando aqui?

— Como vai, Luke? — Sua voz era rouca e ela se inclinou sobre o balcão para beijá-lo na bochecha. Ele se afastou rapidamente quando a mão dela acariciou o lado de seu rosto.

— Muito obrigado, Sylvia, vou tomar duas Coronas com limão, obrigado. — Luke soou seco, pego de surpresa por ela estar atrás do balcão. Sylvia parecia ter envelhecido; linhas surgiram em torno de sua boca e olhos, dando-lhe aquela aparência endurecida que sinalizava uma vida cheia de muito álcool e conflitos. — Pensei que você estivesse nas minas dirigindo caminhões.

— Eu larguei isso há alguns dias. Os homens lá são iguais a qualquer lugar, talvez um pouco mais ricos, mas ainda vira-latas. Pensei em voltar e tentar a sorte aqui. — Ela piscou para ele.

— Bem, prazer em te ver. O rosto carrancudo de Luke não mostrou emoção quando ele se virou para ver Lily logo atrás dele.

— Você não vai me apresentar? — Sylvia curvou-se sobre o balcão, sua camiseta decotada abaulada de forma reveladora enquanto olhava Lily de cima a baixo.

Luke hesitou antes de dizer, — Esta é Lily.

Lily sorriu para Sylvia. — Nós nos conhecemos antes, da última vez que estivemos aqui.

Lily pegou sua Corona da mão de Luke e saiu rapidamente de volta para a segurança do bando de pescadores esfarrapados que tilintaram garrafas com ela violentamente.

— Não se importe com ela, amor, Ernie murmurou de volta para o bar — Ele não está mais interessado nela. Esses dias ficaram pra trás há muito tempo.

Lily, sentindo-se um pouco confusa, apenas sorriu com as palavras bêbadas que saíram da boca de Ernie antes que os outros o encarassem em silêncio.

— Ele não sabe do que está falando, Wally disse, educadamente, puxando um banquinho para Lily sentar no momento em que Luke apareceu atrás deles.

Luke parecia irritado. Sylvia continuou com ele no balcão, ainda falando, dizendo, — Lembre-se de que estou aqui sempre que precisar de mim, quando aquela garota magra desaparecer e você estiver sozinho. Você sabe onde me encontrar.

Luke pegou sua cerveja e disse — Não voltarei a vê-la. Finalmente encontrei o que sempre procurava. Espero que um dia você consiga também. Até mais, Sylvia.

No último ano, ela havia enviado mensagens esporadicamente a ele, e ele respondeu uma ou duas vezes por polidez, mas ela não significava nada para ele. Luke entrou na conversa, a essa altura, Ernie e Wally estavam explicando a Lily um pouco da dificuldade em ser uma vigarista da cidade.

— Só porque você adquiriu esse bronzeado e usa jeans esfarrapadas não quer dizer que seja uma moradora local, você sabe — Ernie disse.

A brincadeira foi de um lado para o outro, Lily e Luke apreciando a interação social após as semanas isolados na cabana, ambos se juntando às risadas que emanavam do grupo descontraído de moradores que continuavam arrastando eventos passados que todos eles conheciam.

Você contou a Lily a história dos gatos, Luke? Ernie estava brincando, seu rosto já enrugado de tanto rir.

— Ele não contou, Ernie. — Lily virou-se para Luke, que estava balançando a cabeça.

— Era um dia quente de verão e a cana estava queimando, havia cinzas caindo sobre a terra... — Wally começou a cantar estridente uma música muito desafinada antes de Ernie interromper. —

— Diga a ela, Lukey, conte à Srta. Lily a história dos gatos.

— Se você calar a boca por um minuto, vocês dois. — Luke tomou um grande gole da gelada Corona e olhou para Lily. — Bem, Nan tinha um gato, você sabe, ela simplesmente o adorava. Era uma enorme gata peluda

cujos nomes eram Sra. Snagglepuss.

Ernie e Wally riram, ambos conhecendo bem a história.

— Um dia, Pa estava no carro. Ele esteve na cidade para conseguir algo. Nan e eu estávamos trabalhando na horta quando ele chegou em casa. Ele veio direto até nós e disse que tinha algo muito ruim para nos dizer, que não queria que ficássemos chateados, mas que ele havia atropelado a sra. Snagglepuss, a achatou completamente na estrada principal, não muito longe de nossa casa.

Luke tomou outro gole de cerveja. — Nan e eu ficamos muito chateados e fomos até o carro dele. Ele disse que ela tinha saído direto do canavial e veio diretamente sob os pneus dele. O gato estava verdadeiramente esmagado, morto como uma maçaneta, como diria o Pa. Cavamos um buraco no quintal e nós três tivemos esse tipo de pequena cerimônia. Você sabe, Nan pegou algumas flores e eu fiz uma cruz de madeira. Pa disse algumas palavras e então, enterramos a Sra. Snagglepuss ali.

Lily sorriu quando os dois homens locais se curvaram com suas risadinhas.

— Fique quieto, vocês dois, estou tentando falar sério aqui, Luke disse.

— Que triste — Lily disse. — Você já teve outro gato?

— Bem, nós meio que não precisamos. — Ele se levantou, terminando o último gole de cerveja. — Porque algumas horas depois, estávamos todos sentados para jantar quando quem você acha que chegou na esquina perto do salão antigo?

Os dois homens se inclinaram um contra o outro, com as mãos na barriga.

— Sim, era a senhora Snagglepuss, miando e esfregando contra a perna de Pa, querendo seu jantar.

Lily parecia perplexa.

— Nós enterramos o gato de outra pessoa. Nunca descobrimos quem era o dono do gato, mas acho que não erramos muito. Parecia o mesmo que a senhora Snagglepuss. O mesmo jeito corpulento e velho, as mesmas patas brancas, provavelmente era um pouco difícil de reconhecer quando tudo estava tão achatado. Então, tem um gato estranho enterrado naquele quintal com uma cruz branca acima. Enquanto isso, a senhora Snagglepuss viveu

até os vinte anos.

Ernie e Wally obviamente adoravam as histórias de Luke e o pressionaram a contar um pouco mais.

— Desculpe, pessoal, mas precisamos ir. É bom ver todos vocês, mas é hora de partirmos.

Os homens deram a Lily enormes abraços de urso. Ernie tentando sussurrar baixinho no ouvido de Luke sobre como ela era fofa e como ele deveria cuidar dela.

Wally, que era desalinhado, mas sempre cavalheiro, deu-lhe um beijo carinhoso na bochecha, antes de dizer a Luke, — Essa é para casar.

— Eu sei, eu sei.

Luke conseguiu desembaraçar-se das mãos surpreendentes de Ernie antes de se virar para Lily. Ele passou o braço protetoramente em volta dos ombros dela enquanto sussurrava para ela, — Vamos lá, vamos apostar uma corrida.

Os dois correram de mãos dadas, rindo, até a praia, atravessando a água até o pequeno flutuante.

— Parece um pouco mais leve do que da última vez — Luke disse, ajudando Lily a entrar no barco antes de sair da praia, a água ainda turva pelas chuvas recentes.

Lily não falou muito a caminho de casa; havia tantas perguntas girando em sua cabeça.



— VOCÊ ESTÁ QUIETA esta noite, Lil — Luke disse.

Eles estavam sentados nas velhas cadeiras de vime, assistindo o último raio de sol desaparecer atrás das montanhas azul-escuras, lascas de luz alaranjada lançando padrões através da areia e do mar à sua frente. Eles observaram silenciosamente o círculo fervente de vermelho flamejante mergulhar rapidamente, e as nuvens fofas ainda visíveis ficarem rosadas, o céu atrás deles iluminando-se com os diferentes tons e luzes que anunciavam o fim de outro dia.

— Quem é ela? — Lily finalmente perguntou.

— Quem?

— A senhora atrás do balcão.

— Aquela é a Sylvia.

— Eu sei o nome dela, eu só queria saber o que ela significava para você.

— Ela não significa nada para mim, eu lhe disse que da última vez que você perguntou.

— Ela era sua namorada? — Ela parece muito mais velha que você.

— Não, ela não era minha namorada.

Luke não foi muito sincero em suas respostas, mas desta vez Lily insistiu em questionar.

— Ernie disse que eu não precisava me preocupar com ela, que era coisa do passado.

— Ernie fala muita besteira e deveria cuidar da sua própria vida.

— Por que você não me conta sobre ela? — Lily olhou diretamente nos olhos de Luke. — Você conhece toda a minha bagagem. Conversei com você sobre Tyrone e, bem, muitas coisas sobre o nosso relacionamento.

— É diferente, Lily. Sou mais velho que você e, por isso, já vi várias mulheres. Não quero entrar em detalhes. Eu já disse antes, nenhuma delas significou nada para mim. Eu nunca senti o que sinto por você com mais ninguém. — A mão dele tocou seu joelho, acariciando sua perna.

— Não tente me desviar. Eu vi o olhar que ela te deu, e o olhar que ela me deu. Ela praticamente zombou de mim.

— Você está imaginando coisas.

Lily olhou obstinadamente para ele, com o rosto imóvel. — Vi algumas mensagens dela no seu telefone um dia quando você me pediu para verificar uma mensagem de trabalho para você. Eu não acho que as fotos estavam na minha imaginação.

Luke sentou-se na cadeira, irritado por não ter excluído imediatamente as fotos que Sylvia havia enviado. — Eu nunca pedi a ela para enviá-las para mim.

— Você poderia ter excluído eles. Por que você ainda as teria no telefone se ela não significa nada para você?

— Você sabe o quê? Eu não tenho que explicar nada disso para você, pois são coisas do passado.

— O que há no passado?

— Ok, tive um caso com ela, não muito antes de vir para Brisbane. Eu a conheço há anos. Foi uma aventura, só isso. Quando eu estava em Brisbane, ela me mandou uma mensagem e queria ficar na casa dos Proserpine. Eu a deixei ficar e eu gostaria de não ter deixado. Isso remonta a um longo caminho, não tente entendê-lo.

— E as fotos do seu telefone?

— Ela as enviou. Apenas não as apaguei e esqueci que elas estavam lá. Você sabe que eu mal uso meu telefone.

— Luke nunca tinha visto Lily assim antes — exigente, persistente e sem medo de continuar fazendo perguntas, mesmo que fosse óbvio o descontentamento de Luke com o tema.

Ela se levantou e saiu dali, mas Luke agarrou a mão dela, puxando-a de volta para onde ele estava sentado.

— Olha, só vou dizer isso uma vez. Ela não significa nada para mim. Eu estava sozinho e as coisas ficaram fora de controle. Eu prometo a você, Lil, você não tem com o que se preocupar. Você é a única pessoa em que estou interessado. — Ele agarrou as duas mãos dela, puxando-a para mais perto, pelas pernas. — Você está chateada.

Lágrimas estavam transbordando em seus olhos. — Eu choro facilmente. Eu apenas você sabe... é difícil. Você já esteve com outras garotas e, bem, ela é uma mulher muito mais velha. E essas fotos, bem, eu não sou ousada assim. Você sabe que eu nem ando nua.

— Não quero que você seja como ninguém, Lily. eu te amo do jeito que você é. — Ele a puxou para mais perto, seus lábios encontrando os dela. — Eu amo você, Lily. Eu amo tudo em você, a maneira louca como seu cabelo brilha todos os dias, seus lindos olhos sonhadores e a maneira como você é tão ingênua com tantas coisas. Você é natural. Você ama música, livros, a terra, o mar, as mesmas coisas que eu. Quero cuidar de você, protegê-la, rir com você, conversar com você, caminhar pela praia, carregar suas conchas. Eu quero fazer amor com você todas as noites.

Lágrimas escorreram por seu rosto, um sorriso nascendo por entre as

lágrimas, suas covinhas recuaram profundamente enquanto ela se virava para ele, devolvendo o calor e a paixão de seus beijos.



—**NÃO ACREDITO QUE** é a nossa última noite — Lily disse.

Eles estavam sentados juntos na praia, as chamas da fogueira lambendo o céu como línguas de lagarto perseguindo moscas.

— Sempre tínhamos uma fogueira nas noites passadas. Pa e a Nan me mandavam pegar lenha de manhã. Eu arrastava galhos e folhas de palmeira aqui na praia e à tarde nos sentávamos aqui, apenas nós três, assistindo ao pôr do sol. O pai acendia uma folha e me entregava para iniciar o fogo. Costumávamos ficar sentados lá por horas. Nan sempre se rendia primeiro. Eu via a cabeça dela ceder, você sabe, o pescoço tombando, até que o Pa se levantasse e a sacudisse suavemente. “*Vamos, minha noiva*” — ele diria. “*Eu vou levá-la ao nosso castelo.*” — Ele piscava para mim, e eu sabia que ele voltaria assim que a colocasse na cama e se certificasse de que ela estava dormindo.

Lily se esticou para trás e aninhou-se confortavelmente na areia entre as pernas de Luke. — Sobre o que você e seu Pa conversavam?

— Sempre conversávamos sobre peixe primeiro. O que pegamos e para onde deveríamos ir para conseguir os maiores. “*Vamos tentar esse buraco na próxima vez,*” Pa diria. “*Deveríamos ter ido ao encontro da maré que chegava, estávamos duas horas atrasados.*” Fazíamos uma autópsia de todos os peixes, todos os dias, sempre encontrando histórias engraçadas das quais acabávamos rindo juntos. Às vezes, Pa ficava melancólico e conversava sobre minha mãe e meu pai, e sobre os velhos tempos antes de nós, filhos, termos nascido. Sempre terminávamos falando da cabana. Como ele cuidou dela, nunca realmente trazendo alguém para cá, apenas família. Como precisávamos conservar o meio ambiente, pegando apenas o que precisávamos e cuidando da área para que seja a mesma para as próximas gerações. Ele costumava me dizer como a cabana seria minha. Como ele se sentia bem, sabendo que sempre seria mantido e cuidado.

Os olhos de Luke estavam enevoados quando as memórias vieram à tona, e Lily se aconchegou bem perto, seus braços fortes a segurando, o calor do fogo fluindo sobre eles.

Luke sentou-se. — Olhe para cima rapidamente.

Uma enorme estrela caiu do centro do céu acima delas, iluminando o fundo da paisagem, enegrecida, despencando graciosamente, ainda brilhante, desaparecendo logo acima do oceano. A boca de Luke encontrou a de Lily, a cintilação do fogo e o estalo dos cocos queimando proporcionavam um plano de fundo dos sonhos, enquanto seus corpos se pressionavam calorosamente juntos. Ela sentiu a mão dele, um toque suave, alcançando-a debaixo do vestido.

— Devemos ir até a cabana? — ela perguntou.

— Não. A resposta de Luke foi firme. — Eu quero fazer amor com você sob as estrelas. Não há ninguém aqui, exceto nós.

— Eu sei, mas é... você sabe, um pouco ao ar livre. — Ela olhou para a escuridão.

Luke a virou de costas para que ela se deitasse debaixo dele. — Agora, tudo que você pode ver sou eu. Seu corpo muito maior cobriu o dela, sua mão mais uma vez deslizando sob o vestido dela. — Uau, adoro quando você está usando vestido. Sem pequenos botões ou zíperes.

— Suas mãos são grandes. E eu noto como você nunca tem nenhum problema em desatar meu sutiã.

A mão de Luke estava se movendo sobre seu corpo, o vestido frágil logo foi removido e jogado na areia ao lado deles. — Olhe para você à luz do fogo. Meu Deus, você já viu algo tão bonito?

Lily estava deitada no cobertor, a luz do fogo piscando sobre ela; minúsculas calças rendadas eram a única coisa nela.

— Não sei por onde começar. — Luke se inclinou sobre ela, beijando seu pescoço, de volta aos lábios... era como se seus lábios estivessem sobre em cada ponto do corpo dela. — Ele podia detectar um rubor em suas bochechas e sabia que ela estava lutando com sua nudez, tão exposta pela luz do fogo na vasta extensão de praia isolada. — Eu quero beijar você em todos os lugares — ele disse.

Seus olhos fixos quase a deixaram louca quando ele olhou para ela daquela maneira que ela conhecia tão bem.

— Não me olhe assim, você faz meu estômago revirar. — Ela passou as mãos pelos cabelos dele enquanto os seus lábios se moviam sobre ela.

Seu corpo inteiro parecia um fogo de artifício sensível e trêmulo, prestes a explodir com cada carícia que enviava sensações de desejo por todo o corpo. Estavam esticadas no cobertor em frente ao fogo, e as mãos de Luke pareciam encontrar todas as áreas sensíveis do corpo dela.

— Deixe-me vê-la — ele disse — quando ela rolou lentamente, inteiramente ciente de que ele se inclinava sobre ela, seus olhos escuros e esfumaçados brilhavam de desejo enquanto seu pequeno corpo se movia à luz do fogo. — Fique quieta para que eu possa olhar para você.

O teto da escuridão acima parecia se aproximar e ela pensou que todas as estrelas estavam caindo, explodindo para fora, explodindo em sopros de luz brilhantes até que o céu inteiro estivesse brilhando e cintilando. Ela podia sentir as mãos dele em seus seios, os lábios dele beijando seus quadris enquanto ele a puxava em sua direção, guiando suas pernas em torno dele, lado a lado.

Lily não conseguia parar de se mexer, a sensação de suas mãos e boca ainda caindo em sua mente. — Não está parando, Luke, eu sinto que vou explodir novamente.

— Venha aqui. Meu deus, você é incrível. — Ele a puxou com força, entrando nela, deliciando-se com o primeiro momento e com o fato de que ela estava agarrada a ele, implorando por seus beijos com os olhos. — Respire fundo, se acalme. Ele a acariciou, movendo-se lentamente para frente e para trás, amando a sensação de ser capaz de tocá-la em todos os lugares enquanto eles estavam conectados, lado a lado.

— Eu não posso, quero você. Eu sinto que vou gritar.

Ele riu dela, beijando seu rosto, tentando desacelerar antes que ele próprio explodisse. — Não me implore, Lil, você me deixará louco. Seu corpo ficou ainda mais tenso, as emoções avassaladoras quando ele a tocou suavemente outra vez, observando seu rosto com atenção.

As mãos de Lily estavam sobre ele, emanando fogo através de seu próprio corpo até que ele soube que não podia esperar mais. Segurando-a com força, eles se moveram juntos como uma onda tempestuosa, ambos desfrutando do sentimento intenso e da emoção crua quando chegaram ao mesmo lugar juntos.

Luke fechou os olhos, o fogo no fundo crepitando, as estrelas bruxuleantes e o som das ondas na costa, tudo além da sensação de ter as

mãos dela sobre seu corpo.

Agarrando-se a ele, seus lábios encontraram os dele, fazendo-o perder todo o controle quando seu corpo respondeu ao fogo que estava se acumulando dentro dele. Músculos cerrados, seu corpo poderoso movia-se loucamente sobre ela, toda a restrição anterior desapareceu.

Ela amava fazer amor de modo gentil, mas isso era selvagem, apaixonado e fora de controle. Ela estremeceu. “*Meu Deus*” ela pensou “*as mãos dele são mágicas*”. Qualquer restrição que ela sentira desapareceu e ela observou o corpo dele, os músculos acentuados e inchados, o suor brilhando nele quando ele chamou seu nome e gritou na escuridão.



LUKE A SUFOCOU com seus beijos. — Meu Deus, Lily, o que você está fazendo comigo?

Ela o beijou de volta, com os braços em volta do pescoço dele. — O que é que foi isso? ela disse, sorrindo. — O que aconteceu com o gentil Luke?

— Você me deixou louco, foi o que aconteceu. Observando você, observando seu corpo à luz do fogo, a maneira como seus olhos olhavam para mim. Suas mãos estavam acariciando-a, alisando sua pele formigando. — Eu queria ir devagar e com calma, mas não aguentava mais controlar.

.É como se eu ainda pudesse sentir, ela disse suavemente —

— Eu também posso sentir isso. Isso foi muito intenso. Parece que tudo é uma nova experiência para você, Lil. Eu posso ver nos seus olhos quando eu te toco ou faço certas coisas no seu corpo.

— Eu me sinto como uma novata. Isso me faz pensar no que mais eu não sei.

— O que, na vida? — ele brincou com ela. — Ou apenas no sexo? Você está corando. Eu posso ver mesmo que esteja escuro. Nós apenas começamos, Lily.

Ela queria dizer muito, mas descobriu que as palavras não saíam. As brasas do fogo tremeluziram, e eles puderam sentir a frescura do ar noturno descendo sobre eles onde estavam, pernas e braços abraçados um ao outro.

— Eu preciso saber... — ela disse bem baixinho.

— Vá em frente, não seja tímida, você acabou de fazer amor selvagem comigo em uma praia aberta.

— Bem, você poderia me mostrar algumas coisas? — Sua voz diminuiu.

— Do que você está falando??

— Eu gostaria de saber o que você gosta.

Os olhos dele se abriram loucamente, brilhando de alegria pelo óbvio desconforto dela, mas por uma curiosidade aguda. — Eu não entendo o que você quer dizer.

— Sim, você está apenas tentando me envergonhar.

— Bem, me diga o que você está pensando. Diga, minha pequena sereia nua e gostosa. Ele apertou seu traseiro bruscamente, fazendo cócegas, fazendo-a relaxar e rir.

— Eu gostaria de saber do que você gosta. — Ela finalmente disse isso. Ela podia sentir a vermelhidão em suas bochechas enquanto se contorcia sob suas mãos errantes.

— Bem, a gente pode cuidar disso na próxima vez. — Ele sorriu largamente para ela. — Nós apenas começamos. Neste momento, vou envolvê-la naquele cobertor e levá-la à parte de trás na praia. Boa garota, pegue suas roupas, você as jogou por toda a praia.

Eles vasculharam, finalmente encontrando suas roupas de baixo rendadas e seu vestido de algodão, quase enterrado na areia fresca.

— Vamos, garota, banho quente para nós dois e depois para a cama.

Lily riu com ele, segurando suas roupas, pendurada em seu pescoço enquanto ele tropeçava na praia escura em direção à cabana. Ela sabia pelo olhar dele, quando ele a colocou no chão, e por suas mãos e beijos quentes... que a noite estava longe de terminar.



A LUZ MANCHADA espreitava preguiçosamente através do dossel do imenso figo, raios de sol do começo da manhã se contorcendo, encontrando uma brecha no *bougainville* de flor roxa que estava entrelaçado nos enormes galhos horizontais como uma antiga teia emaranhada. As raízes da árvore ondulavam na terra arenosa abaixo, saltando para cima e alcançando como gavinhas até a sombra dos galhos. A mesa de limpeza estava ociosa e limpa, a madeira empilhada ordenadamente, a varanda de concreto mostra os sinais de uma faxina matinal.

Uma cadeira de cana bem gasta parecia envolver-se em torno de Lily enquanto ela se enrolava, fechando os olhos, deixando o cheiro do ar fresco e salgado e o som dos pássaros e do oceano pairando sobre ela. O fechamento da porta da cabana de madeira anunciava o fim das férias.

— Vamos, garota. Luke agarrou sua mão, arrastando-a para o caminho.
— Uma última caminhada pela praia.

O braço dele subiu ao redor dos ombros dela, enquanto eles observavam silenciosamente a água, calma como um milharal, um brilho cintilante através da superfície inquebrável.

Ao Sul, Ben Lomond espiava majestosamente a água, grande e dominante, o guardião da baía. A cordilheira a oeste, que muitas vezes estivera coberta de nuvens escuras nas últimas semanas, estava agora tão clara que os vales e fendas eram visíveis mesmo a essa distância. Ao Norte, os picos escarpados no topo da ilha de Gloucester brilhavam quando o sol da manhã ricocheteou na face rochosa que se projetava bruscamente até o oceano.

— Deveríamos estar pescando — Luke disse finalmente.

— Não sei como você sai deste lugar. É tão bonito, intocado.

— Você realmente não viu muito. Eu adoraria levá-la para as ilhas. Ele olhou para o norte. — Na primavera, as baleias trazem seus filhotes para as águas mais quentes perto da ilha. Eu estive lá, pescando no pôr-do-sol e eles estiveram em volta do barco, por todos os lados. É uma experiência surreal ver seus corpos enormes apontarem para o céu e se lançarem para fora da

água, e, em seguida, mergulhando outra vez. É como se eles fizessem um show para você.

Lily olhou para o mar, imaginando a visão de mamíferos tão grandes empurrando seus corpos para fora da água.

Luke apontou para o mar. — Uma tarde, eu estava à deriva silenciosamente e um grupo de cerca de dez baleias *minke* nadou por todo o meu barco, entrando e saindo da água, sem som, a água escorrendo de suas costas como óleo enquanto elas nadavam e depois seguiam para onde o sol se põe, até a beira da baía.

— É difícil sair daqui, e não estou ansiosa para voltar à realidade.

Luke estava atrás dela, os braços em volta da cintura dela, os cachos elásticos e despenteados sob o queixo repousante enquanto os dois olhavam para a baía.

— Você não pode fugir disso. É realidade, trabalho, dinheiro, estudo e — ele disse, fazendo careta, — a vida urbana em Brisbane.

Lily parecia pensativa enquanto contemplava seu retorno à grande cidade. — O que faremos? Você sabe, quando vamos nos ver?

— Nós vamos resolver isso, vamos aceitar como está, tudo ficará bem.

Os braços dele a apertaram com mais força, nenhum dos dois querendo se mover e interromper a calma e a serenidade que se elevavam da água na frente deles. Pequenos peixes-isca sacudiram no raso, e uma tartaruga verde quebrou a superfície, as ondulações de seu corpo enquanto ela respirava eram como ondas sonoras, enquanto seguia o caminho de pequenos peixes. Mais adiante na praia, uma fila de patos *Burdekin* marchava como soldados de chumbo, caminhando para a sombra sob os salgueiros que ofereciam um local de descanso fresco.

Os olhos de Luke captaram um movimento branco na árvore próxima, quando um pássaro branco parecido com um guindaste abriu suas asas, esticando seu corpo antes de voar graciosamente em frente a eles. Deslizou sem esforço, lento e elegante, girando em torno deles, ganhando velocidade antes de desaparecer por trás da cabana.

— Que tipo de pássaro era esse? Parecia olhar diretamente para nós. Lily protegeu os olhos com a mão enquanto olhava para onde o pássaro havia desaparecido.

— Uma garça do norte de Queensland, provavelmente aproveitando a quietude e o clima perfeito de hoje.

Luke já estava subindo os degraus rochosos em direção à cabana, e olhou para trás algumas vezes apenas para dar uma última olhada na praia e na água.

— Eu sinto vontade de fazer uma birra como uma criança faria. Eu não quero ir. — Lily ficou teimosa, recusando-se a desistir de seu último olhar para a água.

— Eu vou te trazer de volta, Lil, eu prometo. Assim que pudermos fugir novamente, voltaremos. Isso nunca muda. — Ele se voltou para ela e ria do seu rosto zangado.

— Foi simplesmente perfeito, tudo.

— É como viver em uma bolha — mais cedo ou mais tarde você precisa de dinheiro, você tem que comer.

— Nós poderíamos comer peixe, ostras, caranguejo.

Luke a arrastou pela mão, abrindo a porta da van. Ela olhou e subiu, as pernas bronzeadas encaixando-se entre as bolsas e o equipamento aos pés.

— Agora, não há mais mau humor. Os lábios dele pressionaram com força os dela, beijando-a apaixonadamente, segurando seu rosto na mão dele, quando ele sentiu os braços dela em volta dele. — Sente-se melhor? — Ele olhou nos olhos dela.

— Obrigada. Ela se contorceu, finalmente sorrindo, os lábios inchados e formigando pela aspereza do beijo dele.

— Agora vamos em frente, é uma longa viagem de volta a Brisbane.



A VIDA COTIDIANA começou para os dois quando retornaram a Brisbane. Enquanto Luke se dedicava a seus assuntos finais na universidade, Lily voltava rotineiramente aos velhos tempos, espanando as estantes de livros e servindo cordialmente os clientes que procuravam uma das últimas livrarias restantes na área.

Os colegas de apartamento de Luke estavam no exterior em férias prolongadas, então ele sentiu como se tivesse todo o lugar para si por um tempo. Após a quietude da cabana, foi uma extensão bem-vinda de reclusão, e ele dividiu seu tempo entre o lugar de Lily e o dele. Ele havia se entusiasmado com o estudo, sabendo que essas quatro últimas disciplinas o fariam concluir essa etapa e o colocariam bem em sua carreira. Ele também percebeu que o fim dos estudos também marcaria o fim do seu tempo em Brisbane e permitiria que ele voltasse à vida mais lenta e casual que ele pretendia levar em North Queensland.

Eles realmente não conversaram sobre o que fariam quando os estudos terminassem, mas ele notava a quietude de Lily sempre que a conversa voltava à vida depois da universidade. Agora que ele estava de volta e a vida voltara à rotina, o pensamento do pacote secreto escondido na parede do quarto começou a incomodá-lo.

Propositadamente empurrando-o para o fundo de sua mente, ele tentou se convencer de que não deveria depender dele. A empolgação de encontrar o amor junto a Lily o consumiu, e ele não havia pensado nos itens até seu retorno a Brisbane. Agora, a responsabilidade do que fazer o incomodava, e seus pensamentos voavam para frente e para trás, saltando ao redor, mudando de lado e de ideias de um minuto para o outro.

Ele poderia simplesmente se livrar disso. Ninguém mais sabia disso, então quem saberia? Mas havia a obrigação moral. Não para um avô que ele nunca conhecera, mas principalmente por uma responsabilidade para uma senhora idosa que havia perdido alguém há tanto tempo. Seria demais para ela? Afinal, ela tinha oitenta anos. E como Lily aceitaria? Ela entenderia por que ele não tinha dito a ela antes? Ela ficaria irritada com ele por não

compartilhar isso com ela?

Lily não parecia muito propensa a se preocupar; ela estava bem tranquila. A verdadeira preocupação era a avó, agora tão velha. O que ela pensaria disso tudo?

As perguntas pareciam passar de um lado da cabeça para o outro, as ideias, que nunca davam respostas, desaparecendo, flutuando, espalhando pistas como dentes de leão soprando em todos os sentidos diante do vento.

O pedido de Lily no dia seguinte resolveu seu dilema, reunindo seus pensamentos confusos. Ele tomou uma decisão, e o peso que estava em sua mente aumentou.

— Eu realmente gostaria que você conhecesse minha avó — Lily disse entre goles barulhentos da sopa de abóbora que obviamente estava gostando.

— Então você está gostando da sopa?

— É a melhor que eu já provei. Quem pensaria em colocar camarão com abóbora? — Ela partiu um pedaço enorme do pão duro, mergulhando-o profundamente no caldo fumegante.

— Maria ficaria tão feliz que você está devorando toda essa comida e recebendo nutrição para seus ossos magros, *bella*. — Luke disse, com seu melhor sotaque italiano.

— Você viria comigo para uma visita? Eu acho que vovó gostaria de conhecê-lo. Ela é curiosa.

— Por que, o que você tem dito a ela sobre mim? A mão dele esticou o braço dela.

— Todas as coisas boas. — Seu toque nunca deixou de fazer seu coração disparar, e seu estômago sentiu um nó familiar quando ele olhou diretamente para ela.

— Não me olhe assim. — Ela riu. — Estamos jantando, além de estarmos em público.

— Ninguém mais sabe o que estou pensando. — Ele ergueu as sobrancelhas para ela.

— Bem, eu sei.

— Eu posso ver isso, você está corando. Você não deve pensar nesse tipo de coisa quando estivermos em público. Eu te disse como você está

linda hoje à noite? — Ele não conseguia tirar os olhos dela enquanto ela continuava com a colher de sopa entre os lábios que ele adorava beijar. — Deve estar chovendo, ele disse, enrolando um cacho solto do cabelo antes de tentar empurrá-lo de volta ao alinhamento com o resto da massa encaracolada que caía sobre os ombros.

A lâmpada próxima no pequeno café emitia uma tonalidade dourada, e a pele de Lily brilhava no calor do salão, a proximidade de Luke aumentando a sensação de calor que ela sentia quando estavam juntos...

— Vou pra casa dela no fim de semana, ela disse. — Eu realmente gostaria que você viesse.



MARIA OUVIU A van de Luke muito antes de ele parar o Volkswagen atrapalhado a rua estreita. Ela veio mancando pelo caminho até o portão, acenando alegremente, tão ansiosa para abordá-lo antes que ele atravessasse a rua.

— Luka, Luka ela acenou animadamente. — Eu tenho berinjela para você esta manhã e olhe para esses lindos tomates *grandi pomodori*.

O sol quente de Brisbane brilhava na horta de Maria, brilhante e cintilante sob a imersão anterior de seu ritual diário de rega.

— Aahh, Maria, eu nunca vi tomates como estes. Nós não conseguimos cultivá-los tão grandes no Norte. Você deve ser a melhor produtora de tomates em Queensland.

— Aqui, aqui, manjerição, um monte deles, pegue, faça macarrão. Faça daquela garota uma versão mais gorda da Lily. Entende? — Ela levantou o manjerição verde brilhante para sua aprovação.

Luke se inclinou sobre o portão, dando a Maria o habitual beijo de saudação em cada bochecha enrugada e macia.

— Maria, você parece uma jovem florentina esta manhã, nesse lindo vestido floral.

Maria se endireitou e pareceu ficar mais alta quando os olhos cintilantes e o sorriso amigável de Luke brilharam sobre ela.

— Agggh, meu garoto, você faz piada e essa velhinha fica muito feliz,

muito.

Luke amava Maria. Nascera na mesma época que o pai e, embora fossem de diferentes partes do mundo, as crenças, a ética, as ideias comuns de usar o solo e a água, e trabalhar arduamente, uniam todos eles como um fio invisível; uma geração de anciões enrugados e cheios de sabedoria que, surpreendentemente, se deleitavam com a companhia dos jovens.

Maria gostava de conversar, e Luke muitas vezes encontrava tempo para se sentar com ela, ouvindo atentamente, deixando o inglês quebrado cheio de expressões italianas tomar conta dele enquanto ele bebia o pequeno café que ela insistia em fazer para ele. O rugido do tráfego da rodovia a alguns quarteirões de distância, reforçado pelos ruídos de carros ônibus das ruas próximas da cidade, ficava em segundo plano quando os dois se sentavam e conversavam.

— Quem veio ver? — Lily perguntou. — Eu ou Maria?

— Bem, ela é uma ótima cozinheira e eu gostaria de ver você plantar enormes tomates vermelhos assim. Além disso, ela é uma companhia adorável. Ela tem muitas histórias interessantes sobre sagas familiares, histórias de viagens, amores perdidos. Além disso, você percebe que ela nunca reclama? Pode-se ver, às vezes, que suas articulações estão doloridas, a instabilidade, o esforço para se abaixar ou subir as escadas. No entanto, ela nunca reclama.

— Ela simplesmente te ama, Luke. As pessoas são atraídas por você em todos os lugares que vamos. Você sempre acaba fazendo amigos, se envolvendo na história de vida de alguém.

— É apenas porque eu me interesso pelas pessoas, e é porque eu estou realmente interessado nas histórias delas, principalmente pelos mais velhos.

— Eu só entendo as pessoas quando as conheço há bastante tempo.

— Isso porque você não faz perguntas — ele disse. — Eles dizem que a maioria das pessoas mais jovens hoje em dia só está interessada em falar de si. Eu não estou dizendo que você é assim — ele assegurou enquanto ela franziu o cenho para ele. — Seu problema é que você fica quieta e tímida até conhecer alguém. Fique atenta e ouça da próxima vez, Lil. Veja quem está realmente interessado no que você está fazendo. E então, você poderá começar a dizer alguma coisa, mas muitas pessoas mudam rapidamente de assunto, de modo que tudo se resume a elas. Eles realmente não estão

interessadas no que você fez e realmente não te ouvem.

— Espero não ser assim.

— Você definitivamente não é, caso contrário eu não estaria há um tempo com você. As pessoas mais velhas querem saber tudo sobre você e, quando elas estiverem satisfeitas, basta fazer algumas perguntas. Eles têm uma vida inteira de histórias para contar que geralmente são muito interessantes, sobre um tempo diferente, um lugar diferente. Na próxima vez, perceba que Maria sempre pergunta sobre mim primeiro e depois ouve. Essa é a chave — a maioria das pessoas não escuta. De qualquer forma, Lil, você terá que escutar em um minuto, porque eu tenho algo que realmente preciso falar com você.

— Outras férias?

— Não exatamente. O rosto dele parecia sério. — Algo que provavelmente ele deveria ter contado há um tempo.

Lily não tinha ideia do que ele estava falando, mas o olhar em seu rosto e a maneira como ele estava segurando o que quer que tivesse na sacola de papel marrom disse a ela que era algo de importância.

— Venha e sente-se à mesa — ele disse — Eu tenho uma história longa e complicada para contar.

Pela primeira vez, Luke ficou sem palavras quando se sentaram à pequena mesa deteriorada na cozinha do apartamento de Lily. Ele olhou para todos os lugares, exceto para ela, olhando nervosamente pelas janelas da caçamba de madeira, por cima dos telhados enferrujados e vermelhos de zinco, para o horizonte irregular de Brisbane, composto por arranha-céus e guindastes, cada um competindo, lutando pelos edifícios adjacentes para obter a vista mais alta e melhor.

Ele finalmente olhou para ela. — Não tenho certeza de como você aceitará o que vou lhe dizer.

— Você está me assustando. Você sabe que nada me preocupa muito.

— Isto é diferente. É algo que eu deveria ter dito quando nos conhecemos.

Os olhos de Lily se arregalaram e ela tentou falar, mas nada saiu.

— O que você acha que é minha herança, Lil? Você já imaginou?

— Você me disse uma vez. Você disse que era da Malásia. Eu pensei

uma vez que talvez você tivesse algum sangue grego ou italiano em você — você sabe, sua pele verde-oliva e olhos escuros. E seu cabelo é escuro e encaracolado. — Ela sorriu. — Eu me lembro daquele dia no pub Quindry, quando Merv o chamou de “garanhão italiano”.

Luke deu um pequeno sorriso. — Eu não sou italiano Eita, eu simplesmente não sei por onde começar. — Ele passou as mãos pelos cabelos.

— Apenas me diga. O que é isso?

— No ano passado, comecei a limpar o galpão dos fundos na cabana. Bem, me deparei com algumas caixas, coisas velhas, coisas que me pertenciam quando eu era criança, algumas fotos, você sabe, as bugigangas antigas da família de sempre. Entre tudo isso, porém, encontrei essa lata. Ele tirou a lata velha do saco de papel marrom.

Lily passou a mão pela tampa, atraída pela cena da jovem garota de cabelos compridos, o cavalo forte e robusto e o cenário de pitorescos campos e colinas. — Parece velho, talvez inglês?

— Possivelmente — Luke disse nervosamente — não muito interessado na lata, mas se perguntando por onde começar a explicar o que estava escondido lá dentro.

Soltando o pequeno fecho na frente, ele prendeu a respiração enquanto Lily se inclinava para frente para ver o que havia dentro. Ele cuidadosamente alcançou, puxando a bolsa de couro antes de esvaziar o conteúdo cuidadosamente na frente dela. Um pequeno diário esfarrapado, esboços, fotos, outra pequena lata que ele prontamente abriu para revelar dois broches de aparência incomum, e um maço de pedaços de papel amarelado dobrados estavam agora em cima da mesa.

A última peça que ele manuseava delicadamente, abrindo cuidadosamente a lata do Boomerang para revelar a antiga gaita.

— O que eles são? A quem eles pertencem?

Luke respirou fundo. — Eles foram deixados para mim pelo meu avô, não pelo Pa. — Lily olhou para ele interrogativamente. — Foi o pai do meu pai.

— Uau, eu pensei que você não sabia muito sobre esse lado da sua família.

— Eu não sabia até encontrar tudo isso.

— Luke, isso é emocionante, e como é maravilhoso para você, depois de todo esse tempo, ter algo que pertencia ao pai de seu pai.

Luke teve problemas para libertar as palavras. — Na verdade, eles não pertencem todos ao meu avô. Bem, apenas os esboços e algumas das fotos. O diário é dele, e explica... bem, de onde vêm as outras peças.

— Por que você está tão preocupado com tudo isso? — Lily não conseguia entender o tremor em sua voz, o problema que ele enxergava ao contar a história que obviamente acompanhava essas peças. — Posso ler a carta?

— É um poema. — Ele desdobrou cuidadosamente o papel amarelado.

Tomando dele, ela começou a ler as palavras que haviam sido escritas há tanto tempo. — “Volto pra você...” É lindo, é um poema de amor.

Ela olhava para as páginas e de volta para ele, as palavras ecoando enquanto as lia em voz alta, revelando a voz assustadora de um jovem com saudades de casa em uma terra estrangeira distante, ansiando por seus entes queridos, sua esposa e filha.

— É tão triste — Lily disse, enxugando os olhos.

Os olhos de Luke estavam enevoados, e ele se concentrou em dobrar as páginas de volta nos vincos que protegiam e mantinham as palavras por mais de meio século.

Os dois broches chamaram a atenção de Lily e ela pegou o coração verde do amor, a peça pendurada presa ao topo com o nome *Lillian*. Ela virou na mão. — Uau, era para uma pessoa com o mesmo nome que eu, e essa aqui, oh, que triste, ele deve ter sentido tanto a falta de sua casa.

Ela passou os dedos pelas palavras cuidadosamente gravadas *Casa*, *Margaret* e *Lillian* antes de olhar para Luke. — De quem é tudo isso?

Luke virou a lata de fósforo e apontou para as letras e números riscados no fundo da lata.

— Este é o registro do exército do cara. Eu procurei os registros dele. Ele estava no exército australiano.

— Ele era amigo do seu avô?

A mão trêmula de Luke pegou o pequeno diário. Ele entregou hesitantemente a Lily e respirou fundo. — Meu avô era japonês. Ele era um

soldado do Exército Imperial Japonês e lutou por três anos nas selvas da Nova Guiné.

Os olhos de Lily estavam redondos; ela sentou-se ereta, tensa. — Você nunca disse que ele era japonês. Você nunca me disse isso.

— Eu nunca soube até encontrar este diário. Ninguém nunca soube. Tudo isso deveria ser dado ao meu pai, mas meu avô japonês e meu pai morreram no mesmo dia, em diferentes países e sem nunca se conhecerem. Acho que meu pai não sabia sobre sua herança, sua nacionalidade. A história sempre foi contada que Eddie, meu pai, bem, foi dito que seu pai era da Malásia, e que havia sido morto durante a guerra. O diário chegou à Austrália e à casa da família em Proserpine poucos dias depois que meu pai morreu, então ele nunca o leu. Ninguém nunca o leu, até que eu encontrei no ano passado.

— Mas você não parece japonês, e por que eles mentiram e disseram que ele era malaio?

— Acho que pareço mais com o lado da minha mãe. Minha avó, ou seja, a mãe de meu pai, também era australiana, então, suponho que eu me pareça mais com esse lado da família. Eu tenho a pele mais escura, porém.

— Ah, então sua avó não era japonesa?

— Não. Lily, é realmente complicado. Eu quero que você leia este diário, porque ele vai te responder tudo. É muito difícil de explicar. Eu quero que você leia o diário.

Lily ainda parecia confusa e tensa. — Por que você quer me mostrar tudo isso? Percebo que isso é perturbador para você e não entendo por quê.

Segurando o olhar dela, seus olhos escuros e perturbados, Luke olhou para baixo e delicadamente desdobrou as páginas que escondiam as palavras apaixonadas do soldado torturado e com saudades de casa. Colocando os papéis no chão, ele apontou para o nome do poeta que estava tão lindamente rabiscado no final do poema.: *John Bell*.

Lily leu em voz alta. Ela piscou e depois piscou novamente, estudando atentamente a assinatura antes de fechar os olhos, as mãos entrelaçadas com força no colo.

— Esse é o nome do meu bisavô. Por que você pegou o poema dele?

— Este é o seu poema, Lil, e esses broches e a lata de fósforo também

lhe pertenciam. O número de série na parte inferior da lata corresponde ao seu nome, John Bell.

— Os broches... — ele disse com os olhos arregalados — eles são os nomes da minha avó e da bisavó. Ela virou os broches na mão. — Estou tão confusa.

Seus olhos voaram da lata para o poema e depois para Luke. — Ele morreu na Nova Guiné, Luke. Ele nunca voltou. Ele está listado como morto em combate. Vovó disse que sua mãe passou anos tentando descobrir onde seu corpo poderia ter sido enterrado, mas eles só podiam dizer mais ou menos onde ele havia sido morto, e nenhum corpo ou objetos pessoais foram recuperados.

A voz de Lily estava tremendo e alta. — Por que você está com os pertences dele?

— Você precisa ler o diário, Lil.

— Seu avô os encontrou na Nova Guiné? Ele o conhecia? Eles eram companheiros?

— Você não está pensando direito. Pense nisso. Eles estavam em lados diferentes. John Bell estava no exército australiano. Meu avô estava no exército japonês.

A mão de Lily subiu pela boca ao perceber a situação.

— Vou fazer uma xícara de chá, lil. Você quer um?

Balançando a cabeça, inclinou-se sobre o poema, lendo-o silenciosamente, com as mãos segurando os broches, um em cada mão.

Luke tentou manter a mão firme enquanto colocava a xícara quente de chá na frente dela. Eles ficaram em silêncio, Lily apenas ocasionalmente se mexendo para pegar um dos broches, ou virar a lata de fósforo para passar os dedos sobre os números e letras, as pistas arranhadas na lata por um homem que estava desesperado para voltar. Um homem que esculpiu e moldou amorosamente broches ornamentais para a esposa e a filha que nunca mais veria.

A cabeça de Lily estava girando, enquanto ela tentava juntar todas as peças em sua mente, porque parecia haver grandes lacunas, partes que no momento ela simplesmente não conseguia entender. Eventos em que ela nem podia começar a pensar até que ela unisse as peças, fragmento por

fragmento.

Luke guardou a carta, a lata e os broches, colocando-os de volta na lata maior delicadamente antes de fechar a tampa. Ele passou o diário para Lily.

— Você precisa ler isso. Eu vou para casa terminar algumas tarefas. Falo com você mais tarde depois de você ler.

— O que faremos amanhã?

— Vai ficar tudo bem. Vamos manter tudo igual e eu vou buscá-la por volta das oito da manhã. A que horas você disse à sua avó que estaríamos lá?

— Nove horas.

— Falaremos sobre o que é melhor fazer de manhã. Ele a beijou antes de sair pela porta com a lata grande agarrada firmemente nas mãos.

Lily ficou imóvel por um longo tempo, o barulho do velho VW desaparecendo, enquanto ele saía e contornava as ruas estreitas do Gabba. Ela respirou profundamente, terminando a última xícara de chá antes de abrir lentamente o diário, passando as primeiras páginas escritas em caracteres japoneses desbotados antes de alcançar a elegante caligrafia em inglês com que ela esperava desvendar o mistério que Luke havia sido tão hesitante em revelar a ela. As palavras ecoaram pela grande cozinha enquanto Lily lia em voz alta.

Para o meu filho Eddie

Ao ler isso, você saberá que seu pai de sangue, Kaito Ishigaki, que já foi soldado das Forças Imperiais Japonesas, morreu...



O SOL QUENTE de Brisbane brilhava intensamente em Luke enquanto ele estacionava o VW, como de costume, na estrada em frente à casa de Maria. Ele espiou por cima da cerca, perdendo a saudação de sempre, sabendo que no domingo de manhã ela acordaria cedo para regar o jardim antes de ir à missa semanal em sua amada igreja na próxima rua.

As videiras de Maria se estendiam para cima, o crescimento vigoroso, espesso e exuberante, pesado de frutas e folhagens que pesavam no piquete e nas treliças de arame que Luke construía para ela.

Fileiras limpas de arbustos verdes saudáveis, pesados com os longos feijões verdes que Maria gostava de usar em sua cozinha, estendiam-se para fora do solo bem cuidado que era trabalhado com composto caseiro e esterco de galinha. Plantas altas, parecidas com arbustos, inclinadas, carregadas de berinjelas roxas escuras, sustentadas apenas pela corda que as prendia à cerca de estacas.

Cada centímetro extra foi tomado; coentro cobria o chão sob os arbustos de berinjela, enquanto cebolinha, alface e espinafre brigavam por espaço e luz com os pimentões, alecrim e pimenta mais resistentes. Nos pontos úmidos e sombreados, nos cantos e perto da sombra da casa, hortelã, tomilho e cebolinha enchiam todos os cantos, enquanto jardins laterais com arestas de concreto cheias de arbustos de tomate cereja que ameaçavam ultrapassar as cercas e portões laterais da propriedade.

Luke desejou que ele pudesse apenas sentar-se em silêncio entre tudo isso. A mesa e as cadeiras de ferro forjado o chamavam, pacíficas e silenciosas, sem complicações. Ele poderia ser como Alice no País das Maravilhas e simplesmente desaparecer por uma toca de coelho no jardim de Maria, fugir do mundo, do diário, da avó de Lily e, acima de tudo, de Lily.

Ele estava preocupado com a reação dela. Na noite anterior, ela estava muito quieta e ele podia dizer que ela tinha muitas perguntas a fazer. Ele sabia que essas perguntas estavam a caminho. Lily levou um tempo para resolver as coisas e ela não reagiu rapidamente às situações, mas recostou-

se e tentou juntar as peças. Na noite passada, ele pôde ver sua mente trabalhando, lutando para juntar tudo, tentando descobrir onde e como ela se encaixava no quebra-cabeça.

Ela veio em sua direção agora, atravessando a rua, o diário na mão. Brilhos do sol refletiam seus cachos loiros, as pernas empurradas por sapatos baixos que passavam rapidamente pelo betume já aquecido.

— Bom dia, Lil. — Ele saltou da van quando ela veio em sua direção, como de costume, tirando o fôlego.

— Hiya. Ela o abraçou enquanto ele fez o mesmo, beijando-a suavemente.

Luke abriu a porta da van, esperando até que ela subisse e sentasse antes de dar a volta para entrar no lado do motorista. O sol brilhava através do para-brisa da velha van, o pano de fundo do céu de Brisbane era uma sombra brilhante do azul do verão. Eles se viraram um para o outro, sem querer ser o primeiro a falar.

Eventualmente, Luke quebrou o silêncio desconfortável. — O que você acha?

— É uma história incrível. — Ela se agarrou com força ao diário. — Eu li duas vezes. Como você se sente ao descobrir sua verdadeira herança?

Luke virou-se ainda mais para encará-la. — É um pouco surreal ter um bisavô japonês quando eu pensava que era da Malásia.

— Ninguém nunca disse nada para você?

— Eu realmente acho que ninguém realmente sabia disso. Minha avó Kathleen era, suponho, a única pessoa na Austrália que sabia a verdade. Ela obviamente nunca contou a ninguém e levou o segredo para o túmulo com ela.

— Você acha que ela teria dito ao seu pai?

— Eu posso ver que o sigilo, a paternidade escondida — ele disse. — Quero dizer, eu posso entender como tudo aconteceu. Por tanto tempo, as pessoas aqui odiavam os japoneses e não os perdoaram pela guerra. Se ele tivesse uma esposa no Japão, haveria ainda mais motivos para manter seu amor e um filho que nunca tinha visto um segredo.

— Eu nunca soube que os japoneses foram mantidos em campos aqui durante a guerra.

— Com certeza, havia campos montados em toda a Austrália. O maior deles foi em Cowra, em Nova Gales do Sul.

— Eles eram apenas para os japoneses?

— Não, havia também alemães e italianos, grupos familiares inteiros, crianças, idosos que foram internados até depois da guerra. Na verdade, havia um acampamento aqui em Brisbane.

— Onde?

— Eu acho que foi em Enoggera, você sabe, no lado norte, onde a base do exército está hoje.

— Bem, por que seu avô não foi a um dos campos? Ele poderia ter feito a coisa certa e ficado aqui.

— Ele tinha uma esposa no Japão.

— Mas ele deixou Kathleen, sua avó, grávida para cuidar de si mesma. Imagine o que ela passou.

— Foi uma época diferente, Lil. Os japoneses, bem, toda a sua vida foi dedicada ao imperador, deram suas vidas e lutaram até a morte. Eles morreriam em vez de se render, e a honra da família japonesa era sua prioridade, assim como seu papel, que era lutar por seu país.

— Por que eles eram tão agressivos? Por que eles queriam controlar outros países?

— Eles queriam recursos e espaço, para controlar seu próprio destino.

— Então milhares de australianos tiveram que morrer defendendo nossa liberdade, nosso direito de viver como australianos.

— Você não está me dizendo nada que eu já não saiba — ele disse. — Só porque agora tenho um bisavô japonês não muda nada. Conheço minha história, conheço as atrocidades cometidas, a obediência japonesa ao imperador contra a bravura e o espírito de luta dos australianos.

— Por que ele nunca veio para a Austrália depois da guerra?

— Para a maioria, a guerra não terminou o dia da rendição. Os anos seguintes foram horríveis para a maioria das pessoas no Japão. Eles estavam famintos, sem teto, milhares nunca voltaram. Houve provações. Oficiais militares cometeram suicídio enquanto criminosos de guerra foram levados à justiça e sentenciados à morte. A guerra não parou naquele dia para os japoneses.

— Bem, ele simplesmente a abandonou e ao bebê, e se a amava como diz no diário, deveria voltar.

— Lily, não é tão simples assim. Você precisa entender a ideologia japonesa, suas crenças culturais e modo de vida. Seria impossível para ele voltar. Além disso, ele tinha esposa e família no Japão.

Luke girou a chave na ignição, encerrando a conversa quando a van engasgou um pouco antes que o motor esquentasse e emitisse um estrondo constante. Percorrendo o labirinto de ruas, a van atravessou a encruzilhada congestionada, atravessando as passagens superiores da rodovia até subir a rampa de acesso à autoestrada que os levaria para fora do centro da cidade.

Lily olhou pela janela lateral, seu rosto de pedra revelando pouco do que estava sentindo. Luke também parecia perdido por palavras, parecendo se concentrar no tráfego que entupia a rodovia, a van era apenas uma na massa de carros que se moviam como uma linha de lagartas, de ponta a ponta, todos parecendo estar indo para o mesmo destino.

A sequência de carros em movimento começou a diminuir um pouco, a distância entre cada carro se estendendo ainda mais à medida que a visão da van em constante movimento mudava. As casas de Queenslander, no centro da cidade, renovadas e pintadas em cinzas escorregadias e verdes pedregosos, deram lugar às modernas casas baixas de tijolos do pós-guerra que se apoiavam umas nas outras; o padrão de aparência sendo interrompido intermitentemente por uma igreja inclinada ou por uma loja abandonada na esquina.

Logo os padrões de casas simétricas e arrumadas mudaram para as mansões maiores em estuque, que se elevavam sobre a rodovia barulhenta, seus minúsculos quintais cheios de piscinas e brilhantes e grandes equipamentos de plástico para crianças invisíveis.

Lily mal respondeu aos comentários de Luke enquanto ele via as casas, questionando o desejo de alguém de morar tão perto e, basicamente, no topo de uma rodovia barulhenta, feia e tóxica, entupida pelo tráfego.

— Eu me pergunto se é por isso que o corpo de John Bell nunca foi identificado — disse ele, olhando pela janela lateral da van, tentando absorver tudo. — Talvez seja por isso que nossa família nunca soube onde ele havia morrido. O atestado de óbito apenas diz que *morreu em combate*. Acho que seus itens pessoais nunca foram encontrados em seu corpo porque

foram tirados dele.

— Muitos deles morreram na selva — Luke disse. — Homens de ambos os lados nunca foram encontrados, nunca identificados. É o mesmo em qualquer guerra. Veja como, cem anos depois, eles ainda identificam restos de soldados australianos na França. Seus corpos sepultados nos campos franceses por cem anos. Isso é guerra, e deve haver milhares, senão milhões, de corpos mentindo assim.

— Esse aqui é o meu bisavô, e talvez se os artigos não tivessem sido roubados, ele poderia ter sido encontrado.

— Ele estava morto, Lil. Tudo isso podia ter trazido alento à família, mas não importa, ele não voltaria, independentemente de os papéis terem sido roubados ou não.

Luke ficou surpreso com o tremor que sentiu em sua voz. Ele percebeu que, por causa de seus estudos, seu entendimento das complexidades da guerra era muito diferente do de Lily. Como alguém poderia entender ou tentar compreender as condições terríveis, o medo, os jogos mentais insanos, o alongamento de nervos e emoções que os soldados australianos e japoneses haviam suportado?

— Você acha que seu avô realmente matou John Bell?

— Eu não sei. Tenho a sensação de que ele não está dizendo tudo naquele diário. Mas você sabe, nós nunca vamos saber. É como muitos outros eventos da guerra, ninguém jamais saberá. Só sabemos isso por causa do que você tem em suas mãos.

— Por que você acha que ele enviou para o seu pai? Você acha que ele se sentiu culpado? Culpado porque ele tirou a vida de alguém quando o fim da guerra estava tão próximo? Culpado porque ele roubou os itens pessoais de John Bell? Culpado porque ele podia ver que em algum lugar na Austrália uma família havia perdido um filho, um marido e um pai?

— Não tenho certeza. Às vezes eu só queria que ele os tivesse jogado no fogo.

— Mesmo? Deseja que essas coisas não sejam devolvidas para onde deveriam ir originalmente? Voltar para minha avó?

— Eu não disse isso. Disse apenas que é muito complicado.

— Complicado por quem? Por vocês? É por isso que demorou tanto

tempo para fazer algo a respeito? Você realmente pensou em jogá-los no fogo, você mesmo, para não precisar lidar com nada disso?

Os olhos de Lily estavam brilhando furiosamente, e Luke podia sentir-se segurando o volante para tentar reprimir suas frustrações com suas perguntas imaturas.

— Complicado? — ele disse — Por quê? Por que você tem que me dizer a verdade sobre alguma coisa, você tem que me contar segredos que você escondeu de mim e foi completamente desonesta? Você basicamente me enganou, me levou adiante e, então, oh Lil, a propósito, há algo que tenho para lhe dizer.

— Pequenos detalhes, Luke, mas você já pensou em ser honesto desde o início? Me avisando sobre o que você realmente era?

— Não foi assim. Olha, eu posso parar e podemos continuar essa discussão, que não estou preparado para ter enquanto estou tentando dirigir, ou podemos continuar até a casa da sua avó e tirar outra parte difícil do caminho. Que tal discutirmos você e eu *depois* de irmos à sua avó?

— Eu realmente não acho que haja algo para discutir.

— Que tal irmos outro dia? — Luke tentou manter a voz calma. — Não parece que você esteja em um bom estado para visitar ou explicar nada.

— Não tente me dizer como estou me sentindo. Eu estou pouco me lixando para o que você está pensando.

“*Putá merda*” ele pensou, ela está irritada. Geralmente ela nunca jura. — Não, está tudo bem, vamos deixar a outra discussão até depois.

Ele se virou rapidamente para olhá-la, mas a cabeça dela estava virada para ele, como se ela estivesse examinando atentamente o cenário. Ele sabia que ela não estava em condições, e tentou pensar racionalmente sobre como garantir que o próximo episódio não fosse tão ruim quanto a última hora.

— Mais uma coisa — ele disse firmemente, — o diário do meu avô, ele fica no carro. Se você pudesse colocá-lo no porta-luvas...

— Desculpa? — ela disse como uma pergunta.

— Você ouviu o que eu disse. Pertence a mim. Eu não quero mais ninguém lendo.

— Eu pensei que você daria à vovó para que ela lesse.

— Não, ninguém mais lerá. — Ele se perguntou se teria sido melhor

guardá-lo completamente para si mesmo, em vez disso, apenas retransmitindo o conteúdo, em vez de permitir que ela sentisse todo o impacto das palavras de seu avô. — Pedi para você colocar no porta-luvas. — Sua voz era firme e alta.

Lily o empurrou para dentro do porta-luvas da van velha e bateu a porta do compartimento com força.

— Obrigado. — Não havia um sorriso de acompanhamento habitual, pois ele parecia se concentrar em localizar a rua correta, a seta barulhenta piscando esporadicamente quando eles entraram na rua da avó de Lily.



A AVÓ DE Lily, Margaret Bell-O'Connor, estava sentada em seu pequeno pátio, entre uma variedade de vasos de plantas e cadeiras pintadas coloridas, desprezadas pelos sinos de vento estridente e lagartos ornamentais de metal colocados estrategicamente nas amplas tábuas de madeira da casa.

Luke virou-se para Lily enquanto dirigia a van velha pelo portão, que era ladeado pela tradicional cerca de madeira branca dos anos 50, segurando firme o fio que continha as crianças quando eram pequenas.

Ótimo para caminhar por cima, pensou Luke, lembrando-se das muitas vezes em que caíra do topo de uma cerca, enrolando-se no corrimão quando .descia, destruindo seus sonhos de ser um trapezista em circo

— Como você está agora? — Ele deixou a van esfriar um pouco antes de desligar a ignição.

— Não seja condescendente comigo, porra. Lily nem sequer olhou para ele quando ela tentou sair da van, puxando com força a maçaneta da porta, que se recusou a obedecer.

“Bem, isso vai ser divertido” Luke pensou enquanto caminhava para abrir a porta para ela. Ele sorriu e disse — Tenho que consertar isso.

Lily olhou para ele antes de pular para os trilhos duplos da entrada de concreto, caminhando para a varanda até o braço livre estendido de sua avó.

A avó de Lily sorriu amplamente enquanto se equilibrava na bengala, os olhos brilhando alegremente ao ser apresentada. Tomando sua mão estendida, Luke sentiu a suave sensação fresca de sua antiga pele de couro, lembrando o de sua própria avó.

— Muito prazer em conhecê-la — ele disse — Eu ouvi muito sobre você, muito bem, é claro. Sua voz estava um pouco trêmula, mas havia uma medida de prazer e alegria que combinava com seus olhos e as linhas que enrugavam acima de suas bochechas.

Luke sorriu de volta calorosamente, seus olhos absorvendo o calor e a bondade que vinham da avó de Lily, a enormidade da situação de repente o

atingindo como uma força batendo em seu peito, enquanto os três faziam o seu caminho para dentro.

Lily fez o chá, levando-o para a mesa já posta, esperando com delicadas xícaras e pires de porcelana, um prato cheio de *VoVo* gelados e *lamingtons*, além de um pequeno jarro contendo uma cobertura de algodão que era pesada com miçangas e rendas, pingando delicadamente de suas bordas.

Luke ouviu educadamente enquanto Lily e sua avó conversavam sobre o que estava acontecendo na família. Uma prima deu à luz um menino na semana passada, tia May estava superando uma pneumonia e Lily sabia que Steven, que sempre vivia na estrada, finalmente admitiu que ele era... — Bem, Lily, ele não gosta de garotas.

— Você quer dizer que ele é gay, vovó.

— Bem, sim. Como estranho depois de todos esses anos. Eu só pensei que ele não pudesse encontrar uma namorada decente.

Luke meio que ouviu, aproveitando as brincadeiras entre as duas. Margaret era como Lily havia dito, tão afiada quanto uma tacha, e ela parecia se lembrar de todos os detalhes dos membros da família e dos acontecimentos na pequena cidade em que sempre morara.

Seus dedos percorreram os delicados padrões florais na xícara em que bebia seu chá. Flores azuis circulavam em torno da base, as hastes girando frouxamente, sonhadoramente pelas curvas da xícara, a alça afinada, usada pelas muitas mãos amigáveis que beberam chá dessa xícara. Ele imaginou as histórias contadas sobre esta mesa, os copos que foram preenchidos e reabastecidos enquanto os vizinhos conversavam, os membros da família riam, conversavam e choravam, ajudando uns aos outros, resolvendo as dificuldades da vida; as mortes, os nascimentos, as tristezas e as risadas.

Uma xícara de chá; seus pensamentos se voltaram para Nan e Pa. Sempre uma xícara de chá, a solução ou um ponto de partida, para muitos dos males da vida.

Seus pensamentos foram arrastados de volta bruscamente de tão longe por Lily, que tossiu alto para chamar sua atenção.

— Meu Deus, jovem, você estava a milhões de quilômetros de distância. Nós começamos a tagarelar sobre uma coisa e outra. — A avó de Lily ofereceu-lhe o prato de biscoitos.

Lily sabia exatamente onde Luke estava. Ela vira xícaras semelhantes na cabana e ouvira muitas histórias sobre os avós de Luke. Sua mente estava distante, em outra época, tristeza e felicidade, todas refletidas na escuridão de seus olhos. Mas ela não queria pensar nisso agora; ela precisava se concentrar na verdadeira razão de trazer Luke aqui.

— Luke tem algo que ele precisa falar com você, vovó. É uma história bem longa.

— Por que vocês parecem tão preocupados, os dois? Há algo errado? O que você precisa me dizer?

Sentado reto na cadeira, Luke enfiou a mão na mochila e tirou a lata gasta, a imagem na frente agora gravada em sua memória. Lily apoiou a mão de sua avó na dela quando Luke abriu a lata, lentamente retirando o conteúdo e começando a história.

Margaret sentava-se cada vez mais ereta com cada detalhe, seus olhos passando dos de Luke para os de Lily enquanto a história se desenrolava, apenas interrompida pela adição de um pequeno detalhe de Lily ou uma pergunta quando Luke começava a ir rápido demais.

— Devagar, jovem, eu preciso entender tudo. Devagar. Lily, vá e coloque água para ferver, todos precisamos de outra xícara de chá.

Sentaram-se silenciosamente bebericando, Luke se sentindo exausto, tentando não deixar de fora detalhes importantes, mas dizendo-lhe o suficiente para que ela não precisasse ler o diário de seu avô.

— É isso que está na lata, o diário? — A velha senhora bebeu seu chá recém-preparado, com a mão firme e forte enquanto levava a xícara com as flores azuis nos lábios.

— Não, eu tenho o diário, Luke disse. — Acho que você não precisa ler. Já contei as partes importantes do que ele escreveu. Existem muitas outras histórias que se relacionam com minha própria família, e as complicações e o sofrimento que surgiram por causa de seu relacionamento com minha avó.

— Que história. — A mente de Margaret estava correndo, e Luke quase podia vê-la pensando em voz alta. — Tanto para assimilar, tantos segredos que ficaram intocados por mais de 60 anos, e seu pai, por que ele nunca fez nada sobre este diário e seu conteúdo?

— Ele morreu em um acidente de carro quando eu tinha quatro anos. O

diário chegou cerca de quatro dias depois que ele morreu. Isso foi porque o meu avô morreu no mesmo dia, no Japão.

A avó de Lily suspirou enquanto os detalhes da vida de Luke se espalhavam, e ele se viu se abrindo enquanto ela o assediava com uma pergunta após a outra.

— Acho que devemos voltar para a lata e o conteúdo — Lily disse, interrompendo com sucesso desta vez.

Ela tentou trazer a história de volta ao curso algumas vezes, mas sua avó a acenou, obviamente um sinal para não interromper, mostrando que ela estava tão interessada na vida de Luke quanto na conexão entre o que estava na lata e o fato de que ela agora tinha confirmado detalhes de onde seu próprio pai tinha morrido.

Abrindo a lata cuidadosamente, Luke tirou o conteúdo que lhe havia sido confiado.

— Meu Deus! — A mão da velha senhora foi até a boca e seus olhos se arregalaram. Ela se inclinou para pegar a lata do Boomerang. Abrindo a tampa enferrujada, as lágrimas começaram a escorrer por seu rosto enquanto ela puxava gentilmente a muito amada gaita de seu lugar de descanso. Ela mal conseguia falar enquanto as suas emoções borbulhavam.

— Está tudo bem, Lily — ela disse tranquilamente, enquanto Lily colocava seu braço em volta dela. — Só não via isto desde que era uma menina. Passando os dedos por cima da palavra *Boomerang*, ela fechou os olhos, permitindo-se ser levada de volta para outra época, outro tempo.

— Meu pai me chamava, é como se eu pudesse ouvir a voz dele quando seguro isso. “Maggie May,” ele me chamava. Esse era o apelido dele para mim. “Maggie, Maggie May, corra e pegue o sanduíche de lata do seu pai.” Era assim que ele costumava chamar isso.

Ela pressionou a gaita perto do coração. — Ele me levantaria em seu colo. Suas mãos me levantariam, é como se eu pudesse senti-las ao meu redor. Esta pequena gaita, era tão preciosa para ele. Ele colocava nos lábios e tocava uma pequena melodia de aquecimento e depois suas músicas favoritas. Ele amava “*Somewhere Over the Rainbow*”.

Ela cantarolou alguns versos com as lágrimas escorrendo livremente pelas bochechas. Virando a gaita, a avó de Lily apontou para o canto da lata

de prata e, em minúsculas letras, estavam as iniciais *MB*. — Eu o vi esculpir isso. Ele disse que me ensinaria a tocar e que um dia a harmônica seria minha. Meu Deus, Lily, talvez um copo de água seria bom. Eu não posso acreditar que eu estou segurando o querido sanduíche de lata do papai depois de todos esses anos.

— Tem mais. Luke passou os dois broches para Margaret, colocando-os nas mãos velhas e gastas.

Ela virou a que estava com o nome dela. — Ele deve ter feito isso para mim, com a intenção de enviá-lo para casa. — Sua voz tremia quando ela se lembrou de como seu pai sempre fazia pequenas bugigangas antes da guerra, animais de madeira pendurados em acácia. — Eu ainda posso vê-lo sentado em um toco de madeira, talhando firmemente, seu velho canivete balançando e cortando, ocasionalmente cortando a si mesmo. — Ela sorriu com carinho. — Isso é especial, obrigado, Luke. Muito obrigado por trazer isso para mim.

— Aparentemente eles fizeram estes broches de *perspex* esculpidos a partir de aeronaves danificadas — ele disse. — Há um poema também, eu acho que você deveria lê-lo em seu próprio tempo. Os olhos de Luke estavam cheios de lágrimas, e ele achava difícil se segurar. Seu peito estava batendo, sentindo como se fosse explodir, um peso enorme pressionando para baixo sobre ele.

— Guerras são coisas tão terríveis. — A avó de Lily tinha lágrimas escorrendo pelo rosto e ela usou as costas da mão velha e enrugada para enxugá-las. — Tantas vidas, jovens como meu pai foram perdidas e tantos outros afetados, famílias separadas, vidas separadas, como seu avô e sua avó.

Luke ficou grato por ela ter ouvido com atenção, só interrompendo ocasionalmente para pedir-lhe que repetisse ou explicasse um ponto. Ela havia absorvido os fatos e repetido seções a ele, pedindo esclarecimentos, assegurando que ela tinha entendido os fatos corretos, em ordem.

— Minha mãe, Lillian, o nome no broche, ela nunca mais foi a mesma depois que papai se foi. Ela esperou e esperou, escutou os nomes dos prisioneiros de guerra lidos no rádio à noite, esperando, ouvir seu nome, até finalmente chegar o temido telegrama. Eu acho que ela sabia antes disso, no entanto. Ela sabia que ele não ia voltar.

Margaret usou o lenço que Lily lhe passou para enxugar as lágrimas, acenando para Lily, que hesitantemente passou um lenço para Luke.

— Isso deve ter sido difícil para você também, Luke — Margaret disse. — Eu quero descobrir depois de todo esse tempo quem era seu avô, onde seu pai se encaixava na história, sem realmente conhecer nenhum deles.

Luke lutou para tentar manter uma voz firme. — É um choque, você sabe. Passei muito tempo entrevistando veteranos, coletando histórias de guerra de nossos escavadores retornados, ouvindo suas histórias de dificuldades e desgosto. Ouvindo muitas vezes também, detesto dizer, seu ódio aos japoneses.

Ele se perguntava se teria a mesma recepção, abertura, compartilhamento de histórias de companheirismo se soubessem que seu avô era soldado do Exército Imperial Japonês.

Colocando a mão no braço de Luke, Margaret falou suavemente. — Eles eram apenas jovens, todos cumprindo seu dever pelos seus próprios países. O ódio a outras nacionalidades e raças não deve perdurar. Ela sentou-se muito ereta. — Essa bobagem sobre odiar os japoneses... a geração de hoje, eles não são responsáveis pelos erros da guerra. Culpar os governos, o imperador, o poder da lealdade e do sacrifício pelo seu país. Havia homens cruéis, que torturaram, estupraram e assassinaram. Mas eles são os que devem lidar com seus crimes, não os que os perseguem ou os jovens demais para entender.

— Espero que isso não tenha incomodado muito você — Luke disse. — A última coisa que quero fazer é causar-lhe algum pesar. — Suas palavras saíram lentamente.

A velha senhora sorriu e o olhou nos olhos. — Jovem, obrigado por me trazer isso depois de todos esses anos. Eu vou guardar estes itens. Pelo menos encontraram-me antes de eu morrer.

Margaret acenou com a mão para Lily, que começou a protestar com o comentário. — Shh, Lily, não podemos viver para sempre, isso é um fato da vida. Além disso, eles estão nos mantendo vivos por muito tempo. Eu quero qualidade, não quantidade. Obrigado, Luke, e tudo bem que você não me mostre o diário. Isso pertence a você, jovem. Há algumas coisas que não devem ser compartilhadas. Não preciso saber todos os detalhes.

Os olhos de Margaret se moveram entre Luke e Lily, e Luke se

perguntou se ela podia sentir a hostilidade entre eles. Lily mal olhou para ele ou falou diretamente com ele desde que chegaram, e a velha senhora ergueu as sobrancelhas para Lily agora, obviamente sentindo a tensão.

— Você parece um pouco chateada com tudo isso, Lily.

— Oh, há apenas algumas coisas que nós dois precisamos esclarecer. Não é grande coisa, vovó.

— Bem, Lily, lembre-se de que a vida é curta, então aproveite ao máximo, não perca um segundo.

Lily se inclina para beijar a velha senhora na bochecha. — Não se preocupe, não vou. Eu gostaria de poder ver você mais, vovó, as semanas parecem voar.

— Você é jovem. Precisa sair para se divertir, dançar e comer fora. Eu lembro-me de como é, não pense que eu também não fui jovem um dia. — Ela se levantou para ver os dois saírem. — Vocês fazem um belo casal.

Lily a beijou suavemente na bochecha. — Adeus, vovó, eu te visitarei novamente em breve. Eu virei e passarei a noite.

Luke também deu um beijo na bochecha dela, as duas mãos segurando as dele, apertando-a gentilmente como se estivesse lhe assegurando que tudo ficaria bem.

— Boa sorte com tudo, jovem Luke. — Seus olhos brilhavam intensamente, o azul combinando com a claridade do céu aberto.

Olhos brilhantes como os da Lily, ele pensou, apenas mais tons de sabedoria e compreensão para eles.

— Eu adoraria ver você novamente — ele disse — muito obrigado por me trazer tudo e por compartilhar a história de seu avô comigo. Muitas partes de nossas vidas estão conectadas com outras. É triste e é trágico, mas é a vida. Nada é tranquilo e a vida é cheia de altos e baixos, nunca sabemos o que está por vir.

Luke podia vê-la ainda de pé na porta, dando adeus quando a van azul saiu da ampla rua dos Beaudesert.



UM SILÊNCIO PEDREGOSO invadiu a Kombi, enquanto voltava pelos piquetes ao redor de Beaudesert, passando pelas colinas verdes salpicadas de cavalos e vacas, engordadas pela grama alta que balançava com a brisa da tarde.

Luke finalmente quebrou o silêncio. — Você quer parar para uma torta na cidade? Poderíamos sentar no parque ao lado da loja.

— Tanto faz.

A resposta foi curta e grossa, e Luke mordeu o lábio para parar de responder, querendo esperar para falar apenas uma vez, quando eles parassem e ele pudesse se concentrar na conversa.

O vale se estendia na frente deles, piquetes verdes pontilhados com os saltos e obstáculos que pertenciam ao clube de pôneis local. As encostas ascendentes da montanha Tamborine elevavam-se sobre o vale, com mechas de fumaça persistindo em uma recente queima.

Luke virou-se para Lily quando eles se sentaram juntos em um banco de madeira.

— O quê?

— Diga logo, Lil, qual é o seu problema?

— Você está falando sério? Qual é o meu problema? Qual é o meu problema?

— Tudo bem, eu deveria ter dito a você para começar, mas simplesmente não me decidi e precisava de tempo para pensar em tudo, e então o tempo passou. Eu propositadamente empurrei para o lado porque eu precisava de tempo para absorver a história, para descobrir os detalhes, você sabe, colocar minha cabeça nisso.

— Você me perseguiu. Você sabia o tempo todo sobre a conexão. Você disse que viu a vovó no jornal local, com meu nome e onde eu trabalhava.

— Eu sei, Lil, eu deveria ter contado desde o início. Por coincidência, entrei na livraria naquele primeiro dia. Tão logo eu estava lá dentro, o nome dela me atingiu: Ávido Leitor. Comecei a pensar nisso e depois vi você.

Ele queria dizer mais. Ele queria dizer a ela que era aquele momento em que se apaixonara por ela, como tudo parecia irrelevante, como ele sentia que sua vida havia chegado a esse momento mágico, com o qual ele sonhou por tanto tempo. Os olhos, os cabelos encaracolados, as covinhas, o momento em que ela falou pela primeira vez, como o coração dele parecia estar perto de sua garganta.

— Bem, como diabos você me encontrou no Blues? — Lily disparou contra ele, irritada com a expressão confusa dele...

— Byron Bay?

— Você é um repórter. Você acessou os dados bancários ou algo assim, talvez tirou uma foto em algum lugar de mim então sabia exatamente quem eu era?

— Droga, Lil, eu não sou tão bom. Foi o destino, na noite em que te carreguei pela lama. Eu não tinha ideia de quem você era. Na verdade, eu tinha esquecido até que comprei na livraria da próxima vez que eu te vi. Mesmo naquele dia na livraria, eu não sabia quem você era no começo. A ficha caiu mais tarde, quando li seu crachá. Eu prometo que eu não te rastreei assim. Não foi assim que aconteceu.

— Então, você está dizendo que o Blues foi apenas uma coincidência — sua voz era sarcástica, seus olhos brilhando.

O rosto de Luke franziu. Ele estava começando a sentir sua frustração se repetindo. — Acabei de lhe dizer que não sabia quem você era.

— Isso é besteira. Eu confiei em você o tempo todo. Pela primeira vez deixei alguém que não conhecia entrar na minha vida. Eu me deixei levar, confiei em você, e durante todo o tempo você esteve me perseguindo, lendo sobre minha família, esperando o momento oportuno para divulgar seus segredos familiares.

— Lily, você acha mesmo isso? Por que eu me daria esse trabalho? Eu poderia rastrear sua avó e não chegar perto de você. Essa foi apenas a forma como tudo ocorreu.

— Não posso confiar em você. Você me enganou e eu não sinto mais que te conheço. Que outros segredos você tem que deveria me contar?

— Cristo, você parece uma criança de dez anos. Quando você vai crescer e perceber que a vida nem sempre é simples? Não é um conto de

fadas, merdas acontecem, e às vezes fica complicado. Sim, eu deveria ter lhe dito antes, mas além disso, sei que não fiz nada errado. Eu não menti para você sobre nada e definitivamente não te persegui.

— Você me trata como uma criança, como se eu fosse estúpida — ela disse. — Você acha que eu sou crédula, ingênua e que acredito em tudo que você diz?

A essa altura, os dois estavam de pé, Lily com lágrimas escorrendo pelo rosto avermelhado. Luke nunca a vira tão zangada, as palavras derramando entre soluços enquanto ela tentava controlar as lágrimas para dizer o que pretendia. — Ele tentou segurá-la pelo braço, mas ela se afastou dele, virando as costas enquanto limpava as lágrimas apressadamente do rosto.

— Não quero te ver de novo. — Ela falou firmemente, agora enquanto se voltava para ele.

— Você vai deixar isso arruinar tudo o que temos?

— Não temos nada porque você é alguém que eu realmente não conheço e você mentiu para mim. Você mentiu para mim sobre seus avós e sua vida com eles? Existem garotas na sua vida? E a mulher no bar em Quindry? Como posso confiar em você?

A paciência de Luke havia chegado ao ponto em que ele podia sentir a raiva aumentando com a menção de sua família. — Acho melhor você parar por aí antes de realmente dizer algo de que vai se arrepender.

— Eu poderia dizer muito mais, mas não poderia me importar menos agora. Apenas me leve para casa.

— Com prazer.

Ele andou a passos largos pelo parque, desejando que eles não estivessem tão longe de casa e que ele pudesse deixá-la lá no parque.



O CAMINHO PARA casa parecia levar uma eternidade, e Luke estava ficando cada vez mais irritado enquanto o silêncio continuava. Ele começou a pensar em todos os aspectos negativos de Lily e sua vida: sua ingenuidade, seu medo de fazer algo diferente, sua incapacidade de se defender. No momento em que ele não suportava olhar para ela, os recentes comentários espinhosos ainda iam e voltavam em sua cabeça.

— Apenas me deixe no primeiro ponto de ônibus que você ver. — A bolsa dela estava pronta na mão.

— Não me diga o que fazer, obrigado, vou deixá-la em sua casa. Eu não quero que você diga a todos que eu te chutei para fora do carro e não te levei para casa.

— Como se eu fizesse isso. Não sou eu quem inventa histórias para se adequar à ocasião.

A voz de Luke estava cheia de raiva. — Que tal você ficar aí sentada e ficar de boca fechada até eu te deixar em casa. — Fervendo, ele cerrou os dentes e tentou evitar enfiar o pé no acelerador, sabendo que não poderia segurar toda a sua raiva até que os dois estivessem fora do carro.

— Lá vai você, sempre me dizendo o que fazer. Quem você pensa que é?

Eles finalmente chegaram ao apartamento de Lily, e o carro não havia parado completamente quando ela abriu a porta, saiu e bateu a velha porta com toda sua força. O som ecoou por toda a van e sacudiu como um efeito da porta batida e como resultado de Luke deixá-la fazendo uma parada invulgarmente abrupta.

Luke não olhou para trás enquanto se afastava da estrada, não vendo uma Lily furiosa já pisando na calçada e se afastando dele.



O VW DE Luke muitas vezes ainda entra na rua onde Lily mora, mas atualmente é sempre para ver Maria e ajudá-la no quintal. Ultimamente, ela havia ficado bastante frágil e estava começando a ter problemas para se movimentar, com a respiração curta e rouca enquanto orientava Luke a encontrar os tomates mais maduros, a visão ainda aguçada o suficiente para apontar as lagartas que passavam por seus repolhos preciosos.

— O que aconteceu entre você e Lily? — Seus olhos curiosos se estreitaram quando ela questionava Luke a cada vez que ele a visitava.

— É melhor deixar isso pra lá, Maria. Tivemos uma briga enorme e Lily não quer me ver de novo. Eu não fui completamente honesto com ela sobre algo e ela não me perdoou.

— Aggh, aquela garota, o que ela sabe sobre a vida... — Ela acenou com as mãos indicando todos. — Você, eu, ela, todos nós, não somos perfeitos.

— Eu sei, Maria, mas é melhor deixá-la em paz.

Houve algumas vezes no último ano em que ele tentou ligar para Lily, mas ele só ficou mais irritado quando ela ignorou as ligações dele. Às vezes, ele esperava vê-la quando estivesse na casa de Maria, mas a casa do lado oposto sempre parecia trancada e ele supunha que ela estava no trabalho ou em algum lugar, provavelmente passeando com seus velhos amigos da escola.

Faltavam apenas mais alguns meses para a universidade terminar, e então ele retornaria a Proserpine e continuaria com seu antigo emprego. Agora, ele tinha algumas ideias novas, pensamentos criativos e inovadores que esperava apresentar ao jornal local. Precisava de um abalo, um pouco de *facelift*, e ele mandou um e-mail para seu antigo chefe, que parecia empolgado com seu retorno iminente e a perspectiva de novas ideias para o jornal local.

Luke precisava sair de Brisbane. As ruas da cidade eram sufocantes, os cafés e restaurantes já não o atraíam, a novidade das bandas ao vivo e os bares barulhentos tinham acabado, e ele ansiava pelo sossego de uma

cidade mais campestre, a simpatia, o ritmo mais lento e a ausência de fumaça ou ruídos do trânsito.



LILY TAMBÉM HAVIA perdido o interesse nos lugares locais onde passara tanto tempo com Luke. Ela não suportava entrar na Gun Shop e evitava qualquer reunião social da qual pudesse escapar. Ela passou pelo apartamento de Luke duas vezes no ano passado, pensando que, se a van dele estivesse lá, ela poderia ligar. Talvez lhe dizendo para onde ela estava indo, o que ela iria fazer.

Em ambas as ocasiões, porém, quando o seu carro abrandou, ela olhou para cima para ver Sylvia, a mulher que conheceu no bar Quindry, apanhando sol numa das cadeiras de convés, as suas longas pernas bronzeadas esticaram-se provocadoramente enquanto ela relaxava na pequena varanda de Luke. A visão de Sylvia em ambas as ocasiões, obviamente instalada, foi suficiente para que ela percebesse que tudo havia acabado.

Lily foi embora, dando um último vislumbre para garantir que não estava imaginando a imagem que agora estava presa em sua cabeça. Ela se perguntou se o relacionamento persistira todo o tempo. Se ela estava apenas preenchendo as ausências de Sylvia?



LUKE CARREGOU AS compras pelas escadas até seu apartamento, colocando-as no banco antes de chamar Sylvia.

— Voltei, Sylv, muitas guloseimas aqui para você. Trouxe seu iogurte favorito — ele disse — eles realmente tinham em estoque pela primeira vez. Também tem morangos e sorvete. Gostaria de comer um pouco agora?

— Espere, Luke, estarei aí em um minuto, apenas me dê tempo para me levantar.

Luke rapidamente puxou uma cadeira para Sylvia quando ela lentamente se arrastou pela porta, ajudando-a a sentar-se confortavelmente, oferecendo-lhe uma tigela pequena cheia do iogurte solicitado.

— Isso cai muito bem na minha garganta — ela disse, tomando pequenas colheradas, apreciando o sabor e a textura enquanto Luke olhava. — Aquele pequeno carro azul passou novamente hoje. Ele diminuiu a velocidade como se fosse parar e depois acelera. Essa é a segunda vez que o vejo desde que estou aqui.

— Provavelmente está vasculhando a casa. Ainda bem que você está aqui para a guardar.

— É a Lily, não é? Por que você simplesmente não admite que está errado e faz as pazes?

— Não, eu já superei, Sylv, e ela é jovem demais para mim de qualquer maneira. Viemos de mundos diferentes – praticamente gerações diferentes.

— Ela não é muito mais nova que você. — A voz de Sylvia estava fraca e trêmula, resultado do tratamento de quimioterapia que ela estava fazendo no hospital próximo.

— Se você a conhecesse bem, não diria isso. Ela tem vinte e dois anos, bem, na verdade, provavelmente, vinte e três agora. — Luke cortou Sylvia quando ela começou de novo, — Desculpe, Sylvia, não está realmente em discussão. Acabou e isso provavelmente é uma coisa boa. Para nós dois.

Sylvia estava cansada demais para discutir, não querendo mais irritar Luke. Ela sabia que, sempre que tocava no assunto, ele ficava bravo, e era apenas porque ela estava tão mal de saúde que ele não tinha acabado de dizer a ela para cuidar da sua própria vida e calar a boca sobre toda a questão.

— Agora, quais os próximos passos pra você?

— Só mais dois tratamentos e depois eu posso voltar para o hospício no Norte. Luke, você sabe que sou muito grata por você me hospedar aqui. Você realmente cuidou de mim e eu não sei o que eu faria sem você.

— Você teria lidado com isso. Apenas se tornou um pouco mais fácil. Sorte que este lugar é tão perto do hospital.

— Você sabe que fez muito por mim — ela disse. — Talvez você devesse ser enfermeiro.

— Eu duvido. Você tem sido uma boa paciente, sem reclamar muito. Eu acho você muito estoica.

— Obrigada, Luke. — Ela pegou a mão dele.

— É para isso que servem os amigos, Sylv.



RECÉM-BARBEADO E arrumado, Wally chegou de Quindry na semana seguinte. Obviamente, fazendo um esforço extremo para se arrumar para a visita à cidade, ele usava botas polidas fechadas, jeans novos bem apertados, encimados por uma camisa xadrez abotoada.

— Cristo, você está muito bem. Luke apertou sua mão com entusiasmo.
— Ela está esperando na sala por você.

Wally deu em Sylvia um beijo afetuoso nos lábios antes de recuar e exclamar, — Deus, você está estonteante Sylvia, eu devo ser o homem mais sortudo do mundo. — Ele a beijou novamente, seu rosto se iluminando com o sincero elogio dele.

— Perdi muito cabelo, Wally, ela disse, enquanto ela reorganizava o lenço que estava elegantemente enrolado em volta de sua cabeça agora quase careca.

— Eu te amo independentemente de qualquer coisa. Você sabe disso. Mal posso esperar para levá-la de volta para casa e deixar você sentar e aproveitar o nosso belo sol do norte de Queensland.

Quem pensaria, Luke lembrou, que o verdadeiro amor por Sylvia havia chegado pouco antes de ser diagnosticada com câncer de mama. Wally esteve lá, debaixo do nariz dela durante anos, admirando-a silenciosamente, apreciando a conversa enquanto ele bebia silenciosamente suas cervejas, desejando um dia que estivesse confiante o suficiente para convidá-la para um encontro.

Quando finalmente chegou a hora, Wally se arrumara, chegara à sua porta com uma dúzia de rosas vermelhas e não apenas a impressionou com a escolha de restaurante que ele havia reservado em um resort próximo, mas também conquistou seu coração com sua gentil gentileza, conversa e bondade. Ele nunca tinha bebido muito e só frequentava o pub por tédio e, ultimamente, na esperança de conversar com Sylvia, recém-chegada das minas. Eles clicaram instantaneamente no primeiro encontro e eram inseparáveis desde então.

Sylvia, devastada inicialmente por seu diagnóstico e intimidada pela

pressão de um novo relacionamento, só encontrou o amor entre ela e Eddie, enquanto ele cuidava dela e, pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se útil e necessária.

Luke tinha sido testemunha deles no cartório e as lágrimas caíam dos três quando o oficial declarou que Eddie e Sylvia eram marido e mulher.

O tratamento da quimioterapia foi bem, e os médicos confirmaram que ela se recuperaria, pois o câncer não era agressivo e havia sido detectado precocemente. Ainda assim, tinha sido um caminho difícil para Sylvia. O fato de a casa de Luke estar tão perto dos hospitais da cidade provou ser uma dádiva de Deus para ela e Wally, não acostumados às complexidades da vida na cidade e à dificuldade de se locomover em uma área tão movimentada e caótica.

Luke acenou para os dois, lutando contra as ondas de solidão que o dominavam quando o táxi amarelo se afastou do meio-fio. Apenas mais algumas semanas e ele também deixaria Brisbane para trás. Ele começou a fazer as malas, tomar um adeus e se despedir dos amigos que havia feito.

Houve alguns encontros com garotas que pareciam boas e desejosas de sair em outro encontro, mas não havia nada, nenhuma faísca. Talvez ele acabasse sendo um daqueles solteiros, morando sozinho em uma mansão enorme, todo o seu dinheiro legado a irmãos porque ele não tinha filhos.

Ele tentou empurrar os pensamentos, o desejo por Lily muito além. Apenas mais um obstáculo doloroso. *O que tiver de ser, será*, ele pensou. *Você não pode mudar o destino.*



EM SEU ÚLTIMO DIA em Brisbane, Luke tomou uma decisão repentina e dirigiu por aí para ver se Lily estava em casa. A tristeza o dominou quando sua van azul parou no estacionamento habitual do lado de fora da casa de Maria. O jardim abandonado, cheio de vegetação, ele espiava através dele. Os arbustos de tomate estavam amarelados e morrendo, enquanto as ervas daninhas saíam de cada centímetro de terra livre, ultrapassando e cobrindo todo o quintal. O portão da frente estava pendurado em uma dobradiça e uma placa imobiliária reluzente estava presa no gramado da frente. Uma garrafa de água plástica estava como um ornamento tóxico entre os arbustos

secos de tomate, e pedaços de embalagens e recipientes do McDonald's estavam entre as berinjelas, que ainda tentavam, ousadamente, manter a cabeça erguida.

Maria havia sofrido um derrame há alguns meses e agora era cuidada em uma casa de repouso nas proximidades. Luke a visitou uma vez, mas ela mal o conhecia e isso tinha sido demais para ele. Ele deixou seu número de telefone com um de seus filhos, que garantiu a Luke que ela era bem cuidada e que alguém da família a visitava diariamente.

Maria sempre foi bem amada, e Luke sabia que sua família sempre garantiria que ela fosse bem cuidada. Ele também sabia que não a visitaria novamente, preferindo se lembrar dela de pé em frente ao seu amado jardim, tentando pronunciar aquelas palavras em inglês.

A casa de Lily também estava vazia, uma placa de aluguel exibida na janela da frente, onde Luke espiava. Sem móveis, nada, estava vazio. Virando a van azul em direção à rua principal de West End, ele convenientemente encontrou um parque perto da Livraria Ávido leitor. Do lado de fora por um longo tempo, lembrou-se daquele dia em que acidentalmente entrou e encontrou Lily. Isso poderia acontecer novamente?

A atmosfera era a mesma. A música clássica deu aquela sensação civilizada e descontraída, enquanto ele passava a mão sobre um livro que gostava muito, o ambiente criado para inspirar os clientes a selecionar um novo trabalho cobiçado, um romance ainda não reconhecido, a imagem na capa que quase não permite que você simplesmente passe por ela.

Hoje, porém, Luke não olhou para os livros. Seus olhos observavam de um lado a outro, enquanto ele se movia lentamente pelas estantes de livros.

— Você precisa de alguma ajuda? — Este era um novo membro da equipe, uma garota muito alta que parecia ter acabado de sair das páginas de uma revista de moda.

— Estou procurando Lily, ela está trabalhando hoje?

— Lily não trabalha mais aqui. Ela saiu e foi assim que consegui o emprego. Você parece um leitor de ficção científica; sempre posso escolher o que os clientes gostariam. Vou mostrar a seção, os livros são muito mais interessantes do que esses. — Ela apontou para a seção favorita de Luke, de autobiografias.

— Não, obrigado — ele disse — Estou bem. Você sabe para onde Lily foi?

— Ah, sim, eu falei com ela quando entrei para treinamento. Hum, Armadillo em Nova Gales do Sul.

— Armadillo?

— Sim, ou algo assim.

— Talvez você queira dizer Armidale?

A menina, flertando, sorriu. Seus olhos rolavam, enquanto ela esteve próxima de Luke. — Oh, que boba, sim, foi isso mesmo, Armidale.

Luke percebeu agora que Lily tinha seguido em frente. Ela se mudara para Armidale? Bem, bom para ela. Esse foi o fim disso, outro capítulo para empurrar para o fundo de sua mente. Fingir que nunca aconteceu realmente.



A VIDA RECOMEÇOU com algum tipo de normalidade para Luke quando ele voltou para Proserpine. Seus amigos ainda estavam lá, a maioria dos caras trabalhando nas minas, enquanto as esposas ou namoradas se mantinham ocupadas tendo bebês ou trabalhando em uma variedade de empregos disponíveis na área. Ocasionalmente, alguém tentava combiná-lo com uma prima ou amiga visitante, mas lentamente eles começaram a desistir dele.

— Eu não preciso de ninguém — ele disse a seus amigos em um churrasco no quintal.

Este era o ponto de encontro hoje em dia, ao invés do pub. Era muito mais fácil porque agora parecia haver centenas de mordedores dando pontapés em bolas de futebol, brincando com bonecas Barbie e tentando fazer com que o tio Luke se juntasse para fazer figuras com Play-Doh.

— O que aconteceu com a Lily? — Cheryl, grávida do número quatro, perguntou um dia, enquanto ele ajudava a ela e seu companheiro, Chris, a fazer as malas depois de uma reunião no quintal.

— Tivemos uma discussão feia, e acho que dissemos coisas ofensivas e, obviamente, para ela, imperdoáveis. Tentei ligar para ela algumas vezes, mas ela não retornou minhas ligações. Eu descobri que ela largou o emprego e se mudou para New South Wales. Eu acho que ela só queria seguir em frente.

— Pareciam tão bons um para o outro. Foi a primeira vez que eu realmente te vi tão interessado e à vontade com uma garota.

— Pensei que estávamos bem. — Luke estava se sentindo muito relaxado e essa foi a primeira vez que ele se abriu com seus amigos sobre Lily desde que ela disse a ele que não queria vê-lo novamente.

— Peggy está interessada em você — Cheryl parou no meio da frase enquanto lia o olhar no rosto de Luke. — Ok, desculpe, mas você não pode ficar solteiro para sempre.

— Eu estraguei tudo. Eu escondi algo de Lily que eu deveria ter contado a ela desde o início.

— E ela não vai te perdoar?

— Não, ela disse que ela não podia mais confiar em mim.

— Cristo, se alguém não pode confiar em você, não pode confiar em ninguém. — Cheryl deu-lhe um abraço amigável, sua enorme barriga sendo empurrada contra ele.

— Não o sufoque. — Chris se juntou a eles, com o bebê mais novo de Sally dormindo pacificamente em seus braços. — Ela entrou em contato com você novamente?

— Eu acho que ela pode ter tentado. Já fazia mais de um ano, mas Sylvia pensou ter visto seu pequeno carro azul desacelerar duas vezes na frente da minha casa. Lily provavelmente viu Sylvia esparramada tomando sol sozinha. Ela sempre suspeitou um pouco da nossa conexão, então pode ter imaginado, incorretamente, que ela estava novamente comigo.

— Bem, ela tinha motivos para suspeitar — Chris disse. — Sylvia sempre estava tentando colocar suas garras em você.

— Isso foi há muito tempo, ambos tínhamos uma vida diferente. Não vou pedir desculpas pelos meus amigos, além de não suportar ciúmes.

— Realmente, é assim? — Cheryl disse. — Que tipo de garota não fica com ciúmes? É um instinto natural. Eu suspeitaria muito de alguém que não fica com ciúmes. Você não precisa ser possessivo demais ou algo assim, mas, sério, Luke, pense nisso. A maioria das mulheres é bastante habilidosa em perceber quando outra mulher está tentando se apoderar do seu homem.

— Você sabe, ela me deixou com tanta raiva no dia em que tivemos a briga. Acho que nunca fiquei tão frustrado ou bravo com alguém, nunca.

— Isso é um sinal. — Cheryl riu junto com o marido, com quem está casada há dez anos, que acabara de passar o bebê adormecido para Luke. — Sempre dizemos, depois de nossas brigas, que não são tão frequentes, como não percebemos que a pessoa que você mais ama também pode ser a pessoa que você mais odeia durante discussões.

— Isso não parece certo.

— É assim que funciona — ele disse — pergunte a qualquer casal feliz. Durante discussões, caramba, eu poderia quase matar Chris.

— Calma — risos — Chris disse que quando Cheryl se inclinou e fez um esforço gigante para pegar um brinquedo, sua enorme barriga só

permitiu que ela se curvasse levemente. Ele e Luke riram. — Essa é a pessoa que você mais ama — disse ele — plantando um grande beijo desleixado na bochecha dela.

Luke riu da tentativa de abraço dos dois. — Vocês dois são patéticos.

Os braços de Chris, grandes e corpulentos como eram, ainda não eram grandes o suficiente para envolver a mulher grávida.

— Vou encontrar um dia e, se não, merda difícil, Luke disse. — Eu estou feliz. De qualquer forma, vocês dois estão tendo filhos suficientes para todos nós. Ele olhou para o rosto angelical e sujo do pequenino desgastado em seus braços.

Eles riram juntos, Luke estava tão confortável e feliz com velhos amigos, pessoas com quem ele havia crescido, que o conheciam bem. Se assim seria a vida, bem, seria assim. Como Nan sempre disse, seja feliz com o que você tem e continue com isso.



O FRESCOR DA água clara lambia refrescante as pernas de Luke quando ele puxou a lata para a costa, o nariz do pequeno barco repousando na areia. As pesquisas e os artigos em que ele estava trabalhando para o Departamento de História da Universidade se encaixavam perfeitamente durante períodos tranquilos no jornal local. Gus, o chefe, ficara mais do que feliz por ele passar os próximos meses trabalhando externamente. Enquanto Luke apresentasse alguns artigos regulares e pagers da frente, ele poderia se concentrar na pesquisa e redação da história local. A melhor parte de tudo isso foi que ele teve tempo de se retirar para o barraco.

Mas ele estava inquieto. Ele tinha uma lacuna se aproximando e prometera a si mesmo que se concentraria nos próximos seis meses de trabalho e provavelmente decolaria no exterior novamente. Talvez revisite alguns lugares que ele gostava da última vez, bem como encontre uma área tranquila na Itália em algum lugar, talvez perto de Florença, em algum lugar em que ele possa se instalar por alguns meses e se misturar com os locais, tentar iniciar o livro que sempre queria escrever. Apenas relaxe, e basicamente dê uma olhada.

No momento, porém, ele olhou para as águas azuis brilhantes da baía. Não podia ficar muito melhor do que isso. O brilho ceroso da água brilhava à luz do sol e o calor embebido em sua pele. Azul claro se transformou em azul escuro mais adiante, a costa oeste claramente visível enquanto o azul do mar desenhava uma linha que designava a costa do outro lado da baía.

Hoje estava tão claro que ele podia ver algumas pequenas cabanas de pesca pontilhando a costa oposta, sem dúvida a visão do outro lado tão espetacular quanto a dele. Tudo estava azul, incluindo a imensa extensão do céu claro e perfeito, uma cúpula de cor quebrada apenas ocasionalmente por um fluxo de jato ou um brilho cintilante de um avião prateado viajando acima da costa de Queensland.

Uma fila de patos Burdekin cruzou baixo à sua frente, centenas deles voando em formação precisa, silenciosos, concentrados em seu destino, nunca vacilando em seu caminho. Ao longe, ouviu o zumbido baixo de um

pequeno barco e protegeu os olhos, tentando ver em que direção estava indo.

Ele checkou seu próprio barco com cuidado, quatro painéis de caranguejo alinhados prontos para ir, suas varas, esky e sacola de comida embalados e organizados. Era um dia perfeito para pescar, e ele sentiu a emoção, a expectativa de passar um dia na baía. Havia até uma leve brisa que seria útil para manter os mosquitos afastados.

O som de um barco se aproximando soou ao longe, e Luke virou para ver algo que se movia através das águas calmas, contornando a curva e chegando perto da linha de costa onde ele estava.

— Maldito inferno. Ele olhou de soslaio para o sol que parecia direcionar seus raios diretamente para o rosto dele. Ele protegeu os olhos novamente, tentando identificar o barco que deslizava, puxando para a areia mais acima da praia.

O motorista acenou e ele viu agora que era Bill, o locatário local de Quindry. O barco se afastou rapidamente da costa, deixando um rastro de água branca agitada enquanto se afastava por onde tinha vindo. Luke achou difícil ver o que Bill estava fazendo, pois o sol ofuscante estava diretamente em seus olhos.

Seus olhos se ajustaram à luz do sol e da próxima vez que ele olhou para onde o barco estava, ele podia ver alguém subindo a areia em sua direção. A figura se aproximou e, mesmo com o brilho do sol, ele podia ver claramente que a pessoa que caminhava pela praia em sua direção era Lily.

De onde ela estava na areia, Lily podia ver Luke, cujos cabelos haviam crescido mais; os grossos cachos escuros caindo sobre seus ombros. Suas pernas, bronzeadas e musculosas, estavam firmes na água cristalina que lambia suavemente na praia de areia branca. Seu peito estava nu, e Lily podia ver que ele estava sob o sol, pois seu corpo inteiro era da cor de cobre escuro, os cabelos escuros na parte inferior do estômago e o peito encaracolado e grosso.

Luke a observou enquanto suas pernas trêmulas a carregavam pela praia. Uma mochila pendurada em um ombro, os pés descalços e as pernas espetadas nos minúsculos shorts jeans que ostentavam bordas esfarrapadas, as bolsas penduradas na parte inferior dos shorts.

Ela tentara acalmar o cabelo, que agora estava em um corte curto,

cortado especialmente para esta visita. No entanto, o vento e o ar salgado, como sempre, tiveram o mesmo efeito selvagem e ela sabia que não havia alcançado o estilo liso e ordenado que desejava. Sem dúvida, cachos despenteados estavam saindo por toda parte. Ela havia se metido em tantos problemas e até se maquiado, algo em que não era particularmente praticada.

Ela podia sentir os olhos de Luke nela enquanto caminhava pela última seção da praia. Ele se recostou no barco, um olhar indiferente no rosto.

De repente, ela se sentiu desconfortável, mais nervosa do que quando pagou a Bill para trazê-la aqui. Talvez ela tivesse cometido um erro. O olhar hostil no rosto de Luke dizia tudo, e ela sentiu cada pedacinho de confiança escorrendo, se não drenando muito rapidamente dela. Tentando pensar nas palavras que ela estava pronta para dizer a ele, ela foi falar, mas sua mente ficou em branco.

Eles ficaram olhando um para o outro, Lily se sentindo uma intrusa, pequena, insignificante e muito fora do lugar. Finalmente algumas palavras gaguejaram fora da boca. — Eu pensei em vir visitá-lo.

— Talvez você deva verificar primeiro, porque estou prestes a sair para pescar durante o dia. Seus olhos brilharam furiosamente, e seu tom era severo e nada acolhedor.

Ela observou silenciosamente, seus olhos olhando para o barco, observando todo o equipamento pronto para um dia na baía. Luke se virou e puxou a camisa de pesca para fora do barco, puxando-a e afastando-se de onde ela estava.

— Eu só queria falar com você. Não vai demorar muito mais, eu tenho algo aqui para você. Pedi a Bill que voltasse mais tarde e me pegasse, não vai demorar muito. Sua voz estava trêmula e ela estava tentando parecer desapegada, sem emoção.

Luke jogou a âncora e a corda do barco, empurrando as pontas na areia para manter o barco firme. Ele veio e ficou na frente dela. Os cachos dela estavam fora de controle e ele torceu o rosto... era aquela maquiagem no rosto, rímel e batom? Obviamente, ela tentara causar algum tipo de impressão, mas não notara que a camiseta estava do avesso, a etiqueta e a costura aparecendo, zombando de suas tentativas de conformidade e limpeza.

Lily parecia tão pequena na frente dele; seus braços e pernas estavam brancos por falta de sol, e seus olhos não tinham a faísca e a alegria habituais que ele achava tão atraentes. Ele tentou não olhar muito para ela. Não olhe por muito tempo, ele disse a si mesmo.

— O que é tão importante que você precisa falar comigo sobre?

— Poderíamos talvez ir até a cabana e nos sentar à sombra? Eu preciso falar com você.

— Geralmente não convido pessoas para o barraco. Venha aqui embaixo da árvore, tem um pouco de sombra lá.

Eles se sentaram separados, cada um em diferentes rochas sob a sombra de uma árvore. Lily não pôde deixar de encarar a vista, o oceano manchado com reflexos prateados do sol, refletindo as brilhantes cores azuis do oceano. Ben Lomond apareceu no final da baía, uma névoa fumegante filtrando sua base, obscurecendo os manguezais, a mata e a praia em uma borda dourada e nebulosa. Independentemente da situação, ela sentiu o peito se expandir, a cena à sua frente tão bonita e única que, por um momento, esqueceu de respirar.

A voz severa de Luke a trouxe de volta à sua tarefa e a uma das razões de sua visita.

Alcançando a mochila, ela pegou um pequeno saco de papel pardo. — Maria faleceu há cerca de duas semanas.

— Eu sei. Luke estava olhando solenemente para o outro lado do oceano, longe de Lily. — Um de seus filhos me ligou. Ele disse que ela estava tendo um enterro particular, então eu não viajei para o funeral.

— Ela te deixou uma coisa. Lily passou a sacola de papel pardo para Luke. — O filho de Maria disse que ela havia organizado isso e colocado com sua vontade antes que ela tivesse o derrame. Ele me perguntou se eu daria a você.

Ele finalmente olhou em sua direção. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e ele sabia que ela estava lutando para segurá-lo. Ao abrir o pacote, ele viu que continha muitos pacotes menores diferentes, todos rotulados com os nomes das sementes vegetais secas que estavam contidas em cada. Uma nota de Maria explicou o legado incomum.

Eu escrevo isso no último dia com o meu jardim

Todas estas plantas são antigas e seletivas.

Ninguém vai receber isso

Antigo como os romanos

Você é o guardião das sementes

Eu nunca te esquecerei

Você é uma alma linda, uomo gentile

Esse é Luka

Lembre-se de que não deixou o amor se perder

Ele leu a nota em silêncio, as palavras causando lágrimas escorrendo por suas bochechas ao visualizar Maria e sua horta, as plantas e trepadeiras saindo dos canteiros, cobrindo a terra com sua bondade. Os produtos saudáveis pendiam solidamente dos arbustos enquanto ela lavava as ervas e regava, derramando seu coração e alma na comida de seu jardim.

Ela sempre falara com ele sobre a continuidade das antigas variedades de plantas que ela cultivava. Seu pai havia cultivado as plantas quando migraram para a Austrália e eram diferentes daquelas que você poderia comprar nas lojas. Agora ele era o guardião das sementes e teria que descobrir onde e como iria manter essas variedades robustas.

Luke lembrou que Lily estava sentada pacientemente ao lado dele. Ela se afastou dele e estava tentando enxugar as lágrimas do rosto.

— Obrigado por me trazer estes. Que adorável velhinha Maria era.

— Ela morreu com toda a sua família ao seu redor. Eles disseram que ela parecia muito pacífica. O filho dela disse para lhe dizer que ela tinha a mesma expressão no rosto de quando estava andando pelo jardim, contente e feliz.

Luke se levantou, sinalizando o fim da conversa, mas Lily falou novamente.

— Há algo mais aqui para você.

— Mais sementes?

Por que ele tinha que estar tão bravo, ela pensou. Ele não sorria uma vez desde que ela chegara.

— É da minha avó. Você pode abri-lo depois que eu me for. Ele disse que queria que você o tivesse; é a gaita do pai dela, a dele “sanduíche de

lata”. Ele disse que não podia decidir a quem deixar em nossa família, e que na verdade significava mais para ela dar a você do que a qualquer outra pessoa. Ela esperava que isso lhe desse sorte e amor.

Luke levantou-se, segurando os dois pacotes, perplexo com a decisão da velha senhora. Sabendo que seria incapaz de controlar suas emoções, ele decidiu lidar com o presente inesperado mais tarde.

— Obrigado por me trazer estes. Vou colocá-los no barraco e preciso ir em frente. As marés estão altas e eu preciso entrar no riacho antes que ele mude.

Lily sentiu vontade de afundar na areia. Seu estômago revirou e formou um nó na garganta, recusando-se a ir embora. Isso não chegara nem perto do que ela imaginara. Ele não a abraçou ou disse que sentia sua falta. Ele nem olhou para ela ou perguntou como ela estava. Seus olhos brilharam com raiva e sua conversa foi curta e impessoal.

Ela engoliu em seco e tentou acalmar o estômago quando ele desceu o caminho da cabana em sua direção, e percebeu que essa poderia ser a última vez que o via.

— Por que você está tão bravo comigo? A voz baixa dela o deteve.

— Realmente, você precisa me perguntar isso? Não foi você quem não queria me ver de novo? Você fez uma escolha, você tomou a decisão.

— Fiquei magoado, bravo, e você mentiu para mim. O que você quer que eu faça? Seja manso e gentil quanto a isso? Você sempre me disse para me defender e parar de ser um capacho.

— Tentei encontrar você para falar sobre isso, mas você se mudou, foi embora, nunca me avisou, nem mesmo para dizer adeus.

— Eu vim para me despedir. Por duas vezes fui te ver, mas Sylvia estava lá, então eu não queria interferir.

Luke foi abrir a boca, mas decidiu que não precisava explicar nada a Lily sobre Sylvia; esse era o seu próprio negócio.

— Eu sei sobre Sylvia, sei por que ela estava na sua casa.

— Mesmo? Então você acha que resolveu tudo. Você sempre foi tão ciumenta dela.

— Claro que eu estava. Eu não sou idiota. Pude ver que havia algo entre vocês dois. Ela veio me ver na livraria, ela e Wally, pouco antes de

deixarem Brisbane.

Os olhos de Luke se estreitaram. — Ela veio te ver?

— Ambos fizeram. Sentamos na parte de trás e eu fiz chá para eles, e então achei um livro de meditação para a recuperação do câncer. Eles parecem muito felizes juntos.

— Eles são, mas não acredito que eles vieram vê-lo e não me disseram. Luke olhou para ela, seus olhos escuros olhando diretamente nos dela. — Eu vim te ver também, mas você saiu. A voz dele ficou quieta e ela pôde ver a mágoa nos olhos dele.

— Eu precisava me afastar de tudo. Eu estava confuso. Fui a uma semana de introdução na Armidale uni e me matriculei em um curso de educação externa.

— Você saiu da livraria?

— Eles me deram tanto tempo quanto eu quero. Talvez um ano, quem sabe, só até eu entrar no padrão de estudo e ver como vou.

— Então, por que você está aqui hoje? É como uma pessoa de entrega?

Lily foi falar, mas as palavras não formariam. Ela podia sentir a vermelhidão em seu rosto, o rubor aquecendo suas bochechas, as lágrimas se formando em seus olhos, seu peito doendo.

— Eu te odiei naquele dia no parque. Eu te odiei mais do que eu já odiei alguém. Eu senti como se tivesse sido expulso e que você acabou de jogar comigo. Eu questionei o que você viu em mim, por que você se incomodou comigo. Se tudo tivesse sido uma mentira.

— Pelo amor de Deus, Lily, o que tínhamos era real. Eu nunca me senti assim com ninguém antes.

— Por que você tem que estar tão bravo comigo agora?

— Você não vê? Você me machucou como se eu nunca tivesse me machucado antes. Nunca me machuquei assim porque nunca amei alguém como eu te amei. Não consigo lidar com isso de novo. Eu segui em frente, tentei te esquecer e deixar tudo para trás.

— Talvez você devesse ter jogado a lata no fogo. O rosto de Lily estava molhado com as lágrimas que corriam por suas bochechas avermelhadas.

Luke ficou parado, sem palavras, com a mente acelerada, o coração puxando-o em todas as direções. Ele jurara a si mesmo que não se deixaria

voltar a ser colocado em uma situação em que poderia se machucar. Uma vez foi o suficiente. O último ano foi miserável para ele e ele tentou empurrá-la cada vez mais longe de sua mente.

Ele queria abraçá-la e beijar as lágrimas, buscá-la e carregá-la até a cabana. Mas ele não se mexeu, ficou parado olhando para ela, sem dizer nada.

Lily fechou os olhos e o tempo pareceu parar. Quando olhou para cima, viu um par de garças brancas empoleiradas na árvore próxima. Eles pareciam estar olhando diretamente para ela, desejando que ela fizesse mais. Ela quase podia ouvi-los. *Faça alguma coisa. Não desista dele.*

— Quanto tempo até Bill voltar? Perguntou Luke.

— Não por mais algumas horas, ele estava indo para bebidas no pub entre.

— Cristo, ele será rebocado. Você não vai voltar com ele. Suas palavras eram irritadas e curtas.

Lily encolheu os ombros. Ela não se importava com nada e sentia como se tivesse caído em um buraco escuro e profundo.

Luke pegou sua mochila. — Vou ter que deixá-lo de volta em Quindry.

Pegando sua bolsa de volta, ela se afastou. — Não, obrigado, eu não quero te colocar para fora. Voltarei pela trilha.

— É uma ideia estúpida, tem mais de dez quilômetros e é o meio do dia. Ele agarrou o braço dela quando ela foi atacar a praia em direção à pista.

Lily se virou e de repente seus rostos estavam próximos, seus olhos se encontrando, abraçando o olhar zangado um do outro.

Sua voz tremeu enquanto tentava manter a calma e afastar o braço. — Não me diga o que fazer.

Ele pressionou os dedos em seu braço, a sensação de sua pele suave enviando um arrepio através de seu corpo. — Eu disse que vou te levar de volta.

— Você não é meu chefe. Eu vou andar.

De repente, o rosto de Luke se inclinou para o dela e seus olhos pareciam penetrar em sua alma. Ela tentou se afastar dele, mas os braços dele a seguraram com força. Ele puxou o rosto dela para ele, suas mãos ásperas e fortes entre os cachos indisciplinados dela, seus lábios

pressionando com força os dela. Beijando-a longa e duramente, seus olhos nunca deixaram seu rosto enquanto seus lábios se moviam forte e apaixonadamente, pressionando-a até que ela sentiu que ia desmaiar.

Quando ele parou, ela foi falar, mas novamente ele começou a puxar seu minúsculo corpo para dentro dele, sua boca na dela, seus braços a segurando, até que sentiu seu corpo enfraquecer e pressionar o seu. Luke a segurou perto de seu corpo, os braços em volta dela.

Lily sentiu o cheiro da salinidade quando o rosto dela pressionou os cachos familiares de cabelos escuros no peito dele. Lágrimas escorriam de seus olhos. — Eu pensei que você me odiava, que você nunca me perdoaria.

Mãos suavemente enxugaram as lágrimas do rosto. — Sempre te amei, Lil, desde o primeiro momento em que vi você naquele dia na livraria. Eu simplesmente não conseguia lidar com a dor de perder você. Eu não posso passar por isso de novo.

Lily não conseguia falar, a ansiedade e a perda que sentira durante o último ano aumentaram um pouco, deixando-a fraca e esgotada emocionalmente.

Luke a segurou até sentir seu corpo calmo, depois devagar e gentilmente a virou, até que ela estava olhando o cacho de pedras sob o velho carvalho na praia. Duas garças brancas imponentes pareciam estátuas, olhando na direção delas, o único som era o barulho abafado das pequenas ondas subindo firmemente para a praia.

O maior dos pássaros deu um grito curto e profundo antes de sair para a areia, agitando suas longas e elegantes asas em movimento antes de voar, saindo sobre a água cintilante da baía. O menor dos dois esperou apenas alguns segundos antes de seguir o exemplo, as asas brancas de ambos os pássaros imaculadas e claras contra o pano de fundo do brilho do céu azul.

— O que fez você voltar? Luke virou-se para Lily, com lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

— Senti sua falta, e nada me fez feliz. Não importava o que eu fazia, só queria estar com você. Quando fui visitar e vi Sylvia na sua varanda, me senti destruído, como se não tivesse mais nada em minha vida. Eu pensei que você tinha mudado.

— Sinto muito, Lil. Eu sou muito teimosa e devo te ver mais cedo. Não

sou muito bom em recuar e, quando cheguei à sua procura, já era tarde demais. Eu pensei que você tinha se mudado para o sul e começou uma nova vida. Achei que precisava tentar e continuar com isso. Mas, honestamente, foi uma merda sem você. Você está na minha cabeça, pulando. Eu tentei de tudo para tirar você.

Lily se abaixou para pegar alguns lenços de sua bolsa; ela simplesmente não conseguia controlar as lágrimas.

Luke encontrou seus próprios olhos brilhando enquanto a observava lutando. — Isso é tudo que você trouxe com você? Ele olhou para a pequena mochila.

— Bem, eu não tinha certeza do que iria acontecer.

— Você ainda não tem muita certeza de si mesmo, está? Eles ficaram parados juntos, Luke observando sua hesitação, aquela timidez familiar, seu rosto confiante olhando para o seu. — Você vai ficar, Lil? Eu quero que você fique aqui comigo.

As lágrimas de Lily corriam sem controle e ela acenou com a cabeça enquanto enterrava seu rosto molhado no corpo dele, pressionando-se contra ele, segurando-o como se nunca fosse deixá-lo ir. Eles se agarraram um ao outro, Luke acariciando seus caracóis, segurando-a perto e enxugando suas lágrimas.

— Está uma maldita confusão, garota. Vai ficar tudo bem. Eu não vou te deixar escapar novamente.

— Eu sei. É apenas que no último ano, tem sido horrível — ela disse através de seus soluços. Eles ficaram juntos, Luke acalmando-a, acariciando seus cabelos e falando com ela com firmeza.

— Eu estou tão emocionada — ela disse. — Eu não suporto discussões.

Luke pegou a mochila dela e a segurou firmemente, o braço dele em volta de seus ombros. — Eu sei o que vai te consertar, uma xícara de chá. Vamos lá.

Ele a guiou, apertando seus ombros enquanto subiam lentamente pelo estreito caminho sinuoso até a cabana.



SENTARAM-SE JUNTOS EM silêncio, bebendo chá forte das velhas xícaras de porcelana floral. Lily tinha se acalmado e agora o observava atentamente enquanto ele se mexia ao seu redor, certificando-se de que ela estava bem e apontando algum novo trabalho que ele havia feito na cabana.

— Acho que eu sabia que alguém especial estava chegando — brincou. — As cadeiras velhas foram repintadas e eu acabei de comprar uma cama nova para mim. O velho colchão rangendo foi parar no lixo.

Lily corou, e Luke riu e deu-lhe um abraço, suas covinhas trabalhando sua mágica quando seu rosto se iluminou com um sorriso.

— Fica linda quando sorri. — Ele segurou a mão dela, não querendo deixá-la ir. — Maria ficaria feliz por nós dois estarmos aqui juntos.

— Então minha avó será — Lily disse. — Uau, ela teve algumas coisas para me dizer.

Luke riu, imaginando as palavras de sabedoria da velha senhora. — Ela não brinca, não é?

— Eu disse a ela que estava pensando em vir aqui para visitá-lo e ela me disse que, na próxima vez que eu for vê-la, ela quer um pouco de peixe. “*Peixe fresco, Lily,*” ela disse. “*Sabe que eu não como peixe fresco há anos. Volte para lá e resolva suas diferenças. Você nunca vai encontrar outro como ele*”.

— Ela disse isso, não disse?

— Ela disse, e então, quando eu não fiz nada, ela me deu a gaita e me disse o que queria fazer com ela. Acredito que ela não me deu escolha. Acho que foi apenas o empurrão que eu precisava.

— Ela é uma velhinha muito inteligente. — Luke estava sorrindo, seu rosto feliz e relaxado. O mundo parecia equilibrado e tudo parecia alinhado pela primeira vez em muito tempo.

— Você não estava indo pescar? — Lily ainda estava quieta e obviamente cansada dos eventos do dia.

— Sim. ele a puxou de pé. — E você vem comigo. — Ele entregou a ela

uma de suas camisas de pesca de mangas compridas e colocou um chapéu em cima de seus cabelos loiros e rebeldes.



LILY FICOU NA proa e puxou a lata para o mar, usando a corda da polia para levar o barco a águas mais profundas antes que Luke ligasse o motor.

— Tudo bom, ele disse, posicionando-se confortavelmente em seu lugar favorito na proa do barco. Ela se virou para sorrir para Luke, que piscou de volta para ela, o sorriso no rosto dele elevando seu ânimo, a sensação pesada que estivera com ela durante o último ano, finalmente levantando.

O barco virou-se para a imponente parte de Ben Lomond, uma tartaruga verde quebrando a superfície com um som estridente, os olhos grandes olhando intrigados para Lily.

Água salgada refrescante espirrou quando Luke ganhou velocidade, o barco atravessando as pequenas ondas em seu caminho enquanto o vento passava pela baía. Lily se apegou com força, o vento e a água acordando todas as partes do corpo, a beleza da natureza a elevando enquanto ela se embebia no isolamento e na vista das montanhas subindo para o oeste, .nuvens inchadas se movendo em seus picos

A água era do azul mais profundo que ela já vira, e pequenos peixes-isca sacudiam e pulavam quando o barco atrapalhava seus rastros. Havia um novo sentimento de alegria e leveza em seu corpo, liberdade e felicidade em uníssonos com as gaivotas que voavam sobre elas.

Ela se virou para olhar para Luke, que a observava, sorrindo, sentindo a mudança nela, sentindo a conexão entre eles. A alegria de deslizar sobre a água no pequeno barco havia feito o que ele queria. Ele havia devolvido vida a ela, despertado seus sentidos e trazido o brilho de volta aos olhos.

Uma calma surreal tomou conta de Luke quando ele absorveu as vistas da água, as montanhas familiares e atrás dele a cabana. Era como se tudo o que ele sempre quis, o que ele estava esperando a vida toda, tivesse se juntado. Ele observou Lily enquanto o vento soprava seus cachos em todas as direções e a água espirrava na frente do barco, apontando a direção para seus pontos de pesca favoritos.

Sorrindo para ele, ela apontou animadamente quando dois pequenos

golfinhos pretos arquearam as costas em uníssono, quebrando a superfície, deslizando para cima e para baixo, liderando o caminho. Sua voz podia ser ouvida acima do barulho do motor, — Vai ser um bom dia.

Quando a pequena lata acelerou através da baía, Lily caminhou até a parte de trás do barco, aconchegando-se no ombro de Luke. Seu braço forte a envolveu, apertando-a com força enquanto ele respondia, sua voz trêmula, emocional, seus olhos escuros brilhando e olhando nos dela enquanto se inclinava para beijá-la.

— Será o melhor dia de todos.

NOTA DA AUTORA



Os broches de perspex australiano mencionados em ‘A Cabana à Beira-mar’ são conhecidos como ‘arte de trincheira Perspex’ e, embora às vezes fossem artesanais individualmente por um técnico australiano, muitos deles eram feitos em pequenas indústrias caseiras e vendidos pelos australianos conhecidos como ‘Novo Comerciantes subterrâneos da Guiné “ou” comércio estrangeiro.

Nas áreas de batalha da Nova Guiné, o vendedor australiano conhecido como ‘strafers’ exercia sua atividade comercial, não apenas vendendo jóias prontas, mas também recebendo pedidos de peças personalizadas. Esses comerciantes clandestinos obtiveram um lucro saudável e criaram mercadorias de alta qualidade, sem nenhum feito considerando as condições e o acesso aos recursos.

O perspex era fácil de trabalhar e foi retirado de uma aeronave danificada, cortado e moldado em diferentes formas - corações e ovais sendo os mais populares.

A decoração foi adicionada e, em seguida, um pedaço de pano embebido em óleo e areia fina foi usada para polir o broche. O papel de esmeril, que geralmente era difícil de encontrar, também era usado para polir.

A peça decorada de perspex foi finalizada com um alfinete, gancho ou corrente e depois vendida ao técnico que a mandou para casa, como lembrança para os entes queridos.

O broche na foto foi um dos vários dados aos membros da família pelo pai do autor, adquiridos durante seu tempo na Nova Guiné durante a

Segunda Guerra Mundial.

VEM AÍ EM 2020

O SEGREDO DO BICHO DA SEDA

Comentário- Sim, é real, este romance explora questões mais profundas e sombrias - mas a vida pode ser assim, complicada, desafiadora e injusta. Um passeio em uma montanha-russa de emoções, mas vale a pena. Este romance australiano por excelência é uma leitura obrigatória.

O que dois melhores amigos, Ruby e Bobby, testemunharam do alto no santuário de sua casa na árvore? Que cadeia de eventos será levada ao fundo de suas mentes, até que um processo judicial, vinte anos depois, desencadeie memórias e segredos que permaneciam em silêncio?

Os subúrbios rurais de Brisbane deveria ser um lugar idílico para Ruby e Bobby crescerem. Seu refúgio na casa da árvore, situado no alto de uma amoreira, oferece a eles um lugar seguro, não apenas para compartilhar sua amizade e problemas, mas também para assistir aos eventos dos quintais vizinhos. No entanto, à medida que os anos passam e os dois se tornam adolescentes, a ingênua Ruby é exposta aos eventos infelizes com os quais Bobby tem que lidar em sua vida familiar.

Quando os dois amigos seguem caminhos separados, os eventos da infância se tornam uma memória distante. No entanto, quando más ações são expostas anos depois, Ruby e Bobby são forçados a enfrentar a realidade do que viram tantos anos antes.

Há uma história sobre os segredos que as crianças mantêm, a força que advém de uma amizade de infância e um amor especial da família que supera as dificuldades do passado.

SOBRE A AUTORA



Rhonda Forrest é professora australiana e autora de quatro romances: *Kick the Dust* (2019), *Two Heartbeats* (2018) e sob o pseudônimo de Lea Davey, *Silkworm Secrets* (2017) e *The Shack by the Bay* (2016). Ela escreve cativantes romances femininos de ficção contemporânea e ficção histórica sobre relacionamentos, vida familiar e questões sociais em meio a belas e exclusivamente paisagens australianas.

Depois de criar três filhas e percorrer várias carreiras diferentes, Rhonda passou a ensinar escrita criativa, inglês e história a estudantes do ensino médio. Em 2015, ela ensinou inglês como segunda língua para refugiados recém-chegados à Austrália. Sua paixão pela alfabetização, história e viagens pela Austrália alimenta seus romances.

Atualmente, Rhonda mora com o marido alternando entre duas casas em Queensland: uma em Tamborine Mountain, a outra casa de um século com um jardim tortuoso, com vista para Whitsundays.

PRÓXIMO LANÇAMENTO



Mirella Sichirolo Patzer

9787099.1989.

[Adquira aqui](#)

Uma mistura intrigante de romance histórico, amadurecimento, amor e suas complicações no cenário da Segunda Guerra Mundial.

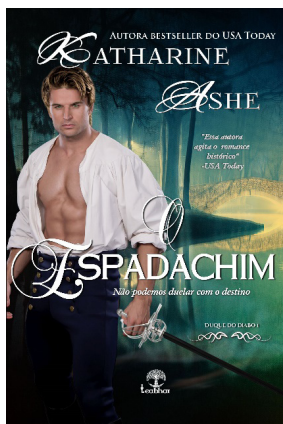
Um romance que oferece uma ligação entre o presente e o passado, mostrando a beleza natural de uma fatia espetacular da Austrália.

Uma cabana de pesca isolada em uma bela baía em Whitsundays oferece a Luke um retiro onde ele pode encontrar paz e solidão. No entanto, a descoberta de relíquias de família da guerra e um relacionamento em desenvolvimento com a bela Lily, conectam histórias de linhagem e revelam um fato que ameaça destruir sua chance real de felicidade. Os segredos da guerra serão o ponto de ruptura para um belo romance? Ou duas famílias podem deixar para trás os feitos do passado?

Romântico e puramente australiano, o *The Shack by the Bay* captura a beleza intocada das Whitsundays e as memórias de guerra dos australianos mais velhos, ao mesmo tempo em que introduz uma mistura eclética de amigos e familiares.

[Adquira aqui](#)

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS



Katharine Ashe
9786599019876

[Adquira aqui](#)

Lady Constance Read é independente, bonita e precisa de um marido - agora.

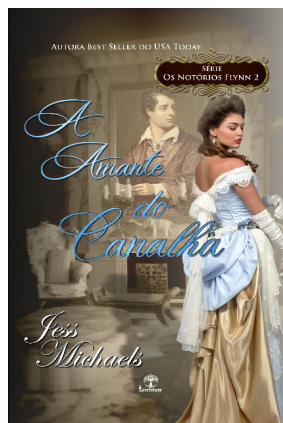
O último homem na terra que ela quer é o libertino que partiu seu coração seis anos atrás, não importa que seus beijos sejam ardentes.

Evan Saint-André Sterling, o melhor espadachim da Grã-Bretanha, é rico, respeitado, mas resolveu que não quer se envolver seriamente com as mulheres - nunca mais. Ele não pretende perder a cabeça pela beleza encantadora que uma vez virou sua vida de cabeça para baixo.

Mas Constance precisa de um guerreiro, e Saint é o homem perfeito para o trabalho.

Somente como mulher casada ela pode penetrar na sociedade secreta mais notória da Escócia e levar um duque diabólico à justiça. Quando Constance e Saint se tornam aliados e amantes apaixonados, ele arrisca tudo para proteger a única mulher que já amou.

[Adquira aqui](#)



Jess Michaels
9786599019869

[Adquira aqui](#)

Um romance histórico HOT da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

Annabelle Flynn é a irmã dos dois maiores libertinos de Londres, e sua reação a isso, foi tornar-se a imagem da pureza. Mas não perdeu a natureza sensual de sua família e é perturbada por impulsos que não ousa seguir.

Ela ignora as demandas de seu corpo e, em vez disso, se lança em duas atividades diferentes: Buscar um casamento adequado na Sociedade e tentar salvar seu irmão libertino, seguindo-o até *Donville Masquerade*, um chocante inferninho e casa de jogos dirigido pelo misterioso Marcus Rivers.

Durante o dia, Annabelle é uma elegante dama e procura um marido sério para combater a reputação selvagem de seus irmãos. À noite, ela se infiltra nos negócios de Marcus... e, eventualmente, se vê seduzida na cama dele.

Mas uma dama não muito adequada e um canalha totalmente inadequado podem encontrar algo em comum fora do quarto? E Annabelle estará disposta a trocar paixão por “perfeição” fria e calculada?

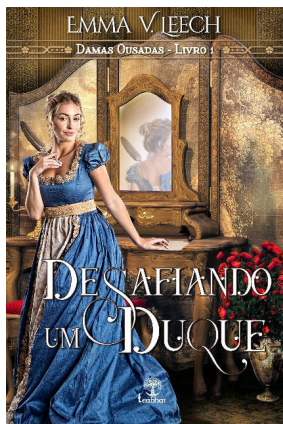
Duração: Romance completo

Nível de sensualidade: HOT e erótico

Este livro pode ser lido como um romance independente, mas faz parte

de uma série (*The Notorious Flynns*).

[Adquira aqui](#)



Emma V. Leech
9786599019845

[Adquira aqui](#)

Dentro de cada erudita pulsa o coração de uma leoa, um indivíduo apaixonado disposto a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens esquecidas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são todos muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Experimentou o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal *The Ladies*, onde seu álter ego está alcançando notoriedade e fama, a qual Prue gosta bastante.

Um dever que tem que ser suportado...

Robert Adolphus, o duque de Bedwin, não tem pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se

esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Devia encontrar uma esposa. Uma esposa que não seria nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza ficasse longe de problemas.

Desafia a fazer algo drástico

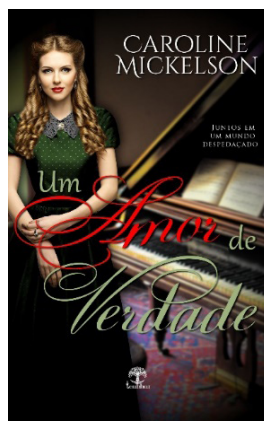
O súbito interesse de um certo duque desprezível é tão desconcertante quanto indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha assim como seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Se mostrar claramente ao homem que ela não é a florzinha que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, isso parece ser a oportunidade perfeita para matar dois pássaros.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o ladino que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até o hoje.

**** Atenção: Este livro contém uma seleção cuidadosa de determinação silenciosa, boca firmemente fechada e níveis (quase) intransponíveis de tensão. Embora acoplado à presença de encontros sexuais ocasionalmente descritivos, temos o prazer de destacar que este livro - e série - não está de modo algum próximo da erótica. ****

Adquira aqui



Caroline Mickelson
9786599019883

[Adquira aqui](#)

Londres - 1940

Enquanto as bombas alemãs caem sobre a cidade de Londres, Emma Bradley arruma apressadamente uma mala, embala o filho recém-nascido nos braços e embarca em um trem com duas crianças refugiadas que concordou acompanhar em troca de um emprego no sul de Londres, Inglaterra. Embora ela seja apenas uma das milhares que deixam a cidade, Emma está fugindo de mais do que os horrores da guerra. Seu maior medo é que o pai de seu filho a encontre e se vingue pelo que roubou dele.

O renomado pianista holandês Andrej Van der Hoosen é um homem que preza sua privacidade acima de tudo. Sua riqueza e privilégio lhe deram o luxo de evitar estar perto de crianças por causa de uma dolorosa perda em seu próprio passado. Então, quando ele conhece a mulher e as crianças com quem vai morar durante a guerra, fica instantaneamente em guarda. As crianças são barulhentas e cheias de vida, a casa de campo em que foi designada para viverem é pequena, e ele acaba intrigado com o segredo que Emma está claramente tentando esconder.

Apesar da relutância em confiar um no outro, Emma e Andrej logo se veem unidos em um mundo dilacerado pela guerra.

[Adquira aqui](#)



Emmanuele de Maupassant
9786599019814

[Adquira aqui](#)

Capturada. Seduzida. Desejada.

À mercê de um bando de vikings selvagens, liderado por um formidável .guerreiro. Mantida em cativeiro contra sua vontade

Pela primeira vez, a força de vontade de um homem corresponde à de Elswyth.

Sob o domínio de seu cruel captor, Elswyth descobre que o desejo de um viking não deve ser negado.

Ela será forte o suficiente para estabelecer seus próprios termos com o homem que deseja dominá-la, ou estará destinada a entregar tudo, inclusive o coração?

Descubra o desejo ardente e a paixão brutal, em um mundo ameaçado por ambição, ciúme e vingança.

Nível de calor: vulcânico

Viking Trovão é o prequel da série dark Guerreiros Vikings.

[Adquira aqui](#)



Victoria Howard
9786599019838

Adquira aqui

Quando o contador inglês Daniel Elliott morre em um acidente de carro em uma noite chuvosa, sua viúva, Grace, é tomada de tristeza ... e pânico. Daniel era controlador e o casamento deles sem amor, mas sempre cuidou da proteção de Grace.

Ou assim ela pensava.

Ela logo descobre que Daniel guardava segredos: um pseudônimo, laços com a máfia, uma lista de números, uma misteriosa casa de praia na Flórida ... e uma namorada que se parece com Grace.

Engolindo seu medo, ela voa para Miami para reivindicar a casa que Daniel deixou. Mas o preço de sua curiosidade é perigoso. Figuras do submundo a perseguem. A outra mulher deixa um rastro condenável de evidências apontando para ela. E bonito e problemático agente do FBI, Jack West, já se cruzou com Grace antes. Ele poderia ser seu salvador ou sua condenação. Tudo o que ela sabe com certeza é que deseja estar em seus braços.

Com pouco para continuar e correndo perigo a todo momento, Grace deve depender de Jack para ajudá-la a percorrer o mundo criminoso do sul da Flórida e encontrar a verdade por trás do Anel de Mentiras.

Adquira aqui



Elizabeth Johns
9786580754090

[Adquira aqui](#)

Rhys Godfrey, Lorde Vernon, e Lady Beatrice Chalcroft, filha do Duque de Loring, haviam sido prometidos desde a infância em um acordo feito por seus pais.

Ao contrário da maioria dos casamentos arranjados, Vernon amara Beatrice desde a primeira vez que a viu. Na temporada em que deveriam se casar, o relacionamento foi rompido por ciúme e orgulho.

Beatrice foi enviada para longe de casa com intuito de que reformasse seu comportamento maldoso, e Vernon, magoado, resolveu abandonar o amor.

Lorde Vernon decide seguir em frente com um casamento de conveniência e sem emoção.

Lady Beatrice se vê reduzida da filha de um duque a uma vida de serviço na Escócia, tendo que aprender os caminhos dos menos privilegiados.

Os dois irão se reencontrar? Ou Vernon escolherá outra noiva antes disso? Beatrice será capaz de se humilhar e parar de ser rabugenta e mimada?

[Adquira aqui](#)



Maggi Andersen
9786580754083

[Adquira aqui](#)

Um romance gótico vitoriano

Uma nuvem escura paira sobre Wolfram, a antiga abadia que Laura chama de seu novo lar. Ela poderia confiar no homem misterioso com quem se casou?

Depois de um namoro relâmpago, Laura Parr se casa com um Barão, lorde Nathaniel Lanyon, que a leva para morar em sua antiga casa no sul da Inglaterra. Laura chega à Cornualha animada para começar a vida com o homem ardente com quem se casou. Mas segredos espreitam nas sombras. A morte da primeira esposa de Nathaniel nunca foi resolvida e alguns moradores acreditam que ele foi o responsável. Lutando para entender seu novo marido, Laura tenta descobrir a verdade. A cada nova descoberta, ela se aproxima do perigo.

Lorde Nathaniel Lanyon decidiu nunca mais se casar. Mas, quando conhece a Srta. Laura Parr, filha de Sir Edmund Parr, numa tarde chuvosa, percebe quase imediatamente que tem que tê-la em sua vida. E a única maneira de poder fazer isso, era se casando com ela.

Nathaniel acredita que seu passado conturbado ficara para trás e que poderá oferecer uma boa vida a Laura em Wolfram, mesmo que ele nunca possa lhe oferecer seu coração. Mas assim que passam a morar na antiga abadia, o passado volta a assombrá-lo, revelando segredos que pensava terem sido enterrados para sempre. Enquanto tenta lutar contra as forças que o ameaçam, percebe que Laura, determinada, exigirá mais do que ele pode dar a ela.

“Um romance gótico no estilo clássico, a autora é uma mestra em criar uma atmosfera sinistra e personagens multifacetados.” Coffee Time Romance e muito mais.

“O enredo é interessante e o mistério adicionado me manteve fascinado. O romance me fez pensar até o fim.” The Romance Studios.

“Foi difícil largar a história, pois o mistério permaneceu fora de alcance, atraindo o leitor para além do enredo. [Isso] me manteve acordado até tarde da noite, seguindo o quebra-cabeça da Abadia de Wolfram. Estou ansioso para ver mais de Maggi Andersen.” Sirene Book Reviews.

Adquira aqui



Phillippa Nefri Clark

9786580754076

[Adquira aqui](#)

Thomas e Martha acreditavam que seu amor era invencível até que uma série devastadora de eventos os separou. Para seu encontro final, eles prometeram se reunir no cais onde se conheceram.

Cinquenta anos depois, Christie Ryan herda uma casa de campo em ruínas em uma cidade litorânea da qual nunca ouviu falar. Com a descoberta de um mistério comovente, se torna obcecada para desvendar velhos segredos de família.

O artista recluso Martin Blake cresceu com seu avô depois de perder os pais. A chegada em sua cidade de uma garota da metrópole com uma conexão para o passado desafia tudo o que ele sabe sobre si mesmo.

Em lados opostos de um mistério, dois estranhos têm algo em comum e correm o risco de ver seus mundos seguros destruídos. Cinquenta anos de segredos estão prestes a ruir.

Uma história fascinante de amor perdido, coragem e redenção, e de como as consequências da manipulação de uma mulher se espalha por três gerações.

[Adquira aqui](#)



AnneMarie Brear

9786580754069

[Adquira Aqui](#)

1864

De repente, Kitty McKenzie é deixada como chefe da família e deverá encontrar sua força interior para mantê-la unida contra todas as probabilidades.

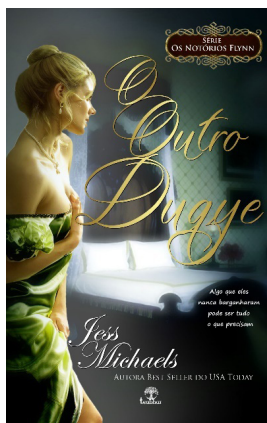
Despejada, após a morte de seus pais, de sua resplandecente residência na parte elegante de York, Kitty precisará combater o legado da falência e da falta de moradia para garantir um lar para ela e seus irmãos

Com determinação e pura força de vontade, ela se agarra às oportunidades, desde trabalhar com roupas e barracas no mercado até abrir uma loja de chá para os ricos.

Seu caminho para a felicidade é repleto de obstáculos, dificuldades e desespero, mas Kitty se recusa a deixar morrer seu sonho de uma vida melhor para sua família.

Ela logo descobre que amor e lealdade trazem sua própria recompensa.

[Adquira Aqui](#)



Jess Michaels
9786580754038

[Adquira Aqui](#)

Durante anos, Serafina McPhee está comprometida a se casar o duque de Hartholm e, por quase o mesmo tempo, ela luta para encontrar uma maneira de sair desse noivado. Quando ele morre repentinamente, ela não chora, mas se emociona com a ideia de que estará livre. Infelizmente, os melhores planos dão errado quando o próximo na fila para o título, o primo do duque, Raphael “Rafe” Flynn, é forçado a assumir o compromisso. Mas Serafina conhece a reputação de Rafe como libertino e também não quer nada com ele, mesmo ele sendo devastadoramente bonito.

Ela lhe propõe um acordo: ela concorda com o casamento e fornece a Rafe seu herdeiro e um sobressalente. Depois que cumprir seu dever, ele a deixará ir.

Rafe está intrigado tanto por sua beleza quanto por seu total desgosto com a ideia de ser sua noiva. As mulheres normalmente caem aos seus pés, não o temem.

Como o casamento arranjado não é algo do qual Raphael “Rafe” Flynn possa escapar, ele concorda com os termos de Serafina McPhee.

Mas quando, na noite de núpcias, descobre a verdade sobre a tortura que ela sofreu nas mãos de seu antecessor, se vê impelido a não apenas cumprir sua barganha com sua nova esposa, mas a apresentá-la ao desejo. Enquanto eles se aproximam, se rendendo a prazeres perversos, emoções perigosas

podem violar todos os acordos que fizeram.

Adquira Aqui



Mirella Sichirollo Patzer

9786580754021

Adquira Aqui

*Uma mulher prestes a fazer seus votos religiosos.
Uma fuga desesperada de um massacre assassino.
Um homem vem em seu socorro.*

*Outro se torna seu inimigo e captor.
E uma busca mortal para se reunir com seu único amor verdadeiro.*

No século X em Nápoles, os sarracenos correm desenfreados, aniquilando aldeias, assassinando mulheres e crianças. Morte e desespero estão por toda parte. Sozinha no mundo, Sara é uma jovem noviça atormentada com dúvidas sobre os votos finais para se tornar freira. Quando seu convento é atacado, ela foge para salvar sua vida caindo direto nos braços de um grupo de sarracenos que a deixam para morrer sozinha na floresta.

Um Cavaleiro honorável chamado Nicolo vem em seu socorro e se oferece para levá-la em segurança para Nápoles. Enquanto viajam juntos, são irresistivelmente atraídos um pelo outro. Acreditando que Sara é freira, o honorável Nicolo está dividido entre o amor e o dever de respeitar seus votos. Desolado, ele faz o que a honra exige e a liberta antes que ela possa lhe dizer a verdade, de que ela não é freira.

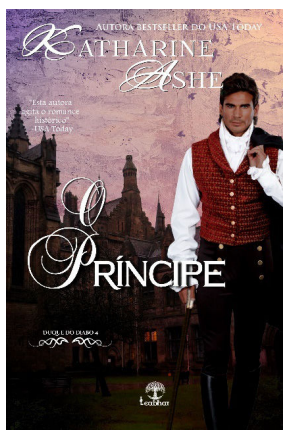
Em sua busca de se reunir com Nicolo, ela encontra Umberto, um

homem sombrio e perigoso que tem obsessão por possuí-la. Com seu intelecto afiado e seu coração, Sara deve confiar em sua própria coragem e força para escapar de seu agressor e encontrar o único homem que ela amará.

Uma história que brilha com intensidade, intriga e paixão.

Da autora do romance Órfã da Oliveira, grande sucesso internacional e nosso futuro lançamento

Adquira Aqui



Katharine Ashe
9786580754014

Adquira aqui

A tentação de seus lábios...

Libby Shaw se recusa a aceitar os ditames da sociedade.

Ela está determinada a se tornar um membro do Royal College de Cirurgiões – uma Academia exclusivamente masculina de Edimburgo.

Disfarçando-se de homem, ela frequenta a sala de cirurgia e engana a todos - exceto o homem que nunca esqueceu a forma de seus lábios deliciosamente sensuais.

...fará um príncipe dizer sim a todos os seus desejos.

Forçado a deixar sua casa quando menino, o famoso retratista Ziyaeddin é secretamente o príncipe exilado de um reino distante.

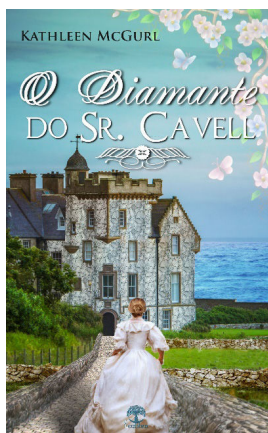
Desde que conheceu Libby, memorizou todos os detalhes de seu rosto e

desenhou-a. Mas seus lábios perfeitos deram trabalho a ele - aqueles mesmos lábios que agora deseja beijar.

Quando Libby pede sua ajuda para esconder sua identidade feminina do mundo, Ziyaeddin concorda com uma condição: Deveria posar para que ele a pintasse - como uma mulher.

Mas esse esquema ousado poderia fazer com que ambos fossem arremessados ao perigo... e a um amor inigualável.

Adquira aqui



Kathleen McGurl
9876580754007

Adquira aqui

1829

O belo e bem-sucedido Henry Cavell, acaba de retornar à Inglaterra depois de servir ao exército na Índia, se instala na cidade de Worthing, em frente ao mar. Ele está de posse de um grande diamante, dado a ele na Índia, que promete dar à mulher que ama - quando encontrá-la.

Jemima Brown, uma jovem de dezesseis anos e de bom coração, passa a trabalhar para ele como criada de serviços gerais. Quando o Sr. Cavell a defende das atenções indesejadas de alguns trabalhadores que prestavam serviços em sua casa, percebe imediatamente o quanto ele é íntegro e respeitável.

Mas foi Caroline Simpson, filha de um desses trabalhadores de Henry,

quem chamou a atenção dele. Podia ser socialmente inferior, mas era bonita, sabia flertar e como usar seus encantos. Ela manipula Henry para que se case com ela, e apenas a fiel Jemima sabe que ele fora enganado.

Como Jemima poderia lutar contra seus sentimentos crescentes pelo Sr. Cavell, manter sua moral e permanecer no emprego, apesar do comportamento cada vez mais errático de sua patroa?

[Adquira aqui](#)

TÍTULO INFANTIL



Berni Pajdak e Silver Rios
9786580754052

[Adquira aqui](#)

Toni, o protagonista de O Grande Circo Iris é um garoto tímido, apaixonado e muito talentoso. Sua irmã Sara o apoia dia após dia e o encoraja em um momento oportuno, para que Toni realize um de seus grandes sonhos e possa se tornar o protagonista de uma performance de circo. O Grande Circo Iris é uma história infantil que exala humor, sensibilidade e respeito que aborda sutilmente o problema da deficiência infantil. É um livro dedicado a crianças com diversidade funcional, a seus irmãos, que os apoiam dia após dia e a seus pais, que às vezes não têm em casa as ferramentas necessárias para trabalhar com seus filhos, emocional e

fisicamente frágeis.

Adquira aqui

THAIG BOOKS



Gilberto Nascimento

B085B9F38W

[Adquira Aqui](#)

Em 23 de maio de 1848, uma carta anônima é enviada ao Delegado com a informação de uma mulher mantida presa por 15 anos por sua mãe, em um sótão sórdido, entre o lixo e vermes.

Mariana tinha sua vida planejada, se casar, escrever um livro e ter uma família. Até que um homem inesperado muda o rumo de todo seu destino.

Miguel, um jovem de classe média se apaixona perdidamente por Mariana, mas a mãe da jovem, que é conhecida em toda cidade, proíbe esse romance, que ao ver a desobediência de sua filha descarrega sua ira sobre ela, lhe causando muitas dores, lágrimas, perdas e medos constantes.

Após uma breve fuga, Mariana é forçada renunciar ao seu amor. Sem medir esforços, Constância chegará ao extremo para manter seu nome e seus méritos na sociedade. Até mesmo retirar seu neto das entranhas da filha.

A jovem antes cheia de vida e sonhos só podia desejar a morte, sem conseguir sobreviver ao caos que seus dias se transformaram após ser trancafiada no sótão pela própria mãe, desejava paz para seus dias solitários e sem esperança... Durante 15 anos.

[Adquira Aqui](#)

INFORMAÇÕES LEABHAR BOOKS®

NOS ACOMPANHE E FIQUE
POR DENTRO DAS NOVIDADES



<https://www.leabharbooks.com/>



<https://www.facebook.com/leabharbooks/>



<https://www.instagram.com/leabharbooksbr/>



@LeabharE



<https://www.youtube.com/channel/UCOADJs8OeTIG89ycfsSfBQg>



<https://br.pinterest.com/leabharb/>

Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o **E-mail**
Leabhar Books®